1858 Jlho 31
8.vo

Inspiração — Frederico José Corrêa
Poesias — Faustino Xavier de Novaes —

INSPIRAÇÕES POETICAS.

INSPIRAÇÕES POETICAS,

POR

Frederico José Correia.

> The artless Helicon I boast is youth;—
> My lyre, the heart; my muse, the simple truth.
>
> BYRON.

MARANHÃO.
IMPRESSO NA TYP. DE J. A. G. DE MAGALHAÈS,
Rua-Grande, n. 40.

1848.

PROLOGO.

Quando, em 1842, estive para publicar as minhas poesias lyricas, das quaes mũi poucas fazem parte desta obra, por ter assentado de as omittir na sua quasi totalidade, então lhes fiz um longo prologo, que mais parecia uma dissertação academica do que a breve razão de meia-duzia de pensamentos metrificados, cujo fim é simplesmente agradar aos ouvidos e ao coração, embora contenhão elles paradoxos e enunciações oppostas ao rigorismo das sciencias; embora nelles se contradiga o autor, de verso para verso: graças á indulgencia dos primeiros censores, que na Carta Constitucional outorgada aos poetas somente entendêrão deverlhes coarctar a transgressão das leis naturaes, invariaveis em todos os tempos e lugares.

Não tendo porêm então podido realizar a publicação que projectava, e sendo-me assim necessario addia-la para mais tarde, não decorreo muito que me não apercebesse da desnecessidade ou antes inconveniencia de preparações ou insinuações em materia de poesia:—pareceo-me como uma dimissão ou alienação de privilegio inveterado, em prejuizo do dimittente.

Com effeito;—se deleitar é o principal fim do poeta; se, para o fazer, lhe é licito escolher o assumpto, ou historico ou ficticio, que melhor lhe parecer quadrar ao seo plano; ampliar a historia; adorna-la; inverter datas, etc., que tem elle de dar razão do *porque* assim o fez?—Tudo quanto disser para se justificar é superfluo, porque o publico sensato, unico juiz em taes causas, ja de antemão o absolveo da sua liberdade.

Apresente-se em liça uma producção poetica desempenhada em todo o rigor da historia, mas por um genio pouco fecundo, a disputar a palma da preferencia ao mais phantastico e extravagante dos poemas, o *Orlando furioso*: qual será o juiz que hesite em conferila á este ultimo, que, na feliz expressão de Bettinelli, « ancora delirando alletta »?

Se, por outro lado, pretende o poeta antecipadamente conceituar-se no animo dos leitores e induzi-los a crer que a sua obra é boa e perfeita; que soube entender e executar o *bello* e *sublime* na poesia, perde debalde o seo tempo; porque as leis e razões que os regulão, são daquellas que o homem sente, mas que não pode explicar nem determinar: filhas innatas do sentir da consciencia, absolutamente invariaveis.—Um editor assalariado, um publico corrompido pelo mao gôsto da epocha, pode preconisar tal obra, que só tenha de recommendavel as vigilias que ella custou ao seo autor, bem como a *Pucelle* de Chapelain: mas emquanto durar a *Divina Commedia;* emquanto a lingua italiana for entendida, serão sempre lidas com admiração e applauso as desventuras de Francisca de Rimini e a morte do conde Ugolino!

Resolvi-me pois, quando o fizesse, de publica-las sem atavios preparatorios: nuas, como o fazião os antigos.

Alguns annos porêm ja hão decorrido de então para ca; e um instante basta para fazer mudar a mais firme resolução de um poeta, cujo pensamento e razão é um contínuo fluxo e refluxo de opinioẽs diversas e oppostas. —Resolvendo-me pois hoje ao contrário (sebem que ainda persista naquella opinião), pois que de tudo hoje é necessario dar-se explicação, ainda mesmo quando digamos que dous e dous são quatro, e em materia de modas é preciso andar-se *more pecudum*, para se não ser apupado pelos *missionarios* do *grand ton*, ahi offereço as seguintes breves considerações.

É esta a primeira obra que publíco:—meia-duzia de producções lyricas, primicias da minha juventude:—umas moduladas ao som de paixões de momento; outras ao som da estoica lyra do *Carpe diem*: mas todas, francas e sinceras.—Podéra ja offerecer em primeiro lugar obras de maior momento, que, algumas, ja tenho promptas; mas impossibilitado de ja as publicar todas, então preferi a minha primogenita. —Forão todas compostas sob o ceo patrio:—umas em Olinda, durante a minha vida d'estudante; outras em Caxiâs, meo berço natal:—umas inspiradas pelas Nymphas do Biberibe; outras pelas Naiades da incomparavel Ponte e perfumadas brizas do Morro-do Alecrim.

Adoptei para a composição os rhythmos que me parecêrão mais harmoniosos e doces, adaptando-os convenientemente ao assumpto: excluindo aquelles que mais parecem proprios para requintar a desharmonia de uma algazarra bacchica ou atordoar os ouvidos, do que para deleita-los pela suavidade e cadencia que os deve caracterizar; como sejão, o alexandrino, o heroico quebrado, o de quatorze syllabas, etc..

Levou-me a ser autor o amor das bellas lettras, o

patriotismo e o irresistivel desejo ou necessidade que sente todo o poeta de communicar aos outros os seos sentimentos.—Quanto ao merito da obra, á outros, que não á mim, cabe o julga-la, e decidir se

> Me Colchus, et qui dissimulat metum
> Marsæ cohortis Dacus, et ultimi
> Noscent Geloni; me peritus
> Discet Iber, Rhodanique potor,

ou se a gloria do meo trabalho merece a duraçaõ da ephemera.

Á POESIA.

Para as dôres e desventuras do homem não tem a historia uma lagryma: mas a poesia as derrama, porque ella é o monumento da vida intima, em quanto a historia o é apenas dos actos e da vida externa.

Panorama.

Ou respeitosos hymnos á Deos teças,
Ou de famosos heroes façanhas cantes;
Ou celébres a belleza ou a virtude,
As illusões, o amor, a natureza;
Encantadora és sempre, ó Poesia;
Uma linguagem divina, qu'embriaga;
Um indizivel prazer que nunca farta!

Voluptuoso brilho de uns olhos soberanos;
Meigo sentir que o amor no peito filtra;
Vago cuidar de um'alma melancolica;
Suspiros de um coração que se dilata;
Saudades do bem amado que não vemos;
Recordações da infancia e do passado;
Doces carinhos de mãi ao tenro filho;

Férvida prece de um'alma que s'expande;
Celeste effluvio de um osculo amoroso;
Tenue rumor de fonte que deriva,
E serpeando vai por verdes prados;
Do sabiá floreios ineffaveis,
Que o coração repassão de ternura;
Santa benção de pai ao caro filho
Que vai partir, no futuro esperançado;
Fagueiros risos d'aurora; um ceo sem mancha;
Auri-rosado crepusculo da tarde,
Que á meditação e ao Ceo eleva a mente;
Saudoso canto do nauta que se perde
Na solidão do mar; suave aroma
De matizadas flores s'embalando
Na madrugada ao sôpro dos favonios;
Brando susurro d'abelha que apascenta-se:
O que haverá nisto tudo que não seja
Encantamento do teo poder divino?!

Na solidão da noite, quando inteira
A natureza do dia se repousa,
Folgo de, concentrado em mim, sosinho
Ir meditar em sitios que condigão
Com o solemne estado de minh'alma...
Ahi então, em mudos absortos,
No firmamento arroubado e em seos fulgores,
Quando, exanime, o disco luctuoso,
Das ruinas lampada,
De derruido templo pelas fendas,
Sêllo do tempo, a pallidez enfia;
E por ermas areias
Os espumosos rullos revolvendo,
Em gemidos involto, o mar se arroja;

De teo benefico influxo entranhado,
Sinto que és tu, não outra alguma causa,
Que me fazes amar a soledade
E a contemplação do bello do universo.

Socia do infeliz, tu, Poesia,
Ao velho bardo de Morven consolaste
Da triste perda da vista e de seo filho!
Socia do maltratado da fortuna,
Tu adoçastes á Abad o captiveiro,
Longe da sua Sevilha tão querida,
E na miseria, do throno arremessado!

Homem sem coração, mundano em tudo,
Que com riso mofador responde á lagrima
Da desventura, que anceia por consôlo;
Homem que só em honras e riquezas
Faz consistir o summo-bem da vida;
Homem emfim que, crendo engrandecer-se
E elevar seo nome até aos astros,
Roja de par com o verme sobre a terra;
Esse zombe de ti, porque ignora
O que ha na vida, de doces sentimentos;
Esse passe no mundo, como passa
O idiota ou a sombra de um phantasma
Por meio de alegres convivas de um banquete.
Os teos mimosos, dotados desde o berço
Do inestimavel dom da tua graça,
Esses sós te saibão gozar, porque t'entendem,
Assás contentes com a sua obscuridade!
Esses sós tenhão uma lagrima que vertão
Sobre as tristes ruinas dos imperios;
Um pensamento que gravem de saudade

Sobre a louza funerea á cuja sombra
Jaz um caro objecto adormecido
Do somno da eternidade, sem acôrdo;
Olhos que as maravilhas admirem
Do universo; coração que em si as sinta;
Mente que as comprehenda e á Deos s'exalce!

Quanto á mim que breve viver inda contando,
Todavia assás hei vivido ja p'r'a terra,
Pelo Ceo, d'onde vieste, oh! eu t'o juro:
Nesses felizes instantes em que, livre
Da tentação do mundo, á sós comtigo,
Dou expansão aos nobres sentimentos
Que ao coração inspiras, então creio
Ventura igual não haver á que tu fazes
Em teo remanso de sonhos e d'encantos
Secretamente sentir aos que proteges!
Então acho mais grato o pão de Homero,
Com humilhações e lagrimas pedido,
Que a profusão e fausto de Lucullo!..
Emanação etherea, ó Poesia,
Foi com razão que a Grecia endeosou-te!
Que é o mesmo adorar as suas obras
E inspirações que a propria Divindade.

AO DEIXAR O BRAZIL.

Adieu, doux ciel natal, terre où j'ouvris les yeux!
Adieu, patrie! adieu, patrie!

C. DELAVIGNE.

Adeos, Brazil! adeos, querida patria!
Não sei se seja a sorte, se o acaso,
Que de ti apartar me vai na infancia:
Ah! talvez que p'ra sempre!

O futuro é impenetravel; não o alcanço.
Atravéz das ondas uma praia estranha,
Á despeito dos ventos, das borrascas,
Vou buscar peregrino.

Não sei que trato me dará o oceano;
Que acolheita não sei o estrangeiro:
Só teo ar respirando, ó doce patria,
De protecção sou certo.

Memorados sejais, ó Bruto, ó Manlio,
Decio, Camillo, Codro e tu, ó Mucio,

Que o paternal amor, brios e vida
Pela patria esquecestes!

Tudo ella nos merece: o sangue, a vida,
São nenhuma recompensa á seos favores.
Feliz aquelle qu'em seo bem se off'rece
Ao supplicio, ao martyrio!

Adeos, sol! adeos, selvas! adeos, prados!
Que primeiros a vista me feristes:
Itapicurú, adeos! adeos, ó brizas!
Que meo berço embalastes.

Ja possuem-me as ondas, ja os ventos:
Ja apenas distingo a cara terra.
Outras plagas vou ver inda m'incognitas,
Da longissim' Europa.

Nenhuma outra ventura aos Ceos demando
Mais que o ver-te outravez, patrio dominio:
Oução-me os Ceos as preces; dos viventes
Eu serei o mais grato.

Tu, inconstante mar, se de trahir-me
Houveres, ao cadaver malfadado
Um só favor, por tudo, não recuses:
De rôjo á patria o leva.

Nas solitarias praias rejeitado,
Acharâõ meos restos sepultura amiga;
Sepultura de mãi, que se não nega,
Até mesmo na morte.

ERA UM ANJO ADORMECIDO!

Ojos, vér y llorar es vuestro oficio;

F. L. DE ZARATE.

Foi aqui qu'eu a vi, como um Anjo,
A dormir em profundo languor:
Foi á sombra aqui desta latada
Qu'eu a vi, inda nescio de amor.

Era a hora calmosa da sesta,
Em que o grato e suave ananaz,
Aggravado do sol, dobra o cheiro,
E nas matas suspira a torcaz.

Fatigado eu voltava da caça;
E tambem ia alli repousar.
Quando a vejo, não creio em meos olhos,
Mas parece-me estar a sonhar.

Paro; e todo arroubado a contemplo,
Enlevado naquelle painel:

Jamais Anjo pintou tão formoso
De Barocci o sublime pincel!

Jamais cri que tão linda podesse
Ser alguma belleza mortal:
Foi então, quando a vi, que o soube:
Se a não víra, jamais crêra tal.

Mas tornando á razão que perdêra
Com ver tanta lindeza e primor,
Approximo-me; e então foi de perto
Que vi bem esse brinco de Amor.

Comparei o seo todo em resumo
Com a flor linda do maracujá;
Comparei o rubor de seos labios
Com o vivo rubor do guará;—

Comparei-lhe o tecido mimoso
Da epiderme e o rosado da pell'
Com o fino velamen das flores
E d'aurora o risonho painel;—

Comparei-lhe a finura impalpavel
De seos longos castanhos cabellos
Com os da marta moscovia e da lontra
Impalpaveis, finissimos pellos;—

Comparei os seos peitos formosos
Com um peito-de moça, qu'eu tinha,
De tão bello! colhido e levava
Para brinco de certa louquinha;—

Comparei um sorriso qu', errante,
Desflorava-lhe os labios gentís,
Com o doce sorrir d'um Archanjo,
Que de Deos a grandeza bemdiz:

E no fim vi de todo este estudo
Que tudo ella excedia em primor:
E então disse, abysmado, comigo:
« Como pode um só ente, ó Senhor,

» Reunir em si tanta belleza;
Como pode um só ente exceder
Tudo quanto de bello no mundo
Espalhou teo eximio poder?!

» Deos de amor, eu a amo qual nunca
Amou Salmacis, Clycie, ou Narciso,
Quando, vendo-se acaso na fonte,
De paixão perdeo todo o seo siso.

» Uma vez sê benevolo e brando!
Dá, Amor, qu'ella sinta por mim
Tanto amor quanto eu sinto por ella;
Ou então dá á meos dias fim. »..

Assim disse; e de manso chegando,
Os meos labios toquei sobre os seos:
Respirei seo anhelo suave:
Não fiquei homem não, mas um deos!

Mas tal foi dêsse nectar o favo,
Que cahi como morto no chão,

Ebrio e cheio de tanta ventura,
Fascinado de tal perfeição!..

Ja o sol se chegava do occaso
Quando dêsse delirio acordei:—
Mal o faço, procuro a belleza
Em que tanto de amor me arroubei!

Mas (oh! triste recôrdo!) debalde;
Que, acordando, ella havia fugido!
Como Nympha de Satyro horrendo
Que a demanda, de amores perdido.

Então dores tragando do inferno,
Clamei tanto por ella e chorei;
Como nunca por Hylas roubado
Chorou Hercule'; até que cancei.

Mas ja qu'ella se fôra e deixára-me;
Ja que assim era tão desabrida;
Dei ao menos mil beijos de fogo
No lugar em que fôra ess' Armida.

Assim, nestas e n'outras loucuras,
Gastei horas inteiras, até
Que a razão convencer me viesse
De que tudo em amor fallaz é.

Mas não creia, quem ler-me, este caso:
Oh! não creia que haja assim não
Uma humana tão bella! oh! de zelos
Só com isso eu morrêra e paixão!

O CANTO DO ARABE BEDUINO.

My sabre shall win what the feeble must buy.

BYRON.

« Infeliz, pobre do Arabe!
Que outro mais o será?!
Neste deserto do inferno
Morrendo de sêde está!..

» Envia, ó santo Propheta,
Uma briza que o tempere;
Uma sombra que o abrigue;
Fonte que o desaltere.

» Neste océano de areia
Da ingrata Libya atolado,
Vou sem norte me arrastando,
De fôrças extenuado.

» Nem uma mouta que os olhos
Me divirta!... Ó meo paiz,

Quanto só com recordar-te
Não é teo filho infeliz!

» Berço da humanidade
Te crê com toda a razão,
Ó minh'Arabia, e o Eden
Do par primeiro o christão.

» No delirio que me causa
O lethal vapor que sorvo
Destas areias em braza,
E me faz feroz e torvo,

» Eu sonho tuas palmeiras,
Teos frescos, sombrios valles:
E nisto vão, me parece,
Terminar meos tristes males.

» Mas é tudo mentiroso:
Bem longe de ti eu sou!
Sobre mim com o sol á pino
No abrazador S'hara estou.

» Á que não o home' obrigas,
Da vida necessidade!
Por ti, tyranna! me vejo
Em tão má extremidade.

» Chegar a hora estou vendo
Em que venha por ahi
D'areia alguma montanha,
Que mate o filho d'Ali:

» Ou quando menos que arranque
O simun destruidor,
Que me suffoque e denigra
O rosto com o seo vapor.

» Mas que môntão meos tormentos?
Que valem elles á par
Dos de meo nobre ginete,
Fiel amigo no azar!

» Ó prenda a mais preciosa,
Meo corsel, queres morrer?!
Pobre delle! que um só pêllo
Enxuto não vejo ter.

» Ja não rincha o meo ginete,
Tão brioso e tão gentil!
Dous dias ha que não bebe
Neste sêcco areial vil.

» Maldito, damnado sejas,
Ó christão de Portuguez!
Que derribaste o commercio
Do Levante e de Suez.

» Por aqui, d'antes, aos centos,
Segundo ouvi á meos pais,
Frangues de toda a casta
Transitavão por demais:

» Uns por tráfico levados;
Outros só por devoção,

A ver o santo sepulcro
De seo Jesús e Sião.

» E então era de ve-los
Fugir com medo e deixar
Seos comboios e riquezas
Ao nomada filho d'Agar.

» Dias hoje esquadrinhando
Passa o Arabe sem ver
No horizonte um só delles:
E seo ginete a morrer!

» Que importa que m'elles chamem
Dêstes ermos outro Brenno?
A hospitalidade é a unica
Virtude do Sarraceno. »..

À testa de sua horda,
No vasto S'hara preando,
Um Anazéh assim ia
Mei'dia em ponto cantando.

Mas eis que nisto se turva
O horizonte na frente:
É de Frangues caravana,
Se lhes a vista não mente.

Desembainhados, seos sabres
Já lhes reluzem na mão;
Camillas são seos ginetes,
Ou antes Sylphides são.

MISERANDA!

Ben se' crudel, se tu già non ti duoli
. . . .
. se non piangi, di che pianger suoli?

DANTE.

On ne vit qu'un jour pour mourir toute la vie.

B. DE SAINT-PIERRE.

Eu a via aqui vir todas as tardes,
Horas de devoção,
À saudação da Virgem consagradas,
Desprezando um mundo vão,

Ante esta cruz prosternar-se de joelhos,
E em chôro desatar;
Com a piedade orando de uma martyr;
E depois o Ceo fitar.

Muitas horas gastava neste officio.
Trajava vestes de dó.

Triste, pallido o rosto e descarnado:
Vinha e tornava só.

Pobre virgem! tão moça inda e tão bella,
E ja tão infeliz!..
Serão crimes, remorsos que a devorão?.
O seo rosto o não diz.

Tem tal ar d'innocencia em seo semblante,
E de tanto candor,
Que suppor-lhe crimes fôra uma injustiça;
Fôra oh! muito rigor.

Alma por certo angelica e celeste
Corresponde á figura:—
É alguma desgraçada que aqui venha
Effundir sua amargura!

Mas não era só isto:—neste seculo
D'impiedade e de atheos,
Que d'escarneos oh! ella não soffria
Por se mostrar crente em Deos!

Os que passavão, reprobos, precitos,
Se rião de assim a ver
Em estação; outros, chascos, improperios
Lhe fazião soffrer.

Nestas practicas santas ja passados
Erão mezes qu'ella andava,
Sem falhar um só dia, ás mesmas horas,
Quando mesmo nevava.

Assiduidade tanta e persistencia,
Tanta dor e chorar,
Incitárão-me a saber a sua historia:
Mas de quem a indagar?..

Era o solemne dia anniversario
Em que, pregado na cruz,
Para salvar seos filhos peccadores,
Expirára Jesús.

Ella veio:—no adro estava um velho
Arrimado ao seo bordão:
Chegou-se á elle, e humilde, se curvando,
Beijou-lhe a rugosa mão.

E foi-se ao depois, segundo o seo costume,
A orar ao Senhor;
E ao ancião eu indo-me, indaguei-lhe
A causa de tanta dor...

Grande Deos! porque permittes que partilhem
Igualmente a mesma sorte
O bom, o mao, o culpado, o innocente,
O impotente e o forte?!

Mas eu respeito, meo Deos, os teos mysterios,
Embora sem os saber:
Tu és tão sabio e tão grande, que não posso
Que sejas injusto crer.

Soube então as desgraças dessa pobre,
Victima de fado atroz!.

Só em pensa-lo o sangue se me gela
E sinto tremer-me a voz!

Estirpe de uma familia respeitavel,
De antigo nome e brazão,
Na abastança nascêra e se criára,
Com um bondoso coração.

Seo bom pai, porque o era, dos iniquos
O vil odio despertou;
E a inexoravel politica de sangue
Ao supplicio o condemnou!

Mas isto só não bastava á iniquidade:—
Forão seos bens confiscados;
E a assistir ao supplicio, esposa e filhos,
Forão todos obrigados!

E ella o vio! tendo apenas quinze annos;
Vio esse acto de horror!
E passou do luxo á miseria n'um instante,
Orphan! sem protector.

Sua amorosa mãi, que tanto amava,
Pouco sobreviveo:
Ao seo cuidado e amor recommendando,
Quando, triste! morreo,

Os seos caros filhinhos que deixava,
E irmãosinhos della,
Sem outro ente no mundo que os amasse,
Que não fosse ella.

Mas em que os servir, em que prestar-lhes
Em um paiz de miseria,
Ella, pobre mulher, casta e tão pura
Como o foi Pulqueria?!

Mas neste transe a conforta uma esperánça:
Moço rico e cavalheiro,
Qu'ella amava em extremo, lhe jurára
Seo amor todo inteiro...

Á um anno havia partido para o Norte;
E promettêra voltar
Mal qu'esse tempo findasse:—era ja findo:
Não podia pois tardar.

No entanto seo soffrer era presente,
E certa ja sua dor:
E o remedio futuro e inda incerto;
E o futuro faz temor!

Uns aos outros os dias se succedem,
E ella o não vê chegar.
Seos irmãosinhos no entanto á mingoa expirão,
Sem ella os poder salvar!

Mas tudo isto soffreo com paciencia
E santa resignação:—
Ainda um ente no mundo lhe restava
Á quem dar seo coração.

Era o mancebo leal, segundo cria,
Que lhe jurára fé:—

Inexp'riente! que nem suppunha ao menos
O lodo que o mundo é!

Ja muitos mezes no entanto erão passados,
E ella ainda esperava,
No firme crer de uma alma ingenua e pura
Qu'elle ainda a amava...

Em sua mente, pensosa, revolvendo
Era um dia o passado,
Quando, os olhos erguendo, dá de vista
Com o seo joven namorado.

Sua alegria foi tal, que deo um grito,
E tod'ella estremeceo;
Mas o perjuro baixou seos torpes olhos
E fez que a não conheceo!

Tudo então se aclarou á sua mente;
E então ella penetrou
De tanta demora a causa não sabida;
O infame a renegou!

Renegou-a, sim! porque nella só amára
A rica herdeira, bemnada,
E não a filha infeliz de um condemnado,
Na miseria sepultada!

Terrivel foi-lhe essa dura experiencia!
Porque os olhos lhe abrio;
Porque o mundo lhe fez patente e os homens,
E no amago a ferio.

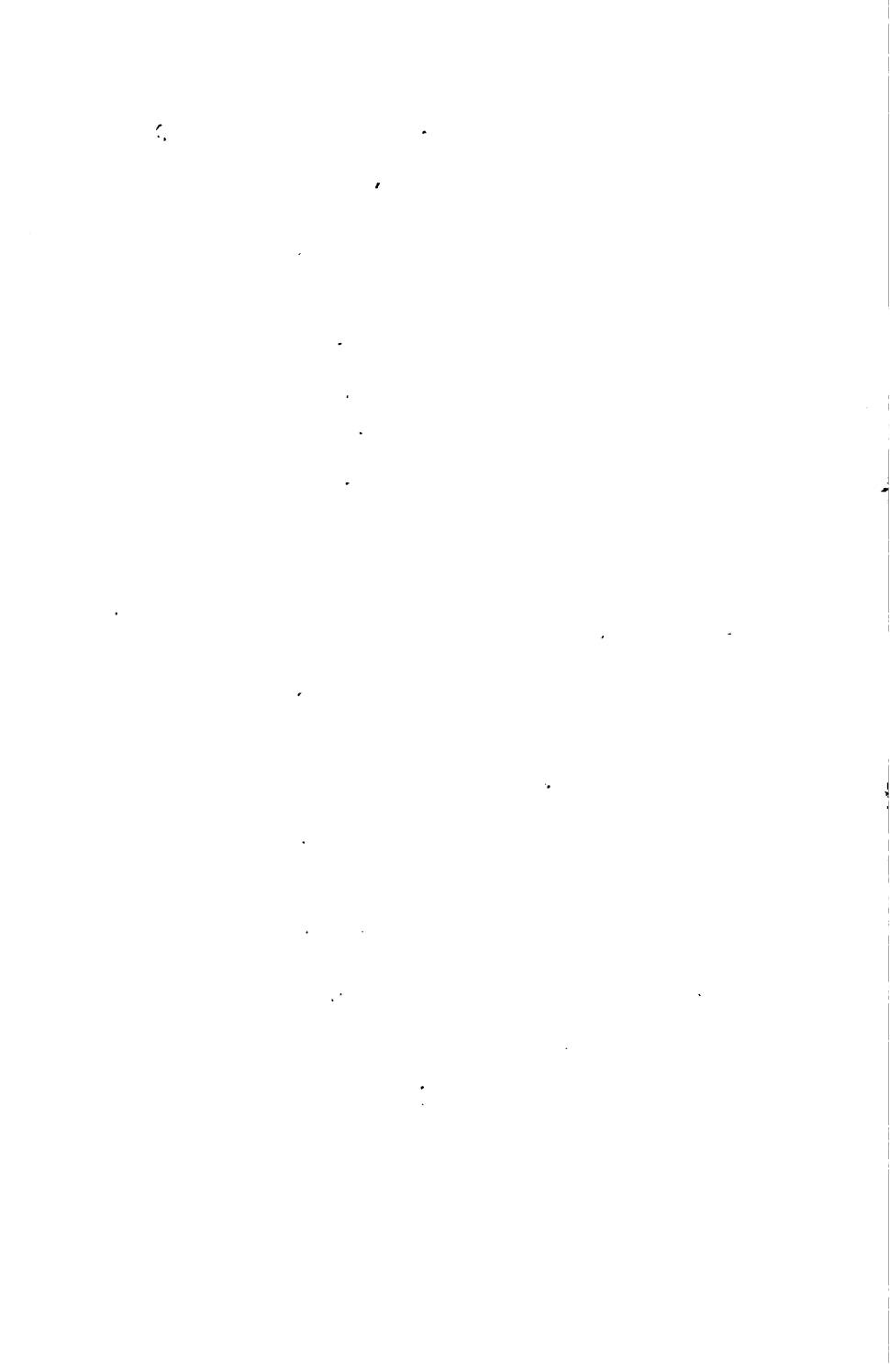
A consequencia horrivel dêsse caso
Foi perder a razão!
Assim passando da vida á mais mesquinha
E fatal condição!

E, por desgraça ainda mais pungente,
A recobra-la tornou
Para medir o abysmo em que a sorte
Caprichosa a despenhou!..

Taes as causas de tantos soffrimentos
E de tanto chorar;
De devoção tão grande e piedade,
E de tanto orar!

Erão porêm ja dias que faltava
A deprecar á Deos,
Quando soube ao depois qu'erão ja findos
Os tristes dias seos!

A implacavel cholera, tremenda,
Foi o seo libertador:—
Misera vida! em que a mesma desventura
É o remedio da dor!

A terra lhe seja leve! os Ceos permittão
Que seja la tão feliz
Quanto soffreo na vida essa innocente,
Quanto foi infeliz!

AVE, AURORA!

Alva, aurora, estes nomes são divinos!
Exprimem tanta poesia e tanto encanto,
Que m'extasião quando os pronuncio;
Quando á mente retrato a formosura
Dessa esquivosa nympha, após quem segue,
Apaixonado, o sol desde que o mundo
De Jehovah á voz surgio do nada;
E que abrandar jamais pôde, á despeito
De pertinacia tanta, acompanhando-a
Por onde-quer-que fugir-lhe á ingrata praza,
Pelo equador e polos congelados,
Por mares, terras, do orto até 'o occaso.

É tão doce o seo sorrir, que a dor mais agra
E o cuidado mais pungente se mitigão,
Suavizados pelo seo bafejo!
São tão suaves as auras qu'ella espira,
Que os sonhos mais lisongeiros dos amantes
Inspirações são suas!—são tão gratas
As crystallinas perolas que filtrão

De suas vestes de ouro roçagantes,
Que nunca a flor é tão bella e tão viçosa;
Nunca o aroma qu'exhala, tão extreme!

Virgem como ella é celeste e eterna,
Males não tem que chorar, dores que sinta.
Tudo nella é regozijos e alegria;
Tudo respira nella essa ventura
Da juventude risonha e não cuidosa,
Ultimo gôzo da vida amarga e breve!..
Tudo folga de ve-la e sauda-la;
Todos os entes te'm da natureza
Uma expressão, um hymno, com que a salve:
O passarinho o seo chilro, a flor o cheiro,
Purificado o home' o pensamento
Pelo repouso da noite e pelo somno.
Até eu, banindo da mente as minhas magoas,
Da natural tristeza alliviado
De que sou victima, eu mesmo, quando a vejo,
Sempre tenho um sorriso com que a brinde,
E um pensamento sempre que harmonize
Com a expressão fagueira do seo gesto.

Como ha quem possa dormir ás suas horas!
Como ha quem possa antepor o ocio ignavo
Do somno ao ve-la surgir no oriente,
E fugitiva esvair-se tão depressa
Como tudo o que é precioso e desejado!
Quanto á mim, nad'ha que m'encante mais os olhos,
Nada que mais me deleite o pensamento,
Do que i-la aguardar vagando pelos campos!
A harmonia dos gallos, que a festejão;
A encantadora estrella que a precede;

O exquisito aroma das florestas;
O almo frescor das brizas que murmurão;
A mansidão das aguas que deslizão-se;
O auri-rosado painel, emfim, da virgem,
Que assoma, rosas e calthas esparzindo
Com os seos delicados dedos sobre a terra,
Tudo isto de doces gozos m'embriaga,
E sentimentos produz-me inexprimiveis!..
Nunca sou tão feliz! porque parece-me
Que todo o mundo assim é:—do pensamento
Então me foge o espectro da morte,
As ephialtas da noite e os phantasmas.
Sou um enfermo curado que suspira
De meiga dor quando pensa e se recorda
Dos soffrimentos agros que coára!

E ver ao depois surgir o globo immenso
Do planeta do dia como um orbe
De chammejante carbunculo a mover-se!
Ha hi prazer que iguale ao que se sente
Ao contemplar essa scena magnifica,
Que enleia, absorve e confunde o entendimento?
Ha hi homem tão sceptico e rebelde
Que á vista dêsse prodigio se não curve
Ante o autor de tanta maravilha,
Embora o não comprehenda e o desconheça,
E não sinta mais trepido pulsar-lhe
O coração no carcere do peito?..
Eu que neste momento, nelle absorto,
Esse sublime espectaculo contemplo,
Cheio da tua grandeza illimitada,
O coração á teos pés, ó Deos, envio,
Como a rasteira flor o seo perfume

Ao astro vivificador do universo.

CÆCO CARPITUR IGNI.

Del feliz hombre la feliz esposa.

D. F. J. Reinoso.

Ver seos olhos, tão formosos!
    Como uma estrella brilhar;
Tão suaves! que adormecem,
    Como suspiros do mar:—

Ver os seos labios de nacar
    Desabrochar um sorrir,
Tão divino! que parece
    As portas do Ceo abrir:—

Ver a sua fronte angelica
    Pensamentos revolver
Tão alheios dêste mundo
    De miserias e soffrer!—

Ver seos cabellos em cachos
    Pelo collo lhe ondear,

Como por entre amaryllis
Brandas auras a brincar:—

Ver seo seio docemente,
Como uma ondinha do mar,
Palpitando, e de desejos
A quem o vê, devorar!—

Ouvir sua voz canora
S'infiltrar no coração;
Tão suave! como em terra
D'estranhos patria canção:—

Ver, oh! meo Deos! tudo isso,
E sentir tão crú amor
Por esse esmêro sublime
De teo poder, ó Senhor!

E não poder declara-lo,
E cozer sua paixão,
Porque ella é ja de outro,
E casto o seo coração!

Se ha martyrio no mundo.
Por certo é este o maior!
No mesmo inferno não creio
Que haja tormento mór.

Quem assim tiver amado,
Afouto pode dizer:
« Ja soffri o quanto pode
Neste mundo se soffrer! »

À EUZINA.

> Toi seule me parus ce qu'on cherche toujours,
> Ce que l'homme poursuit dans l'ombre de ses jours,
>
> A. De Vigny.

Vês, Euzina, como é o ceo tão limpo,
E de tão bello azul que se assemelha
Ao oceano em dia estivo e calmo?
Vês como o sol é tão lucido e brilhante,
Contrastando a sua côr aurisplendente
Com o divino azul do firmamento
De sua luz genetriz todo passado?
Não vês as selvas e os campos tão florídos,
Semelhando um vasto tapete de mil côres?
Não ouves o doce susurro das palmeiras,
Pelos bafejos do norte meneadas,
Á voluptuoso repouso convidando-nos?
Não ouves o brando trinar dos passarinhos
S'espanejando á sombra de contentes?
Não vês emfim como toda a natureza
Parece tender á um fim, harmonizando
Todos os seos innumeros encantos:

Amor, só amor inspirar ao universo?..
Haverá no mundo nada de mais bello
Do que esta doce estação do nosso clima?!
Eu te juro que não, e podes crer-me;—
Eu que ja vi a branda primavera
Das regiões temperadas, e nos livros
Tenho visto o mundo inteiro retratado
Pela linguagem divina dos poetas
De todos os climas, zonas e paizes.
A tua celeste alma é só tão bella,
Porque és um anjo do Ceo em forma humana!..
E quando tudo alegria só respira,
E tudo de amor se repleta e s'embriaga,
Tu só, fazendo excepção á natureza,
Em pensamentos tristes te amofinas?!
Não vês que momentos ha na nossa vida
Que devem ser ao prazer somente dados,
Porque é esse o pensamento bemfazejo
De Deos, que tantos encantos nos franqueia?
Não vês que assim tu me feres cruelmente,
Participante fazendo-me do que sentes?
E quererás acaso despojar-me
De um momento de prazer que me concede
O Ceo, de tanto soffrer compadecido?!
Por piedade, não! não, por teos olhos!..
Bemdito seja de mim esse teo riso!
Bemdita, Euzina, tu sejas dos Archanjos!
Tu que, a árbitra sendo inappellavel
Da minha dita ou da minha desventura,
Só usas dêsse poder para aditar-me!
Agora, agora, ó Euzina, é que bem vejo
Resolvido o enigma da nossa sympathia:—
Para soffrer na vida destinado,

Tu és o Anjo que a alma me conforta,
Annunciando-me o Ceo, d'onde vieste.

BONAPARTE EM WATERLOO.

> Aquí el vencer y no el vivir pretende
> Quien al honor la vida ofrece ledo:
>
> JUAN DE LA CUEVA.

> Idol of the soldier's soul!
> First in figth, but mightiest now:
>
> BYRON.

Ahi foi Elle, depois de ter quebrado
A estreita prisão que a Europa lhe assinára:
Elle que, como o filho de Philippe,
Ja prisão achava o mundo!

Ao sabe-lo alborotou-se a Europa em pêso,
Ainda abalada até aos alicerces
Pelo trom de seos canhões, e derruida
Por seo gladio gigante!

E esse Elle era o homem portentoso
Por excellencia, assim como omnipotente
Só o é Deos, que o fizera um seminume,
Rei dos rêis entre os homens.

6

Os gloriosos epithetos d'Epiphanes,
Nicanor, Poliorcetes, Soter e Callinico,
Que outr'ora tres dynastias distinguírão,
Illustres e preclaras,

Nada forão se com elles se quizesse
Exprimir a sua grandeza tal qual era,
Alem de toda a expressão, honras e gloria;
Nem mesmo o de Ceraúno!

Sim! que em sua passagem pelo mundo,
Monarchas, senhores, povos, liberdades,
Instituições, leis, usos, costumes, sobranceiro,
De tudo fez seo jôgo.

Ahi foi elle com todo o seo prestigio,
Sessenta e cinco mil bravos commandando,
Depois de ter em Ligny pela vez ultima
Saboreado a victoria!

Ahi foi elle chamar a Europa á campo,
De sua invencivel guarda rodeado,
Sobre cuja fronte os louros vicejavão
D'innumeraveis triumphos.

Mas seo mandato no mundo era ja findo:
Faltava contas tomar-lhe o seo mandante;
E esse terrivel juiz era o Supremo
Regulador da terra.

O premio pois ou o castigo o aguardava:
Do julgamento sôou a hora extrema:

A sentença o condemnou, e executa-la
Á Grouchy coube e á Blucher.

Ei-lo em Waterloo, gigante excelso,
As planicies medindo e revolvendo
Na portentosa mente ideias grandes,
Indefectiveis planos!

Ja rompem o sinal roucas trombetas;
E, remexendo-se os campos, ja s'esbarrão
Pesadas massas de aguerrido milite,
Só marte respirando.

Trôa nos ares o estampido roto
Dos rudes bronzes, e enroladas nuvens
D'espesso fumo aos astros se remontão,
Os ceos ennegrecendo.

Jamais assim se travárão dous exercitos
De tanto ardor animados!—era o campo
De desespêro um inferno e de gemidos,
De confusão um chaos!

Na postura, qual rocha, immovel, quedo,
Sobre o feroz ginete o corso Genio
Tantas scenas d'estrago, sangue tanto
Presencia sereno.

Dobra-se a raiva, e rebotadas cahem
Inteiras columnas, esquadrões cerrados
Dos campanhistas bravos da Mosckowa,
Do Thabor e Lerida.

Groucby, Grouchy, ouve o canhão que por ti clama!
Olha Blucher e Bulow que se apressão
Com as suas turbas famintas de vencerem:
Porque assim te obstinas?

Traidor!... Mas silencio!—quem o sabe?
Do destino talvez lei fosse seo passo:
A traição é voluntaria, o êrro invito:
Imprudentes o não manchem...

Ao ve-los soçobrar, presto, qual raio,
Os pontos corre, seo valor reparte;
E ao ve-lo, como se a um deos, de novo alentão-se
Seos veteranos guerreiros,

Como os que de Constantino sustentavão
A causa contra o tyranno Maxencio,
Quando vírão no Ceo o igneo annuncio
De infallivel victoria.

Mas que monta o seo genio e o seo prestigio?!
Que monta o incrivel valor de seos soldados
E generaes, que entre si pleiteião
Da primazia a gloria?!

Soult, Ney, Kellermann, Foy, Vandamme,
E tu, de tantos heroes ó Chefe augusto,
Não são homens os que contra vós pelejão,
Mas o Deos Sabaoth,

Contra o qual não pode o esfôrço dos humanos!
Aquelles? vós os vencestes sempre em campo,

Em Champ-Aubert, Elchingen, Albuéra,
Em Rothière e Bautzen...

Poucas horas bastárão de um só dia
P'ra que apenas restasse um nome ou um echo,
Mas esse, sonoro, eterno e retumbante,
De tão enorme colosso!

Qual nunca genios humanos erigírão,
Ou Alexandre, ou Cesar, ou Sesostris,
Em mil lidadas batalhas conquistado
Desde a Syria á Moscovia.

Assim o sôpro iracundo do Deserto
Humilhou na Libya o orgulho de Cambyses;
Assim vio em uma noite Sennacherib
Pelo Anjo exterminado

Ante Jerusalem o seo exercito,
Victorioso do Egypto e dos Ethiopes;
Assim até os vestigios s'extinguírão
De Babylonia e Ninive!

RECORDAÇÃO.

¿Del bien perdido alcabo qué nos queda,
Sinó pena, dolor, y pesadumbre?

ERCILLA Y ZUÑIGA.

Houve tempo em que o ver-te
Era o mesmo para mim
Que o ver um ente encantado
Dessas espheras sem fim.

Houve tempo em que o ouvir-te
Era o ouvir a canção
De um Anjo á terra baixado
De sua etherea mansão.

Houve tempo em que eu sentia
Tão intenso ardor por ti,
Que mais era elle um delirio,
Ou antes um frenesi.

Houve tempo em que tu eras
O polo do meo querer,

A seve da minha vida,
A fonte do meo prazer.

Pensar em ti era um prisma
Que a imaginação m'enleiava,
Um não-sei-que de divino
Que do Ceo me approximava.

Hoje porêm dêsse tempo,
Dessas delicias d'então
Só conservo a dor da perda,
A triste recordação!

Mas assim mesmo em lembra-lo
Sinto essa estranha doçura
Que gera n'alma a saudade
Da infeliz creatura...

Eu, saudade, sou teo martyr!
De todo o peito sensivel
És tu a meiga tyranna,
Suave pena, infallivel.

Só te não sente e não gosta
Homem que nunca amou
Ou a um ente ou a patria,
E nem delles se apartou:—

Homem que a vida passa
Sem gozar della o prazer;
Que é viver tristemente
Teos rigores não soffrer.

E quando ao peito me calas
Com a tua gemea irman,
Tanto gôsto sinto n'alma,
Como a rosa na manhan.

Então chóro, recordando
Amores que ja frui;
Vagos bens indefiniveis,
Illusões que ja perdi!

Chóro, sem nunca fartar-me;
Que tal é o nectar teo!
Outros amarga te chamem,
Ó saudade, que não eu.

Á TARDE.

Hespero, brilhante luz da amavel Venus;
Hespero querido, ornamento sagrado de
uma noite sem mancha, tu que tanto ex-
cedes aos outros astros quanto a lua a
ti, salve, adorada estrella!

BION.

Hor'amena da Tarde, outros te calem;
Não eu que tanto te amo e á quem fazes
Celestes gostos sentir, de ti só proprios!
Assim possa eu exprimir o quanto és bella,
O quanto tens de divino em teos enlevos
E melancolico nessa tua charpa
De desbotada côr auri-purpurea
Com que franjas o horizonte do poente,
Á meditação suadindo o entendimento,
E ao repouso os viventes fatigados
Do arduo lidar do dia, á que pões termo!

Hor'amena da Tarde!—É quando os zephyros
Espirão mais brandamente e mais fagueiros;

Expande a bonina o vulto delicado,
Qual pudibunda donzella receiosa;
As aguas mais mansamente se deslizão;
E do buritizeiro d'entre a arguta coma
O azulão ouvir se faz mais terno.
É quando a luz pouco á pouco s'esvaece,
E as vaporosas sombras, s'escoando,
Da regiãõ das nuvens, vão da terra
Com dubio manto cobrindo a vasta face.

Hor'amena da Tarde! —É quando folgo
De ser sosinho comigo e embebecer-me
De melancolia, amor e vagos extases!
De ouvir o sino saudar a Virgem Santa,
Repercutindo n'alma como um echo
De melodia incerta que adormece
E abstrahe de si a quem o ouve,
Indo á final perder-se no infinito,
Como nelle se perde tudo quanto
De divinal e ethereo tem a terra,
Desde o perfume da flor até o espirito.

Hor'amena da Tarde! —É quando o homem
Que coôu por todo o dia amargas penas,
Sente como materna mão ungir-lhe
Com leniente balsamo as feridas
Do coração; e quando o forasteiro,
Do caminhar do dia fatigado,
Põe de lado o bordão, e se sentando
No solitario marco da estrada,
Com o rosto entre as mãos ambas descançado,
Entranhavelmente saudoso se recorda
Do que deixou após si, familia ou patria!

Hor'amena da Tarde!—É quando junta
A christan e honesta familia do colono
O pão do dia agradece á Deos que o déra,
E á Santa Virgem das virgens s'encommenda
P'ra que a tenha de noite em sua guarda:—
Quando sobre o horizonte se levanta
A linda estrella de Venus, semelhando,
No scintilar que esparge brando e tremulo
Em chão de azul, a brilhante lentejoula
De nupcial vestido de donzella,
Ou preciosa joia em diadema.

Hor'amena da Tarde! que amou Dante;
E em que, da patria banido, carregando
De terra em terra com a sua desventura,
Enternecidamente se lembrava
Da hora em que dos amigos se apartára!
Hor'amena da Tarde! que amou Byron;
E em que elle protestou solemnemente
Contra a calumnia dos que atheo dizião-no,
Desafiando-os p'ra que orassem juntos
Ante o altar da grande Natureza,
A ver qual delles mais breve ao Ceo chegava.

Hor'amena da Tarde, em cujo seio
De ruminar seos males folga a mente,
Qual o Athos de bronze em quem gerado
Um melancolico pungir, doce não hajas?!
Qual o amante infeliz, qual o proscripto,
Da patria ausente os dias arrastando,
Que, ao olhar-te, á saudade não tribute
Um suspiro, uma lagrima não verta?!—
Se um coração houver que á tua vista

Se não sinta commover, delle se diga
Não pertencer á homem, mas á um bruto!

Agora entre os marmores sentado,
Da desditosa virago outr'ora côrte,
Nas gigantescas ruinas embebido,
Sobr'ellas lia das nações a sorte,
Meditabundo, o gallico philosopho.
Sublime Vólney, quem senão a Tarde
Guiou-te a mente quando contemplavas
Da famosa Palmyra os tristes restos?!—
Sombra crepuscular, quanto és solemne
Para quem da irreflexão transpoz a idade,
E medita no que vê e ouve e sente!

Tarde, serena Tarde, ó hor'amavel,
A locução dos Anjos só eu tendo,
Podéra ao justo exprimir os teos encantos
E as ineffaveis delicias que tu geras!—
Tarde, jucunda Tarde, hor'adoravel,
Que mais que outra qualquer do seio prezo,
Ah! quando, em mim extincta a essencia humana,
Esqualido pó jazer com a eternidade,
Inda na morte sê-me tão propicia,
Quanto em vida, e da louza, compassiva,
Os horrores adoça ao teo valído!

À BORBOLETA, FLOR.

Linda flor, d'onde houveste, me dize
Em segredo, essa forma sem par?
Que pareces querer do pedunc'lo
Despregar-te e perder-te no ar.

Foste acaso, nos tempos da Grecia,
Bella virgem, punida de má?
Ou acaso assim mesma sahiste,
Quando o mundo creou Jehovah?

Mas qu'importa o que foste, o que sejas,
Se és emfim uma flor, uma bella?
Quem diz—moça formosa, diz—flor;
Quem diz—flor, diz—formosa donzella.

Vejão-te esses espiritos pobres,
Esses homens sem alma e paixão,
Vejão-t'elles sem dentro sentirem
Do poeta a sublime emoção:

Qu'eu, diverso, com a minha mania
De poeta, sem conta fazer
De seos risos, motejos e chascos,
Sem arroubo não posso te ver.

Assim folgo, na minha loucura,
De pensar qu'esse teo bello alvor,
Qu'essa tua fragrancia, são restos
De uma ingrata punida de Amor.

Digão outros que a rosa é mais bella,
Qu' é a rosa a rainha das flores: —
Quanto á mim, essa honra te cabe,
Á ti só cabem esses louvores.

É a rosa o retrato da virgem
Que jamais sentio dor ou soffrer;
E tu és o retrato da virgem
Que jamais sentio gôsto ou prazer, —

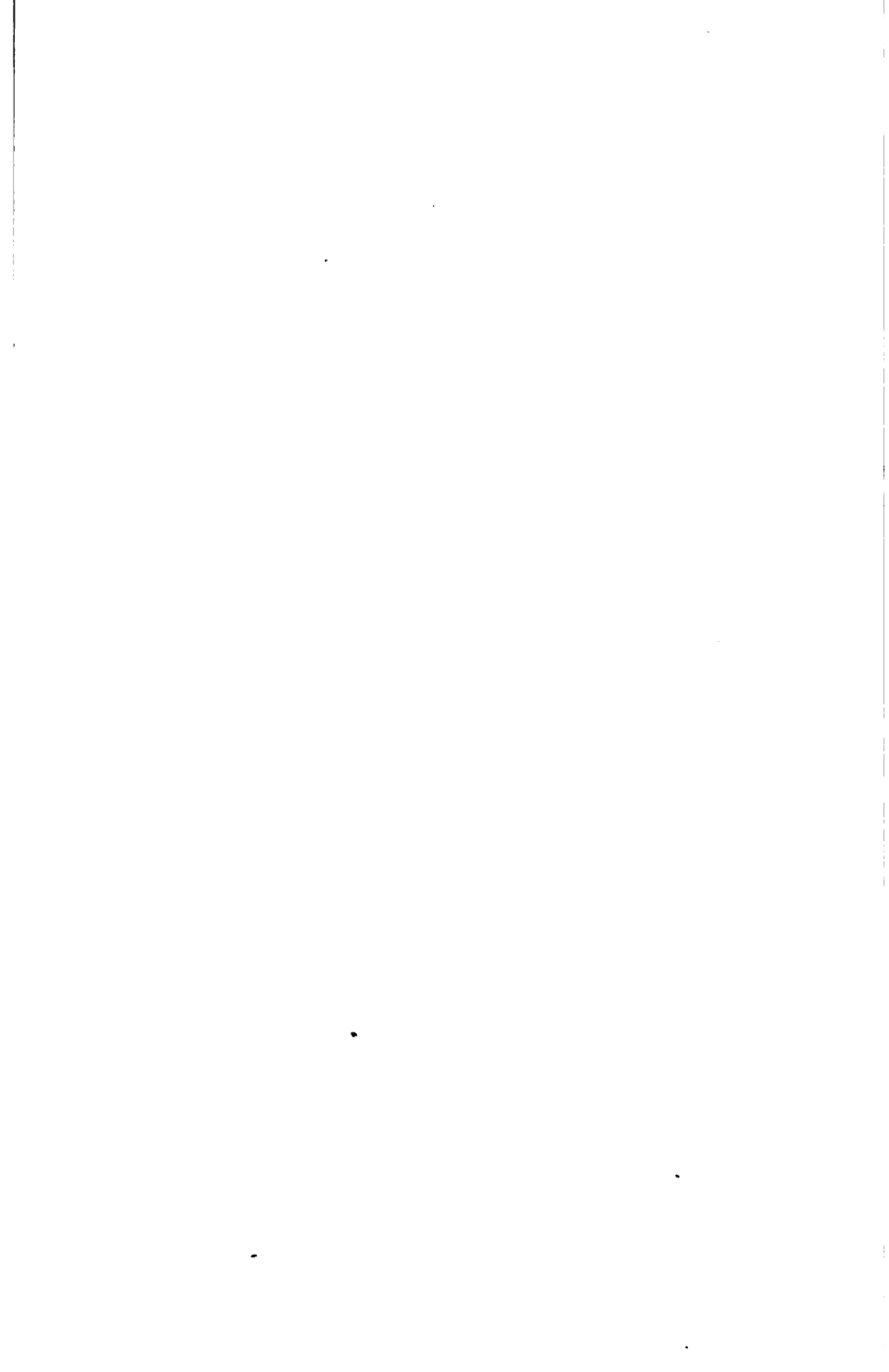
Tanto mais maviosa e angelica,
Quanto é ella mais digna de dor: —
Eu mais amo a tristeza que o riso,
Amo mais que a ledíce o pallor.

Mas, se vences a rosa em belleza,
És na forma a primeira que ha: —
Vences cravos, jasmins, tuberosas,
Malmequeres, magnolias, lilá.

Linda flor, para nada faltar-te,
Té na forma tu vences as mais;

Semelhando uma dessas louquinhas
Que doudejão em tôrno aos phanaes.

Linda flor, dá-me um osculo em paga
Dêstes versos, dá-me um, dá-me mil:
É o calix da flor tão suave
Como os labios de moça gentil.

Oh! que beijo divino e tão doce!
A uruçú não produz nectar tal! —
Certamente! é agora que digo
Que ja foste uma bella mortal.

A PASTORINHA E O SINO D'ALDEIA.

Ce monde, où tu n'es plus, m'appelle vainement.

L. DE LANCIVAL.

De certa aldeia entoava
O sino voz de alegria,
E repicando chamava
O povo da cercania.

De joelhos, esperavão,
Ante o Santissimo Pai,
O padre Alfrido e Dircéa,
Que o hymeneo juntar vai.

E aos reclamos do sino
Para o templo se apressava,
Alegre, a turba d'em tôrno,
A ver o par que casava.

« Lindora! vozes clamavão;
Lindora onde ficou?

Lindora, a flor dêstes campos,
Porque de nós se apartou?»

É a formosa zagala,
Indifferente ao prazer,
No cemiterio d'aldeia
Se comprazia em gemer.

Tres dias passados erão
Que nelle fôra enterrado,
O Meleagro da aldeia,
Argêo, o seo namorado.

E então o sino, carpindo,
De dor querer estalar
Parecia, e convidava
Com elle a todos chorar.

De goivos juncando a campa
De seo amante, a coitada,
Como no sol Clycie, tinha
A vista nella fitada.

« Oh! quanto é breve no mundo,
Assim ella começou,
Tudo, e quanto passageiro!
O meo amor se findou!

» Restitue-me, ó fria campa,
Restitue-me o meo amor;
Deixa-m'o ver, eu t'o rogo:
Condoe-te de minha dor!

» Ou então abre-te e encerra
A triste orphan tambem:
Que mais na vida lhe resta,
Se ja é morto seo bem?!

» Meo Deos, porque m'o tiraste?!
Que mal te fez elle ou eu?
Ó Senhor, a nossa sorte
Porque te não condoeo?!

» Illudida pelas chammas
Do amor, cri-lo immortal;
Mas convencer-me a tyranna
Que tudo veio é mortal!

» E morreo! é isto tudo:
E morreo o meo amor!
Aqui jaz neste sepulcro,
Sem alma, vida ou calor.

» E tu, ó sino inconstante,
Que m'o ajudaste a chorar,
O que é dos teos lamentos,
O que é do teo pezar?

» Pois forão assás tres dias
Por te fazer esquecer
Essa dor que me juraste
Para ti eterna ser?

» Mas ja tudo comprehendo;
Ja t'entendo, ó mercenario:

É o teo idolo e movel
Mingoado, torpe salario!

» Ao seo aceno, ora carpes,
Dobrando, ora te ris: —
Sempre foi este o caracter
De todas as almas vis.

» Só eu, só eu o amava!
Só eu! porque não mudei;
Só eu! porque inda o chóro,
E para sempre o chorarei!

» Mas, meo Deos. o que é que sinto?!
Da morte acaso será
O frio toque, que venha
Extinguir-me a vida ja?! »

Assim disse a pastorinha,
E do prado como a flor,
Maltratada pela fouce
Do grosseiro segador,

Sobre o seio amargurado
A cabeça reclinou;
E como a pomba innocente
O espirito exhalou!

E a triste nova sabendo,
Cançado de repicar,
O mercenario do sino
Começou logo a dobrar.

A BELLA NUR DJIHAN.

Une fleur de beauté que la bonté parfume!
D'une double nature hymen mysterieux!
La fleur est de la terre et le parfum des cieux!

V. HUGO.

Nur Dj'han estava um dia,
À sombra de um banian,
No jardim de seo esposo,
Na mais formosa manhan.

Sahíra á pouco do banho:—
Era bella como a flor
Cuja essencia rescendia
Seo corpo, de fino alvor.

Seos cabellos, esparzidos,
A enxugar, gotejavão
Frescas perolas, que as rosas
De seo rosto aviventavão.

Mas porque gastar palavras?—
Nur Dj'han era uma hurí
Á grata sombra do tuba:—
Outra igual não vio Delhi.

Mollemente recostada
Estava ella, a scismar,
Com ar triste e melancolico,
E depois poz-se a chorar.

Não podéra resistir-lhe
O mais duro coração:
Sosinha, bella e afflicta!
Tudo era tentação.

Eis que chega o seo esposo,
O Gran'Mogol Geangir,
Que dos cuidados do throno
Ia alli se divertir.

« Tu por aqui, minh'esposa,
Tão sosinha, humilde e chan?!
Tu, a sultana do imperio,
Tu, a grande Nur Dj'han?!

» Qu'é dos teos eunucos negros,
Teos pagens, damas de honor;
Que os não vejo de joelhos
Á teos pés, ó meo amor?

» Qu'é das tuas ricas joias,
Do teo flagrante rubim;

Que não vejo ornar-te a fronte,
Mas alva que alvo marfim?

—» Eunucos, pagens excusa,
Damas, joias, ó senhor,
Quem, nascida simples Tartara,
Tudo deve ao teo favor:—

» Quem somente tem em vista
Da fortuna se valer
Para o consôlo dos tristes,
Remedio do seo soffrer.

—» Mas... Nur Dj'han, tu choraste!
Teo bello rosto o attesta:—
Quem te offendeo? dize, ó cara;
Que desprazer te molesta?

» Dize-o, que, se preciso
For o mundo revolver,
Tu serás desaggravada:
Dize-o, se o queres ver.

—» Ninguem, senhor, offendeo-me:
Sou triste só por pensar
Em desgraçados e afflictos,
Que não posso consolar.

» E entretanto o pôr termo
Ao pezar que vês assim
Contristar-me, só depende,
Ó Geangir, de um teo sim.

» Não ha mister verter sangue,
Nem o mundo destruir: —
Um só sim da tua boca: —
Negar-m'o-hás, Geangir?!

— » Negar-t'o eu! minha bella:
E podeste assim pensar?!
A vida que me pedisses,
Contente m'a víras dar.

» Dize pois o que pretendes;
Em que te posso valer:
Dize, ó bella, que ja tardas;
E ver-me-hás te obedecer.

— » Pois então, senhor, te peço
Que revogues desde ja
Esse decreto de sangue,
Que firmaste em hora má.

» Aos illudidos perdôa
Que contra ti conspirárão:
Com beneficios lhes paga
Os males que te causárão.

» Em tudo prova qu'és filho
Do generoso Akbar: —
Nad'é mais bello no mundo
Que a virtude praticar.

» Nad'é tão nobre e sublime
Como o ser bom livremente,

Quando o mal obrar se pode
Sem receio e impunemente.

» É dos thronos a clemencia
O apanagio melhor,
Como o é da Divindade,
A misericordia, ó senhor. »..

Ao ouvir-lhe estas sentenças
O Mogol lhe cahe aos pés;
E penetrado de affecto,
« Mulher divina que és!

» Lhe diz, agora é que vejo
Toda a tua formosura!—
Nur Dj'han, tu és um anjo,
Não humana creatura!

» Um anjo, cuja só vista
Communica aos corações
Seos celestes sentimentos,
Extremes de vis paixões!

» Nur Dj'han, eu lhes perdôo
De todo o meo coração:
Outro que fosse o seo crime,
Eu lhes dera inda perdão. »..

Á isto o rosto da bella,
Como a rosa, se animou,
Ao sentir o fresco orvalho,
E o Eden retratou...

Tal foi da linda soltana
A beneficencia primeira;
E de mil outras foi serie
Sua vida toda inteira.

Tão formoso tinha o rosto,
Quanto bello o coração:—
Nur Dj'han foi um archanjo
Debaixo de humana feição.

À POLONIA.

O Messène! frémis: Sparte n'est point domptée;
Il lui reste ma lyre! elle enflamme les cœurs.
Tu le disais: ta lyre, ô sublime Tyrtée!
Enfanta des vainqueurs.

LE BRUN.

Polonia, Grecia do Norte, infeliz terra,
Qu'é dos teos gloriosos soberanos,
Os Boleslaos, Casimiros e Augustos?
Passárão, como no mundo tudo passa;
E o seo imperio entre si se repartírão
Tres abutres de mando e poderio!
Mas de tyrannos melhor lhes cabe o epitheto:
Que outra cousa tu foste, ó Frederico,
Ainda mesmo com o teo nome de Grande?
Foste um grande tyranno, e nada menos;
Tu que ser antes quizeste o oppressor laxo
De um desgraçado povo, agonizante,
Do que o seo deffensor: — foste um tyranno!
Nodoa eterna, que não te lava a gloria
Merecidamente em Rosbach adquerida.

E tu, heroica nação, és hoje escrava!
Escrava, porque de nação ja não tens nome,
E obedeces á estranhos! e tão misera,
Que nem sequer te coube o se-la de um só dono!
E a grande nação dos Sarmatas, proscripto
O seo foral de nação e entegridade,
Jaz retalhada em tres fracções diversas,
Cadaqual obedecendo ao seo tyranno!..
E tu, briosa nação de um povo livre,
França, e tu, Albion, nação d'hypocritas,
Que, professando o mais sordido egoismo,
Fazes praça de ser tão philanthropa,
Vistes esse acto nefando do mais forte;
Apregoar ouvistes o bando insultuoso
Da escravidão da vossa irman do Norte,
Della qu'em vós os olhos tinha postos,
E um só soldado por ella não armastes!
Mas o ouro das nações e o seo prestigio
Só servem para nutrir loucos caprichos,
E por elles decretar os morticinios
De Nerwind, Senef, Hogue, Steinkerque:
Então é que os Louvois bradão por guerra,
E desenvolvem toda a energia!..
Mas tremei vós tambem á vosso turno
Dêsse colosso do Norte, que se eleva;
Tremei do urso polar que estende os braços
Desde o Baltico até alem de Behring:
Tremei, tremei dêsses filhos de Magog,
Que ja forão fataes ao Meiodia,
E o grande imperio dos Cesares prostrárão:
Tremei que um dia os seos Tartaros ferozes
Se não lembrem de trocar a Ukrania e o Bog
Pela vossa Provença e bello Clyde.

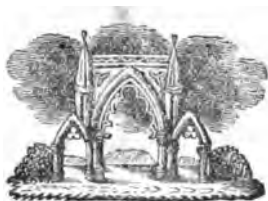
É sim escrava! mas não o foi por culpa;
Não o foi por corrupção, nem covardia.
Enthusiasmo pela liberdade;
Amor de patria; bravura em deffende-las,
Outro povo jamais mostrou mais fortes!
Assás d'esforços tem feito por livrar-se,
Esforços de desespêro! esforços caros!
Em que por ora só tem ganho o destêrro,
A proscripção, o patibulo e a Siberia!
Assás d'esforços tem feito por livrar-se;
E nelles, de quantos caudilhos hão passado,
Propugnadores da santa liberdade,
Desde Spártaco e Cívilis té Rienzi,
Eclipsárão a gloria, o nome e a fama,
Skrzyneki, Kosciusko e Dembinski.
Nelles vírão por vezes enganosa
Sorrir-lhes a aurora do astro á que servião;
Victoriosas a patria e a liberdade
Em Mariampol, Dembe, Wraclawek e Zelechow.
Mas a sorte das nações é lei de ferro,
Que se não quebra, emquanto não cumprida:
E os esforços da illustre profligante
O debater forão da pomba sob as garras
Do poderoso milhano que a tem presa.

Varsovia perdeo o foro de metropole;
Nem é mais a côrte de um reino independente!
Um vice-rei a preside, e habita os paços
De Sigismundo Augusto, que a creára
Capital do reino então livre da Polonia!
Mãi querente de seos briosos filhos,
Por amor delles tem sido duas vezes
Reduzida ao ultimo fado das cidades,

Ao bombardeamento, ao incendio e á pilhagem!
Brutal Souwarow! brutal, inda mais fero,
Paskewitch! de um despota vil escravo:
Tu que a cidade polaca derruiste,
Para sobre erigir-se a moscovita! —
Acto de um despotismo nunca ouvido,
Da proscripção não foi salva a propria lingua!

Como, porêm, o bem, o mal tem termo.
O mesmo povo maldito do universo,
Escravo mais de uma vez, tambem mais d'uma
Se libertou de seos duros oppressores,
E deixou de ser a partilha dos Seleucidas.
O povo que ja uma vez, entre as mais gentes,
Teve o nome de nação, e a si regeo-se,
Jamais s'esquece da sua liberdade,
E jamais ao jugo d'estranhos se habitua.
E então, emquanto os tyrannos que o opprimem,
O somno dormem do luxo e da molleza,
A sua victima vela, trama e obra.
Embalde para a conter se erguerãõ forcas;
Embalde reluzirãõ tersos cutellos:
Que a liberdade faz dos seos apostolos
Outras tantas hydras de Lerna inextinguiveis,
E prolifico o sangue d'Horn e Egmont.

Não esmoreças pois, pobre Polonia! —
Longos evos penou no captiveiro
A tua preclara irman do Sul; e nelles
Supportou o que de mais injurioso
Pode haver para um povo que foi livre:
O seguir a sorte de seos dominadores,
Que, á seo turno, de tyrannos tambem passão

Á tyrannia passiva: e nesse longo
Correr de tempo tambem fez seos esforços
Por sacudir o jugo que a gravava;
Esforços que, como os teos, tambem frustrárão-se.
Mas emfim chegou o seo dia de vingança;
E da Heteria á voz tomando as armas,
Tornou a ser outravez a bella Grecia
Da antiguidade, livre e gloriosa!..
O teo tambem chegará pois, ó Polonia:
E então, unisono um brado retumbando
Da Lithuania á Galicia, ha de um rokoss
De novos bravos se erguer que reconquistem
Tua pacta conventa e a liberdade.

ENCANTAMENTO.

Tanti cuori Amor piglia, fere e ancide,
Quanto Ella o dolce parla o dolce ride.

POLIZIANO.

Ou tu és divina illusão da minha mente,
Euzina, ou então és a mais sublime
Das realidades que o mundo me offerece!..
Se me amofina a tristeza e eu te vejo,
De um ineffavel gôsto penetrado,
Rio-me, como sorri o tenro infante
Á carinhosa mãi que o tem ao collo.
Ainda não aprendeo a conhece-la,
Nem estimar o quanto á ella deva;
E todavia ja quer-lhe mais que aos outros,
E ja lhe sorri com mais gôsto e ternura;
Porque acha o quer-que seja no seo rosto,
Com que mais sympathisa o seo instincto.
Se, possuido d'algum terrestre jubilo,
Á hilaridade m'entrego, em mim opéras
O mesmo effeito que a longa experiencia.
És um celeste guarda que me assiste

E á verdade me chama e ao paraiso,
Todas as vezes que vê-me ir empegando
No oceano da vida enganadora...
Tu és para mim, ó bella incomparavel,
O que é o Ceo para a alma, ao despojar-se
De seo involucro vil e miseravel;
O que para o viajante do deserto
É o risonho oasis qu'elle avista;
O que para o coração é a poesia,
E para a mente um passado de saudades..
Euzina, quando ha de o hymeneo com a sua teda
Presidir o nosso nynpheo, e pôr um termo
A infructuosa paixão que nos devora?!

MELUSINA.

I.

« Onde vais, Melusina, tão tarde?
Onde vais, meo tão caro penhor?
Ind'ha dias casada tão poucos,
E ja deixas o leito de Amor?!

» Ouve os ventos que zunem medonhos;
Ouve o mocho sinistro a piar;
Ouve o lobo que uiva faminto;
Ouve os caẽs la ao longe a ladrar.

» Estas horas são horas d'encantos,
De duendes e almas penadas,
De phantasmas, horrores e larvas,
De más bruxas, gnomos e fadas.

» Estes sitios são mal assombrados:
Nelles mais de uma vez se ha ouvido
A gemerem phantasmas, de noite,
E a fazerem plangente alarido.

— » Ja, ó conde, tão cedo esqueceste
Os preceitos do nosso hymeneo?
Meianoite não tarda que chegue » . .
Assim disse, e desappareceo.

II.

Melusina com o conde casando
Raimundino, com elle ajustára
De não ve-la nos dias de sabbado;
E esse dia, o primeiro, chegára.

Foi-se ella, e ficou Raimundino,
Que de prompto cabio no passado: —
Assim fôra; e ai della! se acaso
Esse voto não fosse guardado.

Foi-se ella, e ficou Raimundino
Opprimido d'extremo pezar: —
Era a vez que se via primeira
Obrigado á tão duro apartar!

III.

No castello isto passou-se
De Lusignan, tão famoso,
Assim chamado do nome
De Melusina formoso.

IV.

La se vai a linda esposa,
Mais leve que a viração,

A enfiar corredores
E sobre um outro salão.

Chega á porta do castello;
Acha a ponte levantada:
Não foi preciso abate-la;
La vai alem apressada.

Campeava a lua, cheia,
Em seo zenith a luzir
No mais puro ceo d'outono,
Qual bella dona a sorrir.

Meigo silencio reinava;
Voz humana não se ouvia:
Somente a briza da noite
Suavemente gemia.

V.

Melusina entretanto não parava,
Melusina tão formosa!
Tão formosa ca na terra,
Como a lua la no ceo.

Sob seos pés, a terra, em riso aberta,
Amores, graças vaporava aos centos.
Timida briza, lhe adejando em tôrno,
Os desataviados, longos, finos ebanos,
Enamorada de ve-la, lh' ondeava.
De Carthago, tão bella, na floresta
Ao erradio filho não mostrou-se Venus!
Com os reaes paramentos tão formosa

Não vio-se em Tarso a seductora Egypcia!

VI.

Á bosque espesso chegada,
Ella nelle s'entranhou;
E de uma fonte sabida
O caminho demandou.

Chegou emfim á seo termo: —
Um amplo tanque formava
A fonte, que, marulhosa,
De viva rocha manava.

Era o bosque ahi mais denso
Pelo frescor do lugar:
Só por uma ou outra fresta
Se insinuava o luar.

« Abracadabra! » diz ella:
Abracadabra sòou: —
Deo um gemido, e de prompto
No tanque se arremessou.

VII.

Alguns annos ja erão passados,
E ja fructos contava o consorcio: —
Sempre o mesmo mysterio nos sabbados;
Sempre nelles o mesmo divorcio.

Então negras suspeitas o conde
Começou contra a honra a sentir

Da consorte, que tanto zelava,
E o mysterio assentou descobrir.

Oh! que se elle, imprudente! soubesse
De que damnos causal ia ser,
Jamais nunca o ciume o vencêra;
Antes delle quizera morrer!

Em um sabbado, á hora da sesta,
Penetrando no bosque, vai ter,
Por atalhos, á fonte, de manso,
Para della sentido não ser.

Vio então Melusina a banhar-se,
Pelo tanque, qual cysne, nadando,
E com cauda de serpe escamosa
Seos cabellos e faces rorando.

Da cintura p'ra cima era a mesma
Melusina, a esposa gentil;
Mas p'ra baixo era um monstro hediondo,
Repulsante, asqueroso e mũi vil!

VIII.

Seos fados ella cantava
Com maviosa inflexão: —
Prestou ouvidos o conde: —
Dizia assim a canção:

« Sou a fada Melusina;
De regio sangue nasci:

Tenho por patria a Albania: —
Por meo mao fado ando aqui.

» Elinas meo pai chamava-se;
Minha mãi se chama Pressina: —
Duas irmans tenho fadas,
Meliór e Palatina.

» Por despicar uma affronta
Que á minha mãi fez meo pai,
Sotopu-lo á uma serra,
Por encantos: — de mim ai!

» E, por maior culpa ainda,
Minhas irmans seduzi
A me ajudarem no crime;
E dêste modo as perdi!

» Minha mãi, banhada em pranto,
Ao sabe-lo, nos punio;
A mim mais severamente,
Como a que mais delinquio.

» Eu, condemnada nos sabbados
Fui em metade a perder
A forma humana e de serpe
Tomar o vil parecer.

» Carregando este meo fado,
De minha patria sahi;
E atravessando mil terras,
A final vim ter aqui.

» Encontrei nobre mancebo
Que d'esposo deo-me a mão: —
Casei-me; e ambos vivemos
Na mais perfeita união.

» Se o juramento que fez,
O meo esposo guardar,
De me não ver nesses dias,
Nem o mysterio sondar,

» Acabarei como acaba
Qualquer vivente mortal,
E comigo ha de acabar-se
O meo destino fatal.

» Mas se acaso elle, em contrario,
Seo juramento infringir,
Hei de soffrer meo castigo
Até se o mundo extinguir. » . .

Assim cantou Melusina;
E á proporção que acabava,
Qual brando mêlro, a cantiga
De novo principiava.

IX.

Tudo vio e ouvio Raimundino,
Que, qual pedra, ficou, d'estupor: —
Esse ente que tanto elle amava,
Era um ente infernal: — oh! horror!

E esse ente, á quem inda assim mesmo
Elle tanto sentia querer,
Demais era, por sua imprudencia,
Condemnado á eterno soffrer...

Ao castello voltou Raimundino,
Revolvendo na mente o passado,
Que jamais poderia esquecer-lhe,
Pois ficára-lhe em mente gravado...

Meianoite chegára, e o encanto
Da fadada infeliz se quebrou;
Mas debalde esperou Raimundino:
Ella ao leito de Amor não tornou.

X.

Mas, eis que o dia amanhece,
A vai elle procurar
Pelo castello, ancioso
De nos braços a estreitar.

No pavimento encontrou-a
De um escuro camarim,
A chorar, deitada, e dizendo
De quando em quando « Ai de mim! »

Quiz toma-la entre seos braços,
Mas ella se lh'escôou
D'entre as mãos; e quando o conde
Confuso p'r'o ar olhou,

Ouvio que uma serpente
Com azas assim dizia,
Em tom de dor e sentido,
Expressão d'agra agonia:

« Quebraste o teo juramento,
Ingrato esposo, que assim
Em soffrimentos me abysmas
Que nunca mais terão fim!

» Não viveremos mais juntos,
Ja que assim, conde, o quizeste: —
Uma barreira invencivel
Entre ti e mim pozeste.

» Mas aprende, antes qu'eu va-me,
De nossa estirpe o futuro;
E desde ja sabe qu'ella
Ha de ter fado bem duro!

» Não gozará jamais nunca
De seos dominios em paz: —
Ha de viver sempre em guerras,
Por seo destino tenaz;

» Até que, sec'los volvidos,
Ha de remir um heroe
A injuria que me fizeste,
Que tanto n'alma me doe!

» Goffredo ha d'elle chamar-se;
Que em façanhas e gloria

Excederá tudo quanto
De outros menção faz a historia. »..

Disse; e de prompto enfiando
Os ares, no azul se sumio
Do espaço, o conde deixando
Confuso do que lh'ouvio...

XI.

De Sassenage as cavernas
Foi Melusina habitar,
Que os camponezes ind'hoje
Se temem de devassar.

D'ahi se diz que a fadada,
Quando morre algum senhor
Da familia, ouve-se ainda
Exhalar triste clamor.

AO OCEANO.

Não, não é uma illusão;—eu reconheço tua voz, ó meo amigo!—Muito há ja que a não ouço.

OSSIAN.

Magnifico, bello Oceano, emfim te vejo!
Depois da ausencia de sete longos annos,
Que de ti aprouve á fortuna ter-me ausente,
Vendo somente selvas, e regatos;
Que outra cousa não são á tua vista
Ainda mesmo o Orenoco, o Prata, o Niger;—
Vendo por toda a parte limitarem-me
O pensamento e a vista vis collinas;
Que outra cousa não são á tua vista
Ainda mesmo os Apalaches.

Jamais côou tão crueis, agras saudades
Um velho amigo, um amante apaixonado,
Longe do caro objecto de su'alma,
Como eu, privado de ver-te e contemplar-te!
Com tanta effusão não vê o nauta o porto,

Depois de longa viagem, tormentosa!
Com tanto extasis não vê as franças patrias
O peregrino ou o triste desterrado
Qu'envelheceo em terras estrangeiras,
Mendigando o pão do exilio!

Quasi não posso crer minha ventura;
Tão grande é ella e tão pouco a esperava!
Este infinito, este azul, estes bramidos,
Tudo isto é illusão de um bello sonho!..
Mas não, não é illusão isto que vejo:
O pensamento e os olhos são despertos;
E, como o incredulo apostolo, emfim te tóco.
É esta a immensa bahia de San'Marcos,
Onde, pela vez primeira, ainda infante,
Montei teo tumido dorso...

Que eu não seja um Anteo ou um Encelado,
Para estreitar-te nos meos braços gigantes,
Que te cingissem, como tu a terra!
Para collar minha face contra a tua,
E palpitar sentir sobre o meo peito
O teo coração revôlto e arquejante!..
Quizera assim expandir minh'alegria,
E magnificar minh'alma com o contacto
Da infinita grandeza que imprimio-te
O teo senhor suzerano.

Maravilhoso elemento, ó Mar ingente,
Quando te ouço e te vejo, tu me fazes
Communicar com todo o universo,
E parecer que o tenho todo á vista,
Com o pensamento gravado de seos fastos...

O labyrintho parece-me estar vendo
Do Archipelago, as costas d'Anatolia,
A gloriosa Italia, o velho Egypto,
A soberana Albion com as suas frotas,
A singular Veneza,

Tão formosa quanto illustrada por seos feitos,
A Oceania com o seo grupo de mundos
Por teos immensos desertos espalhados,
E o picturesco archipelago das Antilhas:
E de prompto os nomes me occorrem á lembrança
Dêsses homens famosos que hão passado
Sobre a terra, deixando delles nota
Sobre a pagina escripta do universo:
Grandes de si para si, mas pequeninos,
Comparados comtigo.

Parece-me ver esses genios atrevidos,
Dampier, Wallis, Mendana, Bougainville,
Dias, Gama, Magalhães, Tasman, Schouten,
Mais semelhando a deoses que a homens,
Com o leme em punho e o ôlho na bussola,
Só por guarida tendo a um fragil barco,
As solidões sulcando de teo seio,
Á descobrirem novos hemispherios,
Novos paizes, gentes e passagens
Por teos immensos dominios.

Que fôrça haverá no mundo que t'iguale;
Que poder, que magestade, que grandeza?!
Aprouvesse ao Deos poderoso, á quem só curvas
A entonada cerviz, rebelde aos homens;
Aprouvesse-lhe, e tu poderias n'um instante

O que os Tamerlães, os Tomboros, os Attilas,
Os furacoẽs, o fogo, as tempestades,
Jamais poderão:—devorar a terra inteira
Com os seos habitantes, glorias, monumentos,
Babylonias e riquezas!

Que phantasia porém ou que linguagem
Bastará para exprimir tua grandeza?
Tu és o mais portentoso dos phenomenos;
Dos elementos todos o mais forte;
O mais desabrido despota e potente;
O problema, emfim, mais sublime e impenetravel
De todos quantos a vária natureza
Offerece aos olhos do home' e á sua mente!
Que pois se curve ante ti esse vil atomo,
Sem que busque sondar-te.

Magnifico, bello Oceano, emfim te vejo!
E á teos rugidos horrisonos minh'harpa,
Emmudecida ha tanto, se electrisa,
Como ao galvanico choque o corpo humano,
Ou o guerreiro ao ouvir o som das balas.
Oh! que, se tua grandeza ella igualasse,
Foras o unico assumpto de seos hymnos,
Até que o seo tangedor, deixando a terra,
Como Colombo, buscando um novo mundo,
A levasse aos pés do Eterno.

CANÇÃO DE BUG-JARGAL.

(TRADUZIDO DE VICTOR HUGO PELO DOUTOR A. G. DIAS.)

Maria, porque me foges?
Porque me foges, donzella?
Minha voz? — o que tem ella
Que te faz estremecer?
Tão temivel sou acaso?!
Sei amar, cantar, soffrer.

E, quando ao travéz dos troncos
Percebo d'alto coqueiro,
Junto ás margens do ribeiro,
A sombra tua a vagar,
Creio ver passar um Anjo,
Que os meos olhos faz cegar.

E dos labios teos se escuto
Deslizar-se a voz, Maria,
Cheio d'estranha harmonia,
Pulsa o peito meo queixoso, —

Que mixtura aos teos accentos
Tenue suspiro afanoso.

Tua voz! eu quero ouvirt'a
Mais do que as aves cantando
Que vem da terra voando
Onde eu a vida provei, —
Da terra em que eu era livre,
Da terra em que eu era rei.

Liberdade e realeza
Hei de perder da lembrança,
Familia, dever, vingança...
Té a vingança m'esquece, —
Fructo amargo e deleitoso,
Que tão tarde amadurece!..

És, Maria, qual palmeira
Altiva e bella e engraçada
No tronco seo balançada
Por leve briza fagueira, —
No teo amante a rever-te
Como na fonte a palmeira.

Mas não sabes? — do deserto
A tempestade valente
Corre ás vezes de repente
Por acabar, apressada,
Com o seo halito de fogo
A palmeira, a fonte amada.

E a fonte ja mais não corre;
Sente a verdura sumir-se

A palmeira, e contrahir-se
A palma sua em redor,
Que de cabellos dava ares,
De c'roa tendo o esplendor.

D'Hespaniola ó branca filha,
Treme por teo coração;
Treme á fôrca do volcão
Que vai cedo rebentar,—
E depois amplo deserto
Só poderás contemplar.

Talvez qu'então te arrependas
De me haveres desdenhado,
Porque houveras encontrado
Salvação no meo amor,
Como o kathá leva á fonte
O sedento viajor.

Porque assim tu me desdenhes
Não, Maria, não o sei;
Que d'entre as frontes humanas
Levanto a fronte, sou rei.

Sou negro, sim; tu és branca.
Mas qu'importa?—junto ao dia
A noite o poente cria,
E cria a aurora tambem,
Que mais doces, mais brilhantes
Bellezas do que elles te'm.

MELANCOLIA E CONSÔLO.

Des tristesses sans nom plus douces que la joie.

TURQUETY.

Muitas vezes, á hora do crepusculo,
Nesse ultimo estertor da luz do dia,
Quando oppresso me sinto da tristeza,
E por consôlo clama o meo espirito,
As companhias e circulos demando,
Por divertir o mal que me acabrunha!
Mas debalde o procuro, que o remedio
Em germen de maior dor se me converte!..
Então sinto como travar-me mão incognita,
E acenar-me que a siga, como acena
Longinqua luz, scintillante, ao forasteiro
Em tormentosa noite transviado:
E assim vou, sem saber p'ra onde leve-me,
Como estafermo, o meo mentor estranho.
E quando de mim me acórdo, ou conduzido
Á alguma costa me acho solitaria,
Ouvindo o mar se quebrar contra rochedos;
Ou á alguma selva inhabitada,

Onde reine a solidão em todo o imperio...

Então sinto succeder-me ao desespêro
Branda melancolia, que me afaga.
(Que coração magoado se não sente
Na solidão expandir?—Foi nas selvagens
Brenhas do Novo-Mundo que Renato,
Do Meschacebeo sentado ora nas margens,
Ora o fragor escutando do Niágara,
Dulcificou as magoas de seo peito.)
Meditabundo sento-me, e pousando
Em uma das mãos a face, na memoria
Passo e repasso tudo o que na vida
Tenho visto e ouvido e cogitado:—
A instabilidade de tudo o que é do mundo,
Prazeres, penas, por que tenho passado,
Os meos amores d'outr'ora, os nomes caros
Dêste e daquelle amigo ou companheiro,
Que, uns ja não vivem, outros esquecêrão-me;
Tudo emfim quanto um echo acha no peito;
E de lagrimas os olhos se me arrasão!..
Então nellas uma luz vem reflectir-se:—
Olho, e vejo no horizonte vir surgindo
A doce estrella da tarde, que s'eleva
Á proporção que o sol vai se afastando
Do horizonte opposto, em que sumíra-se.
Subito então se me aclara o entendimento,
Illuminado por essa luz divina,
Que da mansão dos Anjos me conforta,
E a immortalidade promette ao meo espirito,
Ja tão cançado da vida e seos enganos;
E então chóro de meigo regozijo,
Como o nauta escapo á tormenta, ao ver o porto.

A BORBOLETA.

APOLOGO.

Gémissons sur leur tombe, et n'aimons pas comme eux.

COLARDEAU.

Do mar á borda adejando,
    Faceira borboletinha
Buscava, onde pousasse,
    Suave, linda florinha.

Pouco havia s'escondêra
    Das vagas no seio o sol,
De rosea côr colorindo
    O vespertino arrebol.

Por mais que revôos désse,
    Não achando, a desgraçada,
De seo amor os enlevos,
    Eis que pousa de.cançada.

Para o mar lançando os olhos,
Um rosal se lhe figura,
Por suggestões de seo fado,
Do horizonte a pintura.

De contente não cabendo
Em si, a bella vaidosa
Sem mais exame s'entrega
Á extensão tormentosa.

Sobre as azas dos favonios
Suavemente adejando,
Cada vez s'ia da terra
A pobre mais afastando.

Emvão porêm se cançava:
De seos ardores não vê
A desejada baliza,
Que não longe de si crê.

No entanto ja a noite,
De seo tetrico involtorio,
Da luz, nas ultimas vascas,
Celebrava o mortuorio.

Pouco á pouco s'estendendo,
Pouco á pouco ennegrecia
Os arabescos rosados
Por que a louca morria.

Ja de todo era extinguido
O negaceiro phanal:

Em seo êrro então cahindo,
Lamenta a triste seo mal.

Viera porêm ja tarde
O desengano á infeliz,
Que d'estafada ja era
A baquear por um tris.

Á seo fado emfim cedendo,
Levada de um furacão,
Desce ao mar, onde sepulta
Sua belleza e paixão.

Os olhos ponde, ó humanos,
Nesta victima de Amor:
Aprendei della a ser cautos,
A moderar vosso ardor.

AD LYDIAM.

(TRADUZIDO LIVREMENTE DE GALLO.)

Lydia, formosa donzella, que casados
Na transparente côr da tez mimosa
Tens da rosa o rubor e o alvor do lirio,
Sólta, ó virgem, por teos hombros de neve
Esses louros cabellos, qu'eu os veja
Quaes ondas d'ouro brincando em mar de leite;—
Deixa-me ver teos olhos luminosos
E as arqueadas negras sobrancelhas,
Não menos bellas que o iris desenhado
Pelo pincel de Phebo em ceo d'inverno;—
Deixa-me ver essas tuas roseas faces
Em que a purpura de Tyro transparece;—
Consente que sobre os teos labios corallinos
Os meos imprima, ó donzella, e nelles colha
Suaves beijos quaes dão-se as meigas pombas.—
Tu me fazes delirar, cruel! de ardores.
Esses teos beijos me abrazão e penetrão:—
Porque me queres matar assim em vida?

Esconde, qu'eu os não veja, esses teos pomos,
De voluptuosidade arfando docemente,
E esses botões de rosa que os coroão.
De cinnamomo um vaso é o teo seio;
O teo todo um paraiso de delicias.
Esconde, qu'eu os não veja, esses teos pomos
E esse collo d'alabastro que m'inflammão,
De tão viçosos que são e incitantes!
Não vês, cruel! que me vou esvaecendo:
Porque persistes assim em teos rigores?!

QUE DIA D'ANNOS!

Qu'ils sont malheureux ceux qui
sont nés malheureux!

YMBERT GALLOIX.

. . . Nulle part le bonheur ne m'attend.

LAMARTINE.

O que é o tempo, esse ente metaphysico?
O que os annos, os dias e as horas?
Com mathematica justeza em defini-los
Se afanem outros, elucubrando a mente.

Quanto á mim, chama-los-hei os impassiveis
Espectadores tyrannos das miserias
Que múltigeneres pesão sobre o mundo,
Da destruição dos entes e das cousas.

Irreflectidamente dizer á cada passo
Se ouve ao homem: « Tantos annos conto;
Tantos annos ha que fiz isto ou aquillo: »
E louco riso, ao dize-lo, os labios roça-lhe!

E eu direi: « Tantos annos ha que conto
No purgatorio da vida rejeitado;
Tantos que á duros tratos fui mettido,
Sem que penetre do meo castigo a causa!

» Tantos annos que m'embala o meo Perillo
Com a esperança da Terra-Promettida:
Mas ja ha tantos que ás suas portas clamo
Sem que appareça alguem que m'as franqueie. »

Fôrça me é então crer: oh! tenho sido
Da enganosa esperança vil escarneo!
Na illusão continue pois quem quéira,
Que eu renegado tenho a essa impostora.

Por captar-me outravez, debalde, affirmo-lhe,
Me mostrará da ambição os nobres louros,
Do amor a taça suave e deleitosa,
Com que d'astucia adormecer soia-me.

Debalde, sim, quererá inda animar-me,
Que á seos engodos será minha resposta:
« Ja te conheço, ó perfida! procura
Quem illudido por ti não fosse ainda. »

18 de dezembro de 1842, vigesimo quinto anniversario do autor.

O POETA.

Guarda, ó rei d'harmonia, a tua lyra
Para um mundo melhor do que a terra.
És entre os homens um ente peregrino;
A tua patria é o Ceo: ve-la-has um dia...
Aqui te cabe chorar o teo exilio
Como outr'ora chorou o Israelita
A sua cara Sião entre os Assyrios.
Então elles as harpas pendurárão
Dos salgueiraes que as margens sombreavão
Dos rios da Babylonia, e protestárão
De nunca mais as tanger senão de volta
Á terra dos seos amores e saudades.

Vate, vate, o que és tu?—um seminume
Em corpo humano contido; um enviado
Das regiões do Ceo aos habitantes
Dêste globo de trevas e miserias
Para os esclarecer sobre o futuro;
Um anjo de salvação e de doçura
Para fallar-lhes de paz e de concordia
No meio de suas lutas insensatas

E furiosos combates sanguinarios;
Um pensador divino, com a cabeça
Cheia d'imagens celestes e d'encantos,
Que d'illusões elles, nescios! appellidão
Porque a realidade sua desconhecem,
E a boca—dessa linguagem seductora
Que só tem echo e sentido no teo peito;
Um justo á terra mandado para exemplo,—
Cantando a virtude só por amor della,—
Ferreteando o crime e os tyrannos
Sem temer o seo poder e ameaças,—
Sem ambições,—só por tudo possuindo
A tua lyra e com ella só contente.

Eis, ó vate, o que és, e entretanto
Os reprobos entre quem vives te desprezão
Porque te não comprehendem, com os olhos
E o pensamento fitos sobre a terra,
Emquanto que tu com a mente ao Ceo aspiras.
E entretanto esses reprobos te mordem
A bemfeitora mão, como a serpente
A do insensato que afagos lhe dirige...
Se algumas vezes os ouves te applaudirem,
Acaso pensas que o fação por justiça
E por te o merito honrarem?—Louco e credulo!
Facil em t'illudir! se assim o julgas.
Esses louvores e applausos ou procedem
De affectação de gôsto, ou, se sinceros,
São de breve duração, porque, tornados
Logo aos seos sentimentos ordinarios,
De t'os haverem dado se arrependem
Corridos do nobre transporte que sentírão;
Como o fôra de uma torpeza praticada

O homem probo e honesto, ou dos affectos
Que rendesse á uma mulher de vida infame.

Por uma vez, illudido! desengana-te
Sobre o destino teo na vida falsa
Que se vive na terra.—Para outros
As delicias vulgares da existencia,
Para ti as suas miserias humilhantes..
Se não tens animo para supporta-lo,
Renega da tua missão e do teo nome
E passa com o vulgo a partilhar seos gozos.
Não prostituas a lyra e esses louros
Que só assentão ás frontes elevadas,
E não ás dêsses que, curvos para a terra,
Nella buscão o summo-bem da vida.
Se porêm te sentes com assás de fôrça
P'ra mendigando errar de terra em terra
Sem da tua indigencia te pezares,
E nos hospicios morrer ao desamparo,
Dêsses mesmos repellido a quem honrares,
Toma lugar no còro dos eleitos
A quem Deos assinalou d'entre os mais homens.

A recompensa, dizes tu, de tantos males?
A recompensa!.. E és tu que o ignoras?
Tu, alumno da gloria e della filho,
Desconheces o gôsto dêsse fructo?!
A recompensa de tanto sacrificio?
É a que sôem ter os homens justos
E aquelles a quem o Ceo dotou de genio:
A benção da humanidade e um nome eterno!
Emquanto que aquelles ou morrem com a vida,
Para nunca mais se saber que existírão,

Ou se legão um nome á eternidade,
É o nome execrado dos tyrannos,
Para castigo dos males que causárão.

Gloria! immortalidade! nomes magicos,
Cujo fructo embriaga e recompensa
De quem o colhe as mais asperas fadigas,
Outros, que não os teos mimosos filhos,
Um simulacro vos chamem e um sonho
Da phantasia estulta dos humanos!
Não; não é o mesmo o viver de um só dia
Que a vida eterna dos corpos que abrilhantão.
A immensidade dos Ceos.—Os soffrimentos,
Aliás breves, que custa o teo alcance?
Em que pois dos faceis bens foreis distinctas?
Não é nos baixos lugares e planicies
Que o entendimento e a vista se approximão
Das regiões da bemaventurança
Á que aspirão as almas já cançadas
Do incessante lidar da vida humana;
Mas sim do cimo escabroso das montanhas
Pela intemperie tisnado,—sobranceiro
Á precepicios horriveis que o circumdão,
E pelo fogo sulcado dos coriscos.

Guarda, ó rei d'harmonia, a tua lyra
Para um mundo melhor do que a terra.
És entre os homens um ente peregrino;
A tua patria é o Ceo: ve-la-has um dia:
Um dia, quando o teo Cyro, libertando-te
Da escravidão da vida, franquear-te
As barreiras que do Ceo a terra extremão:
Porque então, emquanto os ingratos que na vida

Te repellírão teo berço disputarem-se,
Tu terás regressado para sempre
Á tua cara Sião, e a tua lyra
Farás ouvir á quem bem te comprehenda.

Á MORTE DE UMA NOBRE DONZELLA,

PREZADISSIMA PRIMA DO AUTOR.

(TRADUZIDO DE LORD BYRON.)

Os ventos dormem; a tarde é calma e triste!
Nem um só zephyro vaga pela selva.
A ver tornemos de minha Margarida
A sepultura, e de flores a junca-la.

Ei-la aqui que repousa nesta cella,
Ella, de vida ha pouco inda tão cheia!
A innocencia, o merito, a belleza
Da avidez da morte a não remírão!

Oh! se a morte deixasse abrandecer-se,
Ou revogasse o Ceo firman tão barbaro,
Eu aqui não seria a deplora-la,
Nem a musa a lembrar suas virtudes.

Mas porque lagrimas, se, bella como o dia,
Para as plagas dirigio do sol seo vôo,
Onde, della travando, os Anjos levão-na
No paraiso a tomar eterno assento?

Porque pois ha de a vaidade dos humanos
Loucamente accusar a Providencia?
Longe de mim arrôjo tão culpado:
Humildemente á meo Deos me submetto.

E todavia ella existe inda em meo peito;
E todavia lembrar-me inda não posso
De suas raras virtudes e belleza
Sem dar lugar á uma lagrima que corra.

1802.

Á E...

(TRADUZIDO DE LORD BYRON.)

De nos ver pela amizade entrelaçados
O insensato ria-se que ignora
O que a virtude tem de nobre e grande,
E só incensa do vicio as torpes aras.

Nem te corras do teo humilde estado .
Porque um nome mais nobre da-me o mundo:
Brazões excusa do merito a modestia,
Que muitas vezes do vicio as librés ornão.

Iguaes somos e irmãos nos sentimentos:
É o que basta para nivelar-nos.
E pois que suppre natura os bens do mundo,
Continuemos a ser, quaes sempre, amigos.

Novembro de 1802.

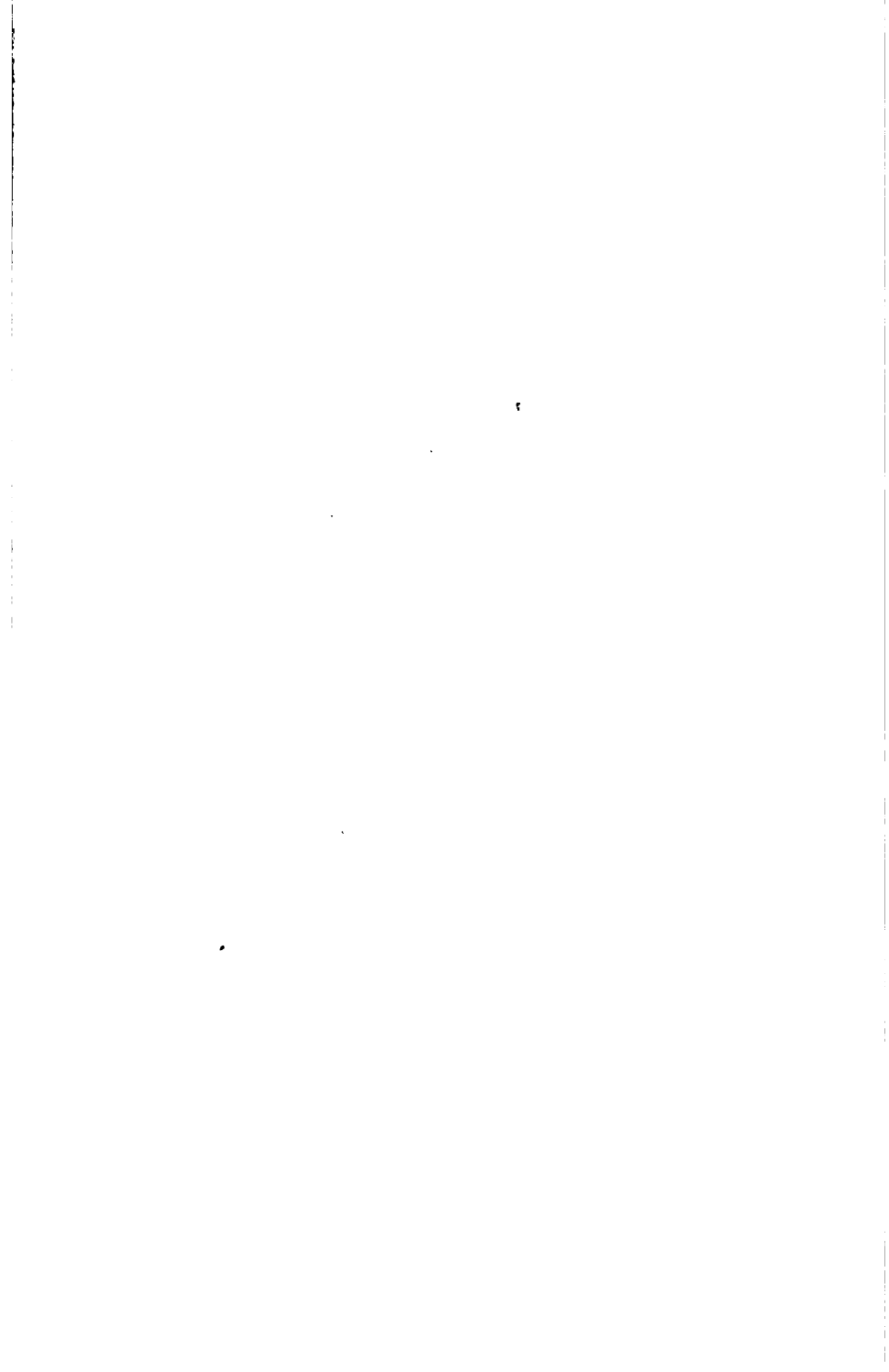
À D...

(TRADUZIDO DE LORD BYRON.)

Em ti cria abraçar eu uma amiga
De que só podesse a morte despojar-me.
Sonhos de amor! porque ainda em vida
Te me roubou a inveja para sempre!

Mas, bem que á meo coração t'ella arrancasse,
Conservarás sempre nelle o teo assento.:
Nelle, nelle viverás até que tenha
De palpitar cessado para amar-te.

E quando abrirem da campa o sêllo os mortos;
Quando animar-lhes nova vida os restos,
Com a cabeça em teo seio reclinada,
Provar-te-hei que o meo Ceo és tu somente.

Fevereiro de 1803.

DELIRIO.

Que ambos nos fez dous monstros a ventura,
A mim de amor, a ti de formosura.

G. P. DE CASTRO.

Quando, ou junto á teo lado, ó minha bella,
Com o braço sobre os teos hombros descançado,
Contra a tua a minha cabeça reclinando
(Postura angelica! qu'exprime o amor mais puro),
Ou com ella repousada em teo regaço,
Na meditação me absorvo, e pensativo,
A imaginação esgotando, e reunindo
Tudo quanto o universo tem d'encantos,
Creio realizar esse ineffavel
Bello da phantasia de um poeta;
Mas ao depois o vejo esvaecer-se
D'ante os meos olhos, como se um sonho;
E despeitoso, tornando á mim, deparo
Com o paraiso de teos olhos divinos,
Extasiado, então, me reprehendo
De minha cegueira, e louco me appellido!

Eu que, tendo esse bello á minha vista
Realizado, louco o demandava
Nos prismas do pensamento e phantasia!..
Anjo de minha guarda, ó bella Euzina,
O teo sorrir é mais doce que os bafejos
Dos dous filhos d'Orithya em verna noite;
O teo olhar mais suave e deleitoso
Que as delicias de um sonho de ternura;
A tua voz mais dulcisona e canora
Que os suspiros saudosos do oceano;
A tua belleza.... oh! essa é incomparavel!
Os diamantes, jacintos e esmeraldas,
Os rubins, perlas, aljofares e rosas,
Os myosotis, lirios e junquilhos,
O sol emfim, as estrellas e a lua,
Tudo isso é inferior aos teos encantos:—
Euzina, quanto és formosa, ó minh'amada!

HYMNO SAGRADO.

Seigneur, être parfait, que tes œuvres sont belles !
Tu fais servir l'accord qui les unit entre elles
Au bien de l'univers, au bonheur des humains,
Par tout je vois empreint le sceau de ta sagesse,
Et tu répands sans cesse
Tes dons à pleines mains.

L. DE POMPIGNAN.

« Finde-se o nada, o universo faça-se:
Ampleiem-se os ceos; no centro do espaço
A terra se equilibre; o ar se espalhe;
Aclare a luz; as trevas se dissipem;
No firmamento brilhem as estrellas;
Fuljão os astros; gyrem os planetas;
O oceano arqueje, erga-se e ronque;
Corrão os rios, no oceano vasem-se;
Verdeje a planta; a arvore se eleve;
Esmalte-se a flor; produza a terra fructos;
As florestas povoem os quadrupedes;
Fenda o ether a ave, a agua o peixe;
Faça-se emfim o home', e, se aprouver-lhe,
Ditoso seja; a liberdade deixo-lhe. »..

Assim la da eternidade
O Omnipotente disse, á cujo grado
A execução, o poder, a fôrça é junta.

Eis creado o universo.
Pasma-se o homem, sua origem busca:
Mas p'ra elle o passado
Não existe; o presente só conhece.

Tudo sente e opéra:—
A natureza, em jubilo s'espraiando,
É toda uma harmonia,
Que ao seo autor mil hymnos sobe e tece.

Salve, quadro magestoso
Do mundo, que me deslumbras;—
Salve, eterna Potestade,
Qu'em tuas obras ressumbras.

Do atheo se suma a voz escandalosa.
Á seductora razão a razão mesma,
De seo êrro entrada, opponha-se; e, concordes,
«Um Deos, exclamarão todos, existe!»

Ah! que importa o tenebroso,
Inescrutavel segredo do universo
Não poder nos revelar a tibia mente?..
Á meos olhos tudo é novo, tudo ignoro:—
Em mim, nos objectos que circumdão-me,
De um sublime mysterio o sêllo vejo.
Mas na minha ignorancia mesmo a prova
Está do ser que o orbe nos inculca,
E do entendimento alem da raia impera.

Se impenetravel mysterio te é o mundo,
Comprehender como queres, fraco humano,
Esse outro mais lobrego mysterio,
Autor daquelle que t'enleia tanto?

Quer espirito ou materia, Deos, tu sejas,
Providencia ou destino, ante ti curvo-me! —
No mar, que ruge, no volcão, qu'estoura,
No sol, qu'exacto nasce e exacto occulta-se,
Nas montanhas, nos valles, nas florestas,
No matiz das flores, na humilde relva,
Na aguia que s'eleva té ás nuvens,
Na ran que no paul loquaz coaxa,
No verme que se arrasta sobre a terra,
Tua mão eximia, teo saber descubro!

Adeja, minh'alma, e sobe;
Penetra no firmamento:
Esqueça-te o mundo e busca
De Jehovah o assento.
Ao Credor hymnos tece:
É quanto vês obra sua;
O ceo, a terra, as estrellas,
Micante sol e a lua.

Tu, Senhor, não me déste mais que o peito
Para amar-te, e a voz para louvar-te.
Talvez que assim á teo subido throno
Minhas vozes não cheguem, e as não ouças!..
Mas ah! Senhor, perdôa; fui blasphemo!
Tu ouves tudo e sabes, tudo alcanças:
Meos louvores escuta; os não desdenhes.

Meo esp'rito s'engrandece;
Se exalça té ao Senhor:
E como se, da existencia
No termo, o toque sentisse
Da divinal, santa uncção,
Se santifica e s'esquece
Do mundo, na devoção.

Os Ceos se abrem, franqueião:
Uma luz que offusca as outras,
De radiação nunca vista,
De purp'ra e ouro cercada,
Do celso Empyreo descende.

Hymnos sôão: silencio! .. Quem os tange?
Melodiosos hymnos d'innocencia,
De grandeza, mais nobres, mais suaves
Que os do guerreiro, quando volta ovante!

Hymnos são ao Eterno consagrados,
Qu' em tôrno á elle os Cherubíns entoão.
É Adonai que desce
Do sojorno seo sagrado.—
Pai de bondade, de ternura extreme,
Vem seos filhos aditar com o seo influxo.

Como quando no Sínai
Á Moisés entregava as sacras taboas;
Com Jacob ou como quando
Travava a luta, tão potente mostra-se.
É o Deos de Judá, cuja grandeza
O Moriah, o Cedar repete e o Nebo.

É o ser sem comêço, o ser sem termo,
Que por si mesmo existe, por si pode;
Que em si concentra a eternidade, os sec'los;
Só á si comparavel, vasto, immenso;
P'ra quem paixões, miserias não existem.

Ao só aceno
De sua mente
Milhões de mundos
Em continente
Brotar se virão:—
Ao seo pensar
Não ha barreiras
A superar.

Mas quem surte este effeito?.. sob os dedos
Da ingenu' harpa vacillão-me,
Emmudecem os nervos; a voz falta-me,
No coração s'esconde;
Empallideço, tremo, a luz me aterra!

Infernal remorso, roedor, lucifugo,
És tu que m'inquietas;
Que me a alma apuas com pungente estoque;
De pejo as faces cobres-me
Ante quem tudo sabe, nada ignora,
Meo fautor, que hei trahido,
Á quem rebelde e ingrato fui á um tempo!

Que fizeste, ó homem!... Que te mais faltava
De bem, quando no Eden, antes da culpa,
Em perennal socêgo e paz vivias?—
Impenetravel á dor, ao pranto, á magoa,

O alimento ultronea te prestava a terra,
Sem que suor vertesses por have-lo: —
Da corrupção intactos, teos dias
Entre o ocio e delicias se passavão.

Quando fez-te o Senhor, « Sê venturoso,
Se aprouver-te, disse; por ti obra. »
Mas, infeliz! o bem te não aprouve,
E para sempre teos males fabricaste!
Contra ti, por teo crime irremissivel,
Indignado, o Eterno. « Vai-te, disse:
Vai-te dêste lugar, que hás perdido,
Onde foste feliz, gozaste a vida,
De que té ora merecedor só foste.
Teo destino transtornou tua vontade
Indiscreta, malevola, imprudente.
As delicias que p'ra ti forão creadas,
Ja por tua renuncia s'extinguírão.
Irás pelo universo um pão precario
De teo suor pelo preço e soffrimentos
Ás estações demandar, á um solo avaro.
Vai-te; eu te condemno aos elementos,
Ao frio, á calma, á tempestade, aos mares,
Á fome. á sêde, ao soffrimento, ás lagrimas,
Á prodição, á calumnia, á inveja, ao odio,
Á masmorra, ao cadafalso e, alfim, á morte. »

Aterradora sentença de juiz potente,
De que appellação ao reo não cabe!
Fatal sentença, que a humanidade abrange,
O delinquente e a prole, sem discrime!

Das creaturas todas tu, ó homem,

A mais perfeita e mais favorecida.
Que de um bruto na mente um deos serias;
Tu que a ti mesmo pasmas com o teo genio;
Que, dos ventos á despeito, em fragil barco
Dos hirtos mares o furor desprezas;
O formidoloso metéoro aos ceos roubas;
Tu que da natureza os adytos penetras;
Dos planetas o gyro exacto marcas,
E alem das nuvens passas temerario;
Tu, infeliz! do bem que deo-te o Eterno,
Por perder-te usaste! — expia ora teo crime.

Como outr'ora ante ti mesmo
Adão, depois de peccar,
Nem p'ra ti, Senhor, me atrevo
As vistas a levantar.
Teo poder e magestade,
Resentimento e rigor,
A lembranca de meo crime,
Me traspassão de temor.

Eis-me reo ante ti, Senhor, confesso!
De clemencia indigno me accuso.
Descarrega sobre mim teo justo golpe,
Tão inexoravel como com Sodoma
E Gomorrha tu ja foste.

Mas.... o que ouço?! — «Mortal, de medo despe-te:
Ante quem te creou, te ama e guarda,
Estás; confia em mim; ergue-te e alegra-te.»
Balsamica voz d'estranha melodia,
Que me desperta e anima! d'onde é vinda?
É a voz de Adonai, do Santo Verbo,

Pelo echo em meo peito repetida!..
Perdão, Senhor! perdão!—por mim julgei-te;
Implacavel te cri; como eu, das fezes
Das humanas paixões tambem eivado,
Vingativo, inclemente, sanguinoso;
A ti, Senhor, que á David perdoaste
Seos peccados; a ti que, do passado
Esquecido, encarnando, a cruz tomaste,
Por salvares a ingrata prole tua;
A dor soffreste, o improperio, os chascos
De uma feroz multidão, desatinada;
Bebeste o amargo calice e morreste!

Eu em ti vejo,
Ó meo Senhor,
Um pai amante,
Um Deos de amor,

Que ao tenro filho
De Agar chorosa,
Na solidão
Quente, arenosa,

Fartou a sêde;
Que ao povo hebreo
Abrio as aguas
Do Erythreo.

Crê-me, Senhor: eu te amo, eu te venero;
Respeito teo saber, tua grandeza.
Tu só podes e mandas; do universo
Tu só és o sob'rano.

Gloria nos Ceos te seja apregoada;
Canções em teo louvor vapore a terra: —
Por uma só boca os Anjos e os humanos
Sem cessar teo nome exaltem.

RECORDAÇÕES DO SECULO.

Omnia fui, et nihil expedit.

SEPT. SEVERO. (AUREL. VICT.)

Since he, miscall'd the Morning Star,
Nor man nor fiend hath fallen so far.

BYRON.

Six pieds de terre feront toujours raison
du plus grand homme du monde.

MATTHIEU MOLÉ.

O viajante assim como que acorda
Do estado de prostração e somnolencia
Em que se sente—acabado de fadiga,
Se electrisa e estupefacto devora
Com inquietos olhos o deserto
Por onde vai transitando—quando ouve
Ao conductor que o guia: « Aqui foi Thebas,
Sparta, Memphis, Persepolis ou Susa, »
E elle ve-se em um ermo que parece
Jamais ter sido habitado!

Neste esteril rochedo pelas ondas
Constantemente á terra disputado,
Filho d'algum volcão, ao que parece,
Junto ao famoso Cabo-das Tormentas,
Pelo cantor dos Lusos celebrado,
É que passou-se o drama inda recente
Do destêrro e da morte do Gigante
Cuja existencia e pena ahi cumprida
O grande Vate predisse sob o nome
De Adamastor ficticio.

Ei-lo alli: —ja não é! só são seos restos,
Á Divindade só inferiores...
Incredul'era a terra; —do atheismo
A corrupção lavrava pelas gentes.
P'ra esclarece-las, Deos irrefragaveis
Provas quiz dar de si: —do immundo lodo,
D'onde, querendo, outro Deos tambem tirára,
Tirou um homem: — Napoleão foi elle!
Ao seo nome quem ha hi tão insensato
Que um ser supremo negue?!

Sob aquelle lagedo sepultado
Alli é esse gigante enorme, excelso,
Que rêis depunha e á seo apraz creava,
Á cujos pés rojavão, humilhados,
A vaidade, o orgulho, o fausto, a pompa.
Hoje porêm (tal é do home'a sorte!)
Confundido com a terra, aos vis insultos
Do baixo verme que lhe a campa inquina,
De seo nome escarnece e suas palmas,
Exposto está na morte!

Um grão de terra aquelle mesmo cobre
Para quem angusto canto foi o orbe!
Um padrão nem sequer, um epitaphio
Em sua honra fizerão seos tyrannos,
Á cujas mãos generoso confiára-se!
Imbeceis! que na morte ainda o temem; —
Mesquinhos! já não sendo, inda o odeião.
Embora: — que mais honroso indice
Que seo nome haverá de sua gloria,
Que jamais será extincta?

De Cesar e Alexandre reunindo
Em si os genios, foi maior que elles.
Com a cabeça tocando a etherea abobada,
Onde só respirar livre podia,
Suas vistas descendia sobre a terra.
Por uma só linha nivelando a todos,
Ou escravos ou senhores, rêis ou subditos,
Erão todos p'ra elle o mesmo objecto,
Que, á seo grado sujeitos soberano,
Suas ordens escutavão.

Depois de haver as Gallias espantado,
O Rubicon passando, novo Cesar,
Vai n'Ausonia plantar seos estandartes:
E d'ahi, como a torrente que, dos Alpes
Ao subjacente valle se arrojando,
De um jacto o enche, e mais lugar não tendo
Onde caiba, a prisão assoberbando,
Pelos campos em jorros se arremessa,
Sem que seo genio contentar podesse,
Pelo universo lança-se.

Em centenares de prelios sempre ovante,
Ás Nações seos destinos decretando,
Elle foi visto:—dominar seo animo,
Vencer o meio:—quem mais o soube que elle?
O estouro de mil bronzes que troavão,
De chuveiros de bala o agudo silvo,
Densas columnas de sulphureo fumo,
De milhões de armas o embate horrisono,
Caudaes de sangue, o grito dos feridos,
Alimento erão p'ra elle.

O volcanico anhelo de seo peito,
Vasto asylo da gloria e da grandeza,
A victoria, o denodo respirava.
Sobre o fogoso corsel flammispirante,
Que, com o pêso do mundo carregando,
Ondas d'espuma inquieto mastigava,
Como o Atlas, firme entre os perigos,
Sobre os seos bravos louros semeando,
Dos esforços zombava do inimigo,
Como aquelle dos ventos.

Sua espada invencivel, quando fóra
Da bainha, nova aurora boreal, mais clara;
Té aos polos raiando, os aclarava.
Deos mesmo, de sua obra arrebatado,
La dos Ceos o contemplava, e, a não lembrar-se
Que Deos era, por elle se trocára!
Recordar sempre farão seo nome aos povos
Eylau, Marengo, Arcole, Iena, Lutzen,
Montmirail, Austerlitz, Millesimo,
Que triumphante o vírão.

Tremêrão ante elle o Capitolio,
De Djizéh esses colosos estupendos,
Que de Omar e Cambyses desprezárão
O furor outr'ora, a assoladora raiva.
Tremêrão ante elle os celsos Alpes,
Que ao valeroso Peno resistírão;
Os Pyreneos e o Sínai, como quando,
Á seo cume baixando, o Omnipotente
Á libertada Israel leis prescrevia,
Entre nuvens occulto.

Vês estas ondas que aqui se quebrão
Com lamentoso ruido, salpicando-lhe,
Como de lagrimas, a solitaria campa?
Saudoso as manda o Sena; inconsolaveis
De o haverem perdido, inda que escravos,
O heroico Tibre, o Nilo celebrado,
O Danubio, o Tejo, o Orontes e o Tanais,
Orgulhosos dos ferros que arrastárão,
Á este ermo, por chorar-lhe a morte,
Enlutados as mandão.

Dos vencedores todos só á elle
D'os vencidos captar a gloria coube,
Com o brilho deslumbrados de seos feitos;
De faze-los morrer em suas filas
Alistados, seo nome repetindo,
Ás fadigas invenciveis e aos perigos.
Assim o Luso, assim o forte Ibéro,
Da defesa de patria deslembrados,
Os regelos arrostar forão com elle,
A aspereza do Norte.

Mũito havia ja feito, e mais que humano
Elle fôra se em seo curso não cahisse.
Reunindo um ultimo esfôrço, armou-se a Europa
Em Waterloo contra elle, que de novo
Reapparecia—tão grande como d'antes.
Dos veteranos seos um só punhado
Par'as Nações combater, por tudo, tinha.
Bastante porêm fôra se prescripto
Ja o Ceo não houvesse a queda sua,
Á seos tropheos o termo.

Waterloo! Waterloo! lugar nefando
Por teo crime, heroicida abominavel,
Que asylo déste á implacavel Liga
Contra o homem dos sec'los quasi inerme,
Para sempre verás tu execrado
O teo nome, que na mente está de todos!.
Quando em teo seio o postero colono
Vestigios encontrar da culpa tua,
Maldizendo-te, ouvirás de sua boca:
«Napoleão! onde é elle?!»

Foi vencido elle, sim!—isso faltava
Para que homem fosse, e porque o era,
De sua condição não estava isento.
Foi vencido elle, sim! mas pela sorte,
Não pelos pygmeos que o combatião:—
Assás de vezes elle espesinhou-os,
De seo arrôjo os punindo sobranceiro.
Pouco fôra para oppor-lhe o mundo todo:—
P'ra mil Wéllingtons sobejára ainda
Bonaparte, um só homem!

Cedeo! — mas inda grande em sua queda,
Qual o leão nos africos desertos,
Que, de feras mil cercado, á bruta fôrça
Do numeroso bando submettendo-se,
Ja cançado, estendido jaz por terra,
Entre acervos de mortos, á que caro
Seo arrôjo custára, a Aguia do Sena,
De cadav'res entre montes do inimigo,
Indemnizada se tendo, respirava.
Sua morte e seo sangue.

Tal era de seo animo a grandeza,
Que, por terra, a fortuna não chorava,
Que abandonado o havia, mas seos bravos,
Que, sem serem vencidos, pelo campo,
Aqui e alli, jazião retalhados!
Pelas faces então se lhe deslizão
Sentidas lagrimas, — não as que costuma
Á cada passo verter o pusilanime: —
Nobre e grato, elle chorava o exterminio
De seos velhos amigos!

O esfaimado torpel de seos tyrannos,
Crendo ter feito o que fizera a sorte,
De sua inveja sobre o alvo se arremessa
Com timida sofreguidão, ainda incertos
Do successo: tal era a sua infamia!..
Para aqui o transportárão! — neste exilio,
Longe da cara esposa e do seo filho,
Longe do mundo, que todo o reclamava,
Até que a morte lh'extinguisse a vida,
Supportou seo destino!

Ah! para que ir mais adiante?
Para que relatar desnecessario
De um home' a vida cujos altos feitos
Cada monte, cada rio, cada campo,
Cada cidade presenciou aos centos?
Para que de engrandecer tratar seo nome,
Qu', incomprehensivel, tão vasto, tão immenso
Como o infinito, por si mesmo é grande,
Por si mesmo na vista dá de todos,
Todo o espaço occupando?!

Do povo marcial, da egregia França
Napoleão foi senhor, quando ella, em armas,
Como contra Tarquinio Roma d'antes,
De livre enthusiasmo penetrada,
Guerra fazia aos rêis e á tyrannia.
Nestas palavras é a sua historia;—
Aqui estão seos tropheos todos narrados,
Desde os louros de Toulon até a palma
Do martyrio dos heroes nos rubros campos
Da Belgica colhida!

EXTREMOS DE AMOR.

Non, jamais tant d'ardeur n'a régné dans une âme,
Le seul son de ta voix me pénètre et m'enflamme.
L'Amour fixe sur toi mes regards assidus:
Je crois te voir encor, quand je ne te vois plus.

HOUDARD DE LAMOTTE.

Se no philosopho d'Albunea confiarmos,
A um só dos bellos cabellos de Lycimnia
Pelos thesouros da Phrygia não trocára
O amoroso Mecenas.

Mas que mesquinha fineza e pensamento,
Ó minha bella! — Que amante verdadeiro,
Ainda não tendo o ouro de Mecenas,
Igualmente o não dissera?

Oh! Mecenas não amava como eu te amo!
Pela paz do paraiso e seos deleites,
Pelo ouro do universo e tudo quanto
Nelle ha que cegue e tente,

Ja não digo a um só dos teos cabellos,—
Uma folha, uma florinha, emfim, um nada
De duração e valor em que tocasses,
Eu trocára, ó Euzina!

Mas que acabo de dizer eu, desvairado?
Abjurar como pode o paraiso
Quem de ser teo amante a dita conta,
Se o paraiso és tu mesma?

Bem o disse o peregrino do Vesuvio!
« Dos grandiosos assumptos e objectos
É o homem á vista pouco e esteril: » —
Bem o disse, e é certo!

Mas esta mesma verdade, ó minh'amada,
O panegyrico teo seja o mais bello: —
Só a um ente do Ceo não tem a terra
Côres com que o retrate!

A FEBRE:—À EUZINA.

O déité! ma guérison soudaine,
Je ne la dois qu'à ce charmant baiser,
Au baiser seul; je le cueillais à peine,
Que j'ai senti mes douleurs s'apaiser.

B. IMBERT.

Não é mais abrazador nem mais ardente
O furacão do deserto;—mais indomita
Não é do Antízana a lava ou Cotopaxi,
Quando estoura a cratera,

Do que a febre que os membros me devora,
Do peito faz-me um volcão, mirra-me os labios
Com o resequido halito, mais noxio
Que o siroco d'Italia.

No ardor do monstro incorporeo que me traga,
Todos quantos tenho visto rios lembrão-me;
Todos quantos a sciencia existem diz-me,
O San'Lourenço, o Zaire, o Ganges,

O mesmo vasto oceano reduzido
Ao crystallino licor de doce fonte:
E tudo ainda bastar me não parece
Por mitigar-me as entranhas.

E nesta, nesta negaça só cuidoso,
É peor o meo martyrio que o de Tantalo!
Por soffrer penas do inferno oh! não carece
Ter passado o Acheronte.

Mas oh! prodigio de Amor! oh! maravilha!
Um Anjo, um Anjo lembrar faz-me o teo nome,
E á perdida phantasia te me aviva,
A ti, Euzina, a ti, meo iman.

E então o que votos não podérão,
O que não pôde a sciencia, tu podeste;
E o que foi á Ismael o Anjo foste-me:—
A salvação emfim déste-me.

Assim a flor abrazada salva o rocio;
Ao peccador assim a penitencia:
Assim pois dá amor vida, não morte:—
Assim pois, mortaes, amemos.

Mas onde estás, ó Euzina, que não vejo-te?
Do convalescente temes a imprudencia?
Não o creias, meo bem!—oh! vem asinha
Restabelecer-me de todo.

INFELIZ MANCEBO!

> Pleasure's pall'd victim! life-abhorring gloom
> Wrote on his faded brow curs'd Cain's unresting doom.
>
> BYRON.

« Vamos, meo Uriel, meo bem supremo!
Vem da tua extremosa amante ao lado,
Da tua amante que a ti só vê no mundo,
A perfumada briza respirar da aurora:
Vamos, que o gallo á isso nos convida...
Como doce não é ver a natureza
Despertar do somno da noite e aviventar-se!
Como grato ouvir o alegre passarinho
Com os seos primeiros dulcisonos gorgeios
Saudar o dia que surge após a alva!
Como bello ver despontar no horizonte
O astro-rei, lampada eterna do universo!
Oh! tu que és tão romantico e sensivel,
Bem sabes quanta belleza ha nisso tudo;
Bem sabes quanto prazer em contempla-lo!
Vamos, meo cherubim, que ja tardamos.
— Deixa-me; eu ja não amo a madrugada!

— Então á caça: — sellai minh'hacanéa;
O front'aberto ginete de Numidia
De vosso amo, pagens, sellai: — depressa á obra.
O meo nebrí ja aqui, galgos, podengos,
Venabulos, lanças, espadas e clavinas...
Como o ver-te para mim não será bello
Pela floresta acossar com o pique em riste
O animal esbelto de Diana;
Ou acuar na encosta d'uma fraga
O iracundo javalí e aos pés prostra-lo!
Vamos, meo seraphim, que a trompa chama-nos.
— Deixa-me; a caça ja me não diverte!
— Então á pesca: — aprestai redes, tarrafas,
Anzoes; meo corvo marinho aqui ja quero:
Ao lago, ao lago; o batel quero ja prompto: —
Oh! como é grato um passeio pelas aguas!
Como as horas não mata docemente
O exercicio da pesca, e ver saltando,
Emmaranhados na rede, por livrarem-se,
Mil varios peixes, de forma e côres varios!
Vamos, meo caro amor, que tudo é prompto.
— Deixa-me; a pesca ja me não agrada!
— Então á tarde ao estadio: ahi veremos
Fogosa turba de jovens cavalleiros,
Cadaqual com o pensamento em sua dama,
Que enamorada o olha esperançosa,
Reproduzir da Grecia os bellos jogos
Que em Delphos, Pisa e Neméa celebravão-se,
Nos gloriosos tempos dessa terra
Classica de ficções e poesia...
Ao espectador como interessa, ao sinal dado
Do arauto, ver abalar essa caterva
De nobres, gentís mancebos pretensores,

Cavalgando este um bellissimo ginete
De Féz, aquelle um normando, est'outro um medo;
Nuvens de pó erguer-se e turvar tudo;
Ouvir o solo echoar sob seos passos;
Os brados d'incitamento e emfim os vivas
Enthusiasmados do povo aos vencedores!
E tu tambem, meo archanjo, se aprouver-te,
Sahirás á liça a porfiar com os outros.
Que poderás tu temer, se tens por dama
A mais formosa donzella e tern'amante?
(Prodigioso amor! tu és á um tempo
O motor de baixas acções e do heroismo,
Tu que fizeste d'Agnes o instrumento
De salvação á França escravizada!)
Quem a ti s'igualará no nobre porte
E preceituada postura?.. Então iremos?
Para louvar-te o amor me fará Pindaro!
— Deixa-me; a gloria ja me não fascina!
— Então iremos á noite ao espectaculo,
O doce metro de Felix Romani
A ouvir casado com a mais divina musica.
(Oh! meo Deos! que de prazeres la não gozão-se!
Quando vejo esse prodigio deslumbrante
De civilisação, de gôsto, luxo e moda,
Ao paraiso me creio transportada,
E o teo nome, Senhor, bemdigo em extasi!)
Então iremos, meo anjo? — oh! sim, iremos.
— Deixa-me; as illusões ja se me forão!
— Então vem á meos braços, doce encanto!
Vem fartar-te de amor e de delicias:
Vem espancar tristezas importunas,
E o grato somno do amor dormir comigo!
Vem, — não tardes, meo bem; que como nunca

Provarás esse elixir embriagante,
E de prazer em prazer nos esvaindo,
Á morte emfim chegaremos dos sentidos,
Que é do amor o summo favo e nectar.
Vem depressa, meo idolo,—não tardes!
— Deixa-me; o amor ha muito ja não sinto!
— Que então te resta da vida e dêste mundo?
— Nada mais! sabe-o, pois que me perguntas. »

Trasbordando d'illusoẽs, de amor e viço,
Assim propunha uma bella ao seo amado
Todas essas delicias e prazeres,
Que a phantasia ardente lhe pejavão:
E da saciedade terrivel ja tocado,
Elle assim respondia aos seos convites!..
E ao ouvir a fatal resposta extrema,
Muda, immovel ficou, pallida a bella!
Infeliz! porque perdêra o seo amante!
Infeliz! porque o era o seo amado!

Á EUZINA.

Amantium iræ, amoris integratio est.

TERENCIO.

Dizes-me que ja te peja tanto encomio;
Dizes-me mais que até ja te aborrece:
E eu, sempre prompto em comprazer-te, a musa
Ia ja despedir, quando te ólho.

Mas se assim o querias e ordenavas,
Porque então esse rubor, esse ar d'enfado,
Capazes d'inspirar ás mesmas fragas
Enthusiasmo, vida, amor e fogo?!

Por uma vez ainda mais, Euzina, deixa
Que pois te louve quem tanto te admira:
Só dos mortos silencio á teo respeito
Espera, ó bella; que não dos que te vêem.

Tão innocente e feliz quanto a criança,
Que só conhece do mundo o bello externo,

E o seo fundo ignora de miserias,
Para quem tudo objecto é d'alegria,

Tu és a mais scintillante das formosas
Constellações que o zodiaco abrilhantão.
Mas.. não, és todo o zodiaco: não pode
Uma só belleza e perfeição chegar-te.

Tens do dia a ledíce, a paz da tarde,
Da flor a graça, do osculo a doçura,
Da phantasia o sublime, o ar d'um Anjo,
De uma santa a candura e castidade.

Mas porque comparações que te rebaixão?
Tu és, Euzina, tão bella e tão formosa
Da Divindade quanto o pensamento,
Que nada tem de terrestre e em tudo é grande.

Agora podes irar-te quanto queiras,
Se satisfeito é ja o meo empenho.
Por merecer-te um sorriso oh! eu deliro,
Mas por calar-te promette-m'o, não o quero.

ABEL E ELISA.

Improbe amor, quid non mortalia pectora cogis?

VIRGILIO.

Realizado queres ver em vida
Todo o inferno de Dante n'um só homem?
Te-lo-hás em um dêsses infelizes
A quem por sua desgraça a natureza
Dotou de nimio sentir, — de cujo peito
As paixões brotão infrenes como o Hecla,
Se um obstac'lo invencivel as reprime
E as obriga, alem disso, a serem mudas...
Tal é a historia de Abel que vou narrar-te.

Quando tingio Cain as mãos nefarias
No sangue innocuo do irmão, em sua ira
O Senhor o maldisse e condemnou-o
A fugitivo andar e vagabundo
Sobre a terra em castigo do seo crime:
Sentença que fez tremer o condemnado
E abrangeo toda a sua descendencia!..
Abel e Elisa, de sangue israelita,

Na fanatica Hespanha ao mundo vindos
(Reinava então o Catholico Fernando;
E com a tomada expirára de Granada
Naquella terra o dominio sarraceno),
Como todos os Hebreos que ahi vivião,
Tiverão que cumprir a sua parte
Na maldição do Senhor, e demandarem
Com seos pais um asylo pela terra
Em nome do Deos de todos ja que em nome
Da humanidade os homens lh'o negavão.

Na Africa foi que o achárão.—Junto á Ceuta
Que os Portuguezes então ja possuião,
Humilde casa de campo habitar forão
Os infelizes proscriptos vagabundos
Á quem demais a fortuna foi roubada
Por se dizer que á hereges pertencia...
Nascidos de um mesmo parto, Abel e Elisa
Tanto no exterior se parecião
Quanto no genio, caracter e vontades.
Ambos da mesma idade, era o mancebo
O prototypo do bello masculino
E a donzella o do bello femenino...
Assim forão crescendo até chegarem
Á perigosa quadra das paixões violentas.
Foi então que o caracter do mancebo
Se desenvolveo de dia para dia
E se deixou penetrar até ao fundo.

Era Abel um dêsses enigmas que offrece
O coração humano—tão pequeno
No tamanho quanto vasto no alcance
De seos infinitos e varios sentimentos;

Um dêsses jovens em quem tudo é precoce,
Desde o sonhar da infancia até o acôrdo
Da idade ja pelos annos sazonada,—
Avidos de sensações e de prazeres,—
Nos festins crendo acha-los dêste mundo,
Mas interdictos de nelles tomar parte;—
Em uma palavra, um desses infelizes
P'ra quem a vida bem cedo se converte
Em um medonho deserto sem limites,
Purgatorio horrivel—peor que o do Poeta.

Cedo nelle o amor desenvolveo-se
Da solidão, perigoso conselheiro
Para os genios, como o d'Abel, naturalmente
Meditativos, tristes e sensiveis.
Amou a caça á principio, mas a caça
Breve lhe pareceo um prazer barbaro,
Que deshonrava a quem o exercia,
E d'então em vante pastavão livremente
Á sua vista onagros e gazellas.
Assim pois todo o ardor dos seos desejos
Convergio para o amor da soledade.
Franquear o cimo difficil das montanhas
E debruçar-se de la sobre os barrancos
Pelas torrentes cavados; embrenhar-se
No seio denso dos bosques e das selvas;
Ver e ouvir desabar as tempestades
N'alguma gruta acolhido; horas inteiras
Consumir a contemplar o oceano
E a brincar com as suas vagas inquietas,
Tal era o seo passatempo costumado,
E nisso achava um prazer indefinivel,
Que só sentem as almas como a sua,

Um dia em que o mancebo, ao vir da noite,
Das excursões costumadas regressava,
« Abel, ó caro irmão, lhe disse Elisa,
Ha mũito que és para nós como um estranho,
Pois que, o dia prevenindo e te ausentando
D'entre nós, só á noite é que nos voltas
A dar-nos um frio ar da tua graça.
Se tu soubesses o quanto passo triste
E solitaria durante a tua ausencia!
Que prazeres achas tu por onde andas,
Que os preferes ao da nossa companhia?
Não eras d'antes assim pois bem me lembro
De que só eras contente em ser comigo:—
É que ja me não amas como d'antes!
Longe porêm de mim o distrahir-te
E privar-te dos teos queridos gostos.
Mas deixa qu'eu tambem nelles tenha parte
E te acompanhe por onde-quer-que fores:
Seremos assim melhor, tu á meo lado
E eu ao teo, caro irmão, ambos contentes. »

Ao que tornou-lhe o mancebo: « Irman, Elisa,
Desterra d'alma esses zelos infundados.
Pelo Deos que á Moisés fallou no Sínai
Juro que ainda vos amo como sempre,
A ti e a nossos bons pais que tanto querem-nos!
E que objectos outros poderião
Interessar-me mais?! Se pois ausente
A maior parte do dia de vós passo
É porque d'ha tempos que sinto corroer-me
Agitação d'espirito tão grande
Que só em andar vagando sinto allivio.
Mas, cre-me, querida irman, todo esse gôsto

Cessará para mim com a tua companhia.
Não te admires disso, pois aprende
De mim que o sei — que o prazer da soledade
É tão avaro, egoista e exclusivo
Que não admitte ser compartilhado
Ainda mesmo por quem nos for mais caro. »

Ao ouvir Elisa que Abel a repellia,
De magoada abaixou seos bellos olhos
E, enxugando uma lagrima furtiva,
Como que de coração — assim lhe disse:
« Pois bem, Abel, deixarei de acompanhar-te:
Longe de mim o ir contra o teo gôsto,
Pois que tal elle é. » Ao que o joven,
Intimamente affectado e arrependido,
Fraternal beijo na fronte lh'imprimindo:
« Elisa, quanto és severa em me punires
Tão cruelmente por uma brincadeira
Que autorizava-me a nossa confiança!
Não vias logo, ó irman, qu'eu gracejava?
Porque pois esse rigor da tua parte?
Uma prova queres tu do que te digo,
Que te fallo sem fingimento, mas sincero?
Não me ausentarei um só dia d'ora em vante
Sem que não seja na tua companhia. »
O que ouvindo, a donzella de contente,
« Perdão, Abel, lhe tornou, á tua Elisa!
Tudo faça esquecer um terno abraço: —
Seremos, sim, d'ora em vante inseparaveis. »..
Pobre Elisa! que ainda eras tão nescia
Na sciencia das paixões; que d'innocente
Não sabias que no estado em que se achava —
O coração d'Abel era um abutre

Faminto — a desfechar sobre a primeira
Presa que ao seo alcance apparecesse!

De então em vante jamais se separárão
Os dous irmãos: sempre juntos erão vistos,
Ora conchas colhendo pelas praias,
Ora escalando os montes e as arvores
Por colhêr alguma flor ou algum ninho
Com que reciprocamente se prendassem; —
E tal era a sua união que quem os via
Não podia deixar de abençoa-los!..
Um malmequer colhendo, Elisa, ás vezes,
« Abel, dizia ao irmão, vou ver se acaso
Tu m'illudes quando dizes que me amas; »
E, desfolhando a flor, astutamente
Sempre fazia cahir a folha ultima
Na expressão « mal-me-quer, » e, então fingindo-se
Como triste, d'ahi tornava á pouco
Á costumada alegria. Abel ás vezes,
Ao encontrar pela praia alguma perola,
Vinha com ella da irman ornar as tranças,
Mais contente do que se um mundo achasse,
E, contemplando depois a sua obra,
Com o coração na boca — lhe dizia:
« Não assentára melhor n'uma rainha! »

Se até então a donzella era formosa
Criada á sombra da casa, mais formosa,
Elegante e esbelta a tornou a vida activa
Que adoptou depois e quasi rude.
Deixára de ser a virgem delicada
E timida da vida molle das cidades
Para ser a virgem robusta e masculina

Dos tempos patriarchaes de seos maiores
A vida errante vivendo dos pastores,
Aqui e alli sob tendas acampando.
A robustez e viço do seo corpo,
O bem-talhado de todos os seos membros;
A ligeireza e garbo do seo passo,
A segurança desdenhosa com que ella
Os barrancos franqueava e os precipicios,
O movimento inquieto e o vivo brilho
De seos olhos de um pardo transparente,
Fazião da bella moça israelita
Uma perfeita Diana caçadora
Ou então alguma Nympha do seo sequito.

Era ja passado tempo que durava
Esta união fraternal dos dous mancebos,
Quando Abel começou a entristecer-se
E a tornar-se pensativo e taciturno.
Ja não era mais esse joven incuidoso,
De sentimentos vivos, mas incertos,
Cujo viver era todo de criança.
Sua melancolia, seos suspiros,
A distracção em que era de contino,
A pallidez do seo rosto, o olhar fixo,
Mas vago e como sem conhecimento,
Evidentemente indicavão qu'em seo peito
Jazia occulto um volcão inda recente,
Mas tão terrivel ja — que ameaçava
Fazer com a sua explosão mais de uma victima!

Assustava a todos o estado do mancebo,
Nem elle ja mais de casa se ausentava
Para as suas excursões d'antes tão gratas!

Elisa um só momento o não deixava,
Na intenção de o distrahir da causa incognita
De sua fatal tristeza, mas sem fructo!
Porque o mal cada vez mais se augmentava:
E se ella em nome do amor qu'elles se tinhão
Lhe demandava qual essa causa fosse,
Ou um suspiro abafado ou uma lagrima
Era toda a resposta que colhia..
Um dia porêm obteve do mancebo
O ir passear com ella como d'antes,
E a innocente exultou em consegui-lo
Porque julgou que o irmão seria salvo.

Em não pequena distancia da morada
Dos dous irmãos, imminente ao mar, havia
Um solitario penedo em cuja base
Iroso o mar, se quebrando, refervia.
O encantador panorama variado
Que d'ahi se desfructava era tão lindo
Que convidava a goza-lo a todos quantos
Passavão por esse lugar ermo e alpestre.
Era o sitio predilecto dos dous jovens,
Que mũitas vezes nelle descançárão
Ao ir ou vir dos seos gyros costumados.
Foi pois para ahi que se elles dirigírão...
Serena era a manhan e tão brilhante
Que o Atlantico ao longe se enxergava,
As suas vagas azues rolando, á esquerda,
E em frente a terra d'Hespanha.—Vendo Elisa
Que Abel se não distrahia, «Irmão, lhe disse,
Olha, la é a terra em que nascemos.
Não sabes tu o que sinto quando a vejo?
Uma saudade intensa dêsse tempo

Em que eramos ainda pequeninos.
E tu, Abel, nunca disso te lembraste?
—Sim, mas para odiar aos que a habitão,
Que d'ella sem culpa alguma nos banírão,
E, não contentes ainda, nos roubárão.
—Abel, esquece-te disso e lhes perdôa:
O que são os crimes dos homens e injustiças?
Fragilidades da sua natureza.
Confia em Deos, ó irmão, que ainda juntos
Tornaremos a ver os nossos lares.
—Juntos, Elisa, não; eu só, te digo
Que bem cedo o saberás.—Abel, que dizes,
Que te não comprehendo?—Nada, Elisa:
Vans palavras, como vês. Irman, voltemos:»
Ao que Elisa tornou, «Abel, voltemos.»

No outro dia (era ainda madrugada),
Ao levantar-se, Elisa, como usava,
Sentio a falta de Abel, que a precedêra,
E se ausentára sem nada haver-lhe dito.
Causou-lhe admiração isto á principio,
E como que teve um mao presentimento.
«Mas não, disse ella, subito alegrando-se;
É que ja vai tornando ao que era d'antes,
E terá sahido tão cedo e sem dizer-m'o
Para mais á seo contento extasiar-se
Do espectaculo bello e aprazivel
Que a natureza offerece á estas horas.»
Mas logo que amanheceo deo-lhe vontade
De ir encontrar o irmão e acompanha-lo.
Tinha ja percorrido os sitios todos
Que mũitas vezes com elle frequentára,
Mas nem sequer vestigios encontrava

De por ahi ter passado Abel ou outrem.
Só lhe faltava o penedo em que na vespera
Forão ambos sentados: anciosa
Para la pois dirigio seos leves passos.
Chega, e ella esfriou porque, ao passo
Que la não era o irmão, encontrou delle
Uma carta sobrescripta «Á ti, Elisa.»
Abrio-a, e leo o seguinte que continha.

CONFISSÃO.

« Elisa, querida irman (nome odioso!
Que o de christão eu mais detesto ainda,
Causa de toda a minha desventura,
Que, ao proferi-lo, a alma me acabrunha,
Gela-me o coração, queima-me os labios),
Como crer-se que seja o mesmo objecto
A causa de nossas delicias e tormentos?!
Mysterios do amor! paixão maravilhosa,
Em que é tudo inexplicavel e opposto...
Elisa (oh! quanto te assenta este teo nome!
Elysios, segundo os pagãos, era essa placida
Habitação das almas virtuosas,
Gozando de uma perpetua primavera,
Inteiramente em contraste com o inferno,
De que não era distante; — e tu o symbolo
És dessa serena paz, irman querida, —
Innocente, pura e feliz que és ainda!
E o meo agora, ó irman, quão pouco assenta
No teo infeliz irmão! que tão somente
Tem da victima de Cain a triste sorte,
Mas não a alma celeste e a pureza!

Da natureza foi um grande abôrto,
Que gemeos nos engendrou e deo ao mundo
Para assim verificar esse contraste
Da mythologia), Elisa (perdôa ao insensato!),
Maldito o acaso fatal que fez-nos juntos
Pelos laços fraternaes! maldito o instante
Em que tu por tua innocencia te lembraste
De nas minhas excursões me acompanhares!
Mas nem tu, Elisa, nem eu somos culpados:
Ambos nós—porque o futuro não previamos,
E eu—porque demais soube vencer-me,—
Porque ao mundo poupei um grande escandalo,
Á nossos pais um desgôsto que os matára,—
Porque sempre respeitei tua innocencia. . .
Elisa, querida irman, sabe-o agora,
Eu te amo com esse amor que abraza,
Com esse amor violento e interesseiro,
Que do objecto amado ao gôzo aspira.
«Eu te amo» digo eu! oh! quão mesquinha
E fria é essa expressão para dizer-te
O quanto sinto por ti! para explicar-te
Todo esse abysmo insondavel de delicias,
De agitações, transportes e tormentos!..
Ás vezes, Elisa, quando eramos juntos,
Lembrar te deves qu', em ti com os olhos fixos,
Horas inteiras eu me absorvia,
E assim ia até chegar á uma inteira
Alheação de mim, quando, acordando
Dessa minha distracção em sobresalto,
Parecia-me acordar de um pesadello:
Ja não eras minha irman; eras um anjo
Filho d'estranhos pais, de patria estranha,
A quem amar e gozar era-me licito!

E no transporte dêste meo engano
Ia lançar-me á ti, chamar-te amante,
Identificar-me comtigo n'um só corpo
E devorar-te com os meos beijos de fogo;
Mas nisto vinha a razão fatal de novo
Em toda a sua nudez mostrar-me o espectro
Da realidade hediondo e pavoroso,
E eu, como se um raio me ferisse,
Sem movimento e estupido ficava!
E tu, innocente! então me perguntavas,
Tremendo por teo irmão, o que eu sentia!
Elisa, queirão os Ceos que jamais nunca
Uma paixão tu nutras como a minha!
Uma paixão frenetica e illicita,
Sem esperança, e na propria consciencia
Do que a sente — criminosa e condemnada...
Mas é preciso acabar com este transe,
E não prolonga-lo mais com recorda-lo...
Sabes ja da paixão que por ti sinto
E que vence-la não posso: um só partido
Pois me résta a tomar; sabes qual seja?
A morte, o termo de tudo. — Escuta, Elisa.
Acaba de ser na Hespanha publicado
Um novo bando contra a nossa raca,
Em que o feroz Fernando, concitado
Pela feroz Izabel (dignos consortes),
Prega o nosso exterminio e o recommenda,
Ao Santo-Officio votando todo aquelle
D'entre nós que se encontrar nos seos estados,
O que seja o Santo-Officio tu o sabes
E a morte cruel que nelle da-se aos nossos;
Mas o que certamente tu ignoras
É que eu me vou entregar á esses homens

Sedentos do nosso sangue, — provoca-los
E receber delles a morte: — irman, não tremas.
É barbara, sim, a morte das torturas
E fogueiras, mas não passa de ser morte.
Essa mesma é a que convem e corresponde
Á magnitude da causa porque a busco.
Crê-me, Elisa, se pode admittir-se
Que possa ainda alegrar-se o desgraçado
Que passou por tão horrivel desengano!
Antes de os supportar, ja saboreio
O prazer dos tormentos que me aguardão,
E me preparo para o sacrificio
Tão satisfeito e contente como dizem
Que caminhavão os martyres de Christo
Para os circos romanos, onde feras
De toda a casta, famintas esperavão-nos...
Elisa, quando esta leres, certamente
Ja estarei nas mãos de meos algozes.
De todo o meo sacrificio, irman, por paga
Só te quero merecer um favor unico:
Que de nós não passe o que nesta te revelo..
Elisa, mil vezes adeos! até ao dia
Em que no Ceo se juntarem como anjos
Os dous irmãos que na terra não podérão
Pelos laços conjugaes unir-se em corpo.»

CONCLUSÃO.

Petrificada, immovel, insensivel,
Ao acabar de ler a fatal carta,
Era Elisa uma estatua collocada
Sobre o penedo como para norte
Aos navegantes que por ahi passassem.
Mas, subito dêsse torpor á si tornando,
«Abel, Abel, caro irmão! eu vou salvar-te;»
Disse, e ao mar se lançou no louco intento
De realizar o seo nobre projecto.
Mas, infeliz! a pobre s'esquecêra
Do desvario seo na fôrça intensa
De que a natação de todo lh'era estranha,
E que portanto o seo generoso sacrificio,
Sem qu'em nada ao irmão aproveitasse,
Ia demais causar a sua morte
E cravar mais um punhal acicalado
No coração de seos pais!.. D'ahi á pouco
Junto ao cadaver d'Abel era o d'Elisa
Pelas ondas arrojado sobre a praia
Em um pequeno recesso que fazia
A saliente base do penedo.

Nessa mesma manhan o louco joven,
Na intenção de ganhar a opposta margem,
Se arremessára ao mar, e o fim tivera
Que soem ter quasi sempre os insensatos.
Allucinada porêm como era, Elisa
Não víra o cadaver do irmão jazer n'areia
Bem perto de d'onde ao mar ella atirou-se!

Pouco depois, por ahi passando acaso,
Um ancião pastor que mũitas vezes
Encontrára os dous irmãos juntos folgando
E a sua innocente união abençoára,
Ao encontra-los mortos sobre a praia,
Como se fosse um pai, chorou sobr'elles,
E nesse mesmo lugar em que os achára
Juntos os sepultou.— Depressa em tôrno
Se divulgou a tristissima noticia,
E todos quantos souberão dèsse caso
De compaixão uma lagrima enxugárão!
Seos pais? esses de magoa succumbírão...
Com os dous irmãos sepultou-se o seo segredo.
E o penedo junto ao qual forão achados
D'então em vante ficou sendo chamado
« Penedo-dos dous Irmãos, » nome que ainda
Presentemente conserva, tão sabido
Como em sua de seculos origem.

MALES QUE NÃO TÊEM CURA!

> Deixa que eu ceda ao espirito terrivel que me domina; não é dado á aquelles que inda gozão de ventura o ler dentro de minh'alma.
>
> SCHILLER.

O que pretendes com esse teo sorriso? —
A melancolia espancar que vês roer-me,
E restituir-me ao amor de teos encantos,
Ou insultar a dor que me atassalha,
A dor funesta de uma alma inconsolavel?!

Se insultar-me, acaso desconheces
Que o oceano indomavel de meo peito,
Da religião aos conselhos e aos dos homens
Ainda ha pouco rebelde, — que não soube
A resignação o que fosse jamais nunca,

Depois de a tudo enfadar com suas queixas,
Que um só écho no mundo não achavão,

E abrazar-se da sêde de vingança
Contra a causa motora de seos males,
Sem que jamais, impotente, a deparasse,

Alquebrado emfim de fadiga e soffrimentos,
Da retirada embocando a triste tuba,
E na ressaca da derrota s'escoando,
Da fraqueza de seos igneos transportes
Do desengano provou o amaro toxico?!

E na impassibilidade de seo rebelde orgulho
Provocado á combate e fulminado
Pelo insultuoso anathema do escarneo,
Mudo e torpido soffrerá os teos motejos,
Sem com um só gesto comprazer-te ao menos?!

Mas perdôa-me, ó anjo d'innocencia!
Ao padecente Ticyon ah! perdoa!
Que, ás picadas do abutre deste mundo,
Infernizado, a todos crê algozes,
Sem exceptuar a ti mesmo, amante minha!

Amante minha — disse eu?! — oh! por acaso
Poderá crer o maldito da ventura
Ter ainda no mundo quem o ame?!
E isto muito: — quem sequer delle se dôa,
E com as suas misture uma só lagrima?!

Pode-o crer! pode-o crer! — graças, mil graças!
Graças á ti, Zephoa de piedade!
Pode-o crer! di-me-lo essa tua lagrima
De Magdalena que vejo deslizando!
Foi o dó que t'a gerou ou foi a offensa?

Assim pois tentas benigna arrancar-me
Ao demonio do meo mal, do meo tyranno!
E acalantando-o no teo collo de plumas,
Ao moribundo enfermo dar a vida,
Com a tisana do amor embriagando-o.

Ignoras porèm que os votos de um'amante
Tanto poder não te'm e tanta fôrça?—
Ja te não disse que para o mal que sinto,
Nem mesmo vale do Ceo a medicina,
Distillada da boca dos Prophetas?!

Acaso sabes de teo intento o pêso?
O que seja essa dor mortal e acerba
Que o espectaculo da vida tem por causa;
Que estancar nada pode, e que da victima
Vai lentamente consumindo a seiva?

Preserve-te de o saber!—oh! disso livre-te
O piedoso Anjo que te assiste!
Livrem-te os Ceos de sorte tão terrivel;
Que supportar é alem das debeis fôrcas
Da humanidade martyrio esse do inferno!

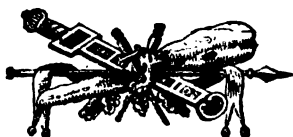
Se de Deos o Filho, de divina essencia,
Esmoreceo da morte ao negro aspecto,
E ao Pai pedio que o poupasse, se possivel,
Como poder traga-lo o fraco humano,
A elle mil vezes peor que a mesma morte?!

De amor me fallas!.. Por ventura ignoras
Que do templo de minha phantasia
A desertar foi esse idolo o primeiro

De seo devoto adorador as aras,
Em que outr'ora sacrificamos juntos?!..

Debalde tentas encender-me o gêlo
Do coração com esses teos brilhantes!
Debalde tentas dispersar-me as sombras
Da tristeza com esse teo sorriso
Do Cherubim mais puro e piedoso!

E pois nada podes contra o meo tormento,
Por amor de ti supplico-te, ah! foge,
Do basilisco foge abominado
De quem todos de horror fogem transidos;
A maldição não t'elle contamine!

Foge! foge apressada! e obliterando-o
Da memoria, goza da tua juventude:
Ao atormentado Saul somente affecte
O mal terrivel da alma que o persegue,
Para o qual de Daví' não tens a harpa!

SAPHO.

(RECORDAÇÕES DA GRECIA.)

Malheureuse! ah! reviens d'une erreur qui te flatte;
Au défaut du bonheur cherche au moins le repos;
C'est ici qu'il t'attend: le rocher de Leucate
Peut seul mettre um terme à tes maux.

IMITAÇÃO DE SAPHO.

Assomava a tarde:—o sol, ja em declivio,
Progressivamente ampliando sua esphera,
Ás vespertinas sombras, melancolicas,
Ao pezar meio espaço abandonava.

Vós, susurro dos bosques tenue e funebre;
Ruidosas catadupas; negras selvas;
Taciturnos valles; solitarias grutas;
Enredados penedos; tristes aves;
Mudez dos campos; echos nemorosos;
Lamentosas vagas; solidão dos mares;
Materiaes combustiveis sois da magoa,
Se no seio da tarde lhe acendeis a fomes.

Vós de Sapho os algozes fostes, todos,
Que ao rochedo fatal a conduzistes!

De niveas vestes, como ella puras,
Trajada vinha, lenta caminhando.
Nada da terra os olhos divertia-lhe:
Pensativa, em seo rosto era pintado
O enxame de paixões que a mente inçavão-lhe.
Crinísparsa, trazia a branca fronte
De roxas víolas, murchas encintada;
Na dextra o eburneo plectro espedaçado;
Na sestra a lyra, rotos os seos nervos.
Infeliz Sapho! teo animo não muda
Do promontorio o fragor, que ao longe escutas,
Do sacrificio o horror á que votaste-te!

Á escalvada penha emfim chegára:
Os olhos ergue; pelo mar os pasce;
E do luctuoso peito agro suspiro
Arrancando, á seos pés retrahe os lumes,
E em vozes taes exanime começa:
«Mais não tenho qu'espere, só a morte!
Nada mais p'ra mim vive, tudo é morto!
E se ainda do ser debil crepusculo
De meo peito o negrume ao longe doura,
É por mostrar-me a scena tenebrosa
Das vorazes paixões que o dilacerão...
Numen do amor, deidade insidiosa,
Amarga quassia de fallaz doçura,
Ja teo amago provei!—não mais m'illudes..
Quando, nescia de ti, da paz no gremio,
Em cultivar as Musas só cuidosa,
Da virginal Diana ao culto dada,

Vivia, ah! fui feliz!—feliz me achava,
Ao despontar, o sol; feliz deixava-me.
Meos cuidados erão só os da innocencia:—
Nos roseos labios d'aurora, entre favonios,
Mil perfumadas flores iriantes
Colhêr, e dellas cingir a fronte minha,—
Ora em côro cantando a juventude,
Ora em danças gentís com as socias minhas,
Era todo o meo mister, minhas fadigas...
Mas tu, alvor da manhan, não duras mũito!
Teo sorriso e verdor são logo murchos.

» Meo tyranno, ó Amor, qual foi meo crime?
Foi rebelde á teo nume quem por elle
A quietação deixou, deixou seos gostos,
E por elle acabar vai ora a vida?
Não, não foi por vingança a traição tua;
Por inveja só foi que despertei-te.
Por inveja sim foi:—a liberdade
Dos corações dispraz á vista tua...
De Phaon nos encantos seductores
Teo engôdo pousaste e tua insidia...
Em leda turba d'innocentes virgens,
Á casta Deosa, protectora minha,
Meos purissimos votos exalçava.
Qual rôla inerme alimentando a prole,
A que distrahe o natural disvelo,
Que, sem dar do milhano acôrdo ou vista,
Do inimigo é incauta surpr'hendida,
Tal, sem que teos enganos conhecesse,
Incauta consenti no teo triumpho...

» Que effeito se operou na mente minha?!

No centro d'alma, em um pónto, eis que de subito,
Á vista de Phaon, do meo Narciso,
O sentimento todo concentrou-se-me.
O desenho do qu'em mim era no interno
Profusamente no externo se mostrava.
Logo cesso de orar, logo despréżo
A devoção da Deosa, o templo, as aras.
Meo olhar em Phaon só empregado;
Meos labios; a expressão do meo semblante,
Tudo amor exhalava, amor sem tino...
Era emfim acabado o santo officio:—
Mũi outra do que quando nelle entrára,
O templo deixo: á minha estancia vôo.
Indelevel na mente me era todo
O encantador objecto que encetára-me
A liberdade, a alma, o virgem peito.
Seo andar; o meneio de seo corpo;
O movimento terno de seos olhos;
O onduloso cabello auri-luzente;
De seo rosto a nivea tez; o fino nacar
De seos labios e faces; sua idade,
Do casulo do ser rompendo apenas,
De ineffavel valor paineis me erão.
Que o caçador Adonis me lembravão...
Que alvorôço te agita, infeliz Sapho?!—
Porque velas, suspiras, porque gemes?—
Tua lyra abandonada ja não sôa
Dos Deoses em louvor, como soava:—
De sua voz o sujeito é ja mudado;
Só teos hymnos Amor ora merece.
Que fazer, infeliz?!—n'um mar de syrtes,
Á mercê dos tufões, hirtas procellas,
Soçobrada fluctua a nave tua.

Ao palinuro implora que a dirija,
Empunhe o leme, lhe denote a via,
Se arredar a quizeres do naufragio...
Graças, Numes propicios, bemfazejos!
O remedio já achei que procurava..
Á Phaon escrevêr sou decidida:
Em revezado amor fico goza-lo.
Mas quem sabe?—talvez.... Oh! de mim longe,
Funestadora ideia do desprêzo!
Não;—Phaon é o symbolo da doçura;
É de humano o seo peito, não de tigre.
A poetisa Sapho, a flor de Lesbos,
De mil procos subidos desejada,
Jamais, jamais terá recusa alguma.
Tomo o calamo:—o sangue se me gela,
Entre o amor embalada e a esperança,
Escrevendo, á meo bem toda me abro...

» Deos das almas, de Venus lindo fructo,
Tuas sedas apalpo lisongeiras,
Sinto picar-me a mão crueis espinhos.
Responder-me dedignou-se!—acaso o pejo
A confissão cohibio-lhe de seo animo?
Novo esfôrço:—entre espinhos se picando,
Colhe emfim tenaz mão suave rosa...
Uma e mais vezes reitero os votos:
Nada sei em resposta!—aos votos uno,
Mais potentes que elles, brandas supplicas.
Mas ah! tyranno Amor! que a mão mettendo
Em teos rosaes, d'espinhos ouriçados,
Em vez de rosas colhêr, colhi abrolhos!
De viva voz ao ingrato ouvi dizer-me:
« Detesto a escravidão; prezo o ser livre. »

Por certo me punio a Deosa, offensa
Do abandono que fiz das aras suas.
Talvez que autora só seja Diana
De meo pranto e penar, Amor excluso.
Mas que?—não manda Amor sobre o universo,
Maís que as outras deidades poderoso?
Á seo mando não cede Apollo e Baccho,
Mercurio e Marte, o summo, augusto Jove?
Diana mesmo de Latmos nas grutas
D'Endymião por amor não suspirava?
E se tanto poder seo sceptro abrange;
Se, de rôjo á seos pés, tudo se humilha,
Em meo bem porque do esquivo o rude peito
Não adoça ou o não pune de rebelde?—
Patente me é á razão, perverso Nume,
Que só és o meo verdugo, e voluntario.
Sem que t'o merecesse, me odiaste;
Meo damno urdiste: triumphador te acclamo.
Suffocados soluços, ais, suspiros,
Eis os hymnos da tua ardua victoria.
Muito é combater virgineo peito!
Irão pelo universo os teos louvores,
Cujo emblema será de Sapho o nome!

» Echo, ó minha irman na desventura,
Á qual de nós peor estréa coube em sorte?—
Tu amaste um ingrato, amei eu outro;
Tu morreste por um, por outro eu morro!
Mas (discrime fatal!) ah! sou mais triste!
De Narciso o rigor foi lei do fado;
De Phaon o rigor é voluntario!..
Ferino monstro!... Mas não; tão vis palavras,
Tão atras diras os labios me não manchem.

A malfadada Sapho, teo escarneo,
Jamais, jamais, Phaon, ha d'execrar-te.
De mais alto valor, mais venturosa,
Outra te goze, acceitação mereça-te!
Por vingar-me de ti, aos Numes oro
Que te livrem de sorte como a minha,
De amar sem fructo, suspirar debalde.

» Vós que acabais de ouvir meo fado acerbo,
Furiosas vagas, retorcidos vortices,
Negros pegos do horror, da morte alvergue,
Receber-me ides já; a vida, o corpo,
O plectro, a lyra, vou tudo confiar-vos.
Condoei-vos de Sapho! — um favor unico.
Que ella tem a pedir-vos, não negai-lhe.
Assaltai-me de subito raivosos;
Extingui em mim o ser n'um só momento.
Inda mais tenho a pedir-vos: — quando, extincta,
Ja me não aquecer vital favonio,
De mim travando, ás penhascosas rivas
Tantas vezes teimosos arrojai-me,
Quantas forem mister p'ra que, dilido,
Meo corpo todo em nada s'evapore.
Adeos, Phaon! adeos, querida Lesbos! »

Assim disse a miserrima donzella;
E de subito atirando-se aos abysmos,
A vida, o corpo lhes entrega á um tempo...
O inferno imitando em furia, em raiva,
Mais que o raio ligeiros, a accommettem
Os tufões, as ondas, que seo rôgo ouvírão.
Mil vezes a involvendo, e outras tantas
Contra os broncos rochedos a arrojando,

Mutilão, rasgão da moça as brandas carnes,
De amor infausto, do desprêzo victima...
Como da morte o hymno gorgeando
Do Caystro nas ribas terno cysne,
N'um momento gemeo sobre o rochedo;
N'um momento arrojou-se ao baixo pego;
Deixou de ser; sumio-se ao universo!

TO DIE,—TO SLEEP.

A altas horas da noite
  Carinhosa mãi velava
À cabeceira d'enferma
  Filhinha que perigava.

Ó sublime amor materno,
  Qu'extremos t'igualarãõ?!
Os dos amantes?—blasphemia!
  São de curta duração.

Cada ai, cada gemido
  Da coitadinha arrancava
À pobre mãi as entranhas,
  De tanto que a magoava!

Vendo o Anjo, emfim, da morte
  Ser ja o tempo chegado
De pôr termo aos soffrimentos
  Daquelle anjinho humanado,

Veloz como o pensamento
Do Ceo á terra calou,
E a morada da enferma
Invisivel penetrou.

Ia ja cumprir seo acto
Quando, para a mãi olhando,
Adormeceo-a, com pena
Não visse a filha expirando.

Isto feito, se approxima
Da pobresinha e lhe diz:
« Vamos p'r'o Ceo, nené? »
O que ouvindo, a infeliz,

Que inda tão innocente
Ja da morte se temia,
E mũi bem conprehendêra
O sentido qu' involvia

Do Anjo aquelle convite,
Pela mãi ia gritar,
Mas Azrael, prevenindo-a,
A mãi não fosse acordar,

N'um relance incalculavel
Suas azas desdobrou
Aos olhos da coitadinha,
Que como estatua ficou.

Bellezas taes nunca vira:
Erão ellas furtacôres,

Fazendo um prisma encantado
De desenhos e de flores.

Só um Anjo as merecêra!
Tanto os olhos fascinavão
Quanto a alma e pensamento
De quem as via arroubavão.

Agonias, dores, ancias,
Nada mais a innocentinha
Sentio, tal era o enlêvo
Em que ficou su'alminha.

Mas só ver tantos encantos,
Sem tambem nelles tocar,
Não era de uma criança
Nem proprio, nem d'esperar.

Vontades logo lhe derão
De pegar com os seos dedinhos
Nas gentilezas que via,
Brinquedos tão bonitinhos:

E á proporção que queria
Toca-los e os não achava
Cada vez mais da louquinha
A distracção se augmentava.

Assim que bem entretida
A vio, o Anjo adejou
Suavemente, e comsigo
Da nesciasinha levou

O espirito já livre
Dos transes da humanidade,
Radiando de alegria
Como etherea claridade.

Tão prestes como viera
Azrael subio ao Ceo,
E de mil Anjos n'um côro
Um novo anjo desceo.

Ca na terra só ficára,
Para della ser comida
A mortal forma em que fôra
Aquella alma involvida.

Eis, mortaes, o que é a morte:
A suave transição
De um mundo em tudo enganoso,
De miserias e afflicção

Para um mundo de delicias,
De immortalidade e de amor,
Em que males se não sentem
E se ignora o que é dor.

EXPLICAÇÃO.

> Ce fantôme adoré m'accompagne toujours;
> Rien ne peut effacer l'image de ses charmes;
>
> LEONARD.

Quero poupar disputas aos vindouros,
Se da posteridade acaso forem dignos
Meos obscuros versos e humildes,
Em desabafo compostos tão somente
Do mais oppresso e infeliz dos corações.

Antever me faz a razão que essa Eozina
Que sob forma mortal tanto hei cantado
Com a mais intensa paixão, ha de aos futuros
Dar que entender, na indagação qual fosse.
Dirião uns, attestando fortes provas,
Ser alguma Patagan; outros alguma
Formosa Tupinambá, filha das selvas;
Uns alguma Europea, de azues olhos;
Outros alguma Cafre côr da noite:
Que isto (ca para nós) dos taes biographos
Te'm mais ampla liberdade que os poetas.

Mortal alguma não é essa belleza
Encantadora, que tanto me allucina,
E a phantasia m'enleva, e me acompanha
Por onde-quer-que me leve o pensamento...
É essa Venus o vago paraiso
Da imaginação ardente do poeta,
Que do esteril mesmo e do horrivel
Os mais aprazíveis quadros phantasia.
É esse aggregado harmonico d'encantos
Que vê e ouve o poeta em toda a parte,
Ou solitario seja, ou em convivio:—
É a belleza da flor e o doce aroma;
A bafejante briza; a paz da tarde;
Do furacão o impeto ruidoso;
Da tempestade a horrisona harmonia;
D'aurora os risos fagueiros e a frescura;
De um verno dia a serena claridade;
Da cataracta o monotono fracasso;
Do passarinho os dulcisonos preludios;
O mysterioso silencio das florestas;
Da habitação dos mortos a tristeza;
A placidez da lampada da noite;
Do firmamento as flores lampejantes;
As recordações saudosas do passado;
Do oceano os rugidos lamentosos;
A voluptuosidade do amor e illusões;
Da melancolia e prazer os sentimentos;
D'Euterpe os magos accentos, qu'embriagão
E rendem de tanto sentir! a quem os ouve;
É emfim a imagem do Ceo, a formosura,
Com todo o iman do seo encantamento.

É dêste todo ideial que forma o vate

Essa angelica belleza. encantadora,
Que celebrou o ardente João Segundo
Sob o nome imaginario de Neéra;
Em nossos dias d' Elvira Lamartine,
E que eu sob o d'Euzina hei celebrado.

EM SEGREDO.

> Un homme ne doit-il pas avoir une certaine profondeur dans le cœur pour se devouer dans le silence et dans l' obscurite?
>
> DE BALZAC.

Quizera poder declarar teo doce nome;
Quizera poder dizer ao universo,
E que o podesse dizer em versos d'ouro,
Que por ti sinto nutrir o amor dos Anjos,
Por ti, ente divino e milagroso
Que assás podeste para despertares
O volcão do meo peito—adormecido!
Mas nem sequer á ti dize-lo eu posso:
Tanta em amor é a minha desventura!

Á outro pois que talvez o não mereça,
Que por ti sinta o amor vulgar dos homens,
Caiba a alta ventura de agradar-te,
De possuir-te emfim.—Eu condemnado
Serei a ve-lo sem poder queixar-me,
Sem que a tua compaixão tenha por premio

Dêsse martyrio cruel e insupportavel,
De que, sem o saber, serás tu causa.

Á pedido—13 de Junho de 1843.

O QUE PODE A PHANTASIA!

Rem sine corpore amat: corpus putat esse quod umbra est.

. . . . Tantus tenet error amantem!

OVIDIO.

« Anjo, numen, mortal, encanto, virgem,
O quer-que sejas, ó tu que me sorriste
E d'ante os meos olhos rapida te foste,
Por piedade outravez deixa-me ver-te!
Possuir-te! oh! isso fôra uma loucura!
Um crime digno das mais severas penas
Só o pensa-lo um ente ca da terra!
Miseravel como todos os seos incolas,
À excepção de ti se della és filha.
Mas, ja que tanta ventura não me é dada,
Que inda mais uma vez te eu veja ao menos.
Depois, que eu arda nas fragoas dêsse Etna
Que em meo peito teos olhos ateárão.
Soffrerei esse martyrio mais impavido
Que o infeliz mancebo mexicano: —
Confortava-o a elle o amor da patria;

Confortar-me-ha a mim o teo, ó virgem.
Então, quando o meo corpo, confrangendo-se,
Crepitar nas chammas, em ti só absorto
O pensamento meo, sentirei dentro
Um paraiso ineffavel de delicias,
Igual ao septimo ceo dos Musulmanos...
Anjo, numen, mortal, encanto, virgem,
Serás tu delle uma hurí peregrinando
Neste terreno globo dos humanos?

» Antes nunca te eu visse, ó formosura
Alem de tudo quanto dizer pode
A locução dos homens! antes nunca
Tu com esse teo gesto me sorrisses!
Porque, se o ver-te é um ceo, deixar de ver-te
É um inferno de angustias e tormentos!
Um inferno, sim,— o maior,— talvez o unico...
Mas eu retracto-me, divina creatura:—
Por essa immensa bondade que esmerou-se
Em expressar no teo rosto o ceo, que habitas,
Ao meo delirio perdôa, de que és causa!
Oh! mil vezes bemdito esse momento
Em que rapida passaste ante os meos olhos
Longo traço de luz após deixando
Que os fascinou, porque não é dos homens
O comportar a vista dêsses entes
Que nas espheras do Ceo de luz se embebem:—
Bemdito, sim, porque mais vale um instante
De sublimada ventura como essa,
Do que sec'los de um viver tibio e sem extases.

» Virgem dos meos amores, ser aereo,
D'onde-quer-que á esta hora estejas,

Por um momento digna-te escutar-me,
E então julga da paixão que em mim geraste!
Depois—ri-te dos meos loucos extremos;
Olha-me como um escravo desprezivel,
De quem tu és a senhora absoluta:
Ou então (isto será mais de ti digno)
Digna-te ouvir-me como um penitente
Em orações s'expandindo aos pés da santa
De seo culto predilecto.—Ouve-me, ó virgem.

» Queres ver o que é amar devéras,
Amar como jamais se amou no mundo?
Apparece-me e dicta os teos preceitos.
Verás então o que pode o amor de um homem,
Ou antes, verás do que podes ser tu causa...
Se para ser de ti digno for preciso
Que eu me faça um paladim, que corra o mundo
De um polo ao outro, de escudo e lança em riste,
Digna-te, virgem, dizer-m'o, que os tyrannos,
Os oppressores das gentes e os monstros
Serão da face da terra exterminados:—
Os trabalhos que eu passar, riscos, fadigas
Depois virei á teos pés narrar com jubilo,
E novas ordens ouvir da tua boca,
Dêsse sacrario de amor com que sorriste-me.

» Queres que eu me recolha á um deserto
Medonho, inconsito, agreste, inhabitavel,
Que pertencer ao mundo não pareça,
Onde só morem feras e serpentes;
Que eu a vida dos monges ahi viva,—
Em penitencias,—coberto com o cilicio,—
Soffrendo agros jejuns,—comendo hervas,—

Colhendo o orvalho da noite pelas folhas
Para poder mitigar o ardor da sêde, —
Como um verme rojando pela terra, —
Escasso somno dormindo, ao ar exposto,
Sobre pedras e silvas como um bruto, —
Com as carnes rotas e sangue gotejando, —
Só tendo a ti por confôrto em tanto extremo,
A ti só por objecto do meo culto?
Dize-o, e prompto serás obedecida.

» Anjo, numen, mortal, encanto, virgem,
O quer-que-sejas, ó tu que me sorriste
E d'ante os meos olhos rapida te foste,
Por piedade outravez deixa-me ver-te!
Mas tu não ouves, cruel! os meos clamores
E me abandonas como um inimigo
Ás torturas da paixão que m'inspiraste!
Que pois as soffra e emfim termine a vida
O objecto vil de tanto odio!

» Mas não, — esse mesquinho sentimento
Que só incubão os miseros humanos,
Não pode certo caber n'um ente angelico!
Se pois de mim te não does nem me appareces
É porque só na minha mente existes,
Porque és uma illusão de que sou victima!
Victima, sim, porque o desengano
De não seres um bem qu' eu adorasse
Com a esperança de um dia possui-lo
É para mim o termo da existencia,
Porque viver eu sem ti é viver morto! »

Assim disse o insensato e, já rendido

De sua fatal paixão, cahe insensivel.
As violentas commoções do amor infrene
Que lhe brotára n' alma como um Etna,
A sanidade do espirito lh' eivárão
Ja de si fraco e facil de perder-se...

O infeliz paciente era um mancebo
Désse engenho dotado a que o vulgo
Nesciamente appellida de loucura,
Ociosidade e outros iguaes titulos,
Em desprêzo daquelles que o possuem.
Dizer quero: o infeliz era um poeta,—
Ente em verdade cheio de miserias,
Á excepção da mente que é divina!
Que o paraiso faz gozar aos outros
Que o injurião e cobrem de desprêzo,
E para si reserva os soffrimentos
De uma paixão sem fructo e objecto!

Á solidão dos bosques e das praias
O costumava levar o seo instincto
Para todo o entregar ao fatal gôsto
Das phantasias ardentes e enfermas.
Lasso emfim de vagar pelo infinito
Das illusões, um dia adormecêra
Á sombra amena dos bosques e em sonho
Víra passar-lhe ante os olhos e sorrir-lhe
Essa belleza ideial que o fascinára
E lh' inspirára amor tão desabrido!

Adormeceo de novo, mas do somno
Dos moribundos:—de novo vio sorrir-lhe
A encantadora belleza do seo sonho:

Um sorriso divinal roçou-lhe os labios,
E por seguir o seo anjo fugitivo
Só deixou sobre a terra o seo cadaver.

FIM DAS INSPIRAÇÕES POETICAS.

NOTAS ÀS INSPIRAÇÕES POETICAS.

NOTAS ÁS INSPIRAÇÕES POETICAS.

I.

Outras pelas Naiades da incomparavel Ponte,

Prologo, pag. 7.

Eu, poeta, amante de tudo quanto é bello e poetico, não posso resistir á tentação de fazer conhecer aos que ainda a não vírão, essa *incomparavel Ponte* de que fallo no prologo desta obra; e isto com tanto maior interesse que é ella para mim uma cousa um pouco mais que patria, uma preciosidade do torrão natal.

É a Ponte um riacho que corre parallelo ao rio Itapicurú, mas no sentido inverso, e nelle se lança pela margem esquerda, em pequena distancia de Caxias. — Ainda nada vi de mais ameno, nem creio que o possa haver! — Jamais o vi que me não lembrasse e repetisse comigo o summamente poetico e bellamente descriptivo « *Properantis aquæ per amenos ambitus agros.* »

Custa a crer que em um curso de tres leguas, pouco mais ou menos, que tanto é o seo, possa uma corrente reunir tantas e tão varias bellezas! rolando os seos liquidos e transparentes crystaes ora por leitos

de areia não menos alva, ora por sobre lagedos, e d'espaço em espaço formando uma cachoeira de mais ou menos altura.

Quando pela primeira vez a visitei e descorri por suas margens sombreadas, ao ver tantos e admiraveis banheiros que á cada passo offerece á vista e appetite do homem, um pensamento me veio assás profano e offensivo á Deos, autor de todas as maravilhas da natureza: — parecêrão-me não obra desta, mas da mão do homem; como se o homem fosse mais industrioso que Deos! de quem é aquella a maior obra.

É a Ponte o refrigerio da população de Caxias nos grandes calores do estio. Para ahi vão mũitas familias a passarem dias e semanas, sem que lhes peze a ausencia da cidade. — Quanto á mim, era um voto que tinha feito, e que fielmente guardava, emquanto alli residi, de la ir ter todos os annos na estação sêcca passar alguns dias successivos, aquelles que me permittia alguma vacação no meo officio de advogado. — Então nunca m'esquecia de levar comigo algumas obras analogas, de preferencia, Virgilio, Horacio, Delille e Gessner. Era ahi que, deitado á sombra das cheirosas mamoiranas que povoão as suas margens, sentia um divino prazer em recitar a egloga de *Gallo*, o idyllio de *Mirtilo* e a ode de Horacio:

Laudabunt alii claram Rhodon, aut Mitylenen, etc..

Deliciosa Ponte! só o que te falta para seres tão conhecida como as fontes de Blandusia e Vaucluse, como o *præceps* Anio, o Lima, o Mondego, etc., é o achares entre os Caxienses uma lyra como a de Horacio, Petrarca, Diogo Bernardes, etc.. Eu, sobrando

em desejos, apenas posso pretender a gloria de te haver tirado da obscuridade.

II.

Socia do maltratado da fortuna,
Tu adoçastes á Abad o captiveiro,
Longe da sua Sevilha tão querida,
E na miseria, do throno arremessado!

Á Poesia, pag. 11.

Abad III (Mohammed al Motahmed Al Allah Ben), filho de Abad II: — succedeo á seo pai no throno de Sevilha em 1068 (461 da hegyra), e gozou por mũito tempo de um glorioso e pacifico reinado. Mas á final, havendo-se alliado com Affonso VI, rei de Castella, ao qual deo em casamento sua filha Zaidah, os outros principes mouros se ligárão contra elle, tendo á sua testa Youçouf Tachefyn, sultão de Marrocos; o qual, depois de o fazer prisioneiro, o desterrou para Africa, aonde o infeliz monarcha acabou na miseria. — Delle existem algumas poesias, nas quaes recorda a sua grandeza passada, e se dá como exemplo da instabilidade da fortuna.

III.

E nas matas suspira a torcaz.

Era um Anjo adormecido! pag. 15.

Ha de me permittir o leitor que, todas as vezes que falle de cousas do Brazil, as esclareça com uma nota sempre que ellas não forem universal e invariavelmente conhecidas.

Em o fazer, quando se tratar de objectos pertencentes á historia natural, afastar-me-hei o mais possivel dos termos scientificos, substituindo-os por outros que estejão ao alcance do conhecimento de todos, e por comparações analogas com outros objectos e predicados geralmente conhecidos; — seguindo nisto a reforma que na materia aconselha o sabio Bernardino de San' Pedro no seo *XI Estudo da Natureza*, ao qual me refiro sobre as razões que m'induzírão a adopta-la.

Torcaz: — linda especie do rico genero *Pombos* (*Columba*) que possue o Brazil: — É do tamanho de um pombo domestico; de côr roxa avermelhada e pintada de branco; com pés e bico de um bello carmin. Habita as matas: é summamente bravia, e tem um arrulho enternecido.

IV.

Com a flor linda do maracujá;

Idem, pag. 16.

Maracujá ou maracujazeiro: — planta *trepadeira*, que produz lindas e cheirosas flores, mũi semelhantes ás do *martyrio* da Europa, e dellas agradaveis fructos. — Ha-as de diversas especies, de flores e fructos varias.

V.

Com o vivo rubor do guará; —

Idem, ibid..

Guará ou guaraz: — linda ave do Brazil, de um bello encarnado, da classe das *Ribeirinhas* (*Grallæ*.

Lin.). Só frequenta a agua salgada, e vive de pescar pelos tejucaes quando baixa a maré.—Só sei que a haja na provincia do Maranhão, sebem que Cuvier tambem a faça da do Rio-de Janeiro.—É a *scolopax rubra* dêste naturalista e o *tantalus ruber* de Linneo.

Crêem mũitos que é o mesmo que o *flamingo (phœnicopterus)*; mas é isto um êrro, porque, sebem que do mesmo genero, e mũi semelhantes na configuração, nos habitos, na côr, e até nas transmudações porque esta passa, notão-se-lhes todavia sensiveis differenças, que deixo de aqui apontar por não pertence-lo á esta obra.

VI.

Com um peito-de moça qu'eu tinha,

Idem, ibid.

Peito-de moça:—bellissimo fructo côr de ouro, de casca solida e mũi liza, produzido por uma planta, cuja fôlha é *pelluda (pilosa)* pela pagina superior, e com puas sobre as veias da mesma pagina.—Dão-lhe aquelle nome pela perfeita semelhança que tem com o objecto que exprime, com a differença de ter o bico mais saliente.

VII.

» Berço da humanidade
Te crê com toda a razão,
Ó minh'Arabia, e o Eden
Do par primeiro o christão.

O Canto do Arabe Beduino, pag. 20.

Entre a grande diversidade de opiniões que hão ap-

parecido sobre qual fosse o verdadeiro local do paraiso em que collocou Deos o primeiro homem, me não pareceo grande extravagancia ou desacêrto o imagina-lo, na boca do amadioso Beduino, na sua querida Arabia: e nem é isto para estranhar, quando até ha quem tenha pensado (e authoridades de grande nota) que tal paraiso nunca existio, e não passa de uma pura allegoria.

VIII.

Eu a via aqui vir todas as tardes,
Horas de devoção,
Á saudação da Virgem consagradas, etc.

Miseranda! pag. 23.

Ave, Maria!
Gratia plena, etc..

IX.

Ella, pobre mulher, casta e tão pura
Como o foi Pulqueria?!

Idem, pag. 27.

Elia Pulqueria, filha do imperador Arcadio e d'Eudoxia: — pia e religiosa imperatriz do Oriente, que, sendo proclamada tal por morte de seo irmão Theodosio, em cujo nome governára o imperio durante a vida dêste, para consolidar o seo poder, casou-se com o senador Marciano, homem digno de tal escolha; com a condição porêm de respeitar elle o seo voto de virgindade, que ella fizera emquanto solteira.

X.

Os gloriosos epithetos d'Epiphanes,
Nicanor, Poliorcetes, Soter e Callinico,
Que outr'ora tres dynastias destinguírão,
Illustres e preclaras,

Bonaparte em Waterloo, pag. 42.

Prevendo que talvez alguem sobreesteja em recordar qual a terceira das tres dynastias de que aqui fallo, só tendo presentes as dos Seleucidas e Ptolemeos, pareceo-me dever declarar o meo pensamento, lembrando-lhe que essa terceira dynastia á que me refiro, é a dos rêis macedonios, a contar do celebre Demetrio, I do nome, cognominado *Poliorcetes*, até Perseo, filho natural de Philippe V; — comprehendendo Demetrio I, Antigono Gonatas, Demetrio II, Philippe V e Perseo, com o qual acabou o reinado da Macedonia: — sebem que de toda ella só o primeiro fosse honrado com o epitheto de Poliorcetes: — excluindo os rêeis estranhos que a interrompêrão logo depois de desenthronizado o primeiro, a saber, Pyrrho do Epiro, Lysimacho da Thracia, Seleuco da Syria, Ptolemeo Cerauno, Meleagro, Antipater, Alexandre, filho de Pyrrho e Antigono Doson.

XI.

Do destino talvez lei fosse seo passo:

Idem, pag. 44.

O falso juizo que talvez fizesse o leitor sobre a perfeição dêste verso, me fez parecer necessaria a seguinte nota.

Mũi judiciosamente diz Francisco Freire de Carvalho nas suas *Lições elementares de Poetica nacional*, capitulo III, §§ III e IV, que na versificação portugueza nada influe, como na da maior parte das nações modernas, ao contrario da grega e latina, o a que chamão os grammaticos *pés*,—que consiste em um certo numero de syllabas, invariavelmente longas e breves, como o dactylo, o iambo, o trocheo, etc., ou somente longas ou breves, como o espondeo e o pyrrichio; sem o que o verso não seria perfeito e certo em ambos aquelles idiomas:—em razão (diz elle) da quasi nenhuma differença que na pronuncia se nota entre as syllabas longas e breves; pois a unica sensivel que se dá entre as nossas syllabas « depende daquella especie de apôio de voz á que damos o nome de *accento* ». Do que (continua) resulta « que a melodia dos nossos versos depende mũito mais da ordem e da successão das syllabas accentuadas ou não accentuadas, do que da mistura de longas e breves »: e eu acrescentarei, e da *justa collocação da pausa da cesura*, a qual mais que nenhuma outra circunstancia influe sobre a perfeição e harmonia do verso: do que me sirva d'exemplo o que deo motivo á esta nota.—O leitor, desprevenido, pela primeira vez collocará a cesura depois da sexta syllaba; mas no fim o achará agro, duro e imperfeito: o que ja não acontecerá collocando a cesura depois da septima syllaba, na palavra *lei*.

Frequentes exemplos dêstes nos offerece qualquer poeta nosso que leiamos, d'entre os quaes, como melhor authoridade, citarei ao dulcisono Camões, nos versos:

Cidade Meca, que s'engrandece
Lusiad., cant. IX, est. II.

Dai lugar, altas, e ceruleas ondas,
Idem, idem, est. XLIX.

em cuja leitura, se o leitor, no primeiro, fizer a cesura depois da quinta syllaba, como irreflectidamente o fará á primeira leitura, e no segundo, depois da terceira, acha-los-ha pouco melodiosos: o que ja não succederá fazendo a cesura, no primeiro, depois da sexta syllaba, e, no segundo, depois da quinta.

Em exemplo do corollario que acima transcrevi, do autor citado, eis aqui o seguinte verso do mesmo poeta:

Da religiosa agua Mahometana.

Idem, idem, est. II.

em cuja leitura, se o leitor pronunciar tão sensivelmente como o fizera na prosa, a syllaba *ho*, da palavra *Mahometana*, certamente que achará o seo rhythmo pouco fluente, e mais tardio do que o permitte a melodia: mas o contrario será se a fizer menos sensivel, pronunciando a palavra como se estivesse escripta *Maumetana*, formando uma só syllaba das quatro primeiras lettras.

Resumindo á final tudo quanto nesta nota hei escripto, direi que a verdadeira regra para a perfeita melodia na versificação portugueza consiste no bom ouvido do poeta; e que da parte do leitor está o procura-la realizar, buscando acha-la pelos meios e methodo indicados.

XII.

E quando ao peito me calas
Com a tua gemea *irman*,

Recordação, pag. 48.

A melancolia.

XIII.

E do buritizeiro d'entre a arguta coma

Á Tarde, pag. 54.

Buritizeiro:—especie do genero *Palmeiras* (*Palmæ*), da provincia do Maranhão;—a mais bella e alta das da sua familia que possue o Brazil. Só prospera em lugares humidos e brejosos; e dá estimados fructos em grandes cachos pendentes.

XIV.

O azulão ouvir se faz mais terno,

Idem, ibid.

Azulão (vulgarmente chamado *xico-preto*):—passaro de côr preta azulada, do Brazil.—Ha-o de duas especies, inteiramente differentes no cantar e nos habitos: um menor, e outro maior; e é dêste que aqui fallo.—É granivoro; habita e se aninha tão somente nos buritizaes, que tambem, como disse na nota antecedente, só nascem e prosperão nos brejos e sitios a-

quosos:— de maneira que ao viajante abrasado que transita pelos campos, é o canto do azulão o primeiro e infallivel annuncio da proximidade d'agua.—O seo cantar sebem que não mũito variado, é todavia o mais saudoso que dar se pode, e é de todos ouvido com enternecimento.

XV.

Hor'amena da Tarde! que amou Dante;
E em que, da patria banido, carregando
De terra em terra com a sua desventura,
'Enternecidamente se lembrava
Da hora em que dos amigos se apartára!

Idem, pag. 55.

Allusão livre aos admiraveis versos de Dante:

Era già l'ora che volge 'l disio
A' naviganti e 'ntenerisce il cuore
Lo dì ch'han detto a'dolci amici addio,
E che lo nuovo perigrin d'amore
Punge, se ode squilla di lontano
Che paja 'l giorno pianger che si muore;
Divin. Commed., *Purgat.*, cant. VIII.

XVI.

Hor'amena da Tarde! que amou Byron;
E em que elle protestou solemnemente
Contra a calumnia dos que atheo dizião-no,
Desafiando-os p'ra que orassem juntos
Ante o altar da grande Natureza,
A ver qual delles mais breve ao Ceo chegava.

Idem, *ibid.*.

Allusão aos bellos versos de lord Byron:

Some kinder casuists are pleased to say,
In nameless print, that I have no devotion;
But set those persons down with me to pray,
And you shall see who has the properest notion
Of getting into heaven the shortest way;
My altars are the mountains and the ocean,
Earth, air, stars,—all that springs from the great Whole.
Who hath produced, and will receive the soul.
Don *Juan*, cant. III, stanz. CIV.

XVII.

A BARBOLETA, FLOR.

Pag. 57.

Barboleta:—linda e suave flor branca jardineira, mũi semelhante ao insecto que exprime o seo nome,—produzida por uma planta que por aquelle motivo se poderia classificar entre as *Papilionaceas (Papilionaceæ)* de Porta, Tournefort, Pontedera, Bergen, etc.; mas que melhor o será entre as *Arundineas (Calamariæ)* de Linneo, ou, antes, entre as *Liliaceas (Liliaceæ)* do mesmo naturalista, de De Candolle, Boitard e outros.

XVIII.

A uruçú não produz nectar tal! —

Idem, pag. 59.

Uruçú ou oruçú:—abelha grande e mũi brava do Brazil, que dá abundante e delicioso mel.—Ha-as de diversas especies e côres.

XIX.

Era bella como a flor
Cuja essencia rescendia
Seo corpo, de fino alvor.

A bella Nur Djihan, pag. 65.

Cre-se que a sultana Nur Djihan foi a inventora da assencia de rosas.

XX.

Nur Dj'han era uma hurí·

Idem, pag. 66.

Hurís:—bellezas celestes gozando de uma mocidade e formosura eternas, de que povoão os Musulmanos o seo paraiso, e que devem recompensar com um casto amor a virtude e a fé do verdadeiro crente.

XXI.

A' grata sombra do tuba:—

Idem, ibid..

Tuba:—arvore immensa do paraiso dos Mahometanos.

XXII.

Outra igual não vio Delhi.

Idem, ibid..

Assim digo por ter sido Delhí a mais sumptuosa

e duradoura das tres côrtes que em epochas diversas teve o imperio mogol das Indias, a saber, Lahore, Agrah e Delhí.

XXIII.

MELUSINA.

Pag. 81.

Na composição desta peça fiz algumas pequenas e insignificantes alterações á tradição de Poitou, as quaes nada influem sobre o enrêdo principal;—do que se poderá certificar quem quizer dar-se á pena de as confrontar.

XXIV.

Assim chamado do nome
De Melusina formoso.

Idem, pag. 82.

Lusinaem:—tal é o nome primitivo que, segundo a tradição, teve o celebre castello de Lusignan, arrasado em 1574 pelo duque de Montpensier;—assim chamado por anagrama de *Melusina*.

XXV.

E o picturesco archipelago das Antilhas

Ao Oceano, pag. 93.

Outros escrevem (e mais geralmente) *pittoresco*, adoptando o proprio termo italiano que creou esse neologismo.—No meo pensar, porêm, entendo que se de-

ve antes escrever *picturesco*, derivado de *pictum*, supino de *pingo, is*,—por ser assim mais conforme com a pronunciação, orthographia, natureza e origem do nosso idioma; e porque, mais, o proprio termo italiano é derivado daquelle latino.

XXVI.

CANÇÃO DE BUG-JARGAL.

Pag. 95.

Talvez se m'estranhe o dár aqui publicação entre as minhas poesias á esta traducção que nem minha é, mas sim do senhor Dr. Antonio Gonçalves Dias.

Não é tanto em retribuição á lembrança que de mim teve nos seos *Primeiros Cantos*, publicando alguns fragmentos de uma poesia minha, que assim obro, como por divulgar mais—esse precioso trabalho do nosso amigo e collega,—que elle apenas se dignou imprimir no 1.º N.º do *Archivo*, do anno de 1846, jornal scientifico e litterario publicado nesta cidade.

Com effeito, esse fructo do genio poetico do senhor Dias é um dos mais bellos que delle conhecemos! e tal graça lhe achamos desde a primeira vez que o lemos, e tanto o havemos lido, que insensivelmente o aprendemos de cór.—A simplicidade do estillo, a fluencia do rhythmo, o numero de versos de que se compoem as estanças, o genero daquelles, a cadencia da rima—tudo ahi é bello e se harmoniza para fazer um lindo ramalhete poetico.—Nesta habilidade de escolha é que está um dos grandes meritos do poeta, e dependem mũitos dos seos triumphos.

Finalmente, a traducção do senhor Dias é uma

dessas producções encantadoras (cuja gloria pertence sobretudo á litteratura moderna) que achão mas echo no coração do que realidade na natureza: verdadeiras *coquettes* dos Campos-Elysios e *boulevards* de Paris, cujo poderoso e irresistivel encanto consiste nesse todo de especiosidades que as caracteriza. Dêste genero de riqueza litteraria são notaveis exemplos o episodio de Francisca de Rimini, de Dante, o *XX Canto do Crepusculo* de Victor Hugo, que assim começa:

L'aurore s'allume,
L'ombre épaisse fuit; etc..

e a *XXXVII Folha d'Outono* do mesmo poeta, d'onde começa:

O myrrhe! ô cinname!
Nard cher aux époux!
Baume! éther! dictame!
De l'eau, de la flamme,
Parfums les plus doux! etc..

No mais creio que o publico se não pezará dêste meo arbitrio.

XXVII.

Os arabescos rosados
Por que a louca morria.

A Borboleta.—Apol., pag. 102.

Outros dirião: *Por quem a louca morria.* Eu porem entendo que o pronome *quem*, como os seos consoantes, *alguem*, *ninguem*, só é relativo á pessoas, e não tambem á cousas e á significados incorporeos, que não representem uma entidade activa, como a Morte, a Fortuna, etc.,—em cujos casos se deve empregar o re-

lativo *que.* — Possuido desta opinião, é pois assim que sempre me exprimirei em identicos casos.

XXVIII.

AD LYDIAM.

Pag. 109.

Attendão ao titulo de *livre* que dou á esta traducção aquelles que a quizerem criticar por não ser conforme em algumas passagens com o original.

XXIX.

Á MORTE DE UMA NOBRE DONZELLA, ETC.

Pag. 119.

Deu aqui publicação á esta e ás duas poesias seguintes, traduzidas das *Horas vagas* de lord Byron. porque, resolvido como estou hoje a terminar as minhas publicações só com a de mais um poema além desta, quero com ellas dar ao publico uma amostra das traducções em que me tenho occupado de algumas das obras daquelle grande genio. São as tres primeiras das suas *Hours of Idleness*, com cujo original as poderão confrontar os judiciosos apreciadores dêsse difficultoso genero de trabalho, pelo qual tenho decidida inclinação, apezar do muito que se tem dito contra elle, e do epigrama: *Traduttore, traditore.*

XXX.

Onde, della travando, os Anjos levão-na
No paraiso a tomar eterno assento.

Á Morte de uma nobre Donzella, etc., pag. 120.

And weeping angels lead her to those bowers
Where endless pleasures virtue's deeds repay.

diz o original. Á meo ver, porêm, lord Byron aqui cincou no emprêgo que fez daquelle termo *weeping* (chorando), porque, se elle nos dous primeiros versos desta estança, referindo-se á si, diz:

Mas porque lagrimas, se, bella como o dia,
Para as plagas dirigio do sol seo vôo?

como admittir-se que os Anjos, creaturas celestes, recebessem pezarosos e á chorar essa alma candida e pura que trocára a habitação da terra pela do Ceo?—O êrro é palpavel e não pode ser sustentado. Antes, pelo contrario, a sua recepção devia ser festejada com canticos e demonstrações de alegria.

É por isto que na minha traducção tomei a liberdade de omittir o termo significativo *weeping* do original. Se nisto porêm obrei desacertadamente, docil me submetterei ás razões de uma justa censura.

XXXI.

E alem das nuvens passas temerario;

Hymno sagrado, pag. 133.

Aqui alludo ás celebres ascenções e viagens que

se tem feito nas machinas ou globos aerostaticos, inventados pelos irmãos Montgolfier em 1783, sebem que ja mũito antes o nosso Bartholomeo Lourenço de Gusmão houvesse feito felizes ensaios e experiencias á respeito.

XXXII.

Um padrão nem sequer, um epitaphio
Em sua honra fizerão seos tyrnnos, etc.,

Recordações do seculo, pag. 138.

Les officiers de l'Empereur avaient commandé, le jour même de sa mort, à un graveur de l'ile, une plaque d'argent destinée à être placée sur son cercueil. Déjà l' artiste avait figuré sur la plaque cette simple et modeste inscription:

Napoleon,
Né a Ajaccio
Le 15 aout 1769;
Mort a Sainte-Hélène
Le 5 mai 1821.

Mais Hudson-Lowe, instruit de cette intention, déclara au comte Montholon qu'il s'opposait formellement à cette disposition.

— General, avait-il ajouté, mes instructions me font un devoir de ne pas lé permettre; c'est tout au plus si mon gouvernement tolérerait qu'on inscrivit ces mots sur le cercueil: Le General Bonaparte.

Á cette déclaration, le general Montholon s'était recrié avec indignation:

— C'est une horrible vexation! Il est infâme de poursuivre ainsi la victime jusqu'au delà du tombeau!

Mais le geôlier de Sainte-Hélène fut inébranlable; la pierre même qui devait recouvrir la fosse ne reçut aucune epitaphe. Le gouvernement anglais, qui avait prévu la mort de l'illustre prisonnier, avait défendu à son représentant de ne laisser rien inscrire sur la pierre tumulaire, dans la crainte qu'un mot ou le moindre emblème vint à rappeler aux vivants le souvenir de l'homme qui avait laissé tant d'ineffaçables traces de sa puissance depuis les Pyramides jusqu'au Kremlin.

Saint-Hilaire, *Hist. de Nap.*, sixièm. part., chap. IV.

XXXIII.

Vês estas ondas que aqui se quebrão
Com lamentoso ruido, salpicando-lhe,
Como de lagrimas, a solitaria campa?

Idem, pag. 141.

Não ignoro que Napoleão foi sepultado no valle de Fermain, no interior da ilha de Santa-Helena, aonde certamente não pode chegar o borrifo das ondas; mas ja antes de mim Lamartine disse com mais liberdade:

Sur un ecueil battu par la vague plaintive
Le nautonier de loin voit blanchir sur la rive
Un tombeau près du bord par les flots déposé;
Meditat. XXXIII.

XXXIV.

Se no philosopho d'Albuquerque confiarmos,
A um só dos bellos cabellos de Lycimnia
Pelos thesouros da Phrygia não trocára
O amoroso Mecenas.

Extremos de amor, pag. 145...

Num tu, quæ tenuit dives Achæmenes,
Aut pinguis Phrygiæ mygdonias opes,
Permutare velis crine Lycimniæ,
Plenas aut Arabum domos?
Hor., lib. II., od. IX.

XXXV.

Bem o disse o peregrino do Vesuvio!
« Dos grandiosos assumptos e objectos
É o homem á vista pouco e esteril: » —

Idem, pag. 146.

L'ermite m'a présenté le livre où les étrangers ont coutume de noter quelque chose. Dans ce livre, je n'ai pas trouvé une pensée qui méritât d'être retenue; les François, avec ce bon goût naturel à leur nation, se sont contentés de mettre la date de leur passage, ou de faire l'éloge de l'ermite. Ce volcan n'a donc inspiré rien de remarquable aux voyageurs; cela me confirme dans une idée que j'ai depuis long-temps: les très-grands sujets, comme les très-grands objects, sont peu propres à faire naître les grandes pensées; leur grandeur étant, pour ainsi dire, en évidence, tout ce qu'on ajoute au delà du fait ne sert qu'à le rapetisser. Le nascitur rediculus mus *est vrai de toutes les montagnes.*
Chateaub., *Voyag. en Ital., Le Vesuv.*.

XXXVI.

Oh! tu que és tão romantico e sensivel,

Infeliz mancebo! pag. 143.

Os termos francezes *romantique*, *romanesque*, are

parecem tanto no caso de serem adoptados no nosso idioma, como outros que o hão sido, porque não existe nelle um termo proprio que exprima toda a generalidade do sentido daquelles,—que nos trazem ao pensamento tudo quanto d'illusorio, nobre e phantasioso celebrava a poesia dos Trovadores provençaes (do nome de cuja lingua, *romane* chamada, são derivados os dous termos francezes),—amores, damas, torneios, acções nobres, saráos, castellos, heroismos, tradições de todo o genero; e, no sentido generico, tudo quanto é bello, poetico, etc., e diz respeito á esses ineffaveis sentimentos que só se nutrem d'illusões, e parecem ser o ensaio ou a amostra dos gozos da vida futura, em que elles passarâõ d'illusões á realidades.

XXXVII.

Cavalgando este um bellissimo gincte
De Fez, aquelle um normando, est'outro um médo;

Idem, pag. 151.

Quando se trata hoje de cavallos, o não fallar dos arabes com preferencia é ou ignorancia ou mao gôsto. Não sei se nisto entre grande dose de affectação *dandystica;* e somente me limitarei a dizer que os antigos, que nada ignoravão das cousas da Arabia, entre outras mũitas raças de cavallos que estimavão á par da arabe, se não com preferencia, como fossem as de Sicilia, de Creta, de Mazace, d'Achaia, d'Acarnania, da Cappadocia, da Magnesia, da Thessalia, d'Ionia, d'Armenia, da Iberia, da Mauritania, da Libya, da Scythia e da Thracia, sobretudo apreciavão a raça dos cavallos de Niséa, na Media: á cujo respeito se veja Op-

piano no seo poema da *Cassa*, canto I, Herodoto, livro III, § CVI, e livro VII, § XL, e Arriano, livro VII, capitulo III.

XXXVIII.

Se de Deos o Filho, de divina essencia,
Esmoreceo da morte ao negro aspecto,
E ao Pai pedio que o poupasse, se possivel,

Males que não têem cura! pag. 165.

E tendo sahido, foi d'alli, como costumava, para o Monte-das Oliveiras: e seos discipulos o seguirão.

E chegado á aquelle lugar, lhes disse: Orai para que não entreis em tentação.

E Jesús apartou-se delles o espaço que pode alcançar uma pedra arremessada: e pondo-se de joelhos, orou nestes termos:

Pai, se for possivel transfere de mim este calix; mas se do contrario, cumpra-se a tua vontade.

San' Luc., cap. XXII.

XXXIX.

Da virginal Diana ao culto dada,

Sapho, pag. 178.

Contra a verdade historica aqui finjo ser Sapho uma virgem, dedicada ao culto de Diana; quando, pelo contrario, é sabido que ella foi casada e até teve uma filha:—mas eu aqui sou simplesmente poeta, e não biographo.

XL.

Tomo o calamo:—o sangue se me gela.

Idem, pag. 181.

Eis um termo que se não encontra nos diccionarios portuguezes, na significação em que aqui o emprégo, de *penna d'escrever:*—mas empregárão-no nella os Latinos, como, por exemplo, se vê no seguinte verso de Ovidio:

Dextra tenet calamum; strictum tenet altera ferrum.

Heroid. XI, Canac. Macar..

e eu não entendo que os lexicographos devão ser os unicos

«Quos penem arbitrium sit et jus et norma loquendi.»

XLI.

Antever me faz a razão que essa Euzina
Que sob forma mortal tanto hei cantado

Explicação, pag. 187.

Assim dizia eu em referencia ás mũitas poesias compostas á essa belleza ideial, cuja maxima parte é do numero daquellas que no prologo desta obra menciono haver omittido.

FIM DAS NOTAS ÁS INSPIRAÇÕES POETICAS.

A DUQUEZA DE BRAGANÇA.

POEMA.

Quem de tristezas vive, só me lea:

FERREIRA.

PROLOGO.

É para admirar que os autores tragicos e dramaticos portuguezes tenhão esperdiçado uma materia tão fertil como a que offerece o caso nacional da funesta morte da infeliz Leonor de Mendonça.—Uma mulher, objecto o mais essencial para o interesse de uma acção dramatica; aquella, joven, formosa, filha de um dos principaes grandes d'Hespanha, assassinada pelo seo proprio marido, de quem ja tinha caros e innocentes penhores, por suspeitas de infidelidade conjugal, com o accessorio de o ser na noite de um 1.° de novembro, dia solemne e lugubre para todos os que commungão da Igreja grega e latina, que mais fôra preciso para constituir um assumpto verdadeiramente romantico e dramatico?—Mas não é só isto; o silencio guardado pelo theatro sobre tão triste successo, é demais uma injustiça feita á tão eminente desgraça digna por certo de ser universalmente sabida e chorada.—Possuido dêste sentimento é que me propuz a reparar, tanto quanto me fosse possivel, o esquecimento de outros á quem mais relevava essa obrigação, emprehendendo o seguinte poema, que executei no anno de 1842:—*il y a do*

la douceur à pleurer sur des maux qui n'ont été pleurés de personne. E a reparação talvez que seja hoje completa, com a composição de um drama sobre o assumpto, — que do Rio-de Janeiro me communicou ha pouco ter publicado o meo amigo o doutor Antonio Gonçalves Dias, autor dos *Primeiros Cantos.* — Ainda o não li, (*) e por isso nada mais posso por ora do que prometter-me lisongeiras esperanças dos talentos do autor. — Qualquer porêm que seja o resultado dos nossos esforços, sempre nos restará a pequena gloria do convite aos verdadeiros genios.

(*) Hoje ja assim não acontece; e posso dizer que não foi illudida a minha expectação.

A DUQUEZA DE BRAGANÇA.

POEMA.

Tragico caso, raro e memorando
Vai minha musa narrar, seguindo a tua
Parisina de longe, excelso Byron:—
Vós bem nelle attentai que haveis jurado
Guardar do matrimonio a fé stricta.
Salva seja a innocencia; é só meo animo
Com scenas proprias deleitar meo genio,
De melancolia e de dor avido abutre.

I.

Em o dia era primeiro de novembro...
Commemorando a defuncta humanidade,
Pouco havia a gemer tinhão entrado
De Villaviçosa os bronzes piedosos;
E, solitarios pausando seos retumbos,
Como 'se universalizar quizessem seos pezares,
A harmonia do orgão convidavão.

Oh! que christão em tal dia, ao mundo alheio,
Do borborinho das festas esquecido,
Ante o gothico templo prosternado,
De um caro objecto a morte não deplora;
Ou, entre os tum'los, á sombra do cypreste,
Religioso á Providencia não demanda
Quando surdo á taes sons será, ou quando
Carecerá de preces seo espirito?—
Ermas erão as ruas; agro pranto
Cadaqual tinha a verter: qual aborrida
Velha, bento rosario nas mãos tendo,
Pela alma de um penhor rezas carpia
Que em civís dissensões roubado fôra-lhe;
Qual orphan infeliz, desabrigada,
Ao vilipendio exposta e á indigencia,
Com santo empenho á morte supplicava
Uma mãi de que barbara a privára.
Deos as ouvia; e ellas, fervorosas,
Em sua immensa bondade confiavão:—
Feliz ah! quem em sua desventura
Consôlo acha que lh' a dor minore!

II.

Um só homem a villa atravessava:
Dom Jayme era, o duque de Bragança..
A selvagem solidão do Ossa ingente,
Seo predilecto retiro, abandonando
Por secretos motivos, carregado
Em seo nobre semblante, demandava
Com vagarosos passos seo palacio...
Que momentosa razão deixar o obriga
Os horriveis precipios da montanha,

Dos bulcões o sibilo arrebatado
Pela fragosa encosta e aereos pincaros,
O zoazão das torrentes espumosas,
Do tetrico mocho o guincho solitario,
Tão gratos sons ao seo caracter brusco,
Que tudo repercute o echo esperto
Das cavernosas fragas que a povoão?!
Pia religiosidade por ventura,
A alma de seo pai, de dom Fernando,
Victima do cadafalso, o chama á preces?—
Só elle o sabe; conjecturas falhão.

III.

Seo ducal aposento entrado havia.
A bruteza da serra que habitava,
Seo misanthropo, fanatico caracter
Mais intratavel e duro tinha feito.
Mas não; — por esta vez não o ennegrece
Essa vaga tristeza, inexplicavel,
Infausto filho das paixões e males
Que multigeneres gravão a existencia.
Tumultuoso sentimento, estranho o tolda,
Que transfundir se deixa involuntario
E preia ardente a victima assinada...
Com os olhos baixos os salões enfia;
E seos passos os echos das abobadas
Solitarios, alternos repetião.
« Salve, senhor! » — é Annes que lhe falla.
Electrico influxo lhe tocára os nervos.
Subito estaca: mais rapidos que o raio,
Seos faiscantes olhos tudo vírão.
« Qu'é da Duqueza; que faz, em que se occupa?

— Ora, senhor, pelas almas piedosa.
— Que tambem pela sua ore.... »— mais cousas
Elle ia a dizer se não pensára:
Mas, acenando á aia que se fosse,
Elle foi-se tambem arrebatado.

IV.

Entretanto a expirar estava o dia:
Pardo ar era ja, e, fatigados
De troarem, os sinos lamentosos,
Os ultimos sons em desordem desprendendo
Dos campanarios dos templos e mosteiros,
Aguardar ião a noite por seguirem...
Encerrado em seo quarto o Duque era,
E, agitado vagando, taes palavras
Em furioso tom baixo dizia:
« Miseravel adultera, impudente!
Aos infortunios meos juntar o opprobrio!
E que era d'esperar de um matrimonio
Que a politica só d'el rei meo thio
Aconselhou, que não o amor reciproco?
Repudia-la-hei... Mas que, com isto
Lavada fica a deshonra que me pesa?
Não, á dom Jayme não assenta essa vingança!
Do infiel só o sangue e da impudica
Meo rancor satisfaz, minha nobreza: »
E nisto pega da espada, de si fóra,
Cutila, fere de ponta o espaço em tôrno...
Eis que chega a Duqueza e á porta bate.
Assaltado, dom Jayme a arma empunha:
Mil ideias lhe suggere a phantasia.
« Será ella, a traidora? — como olha-la? »

« Quem me ousa importunar? — diga quem seja?
— Sou eu, ó duque; é Leonor que busca-te. »

V.

O estupor do forasteiro sorpr'hendido
Por borrascosa noite nos desertos
Do San'-Gothardo, quando, unindo as fôrças,
O genio das procellas rompe os bojos
Das carregadas nuvens tenebrosas
E aventa sobre elle o inferno armado,
Não iguala por certo ao de dom Jayme
De Leonor ao ouvir a voz suave.
Acommettem-no da vingança as cegas furias:
Dellas levado, á porta se arremessa;
Leonor ia ja ser immolada!
Mas retem-no a razão: fria vingança
Enche mais as medidas de seo genio,
Que vacuo deixa uma só, ligeira morte.
« Ide-vos, senhora, lhe responde iroso;
Eu soffro, a solidão só me allivia.
— Se soffreis, senhor, eu quero consolar-vos:
Vossos males e os meos serão os mesmos.
Abri, senhor, a porta, eu vo-lo peço.
— Ide-vos, senhora; obedecei, qu'eu o mando;
Não mais m' importuneis. » — Rispida ordem!

VI.

Infeliz Leonor, não mais insistas! —
Á meiguices usada desde a infancia,
Repellida se via por dom Jayme,
Seo esposo, afaga-lo quando q'ria!

Que mal maior que o desprêzo e a indifferença
P'ra uma esposa que crê ser adorada?! —
Nimiamente sensivel, timorata,
Emmudecida ficou, sem movimento.
Com os olhos tesos no chão, ella buscava
Acalmar a vergonha em que flagrava.
De ardentes perolas diluvio arrebatado,
Em torrentes. em bagas succedendo-se,
Por entre as densas pestanas que os encobrem,
Seos negros lumes maviosos vertem.

VII.

À delicada, timida gazella
Que desgarrára do macho o abelmosco
Aqui e alli, escasso. vegetando,
Estremece, e prestes leve retrocede,
Quando, ja farta, em si então cahindo,
Com o instincto só no caro companheiro
Pelas abas dos montes discorrendo,
Ouve á porta do antro em que cuidára
Achar termo á saudade que a lacera,
A voz terrivel do chacal, que engrifa-se.
Então, qual lebre, apenas deslizando
Os fraguedos qu'encoutra. os valles busca,
Em que chacaes não occultão espeluncas...
Tal, Leonor, tornando á si do golpe
Que lhe dera dom Jayme, em pranto immersa,
Dos filhinhos seos na ludicra innocencia
Vai depor seo temor, gozar caricias.

VIII.

Ó eloquencia das lagrimas potente,
Epiphonema das dores, ô sagrado
Amor de mãi, a que outro não iguala,
Do coração vós sois a voz sincera!
Se te víra, ó Leonor, dom Jayme em pranto;
Se te víra amimar a prole sua,
E nella buscar o amor qu'elle negou-te,
Vacillar o víras sobre a culpa tua:—
De Clytemnestra á Lucrecia então passáras!

IX.

Mas passavão as horas como passa,
Sem vestigios deixar, tudo no mundo.
Cessado havião os dobres; e da noite
Pouco á pouco a mudez s'ia estendendo.
Encerrado em seo quarto ind'era o Duque;
Mas só não era: ouvia-se colloquio.
Breve foi o negocio: abre-se a porta,
E dous homens por ella eis que s'esquivão.
Ficára o Duque:—era um delles Fernão Velho,
Seo vedor; Pedro Vasques era o outro.
No continente de Velho era o espanto,
Que produz o remorso de seo crime.
Delator de Leonor, elle o seria
De Penelope até se por ventura
Um olhar do esposo esperasse o vil escravo
Que o distinguisse dos outros.—Com mil tramas
Entre os consortes dous o fatal pomo
Da discordia atirára: era seo animo
Perder a um por merecer o outro.

Vai, miseravel! prosegue no teo crime!
Terás por premio infallivel o mais justo
Dos castigos da terra, a consciencia,
Que te ha de remorder até á campa!

X.

Abrepticio dom Jayme parecia:
O abominavel monstro que o deixára,
Belzebuth disfarçado, no brazeiro
Do ciume entornára o pez do embuste.—
Ó paixão infernal, bastardo filho
De um pai tão doce, do amor, archeo da vida,
Da fabulosa Grecia nos enredos
Bem pintada tu foste; sim, da maga,
Vingativa Medéa só podéras
Armar o braço contra a tenra prole,
E extasia-la no lugubre espectaculo!

XI.

Da efficacia dos meios que empregára
Por punir sua esposa incerto, o Duque
Dos homens passa á Deos, e á elle ora
Pelo exito feliz do seo intento.
Com os joelhos em terra, ante a sagrada
Effigie de Jesús elle se humilha,
E em lagrimas profanas debulhado,
O seguinte infernal ensalmo enfia:
« Deos de vingança, Deos inexoravel,
Do rebelde Pharaó tu que aos subditos
Oppressores d'Israel, captiva afflicta,
Infligiste mil pragas e mataste

Os primogenitos seos; tu que raivoso
De Leví a prole armaste contra os elches
Adoradores do idolo de ouro;—
Tu que, de sexo ou idade sem discrime,
D'Amalec os filhos trucidaste,
Não me deixes, Senhor, ficar inulto,
Como a Urias outr'ora tu deixaste.
Ajuda-me a empunhar o justo ferro
Do amor e honra offensa, e a ensopa-lo
No sangue dos.... »—Aqui o acommettem
De novo as furias que lh'o odio atição.
Tal a impudencia e desgarro de um fanatico;
Tal a ideia que faz do Deos que adora!

XII.

Firme crendo no apôio qu'invocára,
Seo leito busca, a repousar, dom Jayme.
Cedêra emfim a ardente phantasia
De fadigas ao corpo acabrunhado.
Mas o somno, esse mesmo bem sem outro,
Esse Lethes da dor quando sereno,
Como se contra elle conspirado,
Em vez de o divertir, seo mal augmenta.
Ameaçador, seo gesto, qual o vortice
Que o insidioso cachopo occulto indica,
Das paixões de su'alma era o transumpto.
Mil vezes cria ver os dous amantes
Ja nos braços do amor; mil vezes cria
A vingança chama-lo a voz de Velho.
Em agitação, seos braços parecião
O ultrice ferro procurar anciosos.
Mas mudára de aspecto, e taes palavras

Em sonho deixa ouvir: « Senhor, mais logo;
Deixai primeiro qu'eu ceve-me de sangue.
Pois que? quereis-me apiedar quando careço
Da sanha de uma fera p'ra ser justo
E despicar do hymeneo a fé quebrada?
Não, senhor; mais tarde; hoje deixai-me.
Do Redemptor do mundo até a morte
Fôra hoje incapaz de abrandecer-me. »
Era o mózimo de seo pai qu'em sonho via
Por su'alma suffragios lhe pedindo.

XIII.

Meia-noite soára justá o sino
Pelo pervigil martello despertado,
Dos amores illicitos a hora.
Attendia-a, solícito, Leandro
Outr'ora, e ousado ao pego se arrojando,
D'Hero extremosa os braços demandava
Na opposta margem por elle orando aos deoses.
Attendeo-a Thisbe, infeliz! que não previa
A horrorosa mofina que a preava.
Attendi-a eu tambem, quando, engolfado
Na passageira illusão da juventude,
De seo prisma atravéz o mundo via...
Mãi commum, igualmente a noite embala
Em seo narcotico regaço aos homens todos;
Mãi commum, igualmente com seo manto
Apadrinha as scenas de amor ao pobre servo
E ao opulento senhor:—hymnos á noite.

XIV.

Do outono era a campanha:—seos modúlos

Amorosos finaes bulbul varía,
E, dos bosques chorando a fresca coma
Que a dispersar ja começa o ingrato inverno,
Com profunda tristeza o imigo aguarda.

XV.

Lusitania, ó orphan mãi de minha patria,
Brilhante immenso de tua c'roa descravado,
Do joven bardo que de ti descende,
Que te não é estranho, a homenagem
Recebe; a não desdenhes, que é nascida
Da indelevel gratidão que lhe mereces;
Gratidão filha do amor hospitaleiro
Com que affavel peregrino o acolheste
Na puericia, e com mil graças variadas,
Graças que cada paiz em si tem proprias,
A novidade de seos annos deleitaste.

XVI.

Lusitania, de Camões patria ditosa,
D'Almeida, Castro, Vasco e Albuquerque,
Do esforçado Viriato ó patria egregia,
Vencedor dos vencedores do universo,
Ante quem as aguias de Roma se curvárão,
Em Vetilio humilhadas, Plaucio e Unimano,
Submissa deixa, e muda em teos desastres,
Que odiosos baldões contra ti vibrem
O orgulhoso Bretão, que a si só preza,
E o vaidoso Sicambro; — que de barbara
Te appellidem: tu, parte merecida
Da cavalleirosa Hespanha, que, abundante,

Á seos Turennes, Condés, Marlboroughs, Miltons,
La Pérouses, Cooks, nomes teos lhes podes
Oppor não menos celebres, ah! deixa
Á piedade chorar teos infortunios
Cruamente ultrajados, e á justiça
Reconhecer teo merito negado!

XVII.

Que pois? és barbara e inculta porque hoje,
Teo fado avesso, langues na miseria
E obscuridade politica?—Então barbaras
Tambem forão as illustres Grecia e Roma,
Cuja fama inda hoje o mundo atrôa,
Tão sonora como em seos dias de ventura.
De mais barbaro porêm merece o epitheto
Quem ousa a Grecia chamar barbara e Roma.
E tu, infeliz, em tua idade d'ouro
Não brilhaste tambem pelo universo?
Não fizeste de Luso o nome inclyto
Ás nações por teos feitos espantosos?
Á soberba Albion, que hoje t'insulta,
Do Atlantico a via não mostraste,
De que hoje senhora ella s'inculca?
Desprezando os perigos, por ventura
Não foi um filho teo prestar seo nome
D'America ás austraes geladas terras?

XVIII.

Quereis vós, da lusa gente detractores,
Que de vil a tratais e abjecta escrava,
Nella exemplos do amor da liberdade?

Ahi os tendes nessa valorosa,
Benemerita cidade outr'ora Cale.
Vós a vistes ha pouco, recebendo
Em seo seio esses poucos, mas valentes,
Aristogitões e Harmodios, seos patricios,
Outra Ipsara, com nobre enthusiasmo
Do tyranno arrostar a basta selva
De baionetas qu'em tôrno a acommettião;
Os mortiferos canhões que a varejavão,
Roubando a filha á mãi, e esta á aquella,
E, em volcanicos troços prorompendo
As mortivomas phalanges do inimigo,
Ás extremas voar ensanguentada,
E em cada canto bradar: « Ó patria, és livre! »..
Sê muda, sim, ó Lysia; não te alterem
Virulentos sarcasmos, mas injustos.
Em silencio deixa os brazões que te decorão:
De merecidos encomios alça o merito
A modestia daquelle que os merece.

XIX.

Mas que direi de teo ar, ó bella Lysia,
Que com nome tão doce nos despertas
Os famosos jardins do Grego Alcinoo?
Que direi das delicias de que abundas;
De teos montes e campos, frescos prados,
Em que verdeja o olmeiro, o til, a faia,
A arvore que de chôro tem o nome,
O melancolico cypreste e a oliveira;
Que trescala a violeta e a verde murta,
O suave libânato e a acacia?
Que do Mondego teo e do teo Lima,

Do magestoso Tejo e tuas fontes;
Que de tuas sazões da vária scena;
Que direi, emfim, de ti, ó bella Cintra;
Que de ti, ó Bemfica deleitosa
Com o teo jardim mythologico de Fronteira?
Cousa alguma, porque Harold ja o disse
Em seos magicos versos, inequaveis;
já o disse Camões, Bocage e Quita;
Ja os coevos meos, Garrett, Castilho.

XX.

Mas qu'é do Duque e a Duqueza, obliterados
Pela lembrança do outono?—Não me zurzas
Por esta vez, ó leitor, com a tua satyra;
Tu que pelo desfecho ardes em fogo
Do promettido cothurno.—Ei-los em scena
Presentes outravez...

XXI.

Dormia o Duque,
E a Duqueza velava.—Eis que sosinho
Do jardim por entre as alas de arvoredo,
Infeliz! que se não cria devassado,
Dos consortes ao palacio s'encaminha
De cavalleiro um vulto; emquanto ao longe,
Insoffrido, em tôrno d'arv're que o retinha,
Um após outro os rinchos repentindo,
Aguardava seo senhor, seo companheiro
Seo alfaraz ginete acanallado,
Que nos tartesios campos a luz víra,
E em infantís folganças os fizera

Resoar sob seos pés e em pó erguer-se...
Alcoforado era o vulto, sobre moço
Do Duque, seo senhor,—filho de Pires.
Seo traje era de amor: entretecido
De prata guapo gibão em si trazia,
Azevichado saio, rubras calças,
Na cintura de couro negra cinta
De argentino metal acairelada,
Borzeguins pretos nos pés e iguaes çapatos.

XXII.

Ao palacio chegado, um muro sobe,
E de cima uma janella eis se lhe abre,
De Leonor ao quarto pertencente.
Nella um vulto de mulher eis se devisa.
O amor reclama ajuda em seos misteres.
Com ella vinga a janella Alcoforado...
Talvez qu'em voluptuosas phantasias
Invejes, ó leitor, dos dous amantes
A sorte: mas quão nisto és leviano!
As primicias nem sequer elles gozárão
Do amor, que á taes deshoras os juntára!

XXIII.

Mal transposto a janella havia o moço,
Eis que d'entre um bosquete de loureiros
Que sob ella viceja, desemboscão-se
Dous homens que, mandados por dom Jayme,
Em silencio o preavão:—era, um, Vasques,
Que, accelerado galgando o muro, ovante,
Cala contra a janella aguda chuça;—

Fernandes era o outro, que por ordem
De Vasques a avisar se apressa o Duque.
« Senhor, senhor, é a hora da vingança;
Na gaiola é o passaro, apressai-vos! »
Com surda voz, alterada e pavorosa
Assim chama dom Jayme o mensageiro,
Com aquelle vil interesse, abominavel
Da alma de um escravo corrompida,
Cujo mór bem é a cega obediencia
E o servir ao tyranno que o vapula.
Mal ouvíra chamar-se, o Duque, apenas
Adormecido, alvoroçado se levanta.
Esclarecer-se não busca: novo Orestes
Pelas furias da vingança desvairado,
Arrebatando as armas que o circumdão,
Que poucas inda crê, á ella vôa.

XXIV.

Entretanto o rumor de seos algozes
Os dous amantes ouvírão: que mais resta-lhes
Para se crerem perdidos?! —N'um momento
Em vergonhoso temor é convertido
De um lucifugo amor o nobre fogo:
Taes os fructos de um gôzo reprovado!
De mulher na janella um vulto mostra-se,
« Quem 'stá ahi, oh! meo Deos! » que, de si fóra
E torvada, assim diz; á quem responde
O inflexivel guarda: « Sou eu, Vasques:
Um homem que la é sahir não tente,
Porque então mata-lo-hei: aguarde o duque,
Que la vai, e em suas mãos se ponha. »
Nisto chega á janella Alcoforado.

« Pedro Vasques, pelo amor de Deos vos peço,
Sahir deixai-me; o duque não me mate! »
Ao que Vasques tornou: « Não, não vos mata:
Com um gibão só de açoutes heis passar. »..
Então pela janella lança o moço
Sua briosa espada, assim querendo
Impossibilitar-se de ser, alem de adultero,
Assassino, do Duque defendendo-se.

XXV.

Ó consciencia, ó lei invariavel;
Ó do crime mordaz, faminto condor,
Que estremecer o fazes com teo morso,
E lh'arrancas o punhal da mão alçada,
Roubas-lhe a paz, o somno lhe perturbas,
Tu és a arma a mais forte, a mais potente
Contra a sanha do home' e seo orgulho!
Os Ajaces e Achilles acovardas;
D'espelhos forras as salas dos tyrannos,
Como, em remotos tempos, do de Roma.

XXVI.

Nisto á porta batia já o Duque.
Dentro era a confusão do medo e pejo.
A Duqueza é quem primeiro se lh'off'rece
Á satanica vista esfomeada.
Ao ve-la, o Duque recúa e furias sopra.
« Assim, senhora, heis guardado a fé jurada
De consorte e de mãi?—Infame adultera!
—Que senhor? Que dizeis-me? que offronta! »
Indignada, assim, e pallida, encetava

Leonor sua defesa; mas um gesto
Ameaçador, terrivel de dom Jayme
Prompto silencio impõe á causa sua...
Mal por ti, ó Leonor, por tua honra!
Graves indicios contra ti bradavão.
Se innocente, p'ra ti somente o eras:
Perorára embalde a tua lealdade
A eloquencia da victima de Antonio.

XXVII.

Adiantára-se o Duque, e penetrando
De Leonor a alcova, ahi encontra
Alcoforado, que, pallido, se como
Do terrivel metéoro assombrado,
Sobre seos pés immoveis tinha os olhos...
Igual, dom Jayme, á essa temerosa
Mudez calma dos mares que precede
A tormenta infernal, que de seos pegos
Á superficie as areias desenterra,
Nem sequer uma palavra lhe dirige.
Do alto aos pés somente percorrendo-o
Com arrebatados olhos, suffocado,
Entrever deixa o furor de seo intento.
Mas á tudo nos obriga o amor da vida:
A esperança sua nos não deixa
Ainda mesmo expirando.—Alcoforado,
Incitado por ella, a furia busca
Abrandar de dom Jayme: ajoelhado
Á seos pés, elle confessa a culpa sua,
E suffragios por su'alma só lhe pede.
Mas o Duque, inflexivel, com o sorriso
Infernal da vingança lhe responde

Que com Deos se abraçasse, porque o corpo
Ao supplicio d'ha muito era votado;
Que por nós muito mais Jesús soffrêra.

XXVIII.

A confessa-lo, então, Lopo Garcia,
De dom Jayme capellão, chamado, entra..
Maniatado, o moço, aos pés lançando-se
Do santo homem de Deos, que brando o exhorta
A desprezar contente o immundo ceno
Que lh'a alma retem, e a prepara-la
Para a vida feliz que o Ceo promette,
Se alguma culpa lhe pesa, humilde a expia.

XXIX.

Ó palavra de Deos suave e branda,
Filha de Bethleem, filha do Sínai,
Tu és a pura verdade, e essa a unica,
Que não a seita de Crates e Panecio!
Parto do orgulho, a humana philosóphia
Só a boca nos resigna, não a alma.
Tu só fazes os Nobregas e Anchetas:
Por ti só alentado. Luis marcha
Ao cadafalso, da c'rôa deslembrado,
Votando nobre perdão á seos algozes:
Tu só, meiga assistindo ao moribundo
Que abatêra uma vida de desordens,
Esquecer lhe fazes os salões do vicio,
Os bordeis, os jogos, e lh'a mente fixas
N'um Deos eterno, bondadoso e justo.

XXX.

Do santo home' era findo o ministerio.
Alcoforado então, por tudo, pede
Lh'os olhos vendem, por não ver a morte,
Qualquer que decretado se lhe tenha.—
Que coração de bronze ao desgraçado
Que já se pode dizer alheio á vida,
Ousará contrariar seo voto extremo?!—
Um farrapo de lençol lhe tapa a vista:
Feliz! porque não vê brandir o ferro
Que do corpo a cabeça lhe separa,
Na mão abjecta e terrivel de Diogo,
Homem preto, hortelão do Duque e escravo.

XXXI.

Ja não era desta vida Alcoforado!
Mas uma morte não era só bastante
Ao furor de dom Jayme: —executado
O infeliz mancebo, inda faltava
Tambem se-lo Leonor, que, consternada,
Durante a scena de dor de Alcoforado
Refugiára-se ao quarto, não distante,
De seos caros filhinhos, que, encarnados
No somno da innocencia, repousavão.
Pouca se crendo em repartir com elles
Seo maternal amor, a todos tinha
N'um só saudoso amplexo apertados.
Qual delles, da razão tocado apenas,
Com pasmo estupido della era pendente;
Qual, mais adulto, com lingua viciosa
Lhe demandava a causa de seos males!

Niobe inversa, ella, muda á taes carinhos
Com arrancados soluços respondia,
E em cachões pelas faces susurravão-lhe
Copiosos jorros de amoroso pranto:—
Sublime quadro! capaz d'as mesmas feras
Tocar que os matagaes crião do Congo,
Mas não a alma indomavel de um fanatico,
Que vê virtude onde só negraja o crime...
Ahi mesmo a vai buscar, raivoso, o Duque,
Que, insensivel á scena tão pathetica,
Pelos cabellos a arrasta aos pés de Lopo.

XXXII.

De compaixão transido e medo, o santo
Ministro do Evangelho acolhe a victima.
Qual outro Aubry, como este tão amavel,
Tão singelo e puro, em acalmar-lhe esforça-se
Das paixões a tormenta que assoberba-lhe
Os limites da fôrça e a soçobra.
Leonor porêm é surda á seos careios:—
Malditosa mãi, esposa deshonrada,
Ella arqueja de dor, innocua diz-se!
Á resignação embalde Lopo a exhorta;
A implacabilidade do Duque embalde mostra-lhe:
Á confissão ella firme se recusa
De culpas que protesta imaginarias.

XXXIII.

Como o tigre, dom Jayme, que, preando
A indefensa antilope, insoffrido,
Aguarda o léo opportuno p'ra seo salto,

Precipitado, sem ordem, passeando,
Repetidamente pergunta ao santo homem
Se preparada ja era « a infame adultera. »
A obstinacia da triste, emfim, sabendo,
Elle a manda absolver; e com um cutello,
N'um feroz regozijo arremessando-se,
Por mil golpes lhe faz verter a vida.
Então, pelos cabellos a arrastando,
Junto ao corpo a depõe d'Alcoforado:—
Infame! que da irresistibilidade se valia
Da morte por tingir, talvez illesa,
A delicada honra de esposa, e esta, sua!

XXXIV.

Mulher, ó Benjamin do pensamento,
Incentivo do genio e seo recreio;
Ó alma da poesia, retratada,
Ora sob a forma gentil d'esquiva Naide,
Ora d'Hebe, que os annos não desflorão;
Que com teos attractivos és pintada
Agrilhoando Henrique, Marco e Nelson,
Não te enleves em quadros lisongeiros.
Ser amavel e eximio qu'em teo seio
A humanidade fecundas e com dores
Só sabidas de ti á luz produzes-la,
Entretanto dos entes os mais tristes
Tu és um, infeliz por condição!
Tyrannisada escrava do pensar do mundo,
Cujo mór bem, a honra, sob o golpe
Da calumnia vacilla á cada passo,
Nem sequer, esposa, no homem tens igual;
Que em seos mesmos carinhos p'ra comtigo

Da superioridade o orgulho não dimitte!
Teos encantos?—que montão, se depende
De uma paixão versatil e ligeira
Seo valor, que, perdido, mais não torna?
Que de provas não tens desta verdade
Na desgraçada Boleyn, Cleves, Howard?!

XXXV.

Leonor, tão bella á pouco! resumindo
Em si todas as graças e bellezas
Da Betica, seo natal, jucundo berço,
Descomposto cadaver, mudo e frio,
Ja não tinha do amor a sympathia:
A hedionda morte lh'a roubára!
Seos angelicos olhos, luminosos,
Á luz cerrados; seos divinos labios,
Que a ternura em enxames distillavão;
Seo voluptuoso seio e lizo colo;
Seo todo emfim, que em vida fôra digno
De servir d'archetypo á Phidias e Murillo,
Ja não era dos olhos, mas da terra!
Que lhe valeo nobreza e formosura?
A desgraça e a morte não escolhem:
Populares são todos á seo grado.

XXXVI.

Satisfeita era a vingança de dom Jayme.
Mas o homem que ás paixões cego obedece,
Na consciencia acha prompto o seo castigo.
Da dor que nos semblantes se pintava
De todos que á tal acto erão presentes,

Vôa o punhal do remorso e o Duque assalta:
Não aquelle remorso que se gera
Do arrependimento, mas sim de um' alma fraca.
Do assassinio dos dous premeditado
Ao universo motivo elle devia,
E, mais que tudo, das victimas ás familias.
Para então aligeirar seo brutal feito,
Com a razão capea-lo pretendendo,
Manda prestes chamar sua justiça,
Que auto lavre do crime: estranho modo!

XXXVII.

De que servíra aos tristes innocencia? —
Deposerão no caso aquelles mesmos
Que a intriga urdido e açodado havião
Do fanatico Duque o rude genio...
Affirmárão ser d' Antonio Alcoforado
Um barrete de volta que no leito
De Leonor se via: — os infelizes
Ja não erão; com seos olhos não podião,
Se innocentes, aterrar seos detractores!

XXXVIII.

O que depois se passou ao certo—ignora-se.
No palacio uma porta ind' hoje existe
Entaipada, pela qual diz-se que o Duque
Uma mula lançára conduzindo
De Leonor o cadaver n' um esquife;
E que o manso animal, com a carga sua
De Montes-Claros tomando a estrada em vista,
Ante um mosteiro parára de Paulistas
Que, não mũito distante, ahi havia.

XXXIX.

Historiadores graves a innocencia
De Leonor proclamão, pretendendo
D'Alcoforado serem os amores
Com uma dama daquella, á quem de mimo
Uma joia dera que lhe dera o Duque,—
Que alternativamente dada á Alcoforado,
Lh'a víra o Duque; e que este perguntando
Á Leonor por ella, esta dissera-lhe
Que guardada a tinha, sem poder mostrar-lh'a,
Segundo lh'o exigia seo esposo:
E que d'aqui nascêrão as suspeitas
Do cioso, fanatico marido.

XL.

Para quem experiencia tem da vida;
P'ra quem sabe como ás vezes, innocentes,
Por imprudencia nossa e insciencia
Parecemos culpados, duvidoso
Deve ser das duas victimas o crime.

XLI.

Infinitas narrações o caso infausto
Na lembrança do povo eternizado
De Villaviçosa tem.—Ind' hoje, quando
De casar suas filhas são em vesperas,
A fidelidade exhortando-as, se ouve
Á memoria trazer-lhes-o as mãis.

FIM DA DUQUEZA DE BRAGANÇA.

NOTAS À DUQUEZA DE BRAGANÇA.

NOTAS À DUQUEZA DE BRAGANÇA.

I.

Il y a de la douceur à pleurer sur des maux qui n'ont été pleurés de personne.

Prologo, pag. 303—304. (Chateaubr., *Voyag. en Ameriq.*, *Les Onondag.*.)

II.

Pia religiosidade por ventura,
A alma de seo pai, de dom Fernando,
Victima do cadafalso, o chama á preces?—

Pag. 309.

É sabido na historia portugueza que dom Fernando II, duque de Bragança, pai de dom Jayme, foi camerariamente condemnado por crime d'alta-traição, e executado, em Evora, aos 20 de junho de 1483,—tudo isto por ordem de dom João II, que por aquelle facto, pelo assassinato do duque de Viseo, commettido por suas proprias mãos, e pelo golpe que deo na nobreza do reino, foi por dignidade chamado o *Severo*, o *Perfeito*, e equiparado ao seo contemporaneo Luis

XI de França, o sanguinario tyranno de Plessis-lès-Tours.— Bom prol lhe faça á sua memoria tão honrosa comparação!

III.

E que era d'esperar de um matrimonio
Que a politica só d'el rei, meo thio,
Aconselhou, que não o amor reciproco?

Pag. 310.

Dom Manoel, thio de dom Jayme, teve primeiramente em vista casa-lo com dona Joanna, filha de de dom Fernando o Catholico; mas, falhando este intento, effectou-se então o casamento daquelle com dona Leonor, filha do duque de Medina-Sidonia, que lh'a offerecêra, o que contra sua vontade acceitou dom Jayme, por comprazer com seo thio e dona Izabel, sua mãi.

IV.

. . . . soos modúlos
Amorosos finaes bulbul varia;

Pag. 316—317.

Bulbul:—nome que dão os Orientaes ao rouxinol.

V.

Desprezando os perigos, por ventura
Não foi *um filho teu* prestar seo nome
D'America ás austraes geladas terras?

Pag. 318.

O famoso navegante portuguez Fernando de Magalhaẽs, o primeiro que concebeo e executou o difficil projecto de entrar no Mar-Pacifio pela extremidade austral d'America, que de seo nome ficou sendo chamada Terra-Magalhanica.

VI.

Quereis vós, da lusa gente detractores,
Que de vil a tratais e abjecta escrava,
Nella exemplos do amor da liberdade?
Ahi os tendes nessa valorosa,
Benemerita cidade outr'ora Cale.
Vós a vistes ha pouco, recebendo
Em seio esses poucos, mas valentes,
Aristogitões e Harmodios, seos patricios,
Outra Ipsara, etc..

Pag. 318—319.

Aqui alludo ao glorioso cêrco que sustentou a eidade do Porto contra as formidaveis fôrças de dom Miguel na guerra da restauraçao de 1832 á 1833.

VII.

Que de ti, ó Bemfica deleitosa
Tem o teo jardim mythologico de Fronteira?

Pag. 320.

Chamo *mythologico* a esse delicioso jardim, pertencente ao marquez de Fronteira, — o mais bello e rico de todos quantos possue Lisboa, em razão das mũitas estatuas de marmore que o adornão, de deoses e semideoses da mythologia, como sejão, de Nymphas, Sylvanos, Tritões, Faunos, etc..

VIII.

Que nos tartesios campos a luz vira,

Ibid..

Isto é, nos campos d'Andaluzia, — assim chamados de Tarteso ou Tartesso, que julgão ter sido, uns, o nome primitivo da antiga *Gades* ou de *Carteia*, e outros, de *Julia Traducta*, hoje Tarifa, opinião de todas a mais seguida e provavel.

IX.

D'espelhos forras as salas dos tyrannos,
Como, em remotos tempos, do de Roma.

Pag. 323.

Aqui fallo do tão estulto quão feroz Domiciano,

que, com o fim de prevenir ser desapercebidamente atacado por detraz, mandou forrar de uma pedra especular as paredes de uma grande galeria do seo palacio, em que o monstro, perseguido de temores e suspeitas, costumava passear só.

X.

Que com teos atractivos és pintada
Agrilhoando Henrique, Marco e Nelson,

Pag. 328.

A celebre Gabriella d'Estrées a Henrique IV (de França); Glaphyra e Cleopatra a Marco Antonio; e lady Hamilton a Nelson.

FIM DAS NOTAS Á DUQUEZA DE BRAGANÇA.

ão tenho
e o engenho
e afastado
s pizado ;
o lido,
cido
a maneira,
pre asneira.

os tenha escripto,
le meu dito :

INDICE.

INSPIRAÇÕES POETICAS.

	Prologo . . . . Pag.	5.
I.	Á Poesia.	9.
II.	Ao deixar o Brazil.	13.
III.	Era um Anjo adormecido! . . .	15.
IV.	O Canto do Arabe Beduino. . .	19.
V.	Miseranda!	22.
VI.	Ave, Aurora!	31.
VII.	Cæco carpitur igni.	35.
VIII.	Á Euzina.	37.
IX.	Bonaparte em Waterloo	41.
X.	Recordação	47.
XI.	Á Tarde	53.
XII.	Á Borboleta, flor	57.
XIII.	A Pastorinha e o Sino d'aldeia . .	61.
XIV.	A bella Nur Djihan	65.
XV.	Á Polonia	73.
XVI.	Encantamento	79.
XVII.	Melusina.	81.

XVIII.	Ao Oceano . . . . . . Pag.	91.
XIX.	Canção de Bug-Jargal	95.
XX.	Melancolia e consôlo	99.
XXI.	A Borboleta.	101.
XXII.	Ad Lydiam	109.
XXIII.	Que dia d'annos!	111.
XXIV.	O Poeta	113.
XXV.	Á Morte de uma nobre donzella, etc. .	118.
XXVI.	Á E...	125.
XXVII.	Á D...	127.
XXVIII.	Delirio	125.
XXIX.	Hymno sagrado	127.
XXX.	Recordações do seculo	137.
XXXI.	Extremos de amor.	145.
XXXII.	A Febre:—á Euzina	147.
XXXIII.	Infeliz mancebo!	149.
XXXIV.	Á Euzina.	153.
XXXV.	Abel e Elisa	155.
XXXVI.	Males que não têem cura! . . .	163.
XXXVII.	Sapho.	177.
XXXVIII.	To die,—to sleep	185.
XXXIX.	Explicação	189.
XL.	Em segredo	193.
XLI.	O que pode a phantasia	195.

A DUQUEZA DE BRAGANÇA.

Prologo	303
A Duqueza de Bragança	307
Notas á Duqueza de Bragança . .	335

ERRATA.

Pag.	Lin.	Erros.	Emendas.
18	4	dêssse	dêsse
54	5	onvir	ouvir
72	13	deffensor	defensor
74	21	Nerwind	Nerwinde
80	12	nynpheo	nympheo
96	3	ouvirt'a	ouvir-t'a
108 *	22	nelles descançárão	nelle descançárão
110	9	que me vou evaecendo:	que me vou esvaecendo?!
113	10	da Babylonia	de Babylonia
151	22	medo	médo
160	6	porque a busco	por que a busco
335	4	20 de junho	22 de Junho

Advirta-se que nem em todos os exemplares se notarãõ estes erros, porque forão descobertos ainda em tempo de se salvarem mũitos daquelles.

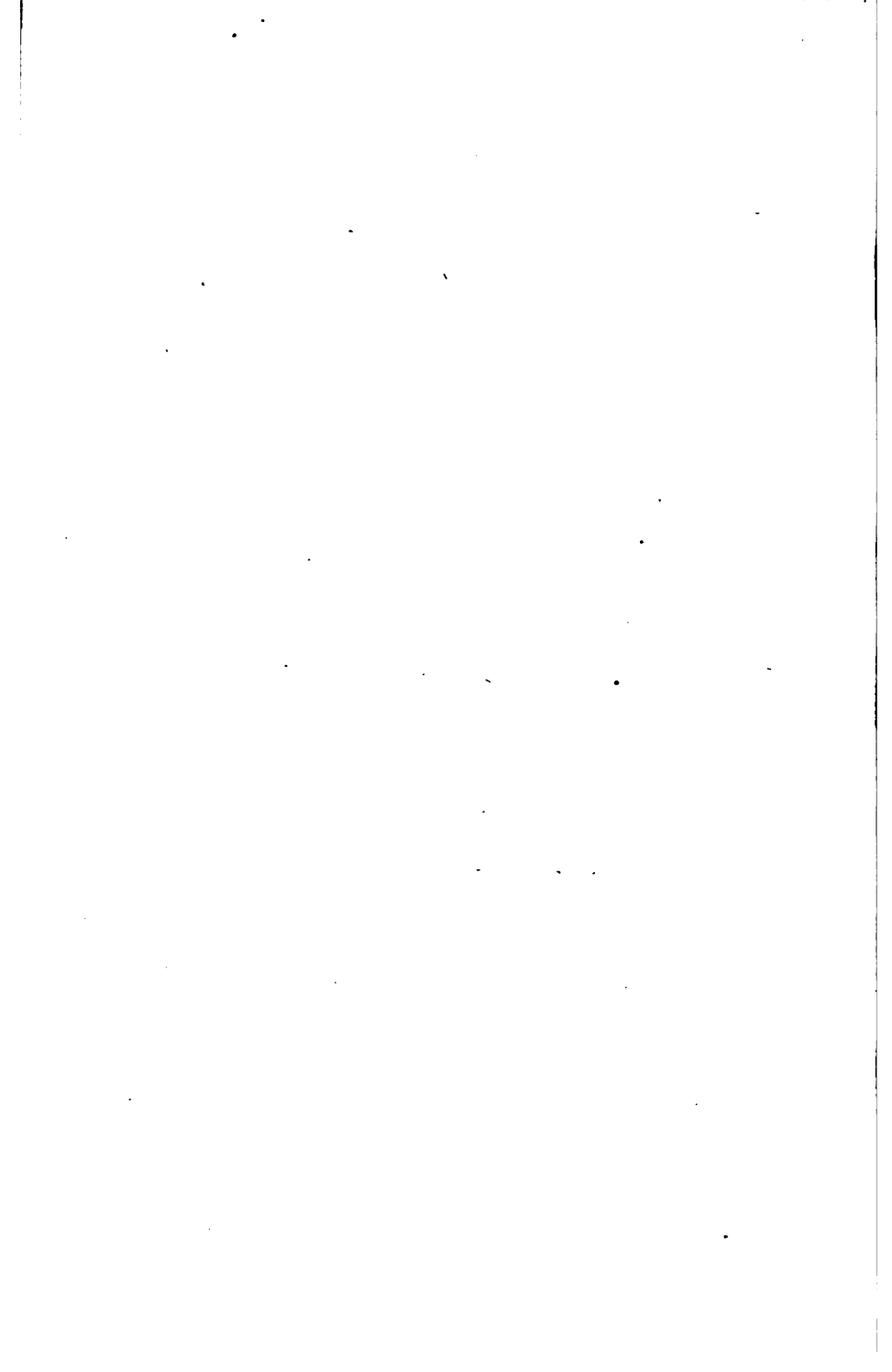
Talvez que mais outros existão que escapassem á minha revisão,—os quaes deixo recommendados á intelligencia e perspicacia do leitor.

---

* A numeração desta pagina está posposta, assim como a de todas as mais de que se compõe a mesma poesia (*Abel e Elisa*). Veja-se a razão disto na advertencia que se segue.

ADVERTENCIA.

Havendo ja ultimado a impressão desta obra e della distribuido uns tresentos exemplares, resolvi-me ao depois a fazer-lhe diversas alterações, ja reformando algumas passagens, ja substituindo, umas por outras, peças inteiras. D'aqui provêm a rregularidade da numeração das paginas e as lacunas que nella ora se notaõ: inconveniente que facilmente poderá ser reparado nas outras edições que por ventura della se fizerem.

POESIAS.

POESIAS

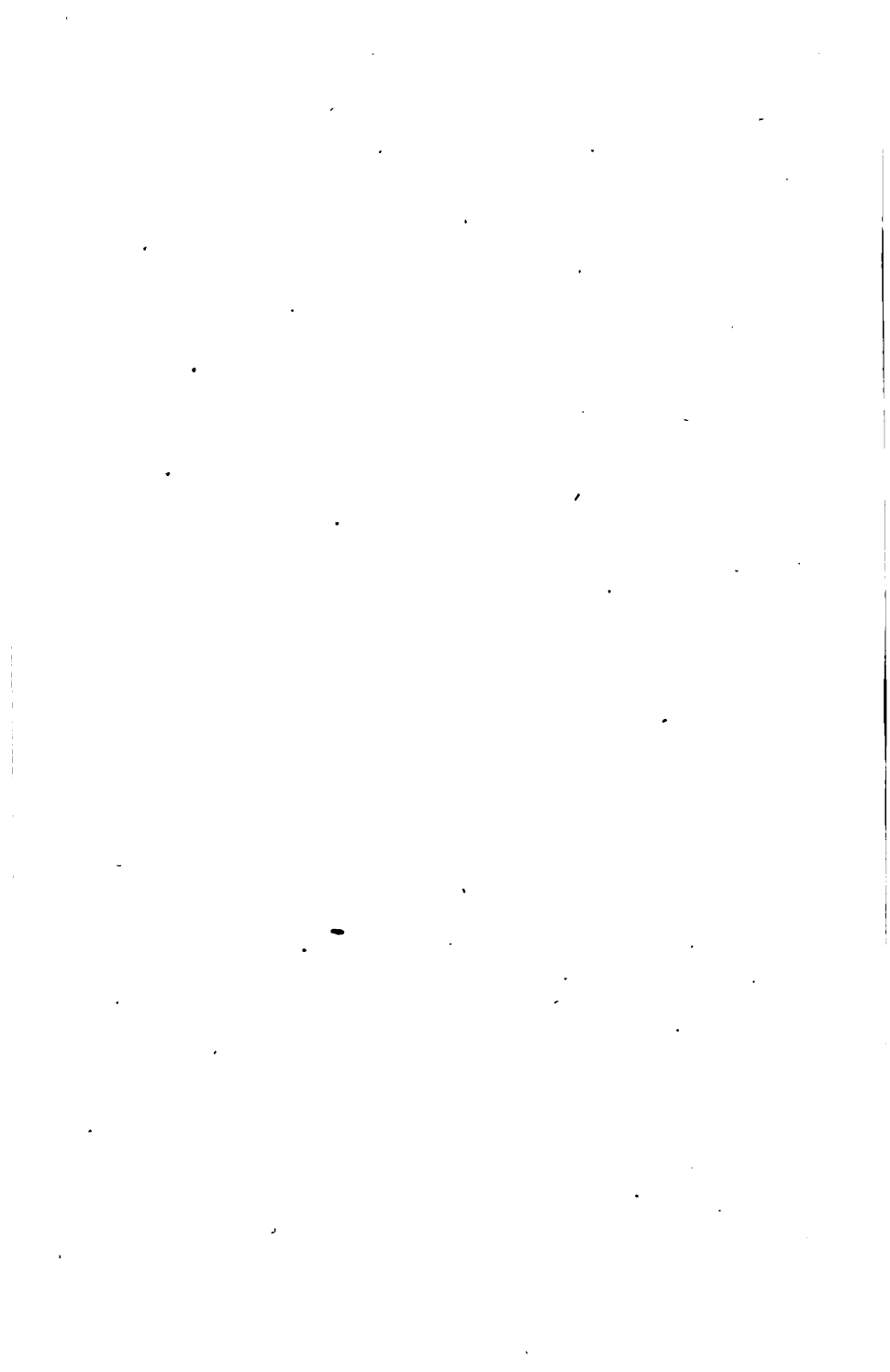
POR

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

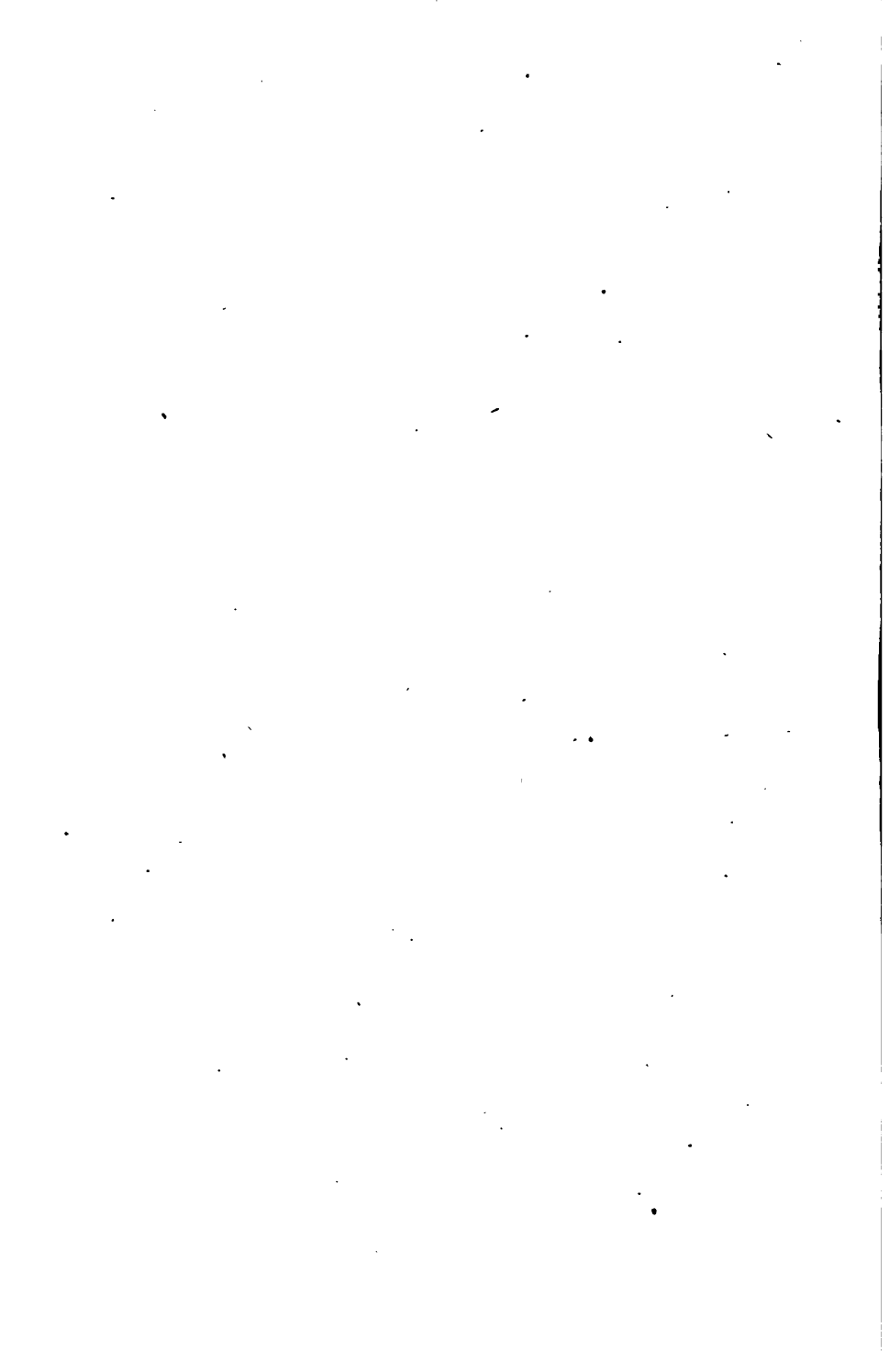
SEGUNDA EDIÇÃO

MAIS CORRECTA E AUGMENTADA.

PORTO,
NA TYPOGRAPHIA DE SEBASTIÃO JOSÉ PEREIRA,
Praça de Santa Thereza, n.os 28 a 30.

1856.

Á EXCELLENTISSIMA SENHORA

EM TESTEMUNHO DE RESPEITO E ADMIRAÇÃO.

Faustino Xavier de Novaes.

NÃO É PROLOGO.

. . . .
. . . .
E escusam de quebrar-nos os ouvidos
Com uma insulsa, dilatada arenga,
Que ouve por uso o povo, e não entende,
E a pagar vem, por fim, por alto preço;
Dando (cousa que muito a mim me espanta)
Sem saber o porque, o seu dinheiro.

A. DINIZ. — Hyssope — Canto 5.°

Um prologo não faço — que não tenho
Um modelo a seguir — falta-me o engenho
Para ao fim caminhar, sempre afastado
Da estrada que já teem muitos pizado;
E d'esses que até hoje eu tenho lido,
Apenas consegui ser convencido
Que, nova, ou velha, já, seja a maneira,
Um prologo, por fim, é sempre asneira.

E não se agaste alguem que os tenha escripto,
Que eu vou dar a razão d'este meu dito:

Se o poeta, d'orgulho arrebatado,
Alguns nomes, como eu, tem decorado,
E em *Goethe*, em *Schiller* falla, e em outros, tantos
Como ás vezes o atheu nomeia santos;
Se diz, com a maior sinceridade,
Que prestavel quer ser á sociedade,
E, sem de gloria ou d'ouro estar sedento,
Os fructos lhe quer dar do seu talento;
E o direito roubando aos seus leitores
De serem, porque pagam, julgadores,
Além de sustentar basofia insana,
Na fazenda que vende inda os engana,
Que um livro promettendo de poesia,
Dez folhas enche assim de prosa fria;
Se depois, a rimar, compara a lua—
Porque alumia—ao lampeão de rua;
E se o bello da imagem mais o inflamma,
Meigo bico de gaz á lua chama;

Se em bombastico estylo hymnos entôa
Ao mar, que ronca, e ao trovão, que trôa,
E, escolhendo vocabulos d'arromba,
Cada verso que faz é uma bomba,
Que, do povo nos bolsos rebentando,
Espalha os pintos, fumo, só, deixando;
Se gordos palavrões juntando aos centos
Os enfia em cordel, sem pensamentos,
Sem uma ideia só, que mostre engenho;
E de promessas taes no desempenho
Só dá sobre sandice frioleira,
Um prologo, por fim, é sempre asneira.

Se, modesto, o escriptor diz no começo
Que aos seus versos jámais ligára apreço;
Que sem estro, d'estudos separado,
Mão da lyra lançou por desenfado,
E aos amigos cedendo — que á porfia
O instavam para os dar á luz do dia —
Ao prelo os dera, d'ambição ausente;
(Vendendo-os por dinheiro a toda a gente)
Se da critica audaz, temendo o effeito
Curva a fronte, submisso, e com respeito
Lhe pede que não venha, desalmada,
Nas costas estender-lhe a rija espada;
Se prova em rima quanto disse em prosa,
Comparando o botão da idalia rosa,
Com os labios sem *par da* sua amada,
Ás vezes, mais que *parda*, amulatada;
Ao doce orvalho da rosada aurora,
Chuva que cae, ou lagrimas que chora,
E outras *imagens*, muito em verso usadas,
Que nada representam, pór safadas;
Se, ao passo que aos amigos obedece,
Jura, á face do ceo, que se conhece,
É tôlo, é parvo, e diz á terra inteira:
Um prologo, por fim, é sempre asneira.

Nem fugir podem da fatal verdade
Os que o valor invocam d'amizade,
E ao publico vem dar seus livros, cheios
De criticas, e prologos alheios:
Seja embora o censor homem sizudo,
Ou falso adulador, que incensa tudo,

Inda fica a sentença verdadeira:
Um prologo, por fim, é sempre asneira.

E não se agaste alguem que os tenha escripto,
Que eu vou dar a razão d'este meu dito:

Se um critico de nome, abalisado,
Que do prologo fôra encarregado,
Saber apenas tem, mas não coragem
Para dizer, em franca linguagem,
Que é bom moço, e honrado o seu amigo,
Mas que do senso e gosto é inimigo,
Como ha-de encher dez folhas do volume?
Juntando os versos todos em cardume,
E dizendo ao poeta: «És um portento!
« Que rara perfeição! Que sentimento!
« De Bocage, Camões e Tolentino,
« Quanto em louvor se diz é desatino:
« São teus versos mais bellos—são perfeitos—
« Ricos d'imagens, ricos de conceitos,
« Dão-te um nome immortal, que a antiguidade
« Não pôde a ninguem dar com mais verdade!
« *Lamartine*, que a França toda admira,
« Se ouvir podéra os sons da tua lyra,
« Pela mão te levára ao alto assento
« Que na Gloria lhe dera o seu talento;
« Ávante, pois, amigo, ávante! á Gloria!
« Prosegue, que o teu nome é já da historia»!
E como o destro e fino saltimbanco
Que de papel azul, vermelho e branco,
Cobre as esquinas das mais bellas ruas,
Pretendendo inculcar proezas suas;

Pintando posições, com tinta incerta,
Com que deixa os pataus de bôca aberta;
Pelos nomes citando mil cidades
Que pasmaram de taes habilidades;
Os applausos que teve em toda a parte,
Mimos e distincções em honra d'arte;
E' chamando a attenção d'um povo inteiro,
Se mostra, emfim, audaz pelotiqueiro,
Torcendo o corpo todo, em piruetas,
Dando saltos por cima de bayonnetas,
Ligeirezas fazendo, d'arte alheias,
Só proprias de palanques, nas aldeias;
—Assim o louco vate vem á praça
No *prologo-cartaz*, que o povo embaça,
O leitor illudir, que obrigar tenta
Esse livro a louvar, que lhe apresenta,
Que por dicção, por gosto, e pela rima,
De critico sagaz já teve a estima:—
Mas, longe de mostrar tanta belleza,
Tanto gosto e lição, tanta agudeza,
Lá vem um verso extenso, outro vem manco,
E ligeiro, qual outro saltimbanco,
Que transpõe as bayonnetas, sem receio,
Assim o trovador, d'animo cheio,
Principia a saltar, em toda a parte,
Por cima do bom senso e regras d'arte,
Deixando o amigo seu por mentiroso,
Ou por fraco, talvez, que attencioso
Não pôde o que sentiu dizer ao vate,
E deixou campear o disparate!
—E o publico sensato, que verdade
Julgára quanto disse a authoridade,

Pedirei com devoção
Que as meninas mais janotas,
De colletes de fustão,
Não se apresentem de botas,
Com espóra no tacão.

Pela patria desditosa,
Ouvirá todo o Universo
Minha voz triste e queixosa;
Que muito ha quem negue em verso
Aquillo que prova em prosa.

Ao som da lyra cadente,
Misturarei com meus ais
Á saudade atroz, pungente,
Versos tão sentimentaes,
Que farão rir toda a gente.

Pedirei ao ceo piedoso,
Que a não livrar da amargura
O meu viver tormentoso,
Me encaixe na sepultura,
Longe do mundo enganoso.

E dando forte massada,
D'hoje a moda seguirei,
Em tudo romantisada,
E tanta cousa direi
Que, por fim, não direi nada.

O fim do mez.

Vejo alegre correr o mez sereno,
N'um prosaico viver sempre embebido;
Obrigado a aturar grande e pequeno,
Que lucro apenas deixam, resumido;
Limitado a sentir prazer ameno
No *innocente* cavaco, appetecido:
Só quando o fim do mez se vem chegando,
Começam-me os parceiros requestando.

Lá chega um assignante, impertinente,
« *O Bardo quando sahe?* » diz muito serio:
Pergunta, para os mais, tão innocente,
Envolve, para mim, fundo mysterio:
Estará pelo vêr impaciente?
Será isto elogio, ou vituperio?...
Pesada obrigação! horrivel fardo!
Quem deu tostões oito tem jus ao *Bardo!*
*

A invocar principío a pobre musa,
Para o vate, infeliz, sempre mesquinha;
Ora, esquiva, de todo se recusa,
Ora, se versos dá, mostra que é minha,
E da exhausta paciencia mais abusa,
Quando do mez o fim mais se avisinha:
Maldigo então essa hora em que, pateta,
A mania me deu de ser poeta.

Poeta!... não... perdão... que foi engano!
Versejador, apenas, como tantos
Que rimam, por ahi, com fogo insano,
E o povo fazem rir, com *tristes* cantos;
Alto valor mostrando, mais que humano,
Em *martyrios* soffrer, proprios de santos!...
Oh vates infelizes!... causaes pena!...
Que grande alma!... Que veia tão pequena!...

Mas debalde um assumpto achar pretendo,
É tudo insipidez... monotonia!
E já vingança atroz estou prevendo,
Não quero mais fallar da *fidalguia*...
Supponham que, de mim caso fazendo,
Um *grande*, muito irado, me dizia:
Se essa lingua, mordaz, se não esconde,
Fecho-te a loja, e faço-te *visconde!*

Irra!... feito *visconde!*... um pobre artista
Mettido em danças altas, quem o atura?
Sem bens, sem çreação, por mais que insista,
Ha-de sempre fazer triste figura:

Essa grandeza é só fogo de vista,
Que ardendo brilha, sim, mas pouco dura:
E d'isto vejo o mundo já tão cheio!...
Que seja estreito o campo até receio!...

D'amor que dizer posso?... a mocidade
Passei-a sem nutrir tal sentimento;
Hoje, que velho estou, cada beldade
Perdeu no imperio seu trinta por cento,
Por fugir-lhe do mar para a cidade,
Bem que prêso, o cabello, exposto ao vento:
Demais, respeito assaz o tal *fedelho*,
Que torna o velho moço, e o moço velho.

Já não tenho theatro italiano,
Que me inspire, com dôces melodias;
Fugio, tambem, de nós o castelhano,
E tu, bojuda *Valle* (*), que farias
Andar certas cabeças, mais d'um anno,
Como anda a minha bolsa muitos dias!
Apenas resta ao povo galhofeiro,
Mais juizo, mais paz e mais dinheiro.

Se ao menos d'Esculapio na sciencia
Versado me tivesse, eu cantaria
Uns ratões que, em torrentes de sapiencia,
Fulminam, em jornaes, a Homœopathia;

(*) Uma bailarina redonda que dançava no theatro de S. João.

Bradando, se da febre á forte ardencia
Eu visse que um enfermo succumbia:
Descereis, Homœopathas, ao inferno,
Porque não reformaes as leis do Eterno!

Mas sem ter a sciencia profundado,
Sobre ella dissertar fôra loucura;
Que eu, se um parvo contemplo, enfatuado,
Que mil sandices diz, quando se apura,
Fico, sobre a questão, sempre calado,
Por não me expôr tambem a atroz censura;
N'isto, ha-de concordar a séria gente,
Se mais sabio não sou, sou mais prudente.

Só tenho no porvir suave esperança,
D'assumptos mil colher para a poesia;
Verei andar o povo n'uma dança,
Quando do Sam Miguel chegar o dia;
Muita cara verei fazer mudança,
Tão ligeira, que o vento a não faria;
Verei mudar, talvez, para *Pantana*,
Gente que d'opulenta hoje se ufana!...

Lá vem tambem os banhos, *salutares*,
Origem de petiscos variados;
Verei sem mêdo, entrar por esses mares
Mancebos, na loucura, denodados;
E seu alto valor alçando aos ares,
Carpindo os que sahirem mutilados,
Lamentarei que os taes refrigerantes
Tornem craneos mais quentes do que d'antes.

Principia de novo figurando
Gente que por ahi jaz escondida;
Ha bailes, e saraus, onde, dançando,
Muita dama se torna conhecida;
Cantoras, bailarinas vem chegando,
Começa dos jornaes a insana lida:
Á tua vista, inverno carrancudo,
Succumbe a insipidez... revive tudo!..

Então em versos mil, altisonantes,
Que possam dar no mundo ingente brado,
Eu terei de cantar acções brilhantes,
D'este povo, de todos *respeitado;*
Tão alegres verei meus assignantes,
E o respeitavel publico, illustrado,
Que se um estranho os vir, dirá contente:
Ditosa condição, ditosa gente!

Porto, 11 d'Agosto de 1852.

Quero viver para rir.

> O bom Demócrito ria
> Do que a nós nos causa dôr;
> Elle mui bem o entendia:
> Vamos nós tambem, Senhor,
> Fazer o que elle fazia.
>
> N. Tolentino.

Alguns vates eu conheço
Que me inspiram compaixão,
Por darem subido apreço
A cousas que nada são:
A julgar pelos seus versos,
Vivem na tristeza immersos,
Não fazem mais que gemer;
Descrêem do amor, d'amizade,
Erguem cantos á saudade,
E por fim querem morrer!

Anhelam da vida o cabo,
Chamam-se espectros a si,
E fallam, que teem diabo,
Em cousas que eu nunca ouvi;
Nos seus tão sentidos cantos
Fallam só em ais, em prantos,
Em torturas e afflicções:
Não ha leitor tão perdido,
Que não leia, commovido,
Essas *tristes* producções...

Pobres mancebos, coitados!
Quanto differem de mim!
Já do mundo estão cançados?
Pois eu cá não sou assim:
A par de muita miseria
Ha cousas com tal pilheria,
Que se não póde exprimir;
E eu, que aprecio a chalaça,
Hei-de morrer?... isso é graça!
Quero viver para rir.

Pois não é muito chistoso
Vêr qualquer Manoel João,
Embora seja um leprôso,
Ir ao chrisma, e ser — Barão?
Vêl-o já mettido em vicios,
E receber dos patricios
Um sincero — *bosmecê;*
E com seu titulo ufano,
Por fugir d'algum engano,
Nunca mais largar o — B —?

E ao dar titulos a êsmo,
Transformar qualquer sandeu
Em Visconde de si mesmo,
Digo, do appellido seu,
Não é bastante jocoso?
Será menos curioso
Vêr depois estes ratões
Estudarem, noite e dia,
Folheando a Nobliarchia,
A vêr se encontram brazões?

Não valerá outro tanto
Vêr, n'um chôcho folhetim,
Fallar da orchestra, e do canto,
Alambicádo *chinfrin?*
Não desafia a risada
Alguem que, pela calada,
Vem apontar o escriptor,
Dizendo que é um Cupido,
Que nem distingue, no ouvido,
Um cornetim d'um tambor?

Não é tambem cousa linda
Vêr ahi qualquer lapuz,
Sem, ao menos, saber inda
Fazer o signal da cruz,
Como um possesso fallando,
Mil sandices vomitando
Contra a nossa Religião,
E, prégando um dia inteiro,
Sahir-se como um sendeiro,
D'onde entrou como um Catão?

Não promove immenso rizo,
Ouvir por esses cafés,
Moços que dizem ter sizo,
Mettendo as mãos pelos pés?
Fallando em toda a materia,
Em questão jocosa, ou séria;
Soltarem lingua mordaz
Contra sabios escriptores,
Os que a escrever são peores
Do que na eschola um rapaz?

Não é bom vêr mascaradas,
Já depois do Carnaval,
As madamas, penteadas
Como as doudas no hospital?
Vêr pelo mundo dispersos
Mil fabricantes de versos,
Que apenas sabem rimar?
E eu, que tenho igual mania,
Levar a minha ousadia
A ponto de os criticar?

É tudo isto tão jucundo,
Tem, para mim, graça tal,
Que só me afflige, no mundo,
O não ser eu immortal!
Se em momentos de delirio
Eu disser que atroz martyrio
É para mim o existir,
Não julguem que estou zombando;
Mas hoje, sério fallando,
Quero viver para rir.

Março de 1862.

No Album

DO MEU INTIMO AMIGO CARLOS NOGUEIRA PINTO GANDRA.

Amigo, Carlos Nogueira,
Pedes um canto da lyra,
A quem apenas lhe tira
Sons de viola chuleira?
Insistes d'essa maneira?
Não sabes que, por desgraça,
Por mais esforços que eu faça
Por ser vate, é sempre em vão?
Não vês que mente o rifão:
Quem porfia mata caça?

Escrever n'um album!... Credo!
Expôr-me á critica austera!
E se um douto me impozera
Pena de longo degredo!
Nada... nada, tenho medo
D'ir a alguem desagradar;
Não ponho o meu nome a par
Dos que teem estro e sciencia;
Amigo, tem paciencia:
Quem não tem, não póde dar.

Eu quizera enriquecer-te
O Album com versos meus;
Mas não sei, valha-me Deus...
E tenho d'obedecer-te!...
Emfim, vou satisfazer-te
Como possa, ou mal ou bem;
Comtudo, se os vir alguem
Que d'elles zombe, e de mim,
Defende-me, e dize assim:
Cada qual dá o que tem.

Mas... de *brizas*, *rosas*, *fadas*,
D'*estrellas*, te hei-de eu fallar?
De *rôlas*, *conchas do mar*,
Ferros velhos, trapalhadas?
Rodilhas apontoadas,
Isso não, que é cousa feia;
Mas se não tenho na ideia
Um só pensamento novo,
Seguirei a voz do povo:
Quem não póde trapaceia.

Se eu tivera uma donzella
Que a dentuça me mostrasse,
E, por mim, se conservasse
Dia e noite na janella;
Verias então uma — *Ella!...* —
Meigo canto á minha dama;
Que para isso até na cama
Dera tratos ao miôlo,
Embora morresse tôlo:
Morra o homem, fique fama.

Mas as meninas solteiras
Teem coração d'estalagem,
Onde acham *breve* hospedagem
Janotas, e parvalheiras;
E as minhas fórmas grosseiras,
Este meu nariz enorme,
Este corpo, tão disforme,
Não me deixam namorar;
Demais, quero descançar:
Quem tem amores não dorme.

Se eu fôra *politicão*,
Dos que vão para o Guichard,
Sem dôr o peito rasgar,
Dar á Patria o coração;
Um hymno tecêra então
Excitando a lusa terra!
Bradaria:—guerra!... guerra!...
Eia ávante, a ferro e fogo!...
Mas não... que diriam logo:
O cão que ladra não ferra.

Se eu, por ser grande inventor,
Por meu saber litterario,
O labéo de plagiario
Me não podéra alguem pôr;
Então armára ao louvor,
Quizera c'roas de louro;
Mas é baixeza, é desdouro
Figurar com bens alheios...
E d'isto ha volumes cheios...
Nem tudo o que luz é ouro.

Dera-me hoje por contente,
Se em dôce canto, divino,
Eu, d'amizade, n'um hymno,
Dissera o que o peito sente;
Mas falta-me a voz cadente,
E na lyra a confiança;
Tenho perdido a esperança,
Que n'outro tempo nutria,
Quando minha avó dizia:
Quem espera sempre alcança.

Já vês que pela poesia
Não se augmenta esta amizade,
Que já da infancia na idade
O meu ao teu peito unia;
Mas a mutua sympathia
Que em nossos peitos floresce,
Penhor seguro offerece
D'infinita duração;
N'isto não mente o rifão:
Quem bem ama, tarde esquece.

6 de Setembro de 1860.

Um passeio á Foz.

. . . .
. . . .
Marcha a Tropa; Amor a guia;
Tu que a mesma estrada trilhas,
Mostra-me em todo esse dia
Coisas, que não fossem filhas
Da innocencia, e da alegria!

Dizes que pobres Donzellas
Vão os olhos enganando
Com postiças tranças bellas,
E chitas de contrabando,
Que ainda são das Adelas?...
. . . .
. . . .

N. Tolentino.

Da feia insipidez aborrecido,
Que estende na cidade o seu imperio,
Quando o fecundo estio, appetecido,
Lá vai dulcificar outro hemispherio;
Este povo deixando submergido
N'um silencio d'escuro cemiterio,
Vesti a casaquinha afiambrada,
E da *soberba* Foz segui a estrada.

Era domingo, despontava a aurora,
As seges e carrinhos já voavam,
Em busca das meninas que, a tal hora,
Já os cabellos seus arripiavam,
Dispondo-se a gastar *a trote*, agora,
Tudo o que *a passo*, outr'ora, os paes ganhavam,
Quando eu, da celebrada Miragaia,
Sósinho me sentei, na amena praia.

Alli me demorei, analysando
D'este povo o delirio, tão insano;
Animal orelhudo cavalgando,
O janotinha ao lado, muito ufano,
Vi donzellas, as sêdas assoalhando,
Que jazeram guardadas todo o anno;
Em quanto o gordo pae, e a mãe roliça,
Bem longe da filhinha, ouviam missa.

Em soberbos cavallos, bem montados,
Vi correrem galhardos cavalleiros,
Como depois dos banhos acabados
Seus donos correrão, dias inteiros,
Por causa d'alugueis, tão bem ganhados,
Em busca dos tafues aventureiros;
D'alegria devendo ficar cheios,
Recebendo os cavallos e os arreios.

Em tysicos jumentos, abatidos
Ao pêso de pomposas bagatellas,
Vi damas, com esplendidos vestidos,
Com lindas fitas brancas e amarellas,

E chailes que eram já meus conhecidos,
Por me verem passar pelas adellas;
E para unida vêr loucura tanta,
O caminho segui da *Terra Santa.*

Alli, depois de ter enfunilado
D'*innocente* café meia tigella,
Com fatias d'um pão, que o mez passado
Sete dentes quebrou d'uma donzella,
Hoje só, na dureza, comparado
Á conta, que paguei pela tabella,
Á missa logo fui, onde, decente,
Por moda já não ser, vi pouca gente.

Marchei d'alli á praia, onde reunidos
Sobre os altos rochedos, espantados,
Eu vi muitos janotas, conhecidos,
Entre mil papelões ajanotados;
Vi outros que, de todo escandecidos,
Ás aguas se lançavam, denodados;
Vi mais, muitos fidalgos, parvalheiras,
Pasmados para as *ondas bolideiras.*

E roubando o lugar aos caranguejos,
Alli, na maré cheia, aposentados,
Eu vi, aproveitando os bons ensejos,
Mancebos, aos penedos agarrados;
E quantos nutririam vãos desejos,
De em caranguejos serem transformados,
E, da toca sahindo, ardendo em zêlo,
Ir as damas morder no tornozêlo!

De luzente verniz justo sapato,
Que ao mestre, em vez de lucro, deixou mágoa;
Calcinhas, e vestidos d'apparato,
Que treme a terra ao vêl-os entrar n'agoa,
Ao banho vi correr, estupefacto,
Madamas que por casa andam d'anagoa;
Gostei de vêr assim tractar o Oceano,
Quem só vai visital-o d'anno em anno.

De calça de funil, com puxadeiras,
E lustrosos botins envernizados,
Pasmado vi sahirem das fileiras,
E entrarem para o banho, até frizados,
Vomitando — *em francez* — mil frioleiras,
Mancebos que eu suppunha ajuizados;
E tanta dôr os pobres me excitaram,
Como os paes, que para isso os não crearam.

Rapazes vi tambem, inda mamotas,
Na maneira d'andar fazendo ensaios;
Vi lacaios vestidos de janotas,
E janotas vestidos de lacaios;
Ouvi empavezados idiotas
Fallando como fallam papagaios: —
Só quando a arida praia achei vazia,
Fui buscar distracção na hospedaria.

Alli é que era mesmo um ceo aberto!
Garrafas a esgotar, limpando pratos,
Causava gosto vêr, qual mais esperto,
Um tremendo esquadrão de litteratos,

Que, inda na juventude, são de certo
De Cicero immortal fieis retratos;
Que inexgotaveis fontes de sciencia!...
Que famosas torrentes de eloquencia!...

Um, n'um bello discurso, e não *com siso*,
A mais pensada lei faz em farrapos;
Lá pede outro a palavra, e d'improviso
Sete constituições desfaz em trapos;
Quer outro, que suppõe ter mais juizo,
Levar os governantes a sopapos!
Torna-se a discussão acalorada,
Põem-se tudo a fallar, ninguem diz nada!

Terminou-se o jantar, todos fumavam,
Eis que invadem a sala, de repente,
Uns tafues que, nos rostos, inculcavam
Serem lá do Alto Douro, e d'alta gente;
Mostrando, pelas fallas que soltavam,
Ter cada qual um rei por ascendente;
Vinham por uns ratões acompanhados,
Ao *monte*, sem ser feras, costumados...

Tomaram estes logo a presidencia,
E por mais occultar subtis enganos,
Aos *nobres* offerecem convivencia
Com *damas*, *condes*, *reis* e *soberanos*...
Semeando começam a *excellencia*,
Que os pobres pagam cara, mas ufanos...
Já que tão *códeas* sois, ó parvalheiras,
Sem *miólo* ficaes nas algibeiras!

Deixei, farto de Foz, a hospedaria,
Quando já, brandamente declinando,
O sol, envergonhado, se escondia,
E a noite vinha o manto desdobrando:
Parei na Cantareira, ao fim do dia,
No ceo fitando os olhos, e exclamando:
Que é isto, justo ceo, que não te boles?
Que nem fazes da Foz um Rilha-folles?

Immensa multidão lá se descobre
No logar onde esperam passageiros,
Que o vapor os *vá pôr* na Porta Nobre;
Ri-se a gente do *tom*, dos cavalleiros
Que, sem que aureo metal assaz lhe sóbre,
Fidalgos querem ser, e não caixeiros;
Em quanto que o patrão, lá na cidade,
Ficou de mãos erguidas na Trindade.

O *Duriense* (*) partiu; marchei, por terra,
Porque sou mui cobarde nos revezes,
E escuto como alguma gente berra,
Quando o *lindo* vapor, não poucas vezes,
Com pedras, agua e vento, em crua guerra,
Se dispõe a mangar dos portuguezes:
O passeio findei, bom de saude,
Se mal o descrevi, fiz o que pude.

Porto, 8 d'Outubro de 1852.

(*) Pequeno barco, movido a vapor, que morreu de paixão por não poder andar tanto como um carroção puxado a bois.

Casarei?

(AO MEU AMIGO SAMUEL CESAR DE CARVALHO).

Quando sósinho me vejo,
No meu quarto, a meditar,
Sem ter quem venha, sensivel,
Minhas mágoas adoçar,
Sinto na mente passar-me
O desejo de casar:
Depende d'isso o meu bem?
Pois casarei... mas com quem?

C'uma pequena galante,
D'estas que inspiram paixão?
Mas se, por conveniência,
D'esposa me dér a mão,
E quizer conservar livre
O voluvel coração?
Não a quero... é perigoso,
E eu sou muito escrupuloso.

Desposarei uma feia,
Que a ninguem revele agrado?
Que, aborrecida por todos,
Me não infunda cuidado?
Fôra uma acertada escolha
De quem é desconfiado;
Porém não... do todo seu
Ninguem gosta? — pois nem eu.

Buscarei moça que tenha
Com que eu possa figurar?
Mas... quem sabe se, querendo
Prohibir-me de gastar,
Me dirá, batendo o pé:
Se lhe custasse a ganhar!
Não quero, que anda depois
O carro adiante dos bois.

Casarei com mulher pobre,
Que seja honesta e formosa?
Póde ser... mas se do luxo
Se tornar ambiciosa,
E julgar que não é moda
O ser pobre e virtuosa?..
Nada... nada... não acceito...
Para cego não me ageito...

Escolherei uma velha,
Que me chame o seu menino?
Mas se ella se faz zelosa,
E tenta dar-me o ensino?

Estas velhas rabugentas
Fazem cada desatino!
Não... só se ella prometter
De em breve tempo morrer.

Talvez que uma viuvinha
Fosse boa acquisição;
Porém temo que o defuncto
Lhe levasse o coração;
Nem ficam bem ao mancebo
Trastes em segunda mão:
Não quero, que ha-de tambem
Fallar sempre em quem Deus tem.

Não quero a moça galante,
Que talvez me julgue feio...
Feia, rica, pobre, ou velha,
Todas me infundem receio;
Tambem não quero a viuva,
Resta-me apenas um meio:
Como todas teem seu mau,
Comprarei uma de pau.

Valpedre, 17 de Junho de 1851.

Que mundo este!

Coitado de quem se obriga
Este mundo a descrever;
Por muito que d'elle diga,
Mais lhe fica por dizer;
Debalde irei dissertando,
O vicio atroz fulminando,
Nos homens, e nas mulheres,
Que é no deserto bradar;
Mas hoje tenho vagar:
Quem tem vagar faz colheres.

É certo que eu não queria
Aggravar chagas d'alguem;
Mas que importa, se hoje em dia
Não se respeita ninguem!
Não me teem, linguas damnadas,
Dado terriveis picadas,
Que ferem mais que uma adaga?
Teem... e devo então poupal-os?
Isso não... hei-de tozal-os:
Amor com amor se paga.

Se vejo um padre, janota,
Pela rua a namorar;
De verniz luzente bota,
Casaquinha a dar, a dar,
Não posso ficar calado;
Quem abraça tal estado,
É mister que se lhe acabe
O gôso que o mundo tem;
Se o ser padre sabe bem,
Caro custa o que bem sabe.

Mas se o traje o denuncía,
Mais offende a sã moral,
Vêr no véo da hypocrisia
Envolto o genio do mal;
E quantos, infelizmente,
São o opposto, internamente,
Do que parecem ao longe!...
Se n'isto um pouco medito,
Dou o dito por não dito:
O habito não faz o monge.

Se contemplo um miserando,
Que faz um triste papel,
Os *partidos* bajulando,
Sendo a todos infiel,
Fico então desapontado;
Não é justo que, empregado,
Vá limpar-se da carepa,
Quem vivia entregue ao vicio:
Que aprenda qualquer officio,
Quem quer a bolota trepa.

Se vejo um commerciante,
Atropellando o dever,
Ser em tudo traficante,
Cuidar só d'enriquecer;
Os incautos enganando,
Em publico apresentando
Aspecto d'austero monge,
Tambem calado não fico;
Seja honrado, e será rico:
De vagar se vai ao longe.

É verdade que hoje o pobre,
O plebeu, não teem valor;
Seja o homem rico, e nobre,
O meio... seja qual fôr;
Como haja magnificencia,
Dinheiro, muita *excellencia*,
Muita, servil, barretada,
Que importa que o mundo falle?
Quem muito tem, muito vale,
Quem não tem não vale nada.

Se um homem aventureiro,
Sem talento ou instrucção,
Hoje vejo *cavalleiro*,
Ámanhã *senhor barão*:
Outro dia *deputado*,
Logo *ministro d'estado*,
Sem ninguem saber porquê,
Com sentimento profundo,
Eu só digo—ah mundo, mundo!
Quem te viu e quem te vê!

Se vejo um velho, chibante,
Contra a Natureza, audaz,
Ella a curvar para diante,
Elle a vergar para traz;
Julgo que esse estonteado
É o seculo passado
No presente a figurar,
E brado, soltando o rizo:
Alto lá! tenha juizo!
Quem andou não tem p'rà andar!

Se vejo, abrindo caminho,
Em dias de procissão,
No descoberto carrinho,
Janota parlapatão;
Com suor correndo em fio,
Como quem por desafio
Longa corrida já trouxe,
Digo — tendo compaixão
Do cavallo e do patrão: —
Quem não tem pé não dá couce.

Se um litterato, *pimpolho*,
Ouço, fallando de si,
Sem deitar o rabo do olho,
A vêr se a gente se ri;
Achando graça aos seus ditos,
Notando nos seus escriptos
Estupenda erudição,
Não censuro o pobrezinho;
Antes digo — coitadinho!
Não tem mais na sua mão!

Se vejo um pobre pateta
Arvorado em redactor,
Julgar-se grande poeta,
Abalisado escriptor;
E, despresando dos velhos
Prudentes, sabios conselhos,
Fazer figura nojenta,
Não entro com elle em briga,
Não... que temo que alguem diga:
Quem tem rabo não se assenta.

Se escuto um *scepticosinho*,
Dizendo que já não crê;
(Quando para o bigodinho
Só o lugar se lhe vê);
A fallar em desalentos,
Em amor, paixões, tormentos,
Com insolito desgarro,
Passo-lhe a mão pelo rosto,
E digo — forte desgosto!
Já a formiga tem catarro.

Se um janota vejo, pobre,
Como o rico a figurar,
E, com fumaças de nobre,
Pôr-se dos grandes a par;
Buscando todos os dias
As luzidas companhias,
A gastar em desperdicios
O que tem e o que não tem,
Digo logo — não faz bem:
Quem é pobre não tem vicios.

Se uma bella dama vejo
Em bicos de pés a andar,
Outra não perdendo o ensejo
D'um — *v* — por — *b* — encaixar;
Uma velha de calcinhas,
Com as faces vermelhinhas,
Da côr que o droguista dá;
Exclamo, soltando o rizo:
Se aos homens falta o juizo,
Cá e lá más fadas ha.

Mas uma voz que, isolada,
Queira o vicio combater,
Quando parar, fatigada,
Muito deixa por dizer;
Silencio, pois, Musa minha,
Que não pódes, por mesquinha,
Levar essa empreza ao cabo;
E se tentasses fazêl-o,
Talvez te fossem ao pêllo:
Aqui torce a porca o rabo.

Junho 17 de 1852.

A minha Ella.

A minha linda amada como as outras,
Não junta á formosura a hypocrisia,
É linda como o sol, e ao mesmo tempo
Tão pura, tão celeste como elle;
Os raios que reflecte no meu peito
São raios, que uma nuvem não baceia,
Luzem no coração sem abrasal-ó.

J. F. DE SERPA.

Eu já senti um desejo
Que a poesia me inspirou,
E deu-lhe entrada um bocejo
Que a poesia occasionou;
Li uns versos amorosos,
Tão *sentidos*, tão *mimosos*,
Que jámais vi cousa assim;
Era um vate, *ameno* e *brando*,
A sua *Ella* cantando,
Que era um *anjo*, um *cherubim!*

A *face pura* e *mimosa*,
D'*açucena* era rival;
Tinha os *labios côr de rosa*,
Ou não sei se de *coral;*
Tinha de *marfim* os *dentes*,
Tão *alvos*, tão *refulgentes*,
Que eram mesmo d'espantar!
Tinha um espirito agudo!
Era grande e bella em tudo!
Era uma *Ella sem par!*

Li outra poesia, *bella*,
Que inda mais me impressionou;
Era feita a uma—*Ella!*
O author... não se assignou...
Essa, então, é que era um *anjo*,
Um *seraphim*, *um archanjo*,
Tão formosa, que mais não!
N'alma e corpo era tão *linda*,
Que outra assim não vi ainda!
E tambem era *pernão*.

E fiquei, desde esse instante,
Dizendo cá para mim:
Tambem quero ser *amante*,
Tambem quero uma *Ella* assim:
Quero uma *joven* selecta,
Que d'est'*alma de poeta*
Entenda as *meigas canções;*
Quero em seus *olhos*, *formosos*,
Ir com meus olhos, *chorosos*,
Receber *inspirações!....*

Eia ávante!... mãos á obra,
E o meu plano ha-de ir ao fim;
Como ha donzellas de sobra,
Uma ha-de haver para mim!
Encontrei-a... e coisa fina!
Eis-me já, d'esquina a esquina,
Dia, e noite, a namorar;
Mas quando estava cahido,
Foi outro canto, *sentido*,
Que me veio levantar.

O que dizia esse *canto*,
Nem eu sei se o contarei;
Se fôra escripto com *pranto*,
Se com tinta... nem eu sei:
« És uma *ingrata!* És *perjura!*
« Pretendes na *sepultura*
« Vêr-me, lançado por ti!
« És mais dura que uma *rocha!*
« Apagaste-me uma tocha,
« Que, ao vêr-te, *n'alma* accendi!

« Estou *sceptico!... descreio*
« De tudo... mesmo do *amor;*
« Rasga-me um *punhal* o *seio*,
« Não posso com tanta *dor!*
« Tu me déste do *ciume*,
« Em torrentes, o *azedume*,
« Que um *espectro* me tornou! »
Eis o *canto* arrebatado,
Que o pobre *vate*, *abrazado*,
Nos *fins da vida*, cantou!

Li tudo!... fiquei absorto!...
Depois, *triste*, meditei;
Se era *vivo*, se era *morto*
Longo tempo duvidei;
E, carpindo o *desgraçado*
Que assim fôra atraiçoado
Por uma *Ella sem par*,
Disse, olhando o quadro tetro:
Temo tambem ser *espectro*,
Já não quero namorar.

Não, que temo que uma *bella*
Intente zombar de mim;
Mas... serei *Elle* sem *Ella*,
D'esta vida até ao fim?...
Quando n'isto meditava,
E, sósinho, passeava,
Uma estranha apparição
Me tornou estupefacto,
Sem decidir se era facto
O que eu vi, se era *visão!*

Atravez d'um vidro claro
Vi um *anjo sem igual;*
De *candor* prodigio raro,
Uma *belleza ideal;*
Tinha a *face tão mimosa*,
Já se entende, como a *rosa;*
Tinha os *labios de carmim*,
E de *jaspe os niveos dentes*,
Que me mostrou, *reluzentes*,
A sorrir-se para mim!

Vejo-lhe abertos os braços,
Para unir-me ao *coração*,
Dirijo para *Ella* os passos,
Vou á loja do *Simão;*
Começo a comprimental-a,
Não responde uma só falla,
E eu julguei-lhe um peito mau;
Vê-me o caixeiro, zangado,
E me diz, muito espantado:
Essa menina é de pau!

É de pau!... pois seja, embora,
A minha *Ella* ha-de ser;
Hei-de bem-dizer a hora
Feliz, em que a pude vêr!
Será esta a minha *estrella!*
Hei-de sempre aos labios d'*Ella*
Ir beber *inspirações!*
Quebrarei o fado iroso,
Serei com *Ella ditoso*,
E tudo por seis tostões!...

Agora sim, já não temo,
Victima d'uma *traição*,
Tanto *amor*, e tanto *extremo*
Um dia carpir em vão;
Dia e noite lhe diviso
Nos labios, *meigo sorriso*,
Nas *faces* a mesma *côr;*
E sempre abertos os braços,
Para prender-me nos laços
D'um *sincero e casto amor*.

*

Se um momento me entristeço,
Seu *rizo* me consolou;
Se um dia não lhe appareço,
Nem com isso se agastou;
E se fallo, diante d'*Ella*,
Mui *terno*, com outra *bella*,
Nem assim perturba a paz!
D'*amor* podésse no *encanto*,
Como a d'*Ella*, durar tanto
Minha *existencia fallaz!...*

Agora não sou *descrente*,
Já não temo *espectro* ser;
Nem d'uma *paixão ardente*
Receio um dia *morrer;*
Tenho uma *Ella adorada*,
Elegante, e *delicada*,
Graças ao sabio esculptor;
Tem *face pura e mimosa*,
Tem os *labios côr de rosa*,
Graças tambem ao pintor!

Porto, 28 d'Outubro de 1852.

NA PRIMEIRA PAGINA DO ALBUM DO MEU AMIGO
ANTONIO BERNARDO FERREIRA.

Um album todo em branco! raridade!...
E todo ao meu dispôr!... oh que pechincha!...
Assim é que, em delirios de vaidade,
Um mesquinho *poeta* todo se incha!
Ao vêr d'alvo papel a immensidade,
Já o meu coração cá dentro pincha!
Venha aqui, de joelhos, todo o mundo
O meu estro admirar, *sabio e profundo!*

Porém que hei-de escrever?—caro Ferreira—
Olha que vens metter-me em boa alhada!
Pretendes tu que a pagina primeira
Vá com meu nome, obscuro, ser manchada?
Para cumprir missão tão lisongeira
Desejos tenho apenas—e mais nada!...
—Vou (lembrança feliz) seguir um norte:
A minha comparar á tua sorte.

Talvez porque a Fortuna, variante,
Para ti se voltou, leda e risonha,
E estendendo uma tromba d'elephante,
Tomando catadura atroz, medonha,
Além de me arrojar de si distante,
Até d'olhar-me, só, teve vergonha,
Me creias, mais que tu, desventurado!
Oh triste!... como vives enganado!

Nasceste entre velludos e cambraias,
Eu em grossos lençoes d'aspero linho;
Mas, ai, que tu, mettido nas alfaias,
Se um gemido soltavas... coitadinho!
Lá vinham, a gritar, trezentas aias:
Acudam, que lá chora o Antoninho!
E eu, se uma dôr tinha, ora... berrava,
Que toda a visinhança se espantava.

Na idade da instrucção, de mêdo cheio,
Para o collegio foste, e eu para a eschola;
Tu gosavas, nas horas de recreio,
Um pequeno descanço, por esmola,
Quando eu, no meu quintal, e sem receio,
Jogava com rapazes a cachola;
E nos annos da infancia, a liberdade
Vale mais que as grandezas n'outra idade.

Depois, ao despontar da juventude,
Tu foste por um *Anjo* fascinado;
Mas lá vem do *capricho* o imperio rude
Teu peito suffocar, incendiado!

Venceste, porque adoras a virtude,
E amando com ardor, eras amado;
E eu, quando d'amor me torne escravo,
Caso, sejá c'um anjo, ou c'um diabo!

Tu, hoje, sobre intrepido cavallo,
Pelas ruas passeias bem montado;
Porém pódes soffrer tremendo abalo,
E de costas cahir, no chão, deitado: —
Eu, que só ando a pé, se tenho um callo,
Abrindo uma janella no calçado,
Lá vou decentemente passeando,
Em quantô tu na cama estás gritando.

Tens coches, carruagens e carrinhos
Que tornam meio mundo estupefacto;
Mas se uma roda quebra, em maus caminhos,
Lá ficas estendido, como um pato;
E eu, inda què roto em bocadinhos
Torne, com muito andar, cada sapato,
Tiro o chapeo, e devoção fingindo,
Esmola para a missa vou pedindo.

Tens casas, por caseiros occupadas,
Que demandam de ti despeza insana;
Eu tenho-as, por botões só habitadas,
Sem decima pagar, que tanto damna;
Tens quintas, por heranças, ou compradas,
Eu, sem isso, tenho uma por semana;
Tens ouro, que te obriga a estar álerta,
Eu durmo, e não me assusta a porta aberta!

Vê-te, pois, n'este quadro, e com franqueza
Dize se, mais que tu, não sou ditoso?
Se não ha-de a minha alma, á tua preza,
Sentir o teu estado *lastimoso?*...
Mas eu, que o vêr-te assim tanto me peza,
Que teu amigo sou, que sou bondoso,
Um bom conselho—*gratis*—quero dar-te:
—Dá-me o que tens—aprende a minha arte.

Porto, 3 de Setembro de 1853.

O Carnaval.

Se a moda o quer assim, cale a censura,
Em quanto o petimetre, e a dama bella
Dança com gala, canta com doçura...
PAULINO CABRAL.

Que agradaveis illusões!
Que agitação eu diviso
No meio das multidões,
N'este dia, em que o juizo
Suspende as suas funcções!

Eu conheço-te! É o dito
Que se ouve sahir do seio
Do *caréta*, em voz d'apito!
O bonito faz-se feio,
Torna-se o feio bonito!

Furando como uma agulha
Um, de *principe* fardado,
Lá corre, fazendo bulha,
Como quem diz, muito inchado:
Deixem passar, que sou *pulha*.

Ri-se d'elle o janotismo;
Mas lá surge outro, de *mouro*
Vestido, com brilhantismo!
Coitado, por mais desdouro,
Esse é *pulha* entre o *pulhismo*.

Lá vem a *saloia bella*,
Em bicos de pés a andar;
Corre a canalha atraz d'ella,
Mostrando, a quem duvidar,
Que é lá da sucia a *donzella*.

Com sua casaca rica
Apparece um *lavrador*,
Cuja luva de pellica
Diz ao povo espectador,
Que não é nenhum *futrica*...

E cuida ter-nos logrado
Com cousas tão triviaes;
Porém... falla o desgraçado...
É um parvo, que jámais
Se vira tão aceado.

Lá surge um *Indio* a cavallo!
Correndo, qual mais ligeiro,
Os patuscos, a miral-o,
Decidem ser um caixeiro:
E quem póde duvidal-o?

Vem contente pôr-se em praça
Pastorinha, d'alvo collo,
Mostrando, pela chalaça,
Que já no *Salão d'Apollo*
Entrada teve de graça.

Nos theatros e nas salas
Onde se entra por dinheiro,
Vêem-se *mouras* e *zagalas*,
Dando o braço ao *cavalheiro*,
Trocando grosseiras fallas.

Ferve a chalaça indecente,
Indecente ferve a dança,
Que, enojando a séria gente,
Depois que um pouco descança,
Resurge mais insolente.

O que por gosar foi só,
Um padecente parece,
Mettido no *dominó;*
Ri-se quem o não conhece,
Quem o conhece tem dó.

E ha paezinho, apaixonado
D'estes folguêdos insanos,
Que, em *cortezão* disfarçado,
Leva o filho, de seis annos,
Ao pé de si mascarado.

E no momento em que vai
Dizendo graças *sem graça*,
Se o menino diz—ai... ai!...
Diz o povo:—Deus te faça
Menos tôlo que teu pai.

Mesmo a donzella innocente
Paga, na funcção caseira,
Ao *Entrudo* o contingente,
Vestida de *lavradeira*
Com sua *figa* pendente.

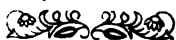
Dança a *chula* e o *pésinho*,
A *canna verde*, a *chiquita*,
A *Constança* e o *Josézinho*,
Tão insipidas na *invicta*,
Quanto engraçadas no Minho.

E, quando a mascara tira,
Deixa todo embasbacado
O parvo, a quem se encobrira,
Que alli fôra, convidado,
Porque a chorar o pedira.

Vão as carêtas cahindo,
E, ás vezes, são tão medonhas
As caras que vem surgindo,
Que passa as horas tristonhas,
Quem antes se estava rindo.

Morre, *Entrudo!* E que conheças
Que ao senso não fazes guerra,
Sem que a muitos aborreças.
—Tão leve te seja a terra,
Como pozeste as cabeças.

E ao povo, louco ou sizudo,
Permitta-se um desafogo,
Nos paroxismos do—*Entrudo*—
Porque, se hoje é tudo fogo,
Ámanhã é *Cinza* tudo.

Porto, 8 de Fevereiro de 1853.

Os meus desejos.

. . . .
Quizera só fugir de tanta estima,
Livrar-me d'este pelago profundo,
Mudar da natureza, que me anima,

Subir da lua ao globo alto, e rotundo,
E depois d'apanhar-me lá de cima,
Desatar os . . . .

PAULINO CABRAL.

Se fôra aos humanos dado
Santas leis desattender,
Tomando, por seu agrado,
Nova vida, novo ser;
Zombar do poder da morte,
E, livres do extremo corte,
Ter eterna duração,
Mais do que eu ninguem gosára:
Ninguem mais longe levára
Os seus vôos d'ambição!

Quizera ser vento, e irado
Soprar do leste ou do sul,
E vendo apenas pousado
Um chapeo sobre um taful,
Envolvêl-o na poeira:
Em seguida, a cabelleira
Do janota desfazer;
E, se o tormento inda é pouco,
Fazêl-o andar, como um louco,
Traz do chapeo a correr.

Quizera ser sol um dia,
Mas dia de procissão,
Quando as damas á porfia,
Ostentam seu brilho, em vão;
E vendo uma na janella,
Com face rosada e bella,
Que jámais lhe vira alguem,
Despedir ardente raio,
Da cara comer-lhe o caio,
Queimar-lhe a pelle tambem.

Quizera, inda mais, ser lua,
Ter no ceo a habitação;
Que a nuvem, que lá fluctua,
Offuscasse o meu clarão;
E quando dois namorados
Visse — horas mortas — filados
Um ao outro, a cochichar,
Surgir então limpa e clara,
Dar-lhes de chapa na cara,
E fazêl-os separar.

Quizera ser onda altiva,
Em cachão sempre a ferver,
E andar n'uma roda viva,
Ao mar e á terra a correr;
E vendo as damas na praia,
Mostrando as rendas da saia,
Por capricho, ou presumpção,
Vir com outras em cadeia,
Espraiar-me pela areia,
Pregar com ellas no chão.

Ser fogo tambem quizera,
Que não apagasse alguem;
E quando no resto ardera
D'um charuto de vintem,
Passar então fumegante
Para as barbas do fumante,
Que em chammas as visse arder:
Queimar-lhe a pelle macia,
Para que as barbas, um dia,
Não podessem renascer.

Quizera ser da Saude
Delegado ou Guarda-mor,
E ao vêr na decrepitude
Um homem namorador,
Logo dál-o por suspeito;
E depois, pilhando-o a geito,
Prendêl-o, a bem ou a mal,
Dar-lhe nas mãos muito bolo,
Gritar: *Aqui d'El-Rei!* — tolo —
Mandal-o para o Hospital.

Quizera ser um cortiço
Onde se fabríca o mel;
E quando achasse em derriço
Algum massador cruel,
Soltar d'abelhas um cento,
Picando-o a todo o momento,
Já por diante, já por traz,
Que, fugindo, o *assassino*
Caminhasse ao seu destino,
Deixando a *victima* em paz.

Ser mosca um anno quizera,
De dia e noite voar,
E em casas que eu escolhera,
Sem pedir licença, entrar;
Ir poisar em certa gente,
Deixar-lhe o signal patente,
Em alguns, sem dó, morder;
Correr os cantos sem mêdo,
Devassar muito segredo,
Vil-o cá fóra dizer.

Quizera ser d'uma dama
Cãosinho d'estimação,
— Das que dão o filho á ama
E teem no regaço o cão; —
E se a criança opprimida,
Nos braços da *mãe fingida*,
Soffrendo, soltasse um ai,
Dar na dama uma dentada,
E, fugindo, ao vêl-a irada,
Ir tambem morder no pai.

Quizera ser pulga, e o dente
Aguçado sempre ter;
Para — como certa gente —
D'alheio sangue viver;
D'algum parvo *litterato*
Encaixar-me n'um sapato,
Ir-lhe aos ouvidos por fim,
E massando-o sem clemencia,
Roubar-lhe tanto a paciencia,
Como elle m'a rouba a mim.

Ser cavallo até gostára,
(Sem d'isso me envergonhar)
E se montar-me tentára
Algum *novo titular*,
De repente dar um salto,
Despenhal-o de tão alto
Como jámais alguem viu;
Dar-lhe um couce bem puxado,
E deixal-o enlameado
Na terra, d'onde sahiu.

Quizera ser forte espada,
De não torcer nem quebrar;
E ao vêr-me á cinta amarrada
D'um fanfarrão militar,
Fugir então da bainha,
E com toda a força minha,
Dar-lhe nas costas sem dôr;
Ter da falla o dom famoso,
E dizer-lhe: — « Se é medroso,
« Fuja, e seja lavrador! »

D'um moderno sapateiro
Sovela quizera ser;
E quando o visse altaneiro,
De pé, na gazeta a lêr;
Ou da mão largando a bota,
Com algum freguez idiota,
Em politica a fallar,
Dar um pulo bem depressa,
Pôr-me a pé sobre a tripeça,
Deixal-o depois sentar.

Mas a ideia, o pensamento
De per si que força teem,
Se os desejos que alimento
Realisar não póde alguem?
Serei homem toda a vida,
Para mim aborrecida,
Sem jámais mudar de ser;
— Inda bem que é livre a imprensa!
Sandices que o homem pensa
Póde-as, affoito, dizer.

Porto, 16 de Novembro de 1853.

Soneto.

Se virem um mancebo, impertigado,
A sombra (havendo sol) fitando attento;
Chapeo, qual barco em agoa, ao som do vento,
De *macassar* em ondas levantado;

No pescôço lencinho avermelhado,
Quinzena d'alvo panno, ou pardacento;
Dous cannos de cotim, verde, ou cinzento,
Da cinta ao lindo bute envernizado;

Nos labios, negros já, sempre suspenso,
De putrido tabaco accêso rôlo,
Deixando após de si nojento incenso;

Suspeitem que lhe falta algum miôlo;
Porém se o nariz limpa a branco lenço,
Não ha que duvidar — então é tôlo. —

A mulher e a moda.

Ha um alvo que arrebata
O heroe que empunha a lyra!
Vendo-o — o valor se dilata —
Carrega o estro — atira —
Se não fere — morre — ou mata!

Mas se fere causa dôres,
E d'ellas não fica salvo:
Se morre — morre d'amores;
Se mata — não mata o alvo,
Só mata os espectadores!

Mata-os, sim, bem que o não quer;
Mas os balotes, dispersos,
Correm onde o acaso der;
— Aos balotes chamam — *versos* —
Chama-se ao alvo — *mulher*. —

Dispara, á carga cerrada,
Comparações mais de mil,
Qual d'ellas mais infundada:
Ás *nuvens*, ao *ceo d'anil*,
Á *lua*, e *estrella doirada!*

Compara-a ao *cravo*, á *rozeira*,
Á *cecem* e ao *martyrio*,
Á *violeta* e á *romeira*,
E, no accesso do delirio,
Á *banana* e á *bananeira!*

Aos *anjos!* altiva ideia,
Que, se perde por antiga,
Fulgura por não ser feia;
Seja, embora, a rapariga
Uma horrenda *centopeia!*

A *fadas* e *feiticeiras*,
A coisas mortas e vivas,
Fingidas e verdadeiras,
Agradaveis e nocivas,
— Total — dez mil frioleiras! —

Eu, que apenas sei rimar,
Qual sineiro de capella,
Na sinêta a badalar,
Á *moda* — e sómente a ella —
Posso a *mulher* comparar.

Quem hoje a negar se atreve
O poder que tem a *moda*,
Pilhando cabeça leve,
De fazêl-a andar á roda,
Sempre, sempre em giro breve?...

Tem a *mulher* força igual!
Que soprando um só momento
Á cabeça d'um mortal,
N'um giro de catavento
Gasta-lhe a mola real.

A *moda*, se um velho a adora,
Expõe-o no pelourinho
Das chufas, a toda a hora,
De bigode e chicotinho,
Ponta do lenço de fóra.

A *mulher*, se attende ás vezes
Janota que só lhe falla
Sobre a *invasão dos francezes*,
Recebe-o na sua sala
Como galã d'entremezes.

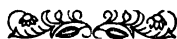
A *moda*, aos trastes usados
Faz a valia perder;
Mas tambem — annos passados —
Faz de novo reviver
Costumes já despresados.

A *mulher*, por criancice,
Quer só mancebos formosos;
Mas, ás vezes, por perrice,
Faz tornar homens idosos,
Tristemente, á meninice!

A *moda*, por leviana,
Ao que lhe encontra prazer,
E de seguil-a se ufana,
Faz-lhe o credito perder,
Dar com a casa em *Pantana*.

A *mulher*, com modo arteiro,
Ao homem que, d'improviso,
Lhe vota amor verdadeiro,
Deixa-o, por fim, sem juizo,
Sem saude e sem dinheiro!

Ambas, por modos diversos,
Dominando a humana raça,
Teem seus vassallos dispersos —
— A mim só — e por desgraça —
Me obrigam a fazer versos.

Porto, 22 d'Agosto de 1853.

Tudo assim vai!

Como é triste a Primavera,
Quando, rispida e severa,
Adormenta a Natureza!
Quando as arvores, despidas,
E as plantas murchas, cahidas,
Infundem negra tristeza!

Lá no fundo do Oceano
Canta o rouxinol, ufano,
Por commover corações;
E os peixes, entre os raminhos,
Adejando em tôrno aos ninhos,
Entoam lindas canções.

Passeia, alegre, o campino,
Bem-dizendo o seu destino,
Por entre as ondas do mar,
E os navios em descanço,
Da paz o doce remanso
Gosam, em volta do lar.

Na terra o sol esfossando,
Vai comendo e vai roncando,
Com seu focinho rasteiro;
E o porco, lá no horisonte,
Ostentando altiva fronte,
Illumina o mundo inteiro.

A juventude, enrugada,
Já encara a louza alçada,
Da campa que a vai sumir;
E a velhice, rubicunda,
Passa uma vida jucunda,
Olhando para o porvir.

Vem agora o fero Estio!
Já tudo treme com frio,
Ruge forte o vento irado;
Sahe do leito o mar furioso,
Desce o raio impetuoso
Ao chão, de neve coalhado.

Por entre as nuvens sombrias,
O fulgor das melancias
Dissipa a negra borrasca;
Nos melanciaes virentes,
Das estrellas refulgentes
Se divisa a verde casca.

Nas agoas do rio iroso,
Navega o rato orgulhoso,
Com as velas enfunadas;
Em quanto que andam os barcos
Mettidos pelos buracos
Das casas arruinadas.

Os defunctos, a tremer,
Com desejo d'aquecer,
Buscam serviços activos;
Vão á caça, tocam, dançam,
E quando, lassos, descançam,
Rezam por alma dos vivos.

Vem surgindo o meigo Outono,
E o cuidadoso colono
Principia a semear;
Erguem-se as plantas cahidas,
E as arvores, despidas,
Começam de rebentar.

Pelas moutas escondido
O caçador, perseguido,
Se vai d'hervas sustentando;
E o coelho, d'arma ás costas,
Com seus cães, desfaz em postas
Quantos homens vai achando.

A jumenta colhe o vinho
Das ramadas, e do linho
Vai á noite á espadellada;
A aldeã anda pastando,
De vez em quando orneando,
Com a orelha levantada.

Anda o lavrador cantando,
De ramo em ramo saltando,
A cauda virada ao ar;
O pisco trata da terra,
E vai buscar matto á serra,
Para o gado se deitar.

Mas já do Inverno a brandura
Adoça a temperatura;
Já nas manhãs apraziveis
Se não vê o gêlo frio,
Que na primavera e Estio
Causou estragos horriveis.

Já se vê o prado ameno,
E no ceo, limpo e sereno,
O sol, a terra queimando;
Tornam-se os bosques sombrios,
Seccam-se as fontes e rios,
Vão-se os dias augmentando.

Nas sachas o lavrador,
Todo banhado em suor,
Chega á noite fatigado;
E depois ao somno brando
Lá se entrega, descançando,
No bosque, á sombra deitado.

Já o gato, berrador,
Na rede do pescador
É, lá no rio, caçado;
E a saborosa lampreia
O seu amor patenteia,
Miando sobre o telhado.

Leitor, se não penetraste
O que lêste, e se julgaste
Aqui mysterio profundo,
Direi por desenganar-te,
Que só intento mostrar-te
Que anda ás avessas o mundo.

Valpedre — Novembro — 1851.

No Album d'uma Artista.

A ideia que presidira
Ao ser este Album formado,
Todo o mundo a traduzira: —
Vê-se que foi destinado
Ao pincel, e não á lyra.

Não sei, pois, a que vem cá,
Se em pintura eu sou tão cego!
Mas querem que eu pinte? — Vá —
Que ha-de ser? — eu não me nego —
O meu retrato? — Será. —

E se alguem me censurar
A ousadia — não pequena —
De ao pé do pintor, *pintar*,
Eu respondo: — pinto á penna,
É mais raro, hei-de agradar.

Mas para que me dilato?
Pois não será já bastante
Para exordio, o que relato?
Alto lá — Vamos adiante —
Comecemos o retrato:

Não sou alto — vejo a lua,
Mas preciso a fronte erguer;
Nem baixo — que pela rua
Ando affoito, sem romper
O nariz na pedra sua.

Não sou gordo — ando á vontade
Por toda a rua ou viella:
Nem magro — que pela grade
De qualquer porta ou janella,
Nunca entrei — valha a verdade.

Branco não sou — que de gêsso
Jámais alguem me julgou;
Nem preto — nenhum travêsso,
Por escarneo, me espirrou,
Nem *negreiro* me pôz preço.

Córado não sou — cereja
Ninguem se lembrou julgar-me:
Nem pallido — entro na igreja,
Sem que alguem queira enterrar-me,
Por crêr que um defuncto seja.

Não sou bonito — que as bellas
Não me tentam namorar:
Nem feio — que algumas d'ellas
Olham, sem arripiar,
Para mim, lá das janellas.

Não sou velho — que não vi
Em Lisboa o terremoto:
Nem novo — que já nasci
Antes de ter o teu voto
Para pôr meu nome aqui.

Eis, senhora, o meu retrato!
Sei que os fazes mais perfeitos,
Mas por isso me não mato;
— Póde um teu, sem ter defeitos,
Julgal-o alguem pouco exacto:

E n'esse caso se some
A fama do teu engenho!
E a minha não se consome,
Que um grande recurso tenho,
Pondo-lhe por baixo o nome.

Janeiro 21 — 1854.

Os duellos.

(AO SNR. ALEXANDRE HERCULANO).

Queixai-vos, Asneirões, que a perda é vossa;
Pois quer ser lobo quem lhe veste a pelle.
J. A. DE MACEDO.— Poema — Os BURROS.

Se não fossem as leis, ha tantos annos,
Como a borracha, brandas e flexiveis;
E entregues ao arbitrio de maganos,
Aos gemidos dos reos sempre sensiveis,
Quer o sejam de crimes deshumanos,
Ou d'esforços de genio, quasi incriveis;
Se os *duellos*, em fim, fossem vedados,
Mil *heroes* morreriam affrontados!

Mas — graças dos governos á incuria —
Campeia qualquer parvo de *valente!*
Chamando a um gracejo atroz injuria,
Por vingal-a faz rir a séria gente;
E, de mêdo a tremer, finge-se em furia,
O nome quer ganhar de combatente:
Mas não conheço um côxo ou aleijado,
Que fosse n'um *duello* assim marcado!

Supponhamos que um *dandy*, um *cupidinho*
Vai o rasto seguindo á sua *Ella:* —
Um menino de collo, e bonitinho,
Que um doce está papando, na janella,
Faz da casa cascata, e de mansinho
Um chafariz se torna, sem cautella...
E sôa no chapeo da nossa *joia,*
Estrondo, qual de chuva em clara-boia!...

Diz comsigo o *janota:* «Estou perdido!...
«Não me devo portar como um galucho.»
E as escadas galgando, enfurecido,
Lá vai pedir ao pae do pequerrucho
Cabal *explicação* do succedido,
Se uma bala não quer dentro do bucho!...
Já falla de pistolas e d'espadas,
E ri-se o author do insulto ás gargalhadas.

Se da casa o senhor é já pesado,
E sustentar não quer uma pendencia,
Pede, humilde, perdão, e socegado,
Do filhinho mostrando a innocencia,
Á familia apresenta o moço irado,
E o convida com ella á convivencia:
Já, pacato, o rapaz não quer vinganças,
E em polkas tudo acaba e contradanças!

Dêmos, porém, que, em vez d'homem sizudo,
É da creança o pae ratão de gosto,
Que o *valente* escutando, carrancudo,
Tremendo bofetão lhe manda ao rosto,

E a escada o faz transpôr, portal, e tudo,
Sem para o *desafio* o ter disposto!
Eis um caso horroroso, e formidavel,
No qual é um *duello* inevitavel!

De raiva em fogo ardendo o *cavalheiro*,
Corre a casa, inda cheio de vaidade,
Manda logo o chapeo ao chapelleiro,
Na face, onde apanhou, põe alvaiade,
Recorre, inda a tremer, ao seu tinteiro,
E d'este modo invoca uma amizade:
« Fulano! Corre, já, se és meu amigo!
« Para a honra salvar, conto comtigo! »

Lá vem o pobre amigo, esbaforido,
A causa quer saber de tanto alarde;
E, da razão do *heroe* já convencido,
Pela vingança vota, e que não tarde:
« Pois então parte já — diz o *offendido* —
« Um duello propôr ao vil covarde!
« Porém previne-o lá, que se conforte,
« Porque d'um, de nós dous, é certa a morte! »

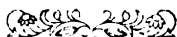
Eis em marcha o *padrinho*, que, apressado
Se dirige ao ratão, pae da creança,
Que o convite escutando, socegado,
Responde, a rir, que é justa essa vingança:
Do *combate* o lugar fica marcado,
Arma escolhida, e hora, sem mudança:
Satisfaz ás demais formalidades,
E rompem-se as crueis hostilidades!

*

Chega, emfim, da *batalha* o duro instante!
De pistolas nas mãos, os *combatentes*,
Um a rir-se da graça, outro arrogante,
Dos *padrinhos* ao lado estão presentes:
Dão fogo!... Eis que uma bala fulminante,
Ao mancebo, infeliz nos precedentes,
Quatorze pêllos queima do bigode,
E o beiço, que jámais produzir pode!

Fazem-se os comprimentos, e em seguida
Poem-se os dous *campeões* em retirada;
Vai o rapaz curar, triste, a ferida,
Com honra tanta, com valor ganhada;
E embora conte já na insana lida
A *molhadella* — o *tiro* — e a *bofetada* —
Brada, cheio de si, ao mundo inteiro:
« Assim é que se vinga um *cavalheiro!* »

Se eu podésse chegar a ser um dia
O director na *casa dos oratès*,
Nenhum d'estes *heroes* lá chegaria,
Que entrada não tivesse, e sem debates:
Mas vós, que padeceis d'essa mania,
Não me chameis, por isso, a taes combates!
Debalde tomareis o caso a peito:
Declaro — alto e bom som — que não acceito!

Porto, 15 de Dezembro de 1854.

No album

DA EX.^ma SNR.^a D. MARIA FELICIDADE
DO COUTO BROWNE.

Senhora, as minhas canções
Has-de tu ouvil-as? — não...
São ellas d'inspirações
Como São Sebastião
A respeito de calções.

Tu, cantora divinal,
Que pelo canto mavioso,
Fazes teu nome immortal;
Tu, que no sexo mimoso
Não tens no mundo rival,

Exiges uma canção
D'uma sanfona, sem graça,
Que só, d'um cego na mão,
Servíra, a tocar na praça,
Para que dançasse um cão?

E que hei-de eu cantar?... amores?
Oh! não! que por esse lado,
Entre immensos dissabores,
Apenas tenho gosado
A amostra dos seus favores.

Do travêsso rapazelho,
Confesso-o, tenho receio;
Que, apesar de não ser velho,
Se as damas me chamam feio,
O mesmo me diz o espelho.

Hei-de, por satisfazer-te,
O teu *mimoso presente*
Em versos agradecer-te?...
Isso não!... nem o consente
O receio d'offender-te.

O teu *Livro de poesias*,
Onde tão sublime engenho
Derramou mil harmonias,
É um namoro que eu tenho,
Que vou vêr todos os dias.

Um thesouro, para mim,
E se não posso esgotal-o,
Imitando-te, por fim,
Hei-de, ao menos, decoral-o,
Senhora, eu cá sou assim.

Pedir, n'um requerimento,
Que o teu segundo volume
Venha para este aposento?
Não!... causára-te azedume...
Fôra grande atrevimento!

Demais... estou descançado,
Que elle, apenas venha ao mundo,
Ha-de ser logo mandado
Vir, como *filho segundo*,
Comprimentar o *Morgado*...

Então que hei-de fazer eu?
Para que mais me aborreças,
Enviar-te um Album meu,
Pedir-te que m'o enriqueças,
Tendo-te estragado o teu?

Mas... perdão... foi sem querer
Que eu pedi com tanto excesso...
Conheço que é meu dever
Respeitar-te... já não peço...
Mas, emfim... se podér ser!...

Quando eu possa, ou tarde ou cedo,
Pagarei tantos favores
Em versos... porém segredo...
Ha por ahi uns *censores*
Que me infundem tanto medo!...

Fôra triste, para mim,
Vêr aos meus versos filado
Analphabeto *chinfrin*,
Censurando-os, debruçado
Na mesa d'um botequim;

Ou alguns d'estes ratões
Que juntando, em cabedellas,
Tres *rolas*, quatro *condões*,
Cinco *rãas*, seis *filomelas*,
Sete *soes*, oito *trovões*;

Cortando em partes iguaes
Esta trapalhada *fria*,
Sem temerem mil rivaes,
Lhe poem por cima — Poesia —
E mandam para os jornaes...

Lá d'esses Deus me defenda!
Que, cortando sem piedade,
Se fazem alguma emenda,
Lá vai dos versos metade
Servir d'embrulho na tenda...

Mas o teu genio elevado,
Depois de tão longo ensaio
Ter na poesia aturado,
Não requer que um papagaio
Falle como um deputado.

Porto, 1.º de Junho de 1851.

A um aspirante a poeta.

SONETO.

Quiz um joven marchar, só por mania,
Das letras pela senda trabalhosa;
Diz-se vate — mas prenda tão famosa
Ninguem nos versos seus a descobria.

Começa a dar patada, e tão bravia,
Que logo (alçando a voz imperiosa)
Lhe brada a Natureza: *Chega á prosa!*
E o maldito a encostar-se á poesia!

Vem Apollo, munido d'um chicote,
E dando-lhe nas ventas dous embates,
Diz, altivo e severo, ao tal pichote:

Eu não dou protecção a bonifrates!
Se na Musa inda dás mais um pinote,
Encaixo-te na casa dos orates!

O homem feliz.

Se tu de ferir não cessas,
Que serve ser bom o intento?
Mais carapuças não teças:
Que importa dal-as ao vento,
Se podem achar cabeças?
N. TOLENTINO.

Não julguem pela apparencia,
Nem creiam quanto se diz;
Nem sempre o que tem carencia
É pobre; — nem é feliz
Quem recebe uma *excellencia*.

Só provém da natureza
A mais sólida ventura;
Porque, d'herança, a riqueza
Quasi sempre é da loucura,
Da estupidez, da vileza.

Feliz só posso chamar
Ao homem que, sem ser mau,
Tem cara de não córar;
Mas d'estanho — que de pau
Podem-lh'a ás vezes quebrar.

De *figurar* não se inhibe,
Nem teme que o bem se acabe;
— Sem que do luxo se prive,
Vai vivendo como sabe,
Sem saber-se como vive.

E julga ter mais valia
Se, buscando pôr de lado
A origem, que o deprimia,
Consegue vêr-se enxertado
No tronco da fidalguia.

Dos hoteis no de mais fama
Um quarto aluga, decente,
Onde tenha á noite cama: —
Pois já para dar ao dente,
Tem traçado o seu programma.

Relações com que se ufana
Procura mais estreitar;
E — fingindo que se engana
Nas horas — lá vai jantar
Um dia cada semana.

Sete familias só tendo
Que em casa lhe dêem entrada,
Vai-se o *fidalgo* mantendo,
Sem despender a *mesada*
Que á muitos vai promettendo.

E longe d'occultar onde
Tem a forçada ração,
De dizer jámais se esconde:
« Fui ao jantar do barão;
« Ceei com o tio visconde. »

Assignante eternamente
Do theatro italiano,
Vem do camarote á frente,
Onde o dono, todo o anno,
Contra vontade, o consente.

E se vai pessoa rica
A familia visitar,
Como a politica indica,
Cede prompto o *seu* lugar,
E á porta encostado fica.

Não soffre o pundonor seu,
Embora venha um mais crasso
Que, da grosseria reu,
Lhe lance a capa no braço,
Lhe pouse em cima o chapeu.

Conservando a posição,
Não julga ter-se abatido;
Que é grande compensação,
Ter, *de graça*, apparecido
Ao pé d'um *conde* ou *barão*.

Tornando-se alvo do povo,
Gastando a mesma galhofa
Para o velho ou para o novo,
Serve aos pequenos de mofa,
Aos grandes serve de bôbo.

O alfaiate, o sapateiro,
O dono da hospedaria,
O ourives, o chapelleiro,
O conhecem — noite ou dia —
Do *môfo* pelo mau cheiro.

E se estes, no fim do mez,
Tornam as contas patentes,
Safa-se o homem, cortez,
Ralhando contra os parentes,
Que assim tardam d'esta vez.

E aqui paga, acolá deve,
O *distincto cavalheiro*,
Tenha embora a bolsa leve,
Quando geme o mundo inteiro
Elle está sempre na neve.

Que importam linguas damnadas,
Ou perversos escriptores?
Suas queixas são baldadas,
Que um homem d'estes humores
Despresa taes caçoadas.

O commercio é para os pobres,
As artes para os plebeus;
Quem só tem ricos e nobres
Nos muitos amigos seus,
São-lhe escusados os cobres.

Vive enganado quem diz
Que o trabalho nos dá ganho,
Com proveito do paiz: —
Quem tiver cara d'estanho
É esse — *o homem feliz.*

Porto, 14 de Março de 1854.

São gostos.

Ha quem ame o tempo frio,
Amaldiçoando o calor;
Eu prefiro o mal do estio
Do aspero inverno ao favor;
Inda assim, de frio cheio,
Eu quizera o gosto alheio
Respeitar, mas tento-o em vão —
E sei bem que estes dous gostos,
Um ao outro, embora, oppostos,
Fundam-se ambos na razão.

Quem do quarto ao meio-dia
Já vestido e *quente* sae,
E, em quanto o sol alumia,
Dar um passeio só vae;
Quem volta em meio da tarde
Á sala, onde o fogão arde,
E inda mais *arde* ao jantar;
Quem, depois, livre d'aragem,
Vae e vem na carruagem,
Não póde o inverno odiar.

A chuva, que me incommóda,
Não altera a opinião;
Que um rico, seguindo a moda,
É raro pôr pé no chão;
E se o põe, por desenfado,
De *gutta-percha* forrado,
Enxuto, caminha bem,
Sobre a lama navegando,
Como a boia que, boiando,
Á flôr d'agua se sostem.

Eu, que, apenas surge o dia,
Do leito deixo o calôr,
E se vejo a neve fria
Vou-lhe os pés em cima pôr;
Eu, que em manhãs de nebrina
Sinto a *brisa matutina*,
Que o nariz me vem gelar;
Que á chuva o corpo offereço,
Porque da borracha o preço
Não me deixa emborrachar;

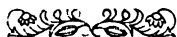
Que se a noite divertida
Passo em theatro ou funcção,
Contra mim tenho á sahida
Chuva, frio, escuridão;
Que só no impulso do vento,
Dos ferros ao movimento
Sei que existem lampeões,
E por baixo das biqueiras,
Cheios os pés de frieiras,
Vòu, gemendo, aos trambolhões;

Em lugar do frio inverno
Que me faz estremecer,
Quizera, em estio eterno,
Antes suar que tremer;
Ouvir das aves o canto,
Em quanto, em manhãs d'encanto,
O rico dorme, a suar;
E ter ainda outros gosos
Que aos ricos e preguiçosos
Não é dado avaliar.

Gosar da tarde a belleza,
Quando, em fogo abrasador,
O rico, sentado á mesa,
Maldiz, irado, o calor;
Sentir da noite a frescura
Que em vão o rico procura
No theatro ou baile onde está;
Divagar no prado ou monte,
E beber agua da fonte
Quando o rico toma chá.

Condemnem-me, embora, o gosto,
Roguem pragas contra mim —
Que o inverno ao tempo exposto
Passo, do principio ao fim —
Os ricos, os ociosos,
E os poetas preguiçosos,
Que por não ter nunca o sol
Despontado á sua vista,
Comparam qualquer *corista*,
Em seu canto, ao rouxinol.

Mas concedam que ao estio
Consagre eu mais affeição,
Esses que o inverno frio
Dizem amar, com razão;
E se ao certo saber querem
Das estações, que differem,
Qual mais offende os mortaes,
Perguntem ao cereeiro,
Ao armador e ao coveiro
Em qual d'ellas lucram mais.

Fevereiro 19 — 1855.

Symphonia d'abertura.

(NA PRIMEIRA PAGINA D'UM ALBUM).

Um livro todo em branco!... estou pasmado!
É possivel que assim tenha escapado
Ao metrico furor, tal quantidade
De mimoso papel!... Oh raridade!
Um Album, que (sem n'isto haver offensa
Á gente de pensar, e á que não pensa)
É sempre um armazem de frioleiras,
De tristes, amorosas baboseiras,
De *zêlos* — de *saudades* — d'*esperanças*,
De *florinhas*, brinquedos de creanças,
Ha-de em branco ficar?!... Deus nos defenda!
E eu, mesmo, a quem tocou abrir a senda
Para os mais caminharem, vou mostrar-te
Que injustiça não é fallar d'est'arte:
Uma prova acharás de quanto hei dito,
No que vou escrever e tenho escripto.

*

Mas que esperas de mim?... Canção mimosa,
Á *candida cecem*, á *rubra rosa?*
Um canto em que appellide o audaz guerreiro
Heroe, entre os heroes heroe primeiro?...
Que á minha Dama, em verso campanudo,
Eu chame archanjo meu, *meu Deus, meu tudo?*
Ai, não... que a rosa é muda á offerenda,
E eu gósto de fallar com quem me entenda;
Com guerreiros, peor... não quero nada,
Que da polvora o cheiro não me agrada;
Das damas... infeliz! — já nada espero...
Nem uma tenho, só... nem mesmo a quero.
Já vês que uma canção não posso dar-te,
Á qual a gloria caiba d'agradar-te;
Nem promettêl-a posso... que receio
Principio dar-lhe só... deixal-a em meio:
E d'isto a causa ignoras? — caro amigo —
Pois espera... vai lendo... eu já t'a digo:

Quando, ás vezes, em casa socegado
Me sinto pelas Musas inspirado,
Pela testa correndo a mão callosa,
Que a poesia chama, e enxota a prosa;
Disposto, já, a erguer altivo canto,
Que a *fosseis* e *burguezes* cause espanto;
Lançando olhar furtivo para as *Ellas*
Que tenho *vis-à-vis* pelas janellas;
Erguendo, após, a vista ao firmamento,
Que poetas tem feito mais d'um cento;
Correndo a passos largos pela sala,
Com a mente incendida, alçando a falla
Agora ao canapé, logo ás cadeiras,

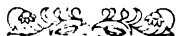
Que mudas ficam sempre ás frioleiras
Sahidas pela bôca do poeta —
Que mil vezes tem horas de pateta —
E sinto abrir a porta de repente
Insulso massador, impertinente,
Que a dextra, com vigor, logo me aperta,
Já vejo que a massada, então, é certa.

Aos diabos dou logo essa amizade;
Mas como, pelas leis da sociedade,
Aos labios é mister chamar o rizo
Para um amigo, tôlo, ou de bom sizo,
Eis-me já sobre a mesa recostado,
Resolvido a escutar o desalmado,
Que apenas tres palavras solta, insanas,
Faz um estro fugir, por tres semanas!

Eis que um discurso o mono principia,
Dizendo brandamente: — *Está mau dia!*
Ora diga-me: então que lhe parece
Este tempo?... Nas tardes arrefece...
E tão mal isto faz a toda a gente,
Que fará para mim, que sou doente?!..
Estou sentindo agora uns arripios...
E tenho, para mais, os pés tão frios!...
E em quanto assim vomita baboseiras,
Linguagem de velhas falladeiras,
De novo me esvoaça pela mente
Um verso, que eu supponho mui cadente;
Lanço os olhos ao chão, deixo-o fallando,
E vou as consoantes procurando
Para a triste canção — que o peito triste

Do vate, só á dôr assim resiste —
Mas, quando com a idéa me commovo,
De lá torna o lapuz: — *Que dá de novo?*
Tem visto ha poucos dias as gazetas?
Que trazem? Talvez nada... ou tudo petas!
Os taes periodiqueiros, hoje em dia,
Não valem trinta reis... esta mania
D'escreverem nas folhas só fedelhos,
Não tem graça nenhuma, para os velhos;
Por mais que a gente a procurar se cance,
Que encontra?... Quatro versos... um romance,
E outras cousas em que eu já nada aprendo,
E, por melhor dizer, nem as entendo...

E mais inda diria o horrendo mono,
Se d'elle não tomasse conta o somno;
E mais inda eu aqui talvez dissesse,
Se igual dóse de somno não tivesse.

Porto, 16 d'Abril de 1852.

Illusões.

. . . .
. . . .
Sem estudadas negaças.
Como andaria a Velhice
A par do Amor, e das Graças?
N. TOLENTINO.

Conheço uma velha dama
Que se julga dama nova:
Finge que d'amor se inflamma,
E, já bem perto da cova,
Canta, dança, e aspira á fama!

Têza, crêspa e sempre audaz,
Insistindo em ser eterna,
Vive com todos em paz;
Só em guerra c'uma perna
Que teima em ficar atraz.

Usa um pequeno chapeu,
Que deixa vêr, reluzente,
Cabello que ella diz seu,
E chama-lh'o impunemente
Porque a dona já morreu.

Sobre o nariz aguçado
Cangalhas d'ouro sustenta;
Mas nega têl-as comprado,
Porque a vista já se ausenta,
Por muito que tem olhado.

Da guitarra apaixonada,
Traz unhas que poderiam
Revolver toda uma estrada,
E nos pés mais valeriam
Se dormisse empoleirada.

Passeia, a pé e a cavallo,
Vai ao theatro e aos saraus,
Onde d'amor duro abalo
Tenta inculcar aos pataus,
Quando a faz gemer um callo.

Por instincto natural
Ninguem ha que não captive,
Com affecto sem igual;
E, d'aquelles com quem vive,
Ao espelho, só, quer mal.

Bondosa, propensa ao dó,
Da familia, que aprecia,
Um menino odeia, só,
Porque, n'uma companhia,
Lhe chamára visavó!

E da velhice aos horrores
Quer fugir á custa d'arte;
Soffre, porém, dissabores,
Ao vêr em alguma parte
Os que julga adoradores.

Já um d'estes — coisa rara!
Quando, por achincalhada,
Graças com ella gastára,
Provocando-lhe a risada,
Levou c'um dente na cara!

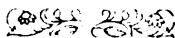
Outro que, sem má tenção,
A apertára, com mão dura,
N'uma dança de paixão,
Vio sahirem da costura
Os encantos d'algodão!...

Houve outro que, descuidado,
Soube, apenas, com pesar,
Ter-lhe na face tocado,
Quando, sem no mal pensar,
A vio pallida d'um lado!

Fallando em tudo, indiscreta,
Da discussão não se tira;
Mas a asneira, quando affecta,
É certa, como a mentira
Nas palavras do poeta.

E houve já quem se rio d'ella
Por uma tentação d'essas;
Porque a vira, sem cautella,
Lendo um jornal ás avessas,
Pendurada na janella!

E assim vai passando a vida,
N'uma contínua illusão;
Alegre, sim, divertida,
Mas exposta á irrisão,
Por todos escarnecida.

Julho 11 de 1854.

Convite.

> Tendo as satyras por boas
> Do Parnaso nos dois cumes,
> Em hora negra revoas;
> Tu dás golpes nos costumes,
> E cuidam que é nas pessoas.
> N. TOLENTINO.

Vem, oh Musa risonha, vem comigo,
Por esse mundo além, dar um passeio!
Quero, seguro, conversar comtigo
Sobre as miserias de que o mundo é cheio;
Verdades só dizendo, que ao abrigo
Fiquemos ambos do desforço alheio:
Bem sabes que, ao zurzir a turba ignara,
Quem cospe para o ar, cae-lhe na cara.

Ao lyrico theatro ambos iremos —
E, se mais se desfructa á custa alheia,
Para o Parnaso *senhas* pediremos,
De *lettras* fique, embora, a casa cheia:

Alli, occultamente, nos riremos
Da empreza, dos cantantes, da plateia...
A ti, sómente a ti, quero ao meu lado:
Antes só do que mal acompanhado.

Mas se ouvirmos alli nobres *borlistas*,
Que a Empreza, *generosa*, alto defendem,
Co'a *sabia* opposição jogando as cristas,
Em questões musicaes, que não entendem;
De pontudo aguilhão tu não desistas,
Quando vires, oh Musa, que se *estendem*...
Mas... silencio!... fallando não te esbarres!
Mais vale uma aguilhoada que dous arres.

Iremos aos cafés onde, famintos
De boas distracções, moços bem novos,
Nos jogos *innocentes* perdem *pintos*
Sem que tenham gallinha a pôr-lhes *ovos;*
Gastando vinhos bons, brancos e tintos,
E fazendo pasmar sizudos povos,
Porque, passando em ocio a vida inteira,
Não tem eira nem ramo de figueira.

Com ricos paletots, fugindo ao frio,
Muitos d'esses veremos enfeitados,
Que dentro em pouco, sem que venha o estio,
Aos casaquinhos voltarão, coçados;
Porque os trastes, outr'ora d'alto brio,
Já d'uma adella á porta pendurados,
Parece a quem passar virem dizer:
Quem compra sem poder, vende sem querer.

E se virmos os paes que, trabalhando,
Assim deixam fugir a vida inteira,
Tantos filhos vadios sustentando,
Sem buscar-lhes no mundo uma carreira,
Dir-lhe-hemos que, em desleixo, estão cavando
A ruina para a idade derradeira;
Que o pae que tolhe o filho a si se tolhe:
Quem abrolhos semeia, espinhos colhe.

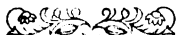
Nos bailes entraremos, onde a paga
O nobre e o plebeu põe em contacto;
Onde este, mui risonho, aquelle afaga,
Que na rua, se o vê, se finge abstracto;
E se virmos que em luxo o pobre estraga
O que tem, que só chega ao que é barato,
Dir-lhe-hemos que não folgue á redea solta:
Quem adiante não olha, p'ra traz volta.

Aos templos, mesmo, iremos, com respeito,
Na hora em que de povo estão desertos;
E se virmos batendo alli no peito,
Com a bôca no chão, braços abertos,
Algum fino ratão, cá fóra affeito,
No contracto, a enganar os mais espertos,
Não me desmintas, tu, se eu lhe disser:
Quando o diabo reza, enganar quer.

Se a enumerar os nobres seus parentes
Ouvirmos algum louco enfatuado,
Um que o titulo herdou dos ascendentes,
Outro que tem milhões, e é muito honrado,

Em termos lhe diremos, mui decentes,
Que, se em todos fallar, tenha cuidado;
Que é rara a este adagio uma excepção:
Em longa geração, conde e ladrão.

E quando virmos que a missão tremenda
De a verdade espalhar, é já cumprida,
Sem que este mundo louco tenha emenda,
Voltaremos por fim á antiga vida;
Com tanto que a vingança que isto renda
Entre nós seja, oh musa, repartida.
Acceito a parte minha — a tua acceita:
Quem boa cama faz, n'ella se deita.

Março 20 de 1855.

No album

DA EX.ma SNR.a D. CELESTINA CHARDONNAY.

Folheando as lindas folhas
D'este Album, fiquei pasmado!
Não encontrei um poeta
Que não fosse desgraçado!!

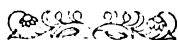
Chorei ao vêr a *descrença*
Arreigada em corações
De mancebos, que no mundo
Passam por grandes ratões...

Será moda chorar sempre?
—Não quero a moda seguir:
Em quanto os poetas gemem,
Eu passo os dias a rir.

É moda descrêr de tudo?...
Tambem não quero descrêr:
—Creio em tudo quanto vejo
E em tudo o que ouço dizer:

Creio nos jornaes politicos,
Nos hymnos e nos vivorios;
Creio até nos Almanaks,
Folhinhas e Reportorios;

Creio em homens e mulheres,
Creio em sabios e patetas,
Creio em vivos e defunctos,
Só não creio... nos poetas!

Janeiro 20 de 1853.

Ao Carnaval.

Aquella proveitosa liberdade
Aos antigos Poetas concedida,
De mostrar de mil erros a verdade,
E do mais livre povo então soffrida,
E do mais poderoso receada,
Porque entre nós será mal recebida?...
Antonio Ferreira — Livro 2.º, Carta 5.ª

Louco Entrudo! Vae-te embora,
Que o teu prestigio acabou!
Foste grande — mas agora
O tempo tudo mudou!
Seguindo mais largo trilho
Vae, longe, ganhar o brilho
Que perdeste em Portugal!
Aqui venceu-te o — *Progresso* —
Que este povo traz oppresso
N'um perpetuo carnaval!

Foi-se o tempo em que enfeitado
Com as pennas do pavão,
Em teu dia, mascarado
Se via qualquer peão,
Que alheias roupas vestia,
E fidalgo se fingia
Illudindo os seus iguaes;
Isso, que então era engano,
Vê-se agora todo o anno...
Sem carêta... que inda é mais!...

A plebe, então, que se via
Pelas ruas a rodar
Em ricos trens, pretendia
Por nobre gente passar;
As multidões, apinhadas,
Rindo, embora, ás gargalhadas,
Sabiam culto fingir:
Isso, que era então folguedo,
Hoje é sério; mas, sem medo,
Continúa o povo a rir!

Coberta a cara, escondida
Sob papel com verniz,
Sotaina larga e comprida,
Cangalhas sobre o nariz;
Os mancebos, á porfia,
Assoalhavam no teu dia
Os trajes de seus avós!
Hoje—sempre, e sem careta,
Manda-os a moda, indiscreta,
Andar assim entre nós!

Feio, antigo penteado
Se via em tuas funcções: —
Hoje — o pêllo arripiado
Usam damas nos salões!
De longa cauda os vestidos,
Que ás velhas eram pedidos
Em teu dia, — usam tambem!
E entrou tanto a moda em brio,
Que nem me lembra o feitio
Que um pé de senhora tem!

Perdia então quem, por brinco,
Duas caras vinha expôr; —
Hoje o que tem quatro ou cinco
Fazem-no commendador!
Então, na rua e nas salas,
Jámais do mascara ás fallas
Attenção se ia prestar!
Hoje esses, todos os dias,
Recebem mil cortezias,
Tem ouro para as pagar!

Louco Entrudo! Vae-te embora,
Que o teu prestigio acabou!
Foste grande — mas agora
O tempo tudo mudou!
Seguindo mais largo trilho
Vae, longe, ganhar o brilho
Que perdeste em Portugal!
— Aqui venceu-te o — *Progresso* —
Que este povo traz oppresso
N'um perpetuo carnaval!

Fevereiro 12 de 1865.

*

N'um Album

EM QUE SÓ HAVIA UMA POESIA E UMA PINTURA.

« Bons dias, meu devotinho,
« — Á sua porta me tem —
« Favoreça o pobresinho
« Que a vez primeira aqui vem:

« Não se fie nos doirados
« Que vê na capa a brilhar;
« Filho de paes abastados,
« Nasci para mendigar:

« Correndo toda a cidade
« Ando a vêr se alguem me dá;
« Mas vejo aqui — má vontade,
« Vejo *pobreza* — acolá:

« Dos que teem ricos thesouros,
« Menos que d'outros, colhi;
« Porque esses pretendem louros,
« Que não lhes nascem d'aqui...

« Trago embalde o saco ás costas,
« Que ninguem de mim tem dó;
« E, soffrendo más respostas,
« Tenho... esmolas... duas só!

« Deu-me um poeta urna—rica—
« Deu-me outra—bella—um pintor;
« Deus lhes augmente o que fica,
« Que ambas ellas teem valor:

« Se póde, meu devotinho,
« Tenha dôr dos males meus;
« Dê-me... dê-me algum versinho,
« Será pelo amor de Deus. »

Pobre *Album!* Quanto se engana!
A que porta vem bater!...
O dono d'esta choupana
Mal o póde soccorrer:

Sou propenso á caridade,
Deu-me Deus bom coração;
Mas... tenho apenas vontade,
Tome lá... perdôe, irmão.

Porto, 20 de Julho de 1854.

Prégar no Deserto!

. . . .
. . . .
Sobe aos ceos logo um lastimoso grito,
Que alta justiça pede, alta vingança,
E fica logo la o castigo escrito.
Não aja erro ou engano na balança.
Dar-se-am seus nomes a cad'hum devidos,
Seus premios aos bons livros, e á boa lança:
Descobrir-se-am por si rostos fingidos,
E mil titulos falsos, que roubando
Estam os premios d'outros merecidos.
ANTONIO FERREIRA — Livro 2.º, Carta XIII.

Se eu fôra janota, com pouco dinheiro,
Com fumos de grande, com meu pergaminho,
Buscára um fidalgo, polido ou grosseiro,
E fôra, contente, seu manso cãosinho.
E em vez de vergonha
Só tendo paciencia,
De graça jantára,
Theatros gosára,
Chupára *excellencia*.

Se eu fôra escriptor, de saber conhecido,
Ninguem aos corruptos mais guerra accendera;
E os pobres e humildes zurzindo, atrevido,
Aos ricos, aos grandes zumbaias fizera.
E embora os collegas
Me déssem massadas,
Tivera *presentes*,
Metaes reluzentes,
E mil barretadas.

Se eu fôra soldado, mas não destemido,
Seria em revoltas a entrar o primeiro;
E os meus juramentos havendo trahido,
E já capitão, general, conselheiro,
Barão, deputado,
Mais *graças* pedira;
E assim atrepando,
Riquezas juntando,
Dos outros me rira.

Se eu fôra um labroste, que, lá por Angola,
Vendendo irmãos meus, ajuntasse riquezas,
Viera na patria fingir-me carola,
E assim sepultára as antigas torpezas.
E tendo lacaios,
E um trem magestoso,
Palacios e alfaias,
Tivera zumbaias,
Vivêra ditoso.

Se eu fôra doutor, por empenhos formado,
Aos sabios collegas chamára pedantes;
E as ruas correndo, n'um burro montado,
Palavras soltando, das mais retumbantes;
Tornando incuravel
O mal d'um momento,
Visitas contando,
Mil vidas ceifando,
Ficára opulento.

Se eu fôra agiota, mettêra n'um saco
Quanto ouro no mundo podésse juntar;
E ouvindo um mendigo a pedir-me um pataco,
Voltára-lhe as costas, deixára-o chorar;
E assim, miseravel
E vil farrapão,
Por gosto quizera
Viver como a fera,
Morrer como um cão.

Se eu fôra *Manel*, em visconde chrismado,
De pobres parentes nem mais me lembrára;
E, já da nobreza no tronco enxertado,
Até aos Monarchas meus primos chamára;
E o pejo, a vergonha
De casa expulsando,
Á sombra das *graças*
Fizera trapaças,
Thesouros juntando.

Se eu fôra um mancebo — com quem me dotasse
Casára — e seria da esposa vassallo;
E embora o pae d'ella de mim se informasse,
Como usa na feira quem compra um cavallo,
D'amor e virtude,
Constante zombando
Vivêra contente,
Fingira ser gente,
De pé caminhando.

Se eu fôra empregado, mas bem protegido,
Com pouco trabalho, com grande ordenado,
Com todos, na rua, cortez e polido,
Seria um *kalifa*, na banca apoiado;
E entrando bem tarde,
Sahindo bem cedo,
Comêra e dormira,
E nunca sentira
Nem pejo nem medo.

Mas não sou janota — escriptor — ou soldado —
Labroste — doutor — nem agiota tambem;
Manel ou mancebo — nem mesmo empregado —
E então — longos braços quizera ter cem;
E em cada um sostendo
Bem grosso azorrague,
No mundo ir, voando,
Zurzindo, e bradando:
« Quem deve que pague! »

Porto — Janeiro — 1855.

A Camponeza.

Como és linda, oh Camponeza,
Quando tão meiga sorris,
E os dentes mostras d'aljofar
Engastados em rubis!
Que lindos são teus cabellos,
Para mim prisões subtis!

Serei tudo quanto queira,
Sim, senhor, é como diz!

Não pódes crer que te adoro,
Por vêr-me inda assim tão moço?
Por dizer-te quanto sinto,
E occultar eu já não posso?...
Não vês que olhar-te um momento
Me causa tanto alvoroço?

Vejo, vejo, bem te entendo...
'Stás gordo... tens cada osso!...

Não fica bem o motejo
N'essa bôca tão formosa!...
Nem um beijo me concedes
N'essa face côr de rosa?...
Dize que sim!... que te custa?...
Não sejas tão desdenhosa!...

Se lhe deixo dar-me um beijo?
Ai... deixo, que eu sou briosa!

Não deixas, não, que tu foges,
Zombar de mim só quizeste;
No teu «sim» tão gracioso
Outra ideia não tiveste;
Nem d'outro modo faltáras
Á palavra que me déste!...

Pois eu fiz-lhe essa promessa!...
Faria... pois não fizeste!

Não peço mais, que um amante
Enfastia quando abusa;
Mas eu sei que esse melindre
Nas aldeias ninguem usa:
Dizes-me como te chamas?
Para isto não ha recusa!

Inda não sabe o meu nome?
Pois olhe, chamo-me Escusa.

Já vejo que me despresas!
Não tens dôr de quem padece;
Mas o fogo que me escalda
Inda assim não arrefece;
Por ser por ti adorado
Dava tudo o que tivesse!

Ora vês tu!... que fortuna,
Pela tarde, me apparece!

Uma impressão tão ardente,
Meu peito jámais soffreu!
Não encontrarás no mundo
Um amor igual ao meu;
Vou dar-te um coração puro,
Aqui o tens... é só teu.

Ai... pois não, Marianninha!
Toma lá, que te dou eu!

Dize — eu amo-te! — isso basta
Para eu não ser desgraçado;
Vou abraçar-te e beijar-te,
Vou assentar-me a teu lado,
Jurar de ser teu esposo,
Oh meu anjo idolatrado!

Ai... sabe o senhor que mais!
Adeus... temos conversado.

E pódes, sendo tão bella,
Ser mais dura que um penedo?
Deixas-me triste, chorando,
Á sombra d'este arvoredo?...
Foge, sim, que és muito joven...
Fallei-te d'amor tão cedo!...

Ai... não que o gato escaldado
Té d'agua fria tem medo!...

O Ouro.

Aureo metal! que mysterios
Encerra esse brilho teu!
Tem-se visto altos imperios
Curvarem-te o collo seu! —
Rival de todos os santos,
Os teus milagres são tantos
Que os homens fazem pasmar!
Tornas loucos os prudentes,
Dás sensatez aos dementes,
Pódes o mundo virar!

Mil parvos fazes doutores,
Honrosos premios lhes dás;
E na lide dos amores
Tornas um velho rapaz!
A moça feia, estouvada,
Por ti, bella e concertada,
Inspira aos homens paixão:
Já não lhe falta um marido
Que, só por ti seduzido,
Queira dar-lhe o coração!

Protector do negro crime,
Dando ao perverso o trophéo,
Torces a lei como um vime,
D'um juiz fazes um réo!
Concedes ao criminoso
Que alegre viva, e ditoso
D'este mundo goze o bem;
Dás-lhe homenagens e preitos,
E a seus pés dobras, sujeitos,
Os que virtude só teem!

Da aldeia mais desgraçada
Vaes tirar o mais peão,
Dás-lhe camisa lavada
E fazes d'elle um barão!
Ás sandices que vomita,
Dando uma graça infinita,
Dás-lhe elegancia e poder;
Suppres-lhe o engenho e juizo,
Em tudo o tornas preciso,
Dás-lhe a virtude e o saber!

Transformas um mau soldado,
Dentro em pouco, em Marechal;
De valente e denodado
Lhe dás fama sem igual!
De *fitas* lhe enches o peito
E a tributar-lhe preito
Obrigas quem tem valor;
Dás-lhe grandezas e gloria,
Levas seu nome á historia,
Seus filhos ao esplendor!

Das *más linguas* e dos prelos
Abafar sabes a voz;
Somes autos e libellos,
Escondes o crime atroz:
Ao illicito negocio
Conduzes os que, no ocio,
Pretendem gosar-te em paz;
E do receio os socegas,
Quando, com teu brilho, cegas
A vista mais perspicaz...

Mettes em coches doirados,
Com grandeza, a deslumbrar,
Muitos que só, enfeitados,
Podiam na taboa andar!
Léval-os ao baile e á festa,
Onde cada falla attesta
Sua ignobil condição;
Onde ás vezes são servidos
Por homens bem mais polidos,
De mais fina educação!

Ao que é mau dás sempre geito,
Ao que o tem vaes-lh'o tirar;
Fazes do torto direito,
Sem ninguem te guerrear!
Do direito fazes torto,
E ás vezes dás falla ao morto,
Para ser-te inda fiel! —
De ti, só eu tenho queixas!
Foges-me — bem que me deixas
A penna — a tinta e o papel!

Porto — Janeiro 10 — 1855.

A Ambição.

A ambição enche a cabeça e cerra o coração.
R. de Bastos.

Odiosa ambição, mãe da torpeza,
D'immensos crimes principal motora!
Aos fracos mostras, com fallaz belleza,
D'aureo porvir a imagem seductora,
Conduzindo-os á posse da grandeza,
Da infamia pela estrada aterradora;
E, tendo em todo o mundo quem te siga,
Da honra e da moral és inimiga!

Quantos, nascidos d'ascendencia pura,
Teem seguido, por ti, vereda errada,
Porque da vida na estação futura,
A riqueza lhe apontas, desejada!
Então debalde a educação procura,
Na lucta contra ti, vencer-te ousada;
Que d'alma uma só vez por ti vencida
A virtude se ausenta espavorida!

Vens de longe mostrar, por zombaria,
A muitos que de ter brios se ufanam,
Lindas *fitas* de côr, já sem valia,
Com que, lá nos Sertões, *negros* se enganam;
Tambem *negros* lhes mostras—que hoje em dia,
D'esse trato immoral *fitas* dimanam—
E consegues, em fim, com taes chimeras,
Os homens transformar em rudes feras!

No templo vaes unir gentil donzella
Ao velho, que passára a juventude
Sem achar sobre a terra mulher bella,
A quem pagasse amor com trato rude,
E se compraz ao vêr encantos n'ella,
Que o ouro préza mais do que a virtude;
Porque, do teu poder já dominada,
Ao luxo aspira só, não quer mais nada!

Ao mancebo que os dotes do talento
Ditoso recebeu da natureza,
Um porvir lhe promettes opulento,
Sobre o throno radiante da grandeza;
Conduzindo-o a tomar alli assento
Pela escada espinhosa da vileza,
Onde em cada degrau que vai transpondo
Um sentimento nobre vai depondo!

Ao nefando lugar onde, em *recreio*,
Se jogam cabedaes, se perdem brios,
O moço incauto vai, d'animo cheio,
Sem que o mundo contemple os seus desvios;

Mas, deixando o que é seu, perdendo o alheio,
Lá corre a commetter mais desvarios!
Deixa o credito alli, persegue-o a sorte,
E tudo porque, audaz, seguiu teu norte!

O homem sem moral, a ti curvado,
Lá vai, com fim sinistro, uma pendencia
Levar aos tribunaes, tentando ousado
Honra alheia comprar, e a independencia...
Perante a lei vacilla o magistrado,
Mas, ao dominio teu, cede a consciencia,
E, ao passo que o infeliz, lesado, opprimes,
Dás origem a dous, bem negros, crimes!

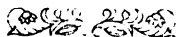
Aquelle que vê cheio o seu thesouro,
Vazio o peito, já, de sentimentos,
Tu lhe fazes comprar, a pêso d'ouro,
Fallazes distincções, vis ornamentos,
Porque ser inferior julga desdouro
Aos que nobres já são, sendo opulentos;
E, assim, subindo a imaginarios mundos,
De dia em dia vê descendo os fundos!

O que humilde lugar na sociedade
Grangear pôde só, — por ti vencido,
Presando o ouro mais que a dignidade, —
A honrosa profissão deixa, illudido;
Mas, sujeito da sorte á variedade,
Se hoje sobe, ámanhã vê-se abatido,
E perde o que á vaidade só convinha,
Para não voltar mais ao que antes tinha!

*

O que pobre nasceu, e a juventude
Passou, sem cultivar a intelligencia,
Submisso ás puras leis da sã virtude,
Deseja, por sentir tua influencia,
Deixar a vida humilde e o trato rude,
Chegar á desejada independencia;
Mas, sem valor, inculto, o desditoso
Torna-se, em fim, por ti, um criminoso!

És tu, negra ambição, a causadora
Dos males d'esta vida transitoria,
Que tu pintas risonha e seductora
Aos que inda te não crêem falsa, illusoria!
Teriam mais valor, se assim não fôra,
A virtude, o amor, a honra, a gloria!
Mas, desde que nasceu o homem primeiro,
Imperas, sem rival, no mundo inteiro!

Porto — Março 6 — 1855.

A Medicina.

Quando no Eden viviam
Adão e Eva, sómente,
E boticas não haviam,
E, embora houvesse um doente,
Medicos não existiam,

Adão e a companheira
Tinham bem ditosa sorte;
Mas a mulher fez asneira,
E por isso veio a Morte
Dominar a terra inteira.

Ia a familia crescendo,
A Morte ia-a dizimando;
E o braço cançado tendo,
Viu que podia, casando,
Ir seu poder estendendo.

E, unida c'um mariola,
O seu empenho remata!
Cheia de sciencia a bola,
Se a esposa dizia: — *mata:*
Elle gritavá: — *degola!*

E d'ambição dominado,
Por ganhar nome, sómente,
Fez-se o Medico um malvado:
Quando o chamasse um doente,
Era em seguida enterrado:

E negando á caridade
O culto que lhe é devido,
Augmentando a mortandade,
Fez quantos filhos tem tido
Algozes da humanidade!

Desde então os armadores
Tornaram-se homens possantes!
Unidos com os doutores,
São elles os imperantes
No mundo, que geme em dôres!

Quem ao boticario imputa
Parte do crime — não pensa! —
Eu ponho-o fóra da lucta —
O doutor lavra a sentença,
O boticario executa.

E, para que o dote valha,
Um compõe systema novo,
E contra os antigos ralha —
E se mais o adora o povo,
Mais o armador trabalha.

De sciencia a bola pejada,
Homeopatha ou Allopatha
Teem a nossa vida em nada;
Que por fim todos teem — *pata* —
Quem tem *pata* dá patada.

Pelo *Raspail* encantado,
Chupando camphora immensa,
Um julga ter escapado;
Por fim é, quando o não pensa,
Um defuncto camphorado!

Outro a ventosa e a sangria
Soffre, sem que o golpe tema:
Nem se lembra que hoje em dia
É cada novo systema
Uma nova epidemia!

Um quer *Hanheman*, sósinho!
D'Allopathia aos rigores
Tem mêdo... mas... coitadinho!
Vai soffrendo as mesmas dôres,
Morre mais devagarinho!

Embora, vendo exaltado
Um doutor, pelas gazetas,
Fique o povo embasbacado!
Quem quizer coma taes petas...
Eu... fico mais despeitado...

« Foi curado o *sôr Fulano*,
« Graças á homeopathia,
« Pelo Medico *Beltrano*,
« Da forte dysenteria
« Que soffria ha mais d'um anno! »

« O *Barão de Pamporrilhas*
« Sarou — c'o systema antigo —
« D'uma indigestão d'ervilhas!
« — Parabens ao *nosso amigo*,
« Á *Barôa* e suas filhas! »

— Difficil operação! —
« Foi felizmente operado
« O nosso amigo *Fulão!* —
« — Seja o facto registrado,
« Do grande cirurgião! »

Medicina!... coisa minha
Espero em Deus que não tolhas,
Porque a razão me encaminha —
E os elogios das folhas
Sei quanto custam por linha.

Lamento, com dó profundo,
Vêr sobre alguns vossos actos,
Esquecimento tão fundo —
Por não virem, com taes factos,
Gazetas do outro mundo...

Guardai a vossa esperteza!
O que a experiencia me ensina,
Tem mais força e mais clareza:
« — Manda á fava a medicina,
Deixa obrar a natureza! »

Soneto.

Curioso estrangeiro, aqui chegado,
Pelas ruas corria, esbaforido,
C'um oculo d'alcance, o mais cumprido,
Constantemente aos olhos applicado;

E, sendo por alguem interrogado,
Contra os jornaes bradava, enfurecido,
O tempo lamentando, aqui perdido,
Por ter em taes papeis acreditado!

Depois d'exame longo e o mais profundo,
Da praça até ao bêco mais nojento,
Foi-se o homem, do Porto, furibundo!

E julgaes que era louco o seu intento?
Que ambicionava coisas do outro mundo?
Pois buscava ao *Garrett* o monumento!

Eu não!

Creiam outros fallaz apparencia,
Creiam fallas e escriptos, em vão;
Creiam quanto diffunde a sciencia,
Creiam tudo, sinceros. — Eu não.

Se um poeta disser em seus cantos
Que o devora cruenta paixão;
Se fallar em tristezas, em prantos,
Podem crêr em seus males. — Eu não.

Se em artigo de negro tarjado,
Sem um nome que abone a asserção,
Se exaltarem acções d'um finado,
Quem podér creia n'ellas. — Eu não.

Quando virem que em simples escripto
Não vem linha sem vir citação,
D'esse author, que se inculca erudito,
Do saber pasmem todos. — Eu não.

Se um cantor nos fallar, muito ufano,
Dos applausos que teve em Milão;
D'escripturas que tem para o anno,
Ouçam-no outros mui serios. — Eu não.

E se diz que bem triste se ausenta,
E protesta immortal gratidão,
Quem julgar que elle não representa,
Póde crêr nos protestos. — Eu não.

Se estiver de joelhos na igreja
Um agiota, a affectar devoção,
Quem suppõe que sincera ella seja
Vá propôr-lhe negocios. — Eu não.

Se um doutor massacrar um doente,
A explicar da molestia a razão,
Creiam outros que diz o que sente,
Ou devassa mysterios. — Eu não.

Se encontrar algum padre podérem
Com *sobrinhos* fazendo oração,
Vão por ahi perguntar, se quizerem,
Quem é pae dos meninos. — Eu não.

Se andar sempre algum rabula esperto
A correr, e com autos na mão,
Creiam outros que é pobre, e que é certo
O triumpho das causas. — Eu não.

Se correrem copiosas vagadas
Pelas faces do gordo escrivão,
De pesar por alguem dimanadas,
Quem quizer póde crêl-as. — Eu não.

Se algum rico em demandas se cança,
Como quem busca alli distracção,
Creiam outros que ficam da herança
Seus parentes felizes. — Eu não.

Se jurar escriptor afamado
Velar só pelo bem da nação,
Quem do mundo viver separado
Creia em seus juramentos. — Eu não.

Se uma velha que toda se enfeita
Virem séria, de contas na mão,
Vão dizer-lhe, por vêr se inda acceita,
Amorosos gracejos. — Eu não.

Se uma viuva que herdou do marido
Mil protestos ouvir d'affeição,
Creia, embora, o namoro attrahido
Pelos seus lindos olhos. — Eu não.

E se o joven disser que a belleza
Lhe inspirára uma ardente paixão,
Vão á viuva tirar a riqueza,
E depois... vão ás bodas. — Eu não.

Quando um velho, cançado, appareça
Que inda tenha ao amor pretenção,
Podem outros abrir-lhe a cabeça,
A vêr se acham miolos. — Eu não.

Quando um joven, sem fundo e sem tino,
Se metter em profunda questão,
Tente alguem, que se julgue mais fino,
Ir contar-lhe as sandices. — Eu não.

Quem tiver a coragem bastante
Para, ao perto, escutar o canhão,
Quando vir o pendão tremulante
Seja heroe — côrra ás armas! — Eu não.

E o leitor que tiver a bondade
D'aturar tantas rimas em *ão*,
Tenha, ao lêl-as, comigo piedade,
Diga, até, que lhe agradam. — Eu não.

29 Março — 1855.

Epistola.

(A UM AMIGO, NA FOZ).

Vaes banhar-te! É bem pensado!
Eu approvo esse teu plano,
Porque te vejo exaltado,
E espero que do Oceano
Sahirás mais socegado.

O banho frio, consola
O que sente um fogo ardente,
Seja no tronco, ou na bola;
E é sempre util ao doente
Que padece da cachola!

D'esta verdade a evidencia
Já ninguem a contraría;
Basta vêr, por experiencia,
Á beira-mar, hoje em dia,
Quanto é grande a concorrencia.

Embora sejas mais velho,
Não me creias innocente,
Não desprezes meu conselho;
Que eu tenho de boa gente
A má vida por espelho.

Não te prendas n'essa terra,
N'essa Foz, onde no Outomno,
Tudo ao juizo faz guerra;
Onde o velho, ao abandono
Vae de sucia, e tambem erra!

Não te fies nos aceios,
Nas delicadas maneiras,
Estudados galanteios! —
Acautela as algibeiras,
E os alforges, se estão cheios!

Se vai tarde esta doutrina,
Mais vale tarde que nunca:
Foge! Foge da rapina!
Vê na Foz uma espelunca,
Um foco da jogatina!

Attenta bem n'este espelho: —
Joga o *fidalgo* janota,
Joga o janota fedelho,
Vai, noite e dia, á *batota*,
Macho e fêmea, novo e velho!

O *monte* não tem limites,
E ha *feras* desconhecidas!...
Não creias, pois, em convites!
Foge aos *bailes*, ás *partidas*,
Não sigas teus appetites!

Serve um *baile* d'armadilha
A quem tenta encher a sacca: —
Vem da casa a linda filha,
Fazes, com ella, uma *vacca*,
Se ganha, tudo te pilha!

Se perdes, perdes sósinho;
Que ella, com riso fagueiro,
Mostra vasio o bolsinho,
Pede-te depois dinheiro
E tu caes, como um patinho!

É manobra combinada,
E como ás damas se deve
Delicadeza dobrada,
De lá vem a bolsa leve,
Mas a cabeça pesada.

Fosse, embora, insultuosa
A voz do *Padre Macedo!*
Digam que era rancorosa,
Que a todos causava medo
Sua lingua injuriosa!

Digam que era um arrieiro,
Que o chicote só brandia,
Para dar no mundo inteiro;
Que de tudo mal dizia,
Que era mau, e trapaceiro!

Não penso assim, caro amigo;
Bem que me custe, sustento
Que tinha a razão comsigo,
Que o tornava virulento,
E até feroz no castigo!

Permitte, pois, que eu confesse
Que ao *Macedo* tenho inveja;
Que se igual genio tivesse,
Eu fôra igual na peleja,
Contra quem motivo désse!

Dirás tu que é grande asneira
Ter pretenções a poeta,
Fazer no mundo poeira,
E, por fim, morrer pateta,
Sem cinco reis na algibeira.

Isso é certo! Eu não pretendo
Subir ao templo da fama;
Com tudo não me arrependo: —
O mundo roto me chama,
Quero deitar-lhe um remendo!

Se tem *febre* a minha penna,
Podem dal-a por suspeita,
Que é vingança, não pequena;
Mas o que ella não acceita
É ordem de *quarentena*...

Tem, de ser *limpa*, a virtude,
E se ha muita *penna suja*,
Com que inda o povo se illude,
A minha espero que fuja
Ao *Conselho de Saude*.

Mas se, apesar do que digo,
Permaneces illudido,
Vou dar-te provas d'amigo:
Se hei-de, alfim, ver-te perdido,
Quero perder-me comtigo!

Vou soffrer meu captiveiro
N'essa terra, negro açoite
Contra a paz, contra o dinheiro: —
No bom e mau, dia e noite,
Eu serei teu companheiro.

Iremos sempre ás *partidas*,
Ver as meninas vaidosas,
Dentro dos *balões* mettidas,
E as velhas, pretenciosas,
Com chôchas faces tingidas.

Veremos, da parva dança
Obedecendo aos preceitos,
O janota, inda creança,
Fazer burlescos tregeitos,
Do macaco á semelhança.

Por entre o redemoinho
Mil segredos ouviremos,
Que então se dizem baixinho...
E os apertões contaremos,
Que se dão devagarinho...

Veremos muito contentes,
Taes actos presenciando,
Certos paes impertinentes,
Que andam, cá fóra, espreitando
Das filhas os pretendentes!

E que inventando embaraços
Com que intentam, cautelosos,
Livral-as d'astutos laços,
Vão entregal-as, gostosos,
De seus amantes nos braços!

E com manha sorrateira,
Vendo em namoros mettidas
A casada e a solteira,
Chamaremos ás *partidas*
Eschola da maroteira.

Veremos, mais, o janota,
Que nas guerras de Cupido
Faz de galucho idiota,
Ser general aguerrido
Nas campanhas da *batota*...

Veremos o *cavalheiro*,
Por todos acreditado,
Empalmar cartas, ligeiro,
E, sob a capa d'honrado,
Não ser mais que um ratoneiro!

Como os outros, dançaremos
Com as bellas raparigas,
E taes coisas lhes diremos,
Que serão nossas amigas,
Farão, por nós, mil extremos.

E quando com taes finezas
Á face o rubor assome,
Contaremos ás bellezas
Que a devassidão deu nome
Ás heroinas francezas.

Com tão doce ratoeira,
Com fallas insidiosas
Venceremos a barreira;
Que as damas pretenciosas
Gostam d'imitar a asneira.

Dous heroes conquistadores
Seremos, com gloria extrema,
Sem temer perseguidores,
Por que usamos do systema
De que usam grandes senhores!

Vivendo da jogatina,
Ligando o *crusado novo*
Ora ao valete, ora á quina,
Podemos, longe do povo,
Hombrear com gente *fina!*

E quem de jogar se peja,
Se hoje é moda, como nunca,
Se o mundo o jogo festeja,
Se ha padres que na espelunca
São mais certos que na igreja?

Sem moral, mas com dinheiro,
Verás tu como gosamos,
Com prazer, o mundo inteiro:—
Embora um dia sejamos,
Tu visconde, eu conselheiro.

No Album

DO MEU AMIGO JOSÉ BORGES PACHECO PEREIRA.

Não sei que hei-de escrever! — Pois desejava
Submisso obedecer! — É teu mandado!
Gracejo... na quaresma? — Era peccado!
Uma lamuria? — Não, que te enfadava!

Fazer-te um elogio? — Não prestava!
Uma jura d'amigo? — É muito usado!
Dizer-te mal de mim? — Não, que é roubado!
De mim dizer-te bem? — Isso enojava!

Fallar-te sobre o amor? — Deixo-o ás mulheres!
Uma historia inventar? — Fôra indiscreto!
Meu nome dar-te, só? — Nem tal esperes!

Prometti versejar? — Inda o prometto!
Porém que hei-de fazer? — Olha... se queres,
Guarda lá isto — chama-lhe *soneto!*

Fevereiro 9 — 1856.

Á Musa.

Deixa ir o mundo seu passo;
E contra si mesmo armado
Córte c'um braço o outro braço;
Põe na bôca um cadeado,
Faze o que eu mil vezes faço.
N. Tolentino.

Foge, foge, ingrata Musa,
Que a perder me tens lançado,
Fazendo com que eu traduza
Em chôcho palavriado
O que ensinas, e se escuza!

Por tua causa, indiscreta,
Reformar o mundo, torto,
Pretende o louco poeta;
Mas, se a fome o não tem morto,
Morre cançado o pateta!

De males que não teem cura
Pretendes ser curandeira?
Destruir a vã loucura,
Que é dos homens companheira,
Em quanto que a vida dura?

Baldado intento, fatal,
Que ha-de encher, em resultado,
De poetas o hospital,
Sem ter a terra livrado
Da molestia universal!

Bradando ser cousa feia
Os maus andarem dispersos,
D'extinguil-os tens a ideia?
E tentas vencer, com versos,
O que não vence a cadeia?

Com a politica em briga,
Proclamas a independencia,
Sem que o bom senso te diga
Que está calada a consciencia,
Em quanto falla a barriga?

Não sabes que é infeliz
Quem abraça uma bandeira?
Que o bom caçador, se quiz
Seguir direita a carreira,
Nunca matou codorniz?

Que n'uma mesa, tambem
É grato o vario sabôr?
E não agrada a ninguem
Vêr que, tendo uma só *côr*,
Uma comida só tem?

Queres em laço sagrado,
Vêr á honra o genio unido?
Não vês que, se teem casado,
Ou foge aquella ao marido,
Ou morre este esfomeado?

Mandas que seja a existencia
Nos estudos consummida?
Não sabes que é imprudencia
Nas letras gastar a vida,
Vendo as *tretas* na opulencia?

Pretendes que o sabio intente,
Ao seu paiz dando lustre,
Vèr do peito a *cruz* pendente?
Que — subindo — a gente illustre
Desça, a par d'infima gente?...

Não vês que, apesar de fraca,
A honestidade inda córa,
Se nodoas alguem lhe assaca,
E se julga a *cruz*, agora,
Uma nodoa na casaca?

Dizes que ha-de, sendo pura,
Ser modesta a caridade?
D'exigir tens a loucura,
Que domine a sã verdade,
No reinado da impostura?

Fulminando o que, atilado,
D'essa virtude faz gala,
Sustentas que anda em peccado?
Que a vaidade ás vezes falla,
Sendo o coração calado?

Não julgas ser com razão
Que da má fama se exime
Quem se entrega á devoção?
Nem sabes que todo o crime
Precisa d'expiação?

Que a nota d'antigos dias
Empana o brilho indeciso
Das actuaes fidalguias,
E que trocar é preciso
Os odios por sympathias?

Dão-te os janotas cuidado,
Porque ha muito á moda tendo
O juizo hypothecado,
Vão entre molas soffrendo
O narizinho apertado?

Nem perdôas, rabugenta,
Á — que em si vale tão pouco —
Luneta, que o luxo augmenta?
Dizes que é, por força, louco,
Quem cego fingir-se tenta?

Nem temes que o vagabundo
Que por janota só passa,
Seja um pensador profundo,
Que atravez d'uma vidraça
Ande a espreitar este mundo?

Ralhando do penteado
Das damas, por zombaria
Tens á cabeça chamado
Propriedade inda vazia,
Com relevos no telhado?

Appellidas *guarda-cama*
O enfeite, de côr garrida,
Que traz na nuca uma dama?
E travesseiro a torcida
Onde o cabello se acama?

Sustentas que o chapelinho,
No tamanho casca d'ovo,
Nas fórmas fingindo um ninho,
Brilha alli, qual tampo novo
Em casco que não tem vinho?

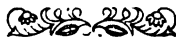
E fazendo que eu deprima
Os vestidos transparentes,
Dizes que as damas d'estima
Andam na rua indecentes,
D'anagoa, com veo por cima?

Cheia de más intenções
Dás-me sempre, e sem que tremas,
Perversas inspirações?
E exiges, sobre taes themas,
Que eu toque variações?

Lá no Parnaso sentada,
Dás o *alamiré*, sem tino,
Ficas depois descançada?
Não vês que, se desafino,
Posso levar pateada?

Não vês que, por mais que eu cante,
Nos tons que dás, escolhidos,
Seja alegro, ou seja andante,
Offendo certos ouvidos
Com minha voz dissonante?

Não vês que o publico, vario
Em juizos e em favores,
Á razão sempre contrario,
Dá paulada nos cantores,
E comprimenta o emprezario?

Vai-te, vai-te, oh Musa audaz,
Guarda o teu genio fecundo,
Toma um conselho efficaz:
Deixa em paz o louco mundo,
Deixa-me viver em paz!

A um rico, mas ascoroso velho, por appellido o JANEIRO, que pretendia casar com uma interessante joven.

Soneto.

Tu não tens um espelho — desgraçado —
Onde possas ir lêr os desenganos?
Não sabes que, vergado á força d'annos,
No teu proprio nariz tens tropeçado?

N'esse teu chapelorio homisiado,
Em velludo envolvido, e finos pannos,
Que vales, se não fazem taes enganos
Ao presente voltar o que é passado?

E pretendes casar c'uma belleza?
Não vês que se uma joven te quizera
Só a mira levára na riqueza?

Vai nas contas resar, e considera
Que fôra grande insulto á natureza
Ajuntar-se o JANEIRO á *Primavera!*

Epistola.

N'este humilde recinto, onde, sósinho,
Vou a vida arrastando, lentamente,
Sem o ruido augmentar do grande mundo,
Onde vulto não faz o desgraçado
Que visconde não é, nem conselheiro;
Onde só o plebeu póde á nobreza
Affouto ir-se juntar, se, em trem faustoso,
Cercado de galões, vai, opulento,
Porque a sorte lhe dera o veo espêsso
Que nas minas, sem fim, da California,
Tecêra, mysteriosa, a Natureza,
Para encobrir aos olhos do Universo
A infamia, a estupidez, o vicio, o crime;
N'este canto, escondido, onde só canto
Como canta no monte o pobre grillo,
Sem comtudo temer os caçadores
A que o triste bichinho está sujeito,
Porque a *palha* não vem gastar comigo,

Que lá da escura cova o desaloja,
Esses a quem ferir meu canto possa,
Que para seu sustento a não dispensam;
Aqui, na escuridão onde, só, vivo,
Pretendes tu que eu saiba o movimento
D'esta maquina immensa, e complicada,
Que o Eterno formou só em seis dias,
E ninguem percebeu, ha tantos annos;
E exiges, na soidão em que és ditoso,
Que eu seja para ti gazeta monstro,
Que noticias te dê, de toda a parte?
Não sabes que os jornaes noticiosos,
Que tantos aqui são como as formigas,
Mais do que ellas, talvez, unidos vivem,
E aquillo que diz um todos o contam;
Que ás vezes nos dá um, por cousa nova,
O que outro, ha quinze dias, já contára?

Apenas da immortal cidade, *antiga,*
Muito nobre, leal, e sempre invicta,
Dizer-te posso aqui tristes verdades:
O Porto é terra livre, e livre a ponto
Que aos Reis de Portugal já se não curva!
A *Rainha Victoria*, d'Inglaterra,
Essa estende até cá os seus dominios,
E feliz ella fôra se os britannos
Como os lusos, d'aqui, lhe obedecessem!
Jorge Quarto, e *Guilherme*, ambos defunctos,
Do outro mundo inda vem dar leis ao Porto;
E em luzente metal mal retratados,
Exercem tal poder, são tão tyrannos,
Que não acham aqui quem lhes resista,

E obrigam por ahi a andar de rastos
Os que blasonam mais d'independentes;
Nem da democracia os partidarios
A *soberanos* taes seu culto negam!

Por isso, tudo aqui anda ás avessas,
E o Porto endireitar ninguem já tenta!

Valem mais os jumentos que os cavallos,
Valem menos fidalgos que almocreves!
Parece isto que digo um contra-senso;
Inda bem que o proval-o é mais que facil!

Se na rua parou pobre orelhudo,
Que o almocreve conduz por bamba corda,
E os passeios transpondo, este o encaminha
Á porta d'uma casa, onde o criado
Se dispõe a comprar dez reis de fructa,
Não tarda que o jumento e o almocreve,
Semelhantes, alli, pela humildade,
A seu lado não vejam reunido
D'altivos figurões longo cortejo,
Que um—*Z*—tendo na testa, e um—*M*—adiante,
Alli vão exercer *zelo maldito*,
Fazendo que, no excesso d'esse zelo,
As letras amarellas decifrando,
Zangões Municipaes lhes chame o povo!
A tantas distincções não costumado,
Pendurando o chapeo na mão callosa,
O pobre conductor do pobre burro
Procura agradecer altos favores;
E para os vêr findar, já confundido,

Tenta, a bolsa mostrando, besuntada,
Generoso pagar *finezas* tantas;
Porém que o tenta em vão breve conhece!
Como elle e como o burro a bolsa magra
Não póde suffocar o *zelo ardente*,
Que os leva em procissão, por entre o povo,
Dos Paços do Concelho ao palacete,
Onde assigna de cruz, em grosso livro,
Onde paga depois a grossa *multa*,
O livre cidadão do burro livre!

Não succede outro tanto, amigo caro,
Ao gordo, folgasão, nêdeo cavallo,
Que é, na raça e no preço, aristocrata!
Esse galopa, em vão, pela cidade,
De lama chapinhando a quantos passam;
E das ruas fazendo picadeiro,
Põe os que andam a pé em debandada,
Tentando evoluções, passos difficeis,
Que ao povo mostrar quer, d'orgulho cheio;
Outras vezes, com luxo, empavesado,
Aprendendo a puxar lustroso carro,
Em que aprende seu dono a ser fidalgo,.
As ruas atravessa a passos largos,
Põe tudo em confusão, sobe aos passeios,
Atropella, se póde, alguem que passa;
Mas debalde trabalha, que o *despréso*
De tudo em premio tem, ninguem o attende!

Os *prudentes Zangões* não lhe apparecem;
Nem lá do Municipio o livro immenso,
Onde o numero avulta dos *multados*,

Por honra chega a ter nas folhas suas
Um nome fulgurante — uma *excellencia!*
Já vês que tudo aqui anda ás avessas,
E o Porto endireitar ninguem já tenta,
E has-de, pois, concordar que, n'esta terra,
Valem mais os jumentos que os cavallos,
Valem menos fidalgos que almocreves!

Vou do Theatro, em fim, dar-te noticias,
Pelas quaes chorarás, se inda tens alma,
Se és inda portuguez, como eras d'antes:

O Theatro, coitado, está doente;
Do povo á caridade em vão recorre,
Nem da sua nação remedio espera!
E só a Homeopathia italiana
Vai, com lyricas dózes, sustentando
Aquelle desvalido e pobre enfermo,
Que de sorte melhor era bem digno!
Os membros d'esse corpo infeccionado
Deslocados estão, verdade seja;
Funccionar já não podem, mas é certo
Que a falta d'alimento a causa fôra
D'esse estado, infeliz, em que se encontra!

Foi-se o tempo em que os bons *Doutor Sovina*,
Serralheiro Hollandez, *Gallego lorpa*,
Ao Theatro chamavam povo immenso,
Que hoje, por nosso mal, não quer ser povo!
Theatro portuguez... passou de moda —
E a moda, sujeitando aos seus caprichos
Estes, pobres de senso, e ricos d'ouro,

Que no mundo actual dão leis ao mundo,
Afasta-os com horror, do bello drama,
Da comedia chistosa, e alegre farça,
Em que de cem palavras quatro entendem,
E leva-os ao theatro italiano,
Lingua que, para os taes, é grego sempre!

E, á musica rebelde o pobre ouvido,
Quantos d'elles iriam, por dinheiro,
Bem rasgada, uma chula ouvir mil vezes,
Com mais gosto, de certo, do que sentem
Se escutarem, de graça, e inda com premio,
A mais bella e mimosa cavatina
Que um genio, qual Bellini, inventar póde!

Quanto custa, meu Deus, o ser fidalgo,
Sem outro auxilio mais, que o da fortuna,
Sem mais intelligencia do que um pato!
Por isso, tudo aqui anda ás avessas,
E o Porto endireitar ninguem já tenta!

E tu que lá no campo a vida passas,
Entregue á solidão, em que ha ventura,
Se ventura na terra existir póde,
Acreditas, talvez, que o Porto d'hoje
Não é já, para nós, o Porto antigo!

Se algumas horas d'ocio tu consomes
D'alguns jornaes d'aqui, na vã leitura,
De certo has-de suppôr que os Portuenses
Andamos a nadar n'um mar de rosas!
Has-de vêr o *progresso*, á frente sempre;

As *creches* e *hospitaes*, as *companhias*,
O *gaz*, preconisado, as *vias-ferreas*,
As mil *associações*, os *monte-pios;*
Os annuncios, sem conto, de *romances;*
De *poemas*, sem fim, de *reportorios*,
Almanaks, *folhinhas d'algibeira*,
E mil cousas que os prelos nos promettem;
E não sabes que, além da oitava parte,
O mais, amigo meu, tudo é farello!...

O *progresso*, que os typos apregoam,
É quasi um nome vão, no Porto nosso;
Nem póde aqui, jámais, metter o dente,
Em quanto os carroções, d'antigas eras,
Divagam, a dormir, por essas ruas!
O marido infeliz que a esposa veja
Em capoeiras taes tomar assento,
Dirigindo-se á Foz, a tomar banho,
Logo de negra côr vestir-se deve,
E d'esse instante, já, crêr-se viuvo;
Porque as vidas, bem vês, são curtas hoje,
E não deve suppôr caso possivel
Viver até que um dia a esposa volte!
Se é isto o que é *progresso*, então, amigo,
É das outras nações, bem grande o atrazo,
E meu avô, já morto ha quarenta annos,
Como hoje o somos nós, foi progressista!

Corre assim tudo o mais; embora o mundo
Á verdade, talvez, mudando a face,
Por saber que a illusão faz doce a vida,
Queira as cousas julgar d'outra maneira:

O immenso batalhão de litteratos
Que sitia esta praça inexpugnavel,
Resistencia pasmosa aqui achando,
Não póde com as letras abrir brecha!
Fazem fogo debalde, que os pelouros
Resvalam, sem ferir marmoreos craneos!
São duros como pedra os sitiados,
Com buchas de papel já se não rendem!
Por isso os litteratos, sempre magros,
O estomago com fumo enganar querem;
E lá vão ao Contracto do Tabaco,
Embora sempre mau, sediço e pôdre,
O sustento buscar que, nos mercados,
Faz despeza maior, a que não chegam!

Da *Creche* a instituição é-lhes inutil,
Porque passam da idade: — alguns bem pouco —
Nos pios *hospitaes* não teem proveito,
Que a tudo affeitos, já, logram saude:
Nem um só tem acções nas *Companhias;*
O *gaz* lhes incommóda a vista fraca;
Não esperam chegar ás *vias-ferreas;*
E nas *associações* colhem apenas,
Como fructo feliz dos seus trabalhos,
A grande honra de vêr seu nome impresso!

Já vês, amigo meu, que o Porto d'hoje
Muito melhor não é que o Porto antigo;
Conselheiros tem mais, tem mais viscondes;
As sêdas, cazemiras e cambraias,
Já chrismadas, tambem, pelos francezes,
Mais gasto agora tem, que outr'ora tinham;

Ha mais carros, carrinhos, e carroças,
Mas inda ha carroções — fatal verdade —!
Contamos entre nós jornaes aos centos,
Das duzias os poetas são ás duzias,
Pretendem todos ser homens de letras;
(E d'isto achas aqui bem clara prova)
Mas nunca se notou tanta miseria,
Jámais a estupidez se viu tão alta!

Desgraçado d'aquelle que alguns annos
Na eschola deu as mãos á palmatoria;
Que em galardão só tem o desabafo
De talhar, sem medida, carapuças,
Mandal-as por ahi buscar cabeças!
Se alguma te servir, ou aos amigos
Que lá, de longe a longe, te apparecem,
Pódes d'ella dispôr, que immensas ficam
Na fabrica onde teem muitas nascido,
Que dispersas voando, ao som do vento,
Nem uma sem cabeça tem ficado!

Do Porto desejavas ter noticias,
Aqui tens o que, só, dizer-te posso;
E não creias, amigo, que pretendo
O quadro ennegrecer com feias côres;
Quanto julgues aqui pompa d'estylo,
Verdades duras são — mas são verdades.

A um velho enamorado.

Pobre velho! Estás perdido,
Se n'esse couro tão duro,
Pôde inda fazer-te um furo
Uma sétta de Cupido!
D'esse mal accommettido,
Remedio te não darão;
Que n'essa idade a paixão,
Bem que assim te não pareça,
É molestia da cabeça,
Que não sente o coração.

Sendo, além de velho, pobre,
Que esperas tu das mulheres?
Que alguma sinta inda queres
Por ti, um affecto nobre?
Não vês que — bem que te sóbre
Desejo de ser amado —
Uma donzella a teu lado,
Gemidos d'amor soltando,
Fôra qual gato miando
Ao pé d'armario fechado?

Não vês que a pôdre gengiva,
Quando á dama sorrir tentes,
Mostra, a chorar pelos dentes,
Em vez de pranto, saliva?
Que a voz, d'amor expressiva,
Da tua bôca sahida,
Finge, debil e tremida,
A d'um *cochicho* de feira,
Feito de velha madeira,
Com chôcha pelle encolhida?

Que tem perdido o sabor
Um pomo, quando está pêco,
E não póde um tronco sêcco
Dar seiva a formosa flor?
Que ao templo não vai d'amor
Quem os pés tem no jazigo;
Que só póde por castigo
Dobrar a amor o joelho,
Quem tem um coração velho,
Passado, já, como um figo?

Que nas guerras de Cupido
Não póde ser bom soldado,
O que, das marchas cançado,
Não corre á voz de — «sentido»?
Que devias ter fugido
D'obedecer a tyrannos,
Porque um regimento d'annos
Tens, que em teu favor acode,
E ser cadete não póde
Quem tem praça em veteranos?

Toma um conselho prudente,
De quem, mais que tu, é moço:
Em carne que inda tem osso
Não queiras metter o dente:
Põe o chinó reluzente
Sobre esse casco tão liso;
Encobre, que é bem preciso,
Essa abobora tão dura,
Que apodreceu de madura,
Sem ter creado juizo!

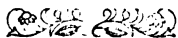
Veste a esguia casaquinha,
Macrobia, d'idade incerta,
Onde esse teu corpo acerta
Como a espada na bainha;
Enfia a meia de linha,
Veste o calção de baêta;
Põe fivella de folheta
Sobre o sapato montada,
E na mão, já descarnada,
Segura a torta mulèta!

Pòe camisote folhudo,
Cinge ao collo o branco lenço;
N'outra mão leva suspenso,
De castor chapeo felpudo;
Mas assim, diverso em tudo
Da gente que a amar se entrega,
Não jogues a *cabra-cega*
Com moços, d'amor dilectos:
Dos que podem ser teus netos
Não pretendas ser collega!

Não te mettas, por bolonio,
De bons rapazes no meio!
Vê que — sendo menos feio —
Fugiu d'elles o demonio;
E tu, velho, e assim laponio,
Com pretenções a casquilho,
Se tentas seguir seu trilho,
Cahindo, como sandeu,
Serás, por bom camapheu,
Mettido em bronzeo caixilho!

Na igreja asylo procura,
Junto á pia d'agua-benta,
E com ella curar tenta
Da cabeça a matadura:
No longo nariz pendura
As cangalhas de latão;
E, de cartilha na mão,
Ouve — em postura submissa —
Sobre uma missa outra missa,
Quantas dér a occasião!

Destina á tarde a sahida
Ao campo, onde, c'um pataco,
Pagando o tributo a Bacche
Te dispões a nova lida:
Lá — sem ser na alheia vida —
Com bojuda taverneira
Cavaqueia a tarde inteira;
Até que a noite nascente,
Porque és gallinha entre a gente,
Te convide á capoeira!

Á noite, com voz fanhosa,
Canta, em casa, a *Joven Lilia;*
Joga o *Burro* co'a familia,
Sobre a mesa carunchosa:
N'esta vida tão ditosa
Não farás triste figura;
E o povo, que te censura,
Quando sigas meu conselho
Não dirá que — *burro velho*
Já não aprende andadura.

Aos meus trinta e um annos.

Soneto.

N'esse dia cruel em que os trinta annos,
Chorando, completei, julgei-me velho!
Tremi ao encarar sincero espelho,
Onde sempre encontrei mil desenganos!

Tentei, fazendo esforços, mais que humanos,
Abraçar da razão sabio conselho;
Mas, por fim, á paixão dobrando o joelho,
Só versos entoei... tristes.... insanos!

Porém hoje, que um anno, mais, já conto,
Cuidam lá que estou triste?... ora... acordei
Cantando, alegre, e rindo como um tonto!

D'esta mudança a causa eu bem a sei:
Os *trinta*, para mim, era mau ponto;
Chegando aos *trinta e um*, então... ganhei!

Aos meus trinta e dous annos.

Soneto.

Ingrato Fevereiro, que teimaste
Em velho me tornar!... maldito sejas!
Se na cova esconder-me assim desejas,
Para que sobre a terra me lançaste!

Os cabellos, que louros me creaste,
Com a presença tua agora alvejas;
E até para arrancar-me já forcejas
As forças com que outr'ora me dotaste!

E pelas cruas leis da sociedade
Insanas condições me são impostas,
De festejar-te, envolto n'anciedade!

A ti... que ha tantos annos me desgostas,
E que hoje, com audaz tenacidade,
Vens *uma arroba d'annos* pôr-me ás costas!

Aos meus trinta e tres annos.

Soneto.

Como correm os annos tão ligeiros!
Como os dias se vão, sem que se contem!
Julgo que *trinta e dous annos* fiz hontem,
E *trinta e tres* já tenho, muito inteiros!

Foram curtos os mezes derradeiros,
Ou vão, sem que as folhinhas os apontem?
— Hei-de jurar, ainda que me affrontem,
Que n'um anno passei dous Fevereiros!

Mas... se o tempo, que foi, não foi perdido,
Se o que outros não verão já tenho visto,
Se tantos, inda moços, teem morrido,

Alegre eu devo estar, porque inda existo;
Pois se Christo assemelho em ter nascido,
Se um anno inda viver, sou mais que Christo.

Aos meus trinta e quatro annos.

Soneto.

Cantei (forte pateta!) os meus *trinta annos*,
Por velho me julgar, em ais, em pranto!
Cheguei aos *trinta e um*, mudei o canto,
Que é loucura o chorar, entre os humanos!

Trinta e dous completei, sem sentir damnos
N'este meu bom humor que préso tanto;
Em saudal-os, gostoso, achei encanto,
Por mais um anno ter de desenganos!

Lá vem os *trinta e tres!*... mais um motivo,
Para a lyra soltar um som jucundo —
Pois Christo então morreu, e eu era vivo!

Nem hoje, aos *trinta e quatro*, me confundo;
Mas folgo, rí-o e canto em tom festivo! —
— Pois eu tolo não sou — conheço o mundo!

Em Outeiros.

AO MOTE

Negro zêlo, vai-te embora.

Vou aprender a torneiro,
Arte da minha paixão;
Pois trabalha o pé e a mão,
Ganha-se muito dinheiro:
Encommendo ao meu ferreiro
Um *tôrno* — não dos de fora —
Esperem, lembra-me agora,
Tenho aqui um *tornozêlo*,
Tiro o *tôrno*, e digo ao *zêlo*:
Negro zêlo, vai-te embora.

No açafate da costura
Se escondeu agora amor.

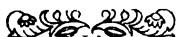
Se eu podésse, em noite escura,
Ser por ti agasalhado,
Dormia mesmo enroscado.
No açafate da costura;
E se lá d'essa clausura
Fóra me quizessem pôr,
Tu dirias: — « Não, senhor,
« Não toquem n'esse cestinho;
« Que lá dentro, encolhidinho,
« *Se escondeu agora amor.* »

>◆<

Doce paz, doce ventura.

Lá n'essas grades mofinas
Duas ama este rapaz:
Uma *Ventura*, outra *Paz*,
Se chamam as taes meninas:
Quero vêr se são ferinas,
Ou lhes dóe minha amargura;
Quero vêr qual me procura
A fome satisfazer:
Meninas! quero comer:
Doce, *Paz!* Doce, *Ventura!*

Desceram do ceo os anjos
P'ra fazer esta eleição.

Lá dentro não ha marmanjos
Que manejem o cacête:
A habitar tal palacête
Desceram do ceo os anjos:
Por isso, n'esses arranjos
Que manda a Constituição,
Sois livres, e com razão;
Pois não ha lá caceladas,
Nem ha listas carimbadas,
P'ra fazer esta eleição.

Soneto.

Dizem mil sabichões que, n'esta vida,
Só póde quem tem ouro ser ditoso;
Que é pretender, sem elle, achar o goso,
Ambição a que o senso não convida!

Assim julga quem vê na humana lida,
Cercado de galões, em trem custoso,
Qualquer nobre lapuz, louco vaidoso,
Que entre a gente de bem não tem guarida:

Que esses fazem figura, eu não desminto:
A toda a parte vão, com seu cortejo,
Porque o mundo lhes dá lugar distincto:

Outras glorias teem mais, que eu não invejo;
Mas nunca sentirão prazer que eu sinto
Na risada que dou, se um d'elles vejo!

Engajamento.

(Para ser publicada em um jornal do Rio de Janeiro).

Lá no Parnaso sentada
Que fazes, Musa ronceira,
Em quanto que, abandonada,
Minha lyra, prasenteira,
Jaz, aqui, triste e calada?

Desce lá d'essas alturas! —
Vem á terra, onde, isolado
Eu, sem ti, ando em torturas,
Como o jauota — pasmado —
Como o barão — ás escuras!

Se os males meus não preferes
Ao dar-me vida ditosa,
Por mais tempo não esperes! —
Não sejas, lá, caprichosa,
Como, aqui, são as mulheres!

Aguça a lingua picante,
Que a picar tens muita gente!
Pódes ser fera, e arrogante,
Sem opprimir o innocente,
Que ha por cá muito tratante.

Os que hoje cá se engrandecem
N'estas grandezas bastardas,
Quanto mais sobem, mais descem;
E antes que venhas—se tardas—
Na lama desapparecem!

E não cuides que a respeito
Te fallo só do meu Porto,
Que é no mundo um nicho estreito:
Se este retalho anda torto,
Não anda o resto direito!

Não!... que a humana creatura
Julgou Deus que era preciso,
Creando-a, dar-lhe em mistura
Um vislumbre de juizo,
Um pedaço de loucura!

Por isso da humanidade
Regula a mola tão pouco,
Que só, por fatalidade,
Do que fôr de todo louco
Nas acções se acha igualdade.

E vêmos, de dia em dia,
Que da asserção verdadeira
Nenhum mortal se desvia:
Todos fazem sua asneira,
Todos teem sua mania!

Sobre os homens triumphante
A politica maldita,
Do honrado faz um tratante,
Do opulento um parasita,
Do talentoso um pedante!

Vê-se um que, pela avareza,
Por seu quer o mundo inteiro,
E se alfim chega á riqueza
Canta o *memento* ao dinheiro,
Enterra-o, vive em pobreza!

Outro, joven, rico e fórte,
Por instinctos levianos,
Do prazer seguindo o norte,
No mar dos gozos mundanos
Vai abalroar c'o a morte!

E tu, Musa preguiçosa,
Mettida no teu buraco,
Fria, inerte e desdenhosa,
Chamo-te, não dás cavaco!
Humilho-me, és orgulhosa!

Vem, oh Musa galhofeira!
Rouba-me á vida mesquinha,
Que vivo d'esta maneira,
Como o gallo sem gallinha
A cantar, na capoeira!

Faze á terra uma romagem!
Vem provêr-te aqui d'arranjos
Para uma longa viagem;
Mas foge d'*alguns marmanjos*
Que hão-de propôr-te passagem!

Tu, que além de livre és brava,
Que de mim não fazes caso
Quando o meu fado se aggrava,
Não queiras, lá do Parnaso,
Vir á terra ser escrava!

A despeza, aqui, termina
Na vermelha carapuça,
Na dura bolacha fina,
Em que o bom dente se aguça,
Se ha no mar fome canina.

Com isto pódes, ufana,
Dizendo adeus aos poetas
Cá da praia lusitana,
Ir vêr as margens dilectas
Lá do paiz da banana.

Essa terra abençoada,
Onde encontram portuguezes
Mansa, a fortuna que, irada,
Cá na patria, muitas vezes,
Lhes mordeu, lhes deu patada!

Esse grande imperio amigo,
Essa terra animadora,
Onde as Musas teem abrigo,
E que ha-de ser, qual já fôra,
Hospitaleira comtigo!

Sê grata ao povo illustrado,
Mas que não caias em erro!
Não seja o voto affectado,
Como o de carta d'enterro,
Como o d'actor afamado!

Ser ingrata um crime fôra!
Mas na gratidão sê nobre,
Ninguem te chame impostora:
Antes, toda a vida, pobre,
Que, um só dia, aduladora!

E se fallar-te poderem
Os que á fama, ao nome honrado,
Grandeza, luxo preferem,
Mostra o rosto carregado,
Pesa bem quanto disserem.

Diz-lhes que é, na lusa terra,
Honra o ser negociante;
Mas que o brio, aqui, desterra
O que, sendo traficante,
Ao nome honroso faz guerra.

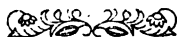
Que odeia o paiz inteiro
Essa gente que, mesquinha,
Vem do imperio brazileiro,
Pesada, gorda gallinha,
Comprar por magro dinheiro.

Que os habitantes d'aldeia,
Na *herdança* do brazileiro
Fallam, já, depois de ceia,
E contam bem o dinheiro
Á frouxa luz da candeia.

Que já não crêem, innocentes,
Nos requebros estudados
De tentadoras serpentes,
Nem vendem, já, por *cruzados*,
Os *contos*, lá dos parentes.

Que esse negocio é mal visto;
E aquelle que o tenta agora,
O nome que tem, por isto,
O tiveram *dous*, outr'ora,
Entre os quaes morrêra Christo.

Se da linguagem dura
Tu vires que alguem se offende,
Ser mais doce então procura:
Dos bons medicos aprende,
Que matam, mas com brandura.

Não deixes o povo absorto
Notando a tua ousadia! —
Promette, como conforto,
Que has-de contar — outro dia —
O que vai cá pelo Porto.

Epistola.

Não sei porque hoje estou tão sorumbatico;
Mas é certo que vou para o pathetico
Mais, que para o jocoso e epigrammatico:

Dizem que quem mais soffre é mais poetico;
Mas eu sou, em taes casos, tão exotico,
Que ora de gêlo estou, ora phrenetico,

E dou em cada verso um bom narcotico,
Ou me torno mordaz, e sou tão critico
Que, muitas vezes, chego a ser despotico!

Mas se devo comtigo ser politico,
Vou da Musa invocar o favor metrico,
Saia o canto mordaz, saia analytico,

Saia erotico, emfim, jocoso, ou tetrico!
Mas... fatal propensão!... para o sarcastico
Já começa a impellir-me um fogo electrico!

Se ás vezes sou, n'um canto, encomiastico,
É só tecendo ao genio um panegyrico,
Porque sou pelo genio enthusiastico;

E então, em verso heroico, ou verso lyrico,
Contra algum detractor que vejo, emphatico,
Ao louvor sei juntar furor satyrico;

Mas é justo o furor, não systematico! —
Se vem, com pretenções a scientifico,
Sobre tudo fallar qualquer lunatico,

Fazendo opposição ao que é magnifico,
Pretendendo ostentar saber generico,
Sem que o possua, ao menos, especifico;

Um estylo affectando, quasi homerico,
Em estranhas questões entrando, impavido,
Sendo tudo o que diz sempre chimerico;

E de um nome immortal mostrando-se ávido,
Perder-se, e, quando tenta ser oraculo,
Da discussão fugir, corrido e pávido,

Quizera expôl-o em publico espectaculo;
Mas d'esse que excitou furor satanico,
Lá vem a compaixão ser sustentaculo;

Porque deixa qualquer de ser tyrannico,
Ao vêr do contendor no rosto pallido
A mais clara expressão do terror panico;

Nem póde ser ninguem tão fero e calido,
Que não se torne frigido e fleugmatico,
Se tem de guerrear com triste invàlido:

E se n'isto me julgas esquipatico,
Não dirás que me torno celeberrimo,
Fulminando o furor aristocratico;

Pois conheces que n'isso eu sou acerrimo,
Por notar que das graças ao demerito
Nosso estado devemos, tão miserrimo!

Bem mais felizes fomos no preterito,
Quando tinha o servil um premio aurifero,
E só a distincção se dava ao merito;

Mas hoje a corrupção tornou pestifero
O cofre de que então genio benefico
Como meio dispunha, salutifero,

E das graças o abuso é tão malefico,
Que para os ignorantes é terrifico,
E para os que o não são, inda é venefico!

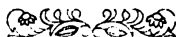
E quem d'encomios póde ser munifico,
Se este estado de cousas, diabolico,
Vem a raiva excitar no mais pacifico?

É por isso que ás vezes, melancolico,
Da lyra eu lanço mão, e, no ridiculo,
Chego a ser, em meus cantos, hyperbolico;

Tento o mundo compôr, n'um só versiculo,
D'um cantinho devendo olhal-o, trepido,
Qual outro anacoreta em seu cubiculo;

E busco n'um estylo ameno e lepido,
Pelo bem do paiz sempre sollicito,
O vicio castigar, zurzindo-o, intrepido;

E se ás vezes de mais eu sou explicito,
Não me diz a consciencia que, sophistico,
Eu negasse o louvor a quanto é licito;

E então, quando eu morrer, se em verso mystico
Na campa não tiver canto elegiaco,
Gravem na lousa, ao menos, este distico:
O mundo quiz virar, morreu maniaco.

O Snr. José, e o Snr. Francisco.

DIALOGO.

F.—Oh *Sê Zé!*—Será *possible!*
Vocemecê por aqui!...
Oh *homes!* parece *incrible!...*
Ha qu'annos que eu *num* n'o vi!

Benha de lá esse abraço,
Sejamos *homes* constantes;
Aperte-me este espinhaço,
Que eu sou inda o que era d'antes!

J.—Pois eu não hei-de abraçal-o!
Antes faço muito gosto
De vir assim encontral-o,
Tão gordo, tão bem disposto.

F. —Passo bem, não faço nada,
E não hei-de estar pansudo?
N'esta terra abençoada,
Quem tem dinheiro tem tudo.

J. —Isso é bom! Então cá fico
Por estes sitios bemditos;
Eu, se não sou muito rico,
Sempre trago uns *cem contitos.*

F. —Que me diz?—Então, de certo
Traz cem contos?—Bello, bello!
Com cem contos, sendo esperto,
Mette o Porto n'um chinello!

Cem contos!... Quem tal diria!
O *Sê Zé*, que, desgraçado
Foi d'aqui inda outro dia,
Já tão rico!... Deus louvado!...

Uns em cima, outros no fundo,
Uns no meio, outros ao canto;
São voltas que dá o mundo,
Comigo deu-se outro tanto...

J. —É verdade, *Sê Francisco*,
Inda o conheci bem pobre:
Correu por lá muito risco...
Mas tem dinheiro que sôbre!

F. — **Graças a Deus, vai-se andando;**
Quando mal nunca *maleitas;*
Vai-se por'hi *fugurando,*
Sempre de costas *dereitas...*

J. — Inda que sou confiado:
Já todo o mundo o conhece?!...
Boncecê é cortejado
Por quanta gente apparece!

F. — Corre assim todos os dias,
C'os *homes* andam famintos:
Olhe que estas cortezias
Tem-me custado *bôs* pintos...

Mas leve o diabo o ganhado,
Quando não tem serventia;
Olhe que tendo-o guardado,
Fraca *fugura* eu faria...

Eu gasto-o, mas tambem puxo
Um trem dos mais aceados;
Tenho um *jaquim* pequerrucho,
Tres moços grandes, fardados,

Dou bailes que dão na vista,
Onde vai o Porto inteiro,
Tenho sido *cambarista,*
Sou agora conselheiro,

Faço tudo quanto eu quero,
Todo o mundo em mim confia,
E, aqui para nós, espero
Ser *bisconde*, *quaesquer* dia.

J.—Pois assim é pretendido,
E ninguem cá lhe faz guerra?...
Então—está decidido—
Ha falta d'*homes* na terra!

F.—Nada!—*homes*, ha com fartura;
Do que ha falta é de dinheiro;
E então quem o tem, *fugura*
Como *quaesquer cabalheiro*...

J.—Mas d'antes o meu amigo
Era fraquinho na escripta,
E no lêr, como eu que o digo,
Era até cousa *fraquita;*

Mas o tempo vai correndo,
E, aos annos que tem passado,
Pelos geitos que eu vou vendo,
Boncecê tem estudado.

F.—Estudar! ora... essa é sua!...
Mas olhe... tenha paciencia...
Em quanto estamos na rua
Ha-me de dar *insolencia*...

Num é por mim, que eu por ora
Num sou cá de *fidalguices;*
Mas *polo* povo, que *ignora...*
Repara n'essas tolices...

J.—Pois sim, mas ***bossa insolencia***
Tem trepado como um galgo,
E eu *num* soube, em sua ausencia,
Que *bocê* que era fidalgo...

F.—Muito bem... ***bamos adente:***
'*Bocê* quer sêl-o, depressa?
Pois, se quer, vai de repente;
Mas ouça lá... *num* se esqueça...

J.—Mas... *Sê Francisco*... eu sou bruto...
Home creado no matto...
Não sou *home resaluto...*
E nem mesmo estou ao facto...

F.—*Num* 'stá ao facto! Em que pontos?
Ora adeus!... Tenha juizo!...
Os cem contos!... os cem contos
Dão-le tudo o que é preciso.

J.—Pois bem... *faço-le* a vontade...
Vamos lá fazer *fugura;*
Mas *antão*, em amizade,
Ande, falle com lizura!

F. — Ora, então, ande ligeiro,
Mas que *num* faça *desorde:*
É preciso que, primeiro,
Seja irmão de *quaesquer orde:*

Da melhor que você veja;
De S. Francisco, ou Trindade,
Da Santa Casa, que seja,
Ou do Terço e Caridade:

Depois, não seja poupado:
Um dia, lá quando possa,
Mande a cada um entrevado
Um lençol d'estopa grossa;

Ou mande um jantar aos prêsos,
Pão, feijões, tudo grosseiro,
E mais alguns contrapêsos,
Cousa de pouco dinheiro...

J. — Mas é que essas bagatellas,
Que são tudo ninharias,
Só alguem fallará d'ellas
Dentro das enfermarias.

F. — *Victor serio*, meu amigo,
Num se me faça masmarro:
Vá ouvindo o que eu *le* digo,
E deixe correr o carro:

Compre uma *cazita* grande,
Uns trastinhos aceados,
Um carro em que você ande,
E fardas para os criados:

Prepare um *xairé* luzido
A todos os cavalheiros;
Mas então — tome sentido —
Convide-me os gazeteiros!

J. — *Home*, isso *num* é bem feito!
Essa lembrança foi fraca!
Pois *num* teria mais geito
O mandar-*le* uma casaca?...

Um xairel! — É insultal-os!
E a cavalheiros honrados!
É fazer d'elles cavallos,
E os *homes* ficam zangados!...

F. — Bem diz você que é do matto!...
De francez *num* pesca nada!
Pois você nem 'stá ao facto
D'uma coisa tão usada!...

Um *xairé* — nem mais nem menos —
É um baile! — Agora entende?
Falle lá c'os meus pequenos,
Verá então como aprende!

J. —Basta, basta, já percêbo!
Palavras de gente fina;
Eu, por ora, inda sou gêbo,
Mas o tempo tudo ensina!

F. —É como diz! —Mas deve antes
Ter assignado as gazetas,
Sem lhe importar que os pedantes
Digam verdades ou petas.

Você verá no outro dia
Fallarem as gazetilhas
Do baile — e da bizarria
Lá da patrôa e das filhas:

Do *pianho*, das cadeiras,
Da manteiga e das torradas,
E até das suas maneiras
Affabes e delicadas...

Mais tarde... um jantar em casa,
Bons vinhos, muitas saudes,
Verá que tudo se arrasa
Co'as suas grandes *bertudes*...

Depois... esmolas d'effeito...
Alguma *genoridade*,
E lá vai o *Sé Zé*, feito
Provedor d'uma Irmandade!

D'isso a *cambarista*, entenda
Que é um tiro d'espingarda;
Em seguida, uma commenda
Acredite que *num* tarda!

Depois vá continuando,
Faça girar o dinheiro,
A' coisa vai caminhando,
E o *Sé Zé* sae conselheiro!

Agora, o mais é comsigo,
E vai bem, se *num* me engano;
Mas diga lá, meu amigo,
Que *le* parece o meu plano?...

J.—Um *home* diz o que sente:
Ouvi tanta trapalhada
Que, fallando francamente,
Parece-me uma farçada!

F.—*Num* n'o parece, é de certo;
Mas que tem você com isso?
Ora ande, faça-se esperto,
Senão abro-*le* o toutiço!

J.—*Home*, deixe-se de petas,
Isso assim *num* é decente,
E começam as gazetas
A fazer pouco da gente.

F. — As gazetas já *le* eu disse
Como cá se poem ao geito;
E se alguma, por perrice,
Fôr tomando o caso a peito,

Para o *Sé Zé*, essa guerra
Não póde ser importuna,
Porque não lê — n'esta terra
Num saber lêr é fortuna!

J. — Sim, senhor — entendo, entendo;
Mas, feita essa trapalhada,
Terei tudo o que pretendo,
Num é preciso mais nada?

F. — Coisas de pequeno lote:
Ter *triató* todo o anno,
Ou, ao menos, *cambarote*
No *triato* italiano.

J. — D'isso *num* tenho experiencia,
Nem nunca o vi, é verdade;
Mas, adeus, isso paciencia,
Quem sabe? — talvez me agrade!

F. — Não, de certo, *num le* agrada;
Vai-se lá só por ser moda;
É uma patacoada,
Que a mim até me incommóda.

É um bando de *tinores*,
Uns *homes*, outros meninas;
Uns poucos de berradores
D'*airas* e de *sabatinas*...

Mil coisas, qual mais horrenda,
Que levam de cabo a rabo,
Sem que a gente nada entenda
D'essa lingua do diabo!

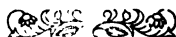
Bem *repenicada* a chula,
Tem p'ra mim *maór* valia;
Vêr a moça quando pula,
E a *rabeca* quando chia,

E a *saranda*, na viola...
Isso é trigo sem *mastura!*
Mas é moda a cantarola,
Quem *num* vai *num* faz *fugura!*

J.—Mas *num* ha, entre esse bando,
Alguns *homes* portuguezes,
Que façam, de vez em quando,
Pantominas d'antremezes?...

F.—Ai!... ha cá comediantes,
Que fazem rir toda a gente;
E vão lá *probes* bastantes,
Mas cá nós, *num* é decente!

J.—Pois, emfim, conversaremos,
O *Sé* Francisco é meu guia;
Por isso nós fallaremos,
Mais devagar, outro dia.

F.—Pois adeus!—Saia dinheiro,
Que andando d'esta maneira,
Será barão, conselheiro,
E bispo, que você queira!

Soneto.

Se acaso eu entro em sala onde ha festejo,
Onde agradaveis sons solta o piano,
E alli encontro, com aspecto humano,
Quem de macaco vil, finge, sem pejo;

Se um janota, de pé, na casa vejo,
Com sua dama ao lado, muito ufano,
Imitando, por fim, n'um giro insano,
Insulsos manequins de realejo;

Quando assim o Creador vejo ultrajado,
Desejando que até lhes falte o solo,
Chamo as iras do ceo, arrebatado!

Mas... penso, e brado então, com desconsolo:
« Quem juizo não tem não é culpado,
« Perdoae-lhes, meu Deus, quem dança é tolo»!

No Album de uma Senhora.

N'este cantinho do mundo
Vivo só, na escuridão;
Nem eu sei como o teu Album
Me veio parar á mão!...

Para que?... para uma pagina
Ir manchar do livro teu,
Esse vate desmentindo
Que a primeira folha encheu.

« *Amo-te! És bella!* (diz elle)
« *Todos hão-de aqui jurar!* »
Pois é falsa a prophecia!
E as provas eu as vou dar;

Não *te amo*, não! e que *és bella*
Nem posso *jurar*, sequer;
Só conheço, para *amar-te*,
Uma causa: — é que és mulher.

Inda assim, um *juramento*
Não virei aqui depôr;
Que são elles como o vidro
N'estes negocios d'amor.

Nem tambem, como outros vates,
Minha vida contarei;
Ao confessor, só, revelo
Certas coisinhas que eu sei.

Nem *que sôffro — que padeço*,
Como alguns, virei contar;
Não, senhora, á minha custa
Nem has-de rir, nem chorar.

Nem mal-direi a existencia,
Nem hei-de a morte pedir:
Cem annos que eu viva, é pouco
Para o que eu tenho de rir!

Nem, como outros, um *Concelho* (*)
Venho offerecer-te aqui;
Que inda julgo uma *Comarca*
Pobre offerta para ti...

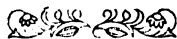
Nem te direi que sou leigo
Na poesia (e sei que o sou),
Do que escrevo só tem culpa
Quem o Album me entregou.

(*) Allude-se a uma poesia, na qual um poeta, pretendendo dar um CONSELHO á dona do Album, escreveu assim a epigraphe.

Eu não fico arrependido,
E se vês que escrevi mal,
Confessarás que sou franco,
E, por isso, original.

Hoje é tam rara a *verdade*,
Que quando transluz assim,
Querem todos abraçal-a,
Vem todos— «*a mim, a mim!...*»

Sê feliz, e tem saude,
São estes os votos meus;
Pois a minha, ao fazer d'esta,
É boa, louvado Deus.

17 d'Outubro de 1883.

Soneto.

Assobiava o leste, e furioso
Quanto achava no chão tudo varria ;
D'um ovo meia casca alli jazia,
Que entregue foi ao vento impetuoso!

Com aspecto gentil, rosto formoso,
Joven dama á janella então surgia,
Quando a casca lhe vai, que o vento envia,
No cabello poisar, preto e lustroso!

Prosegue o furacão em sua lida,
Folhas sêccas e palhas pondo em roda,
Que se pegam na casca humedecida ;

Vê-se a dama ao espelho, e se accommoda;
E, sendo por janota conhecida,
Faz d'aquillo chapeo, e pega a moda!

Soneto.

Não sei, amigos meus, se vos lembraes,
Mas tenho como certo que sabeis
D'uns vegetaes que nascem, e vereis
Nos paues e nos muros dos quintaes:

Pois é preciso, agora, que saibaes,
E que d'esta noticia aproveiteis,
Que é bom que ao abandono não lanceis
Esses que, por inuteis, despresaes:

Arrancae-os dos muros, e paues,
E podeis no commercio ser heroes,
Pintando-os, verdes, brancos ou azues:

Chamae-lhes já francezes e hespanhoes,
Que comprando-os, depois, damas tafues,
Já *tortulhos* não são — são *guarda-soes*.

No Album

DO MEU AMIGO J. C. LOUREIRO.

Meus crimes quaes serão?... quaes os motivos
Porque são contra mim mortos e vivos?
Das folias do mundo separado,
Em tão curto recinto encarcerado,
Sem d'uma associação ter sido socio;
Por empregar melhor as horas d'ocio;
A politica, vã, sem ter na ideia,
Sem saber o que vai pela Crimeia;
Os annuncios só lendo nas gazetas,
Por causa do rancor que tenho ás petas;
Sem procurar dos bailes a folgança,
Porque sempre julguei loucura a dança;
Sem dos *typhos* fallar, ou *cholerina*,
Pelo mêdo que tenho á Medicina;
Porque se vinga em mim a humanidade,
Que massar-me aqui vem, sem piedade?

*

Se condemnado estou a mil torturas,
Não basta a multidão d'*assignaturas;*
Os *bilhetes* d'immensos *beneficios,*
De gente que tem dous ou tres officios,
E porque a vida quer, d'encantos cheia,
Se dispõe a viver á custa alheia?
Não bastam *subscripções*, para vadios,
Que nobres dizem ser, d'avós e tios?
E os *Fajardos* do tom que, mascarados,
Me vem pintos chupar, tão bem ganhados?
As rifas que alguem faz, enchendo o saco,
E onde o premio, se o ha, vale um pataco;
As cartas — muita vez com *excellencia* —
A minha *respeitavel assistencia*
Pedindo para algum enterramento,
Por quem só n'esse funebre momento
Do meu humilde nome se lembrára,
E nunca a tomar chá me convidára;
Por nobres, outras cartas assignadas,
Com doces palavrinhas emprestadas,
Invocando os meus *nobres sentimentos*,
Para os *cruzios* lhes dar (de que sedentos
Andam èsses que ao luxo, cego e louco,
Destinam quanto teem, e é tudo pouco)
Para *obras* em que muito se consome,
Em propria utilidade, armando ao nome?

Não basta — prejuizo que me assusta! —
Com cigarros e fogo á minha custa,
Se malucos não são, tal me julgando,
Vêr dos *amigos meus*, muitos fumando;
E a bolsa magra, assim, vendo ultrajada,

Soffrer a cada um grande massada?
A este que um pae tem que odeia o vicio,
E quer que o filho trate d'outro officio;
Áquelle, porque tem patrão que ralha,
E em quanto occulto fuma não trabalha?

Tão pouco isto será, que mister seja
Dos Albuns a mania — que forceja
Por lançar-me nas garras do *Polido*,
Onde poetas mil já tem cahido? —
E de que serve um Album — pobre mudo,
Que pede sem fallar, recebe tudo,
E andando a mendigar no mundo á tôa,
Morre com fome, emfim, de cousa bôa?

Quem tem por gosto lêr semsaborias,
Não encontra jornaes todos os dias?
Quem dá subido apreço a frioleiras,
Ou, não contente assim, deseja asneiras,
Não póde algum lugar procurar, onde
Vá ouvir discorrer algum visconde?
Um Album de que serve? — inda o repito —
E porque em tantos, eu, já tenho escripto?
— É porque o mundo diz que sou poeta,
E eu que o pude crêr, fiz-me pateta! —

De versos hei-de encher um livro inteiro,
A vêr se alguem quer têl-os por dinheiro!

4 d'Agosto de 1855.

Soneto.

Estupido mancebo, ambicioso,
Que as doçuras d'amor não conhecia,
Julgando, em seu pensar, que só podia
Por meio da riqueza ser ditoso,

Tratou d'ir offertar a mão d'esposo
Á mais tola, mais má, mais feia harpia,
Só porque o monstro horrendo possuia,
A encobrir todo o mal, dote famoso!

Casou-se, e figurou, mas... desgraçado!...
Se gordo e folgasão fôra em solteiro,
Magro e triste era já, sendo casado!

Pesára o fardo enorme ao tal parceiro;
Que ha-de andar toda a vida carregado,
Quem se casa c'um saco de dinheiro!

Soneto.

Dizem sizudos velhos, rabugentos,
À moda imperiosa armando guerra,
Que a honestidade presam, que desterra
Esses do luxo, vão, loucos inventos!

E como deprimir são seus intentos,
Do governo fallando, dizem que erra
Porque, inerte, não faz cahir por terra
Bigodes, que em paizanos vêem aos centos!

E lendo assim na cara d'um parceiro,
Julgam quem barbas traz peor que Herodes,
Innocente quem rapa o rosto inteiro;

Mas mostram-n'as os santos, nos pagodes,
Nunca entrou Christo em loja de barbeiro,
E pinta-se o diabo sem bigodes!

AO EXIMIO VIOLINISTA PORTUGUEZ

Francisco de Sá Noronha. (*)

Se ao longe tu fôras, nos bosques sombrios,
Das aves o canto, mimoso, imitar,
Em breve as sentiras, soltando seus pios,
Nas costas, nos braços, nas barbas poisar;
E as armas de caça
Verias na praça
Perderem valor;
Que é arte discreta,
Com arco sem setta,
Ser bom caçador!

(*) Esta poesia foi recitada por occasião da abertura do Theatro de D. Affonsó Henriques, em Guimarães, na noite de 12 d'Agosto de 1855, quando o insigne rebequista acabava de tocar as suas VALSAS BURLESCAS, em que imita as vozes de diversos animaes.

Se ao longo da praia, de noite, sósinho,
Da vaga o ruido tu fosses fingir,
Depressa verias, o povo visinho,
Deixando seus lares ao monte fugir!
Tu ias seguindo!
E o povo expellindo
Bem longe d'alli,
Ninguem mais verias,
E as casas, vazias,
Ficavam p'ra ti!

Se o toque a rebate, nos tempos de guerra,
Tu fosses, de noite, fingir por ahi,
Nem um só dos homens ficava na terra,
Que ás armas correndo sahiam d'alli;
Senhor do terreno,
Ficando sereno,
Com o arco na mão,
No meio das bellas,
Serias entre ellas
Um novo Sultão!

Se fosses aos montes, que aos gados dão pasto,
De longe, imitando da vaca o mugir,
Em poucos momentos, sem nada ter gasto,
Viriam-te as *crias* no laço cahir;
E pelas barbellas
Prendendo as vitellas,
Com grossos grilhões;
E uma nau cheia
Mandando á Crimeia,
Ganhavas milhões.

Se fosses, em noites horriveis d'inverno,
Fingir o ribombo do rouco trovão,
Em terra o joelho, resando ao Eterno,
Verias o povo de rastos no chão:
O povo gritava!
E eu vinha, e bradava:
« Senhor! suspendei! »
— Paravas no entanto,
Passando eu por santo,
Que nunca serei!

Se agora viesses, de traz d'uma scena,
A bulha imitando dos cães a ladrar,
Embora esta gente ficasse serena,
Tivessem paciencia, que eu punha-me a andar:
Pois se eu, tendo medo,
Não tinha um penedo
Que os fosse expellir,
Melhor fôra agora
Gritar: — passa fora!
— Deitar a fugir. —

Soneto.

Um joven, curioso, que estudava,
E em tudo fundamento achar queria,
Experiente ancião buscando um dia,
A quem, por muitas vezes, consultava,

A razão perguntou — que não achava —
Porque os medicos dão a primazia,
Sobre o cavallo, manso, e de valia,
Á mula, que tem menos, e é mais brava!

« *Lê com crê* (diz o velho) o senso ensina,
« N'estas palavras só, que bem se aprendem,
« O que pedir-me vens que te defina:

« Se julgas, para ti, que pouco expendem,
« Eu me explico: — a mula e a medicina
« Ambas manhosas são, e lá se entendem.»

O senhor Lopes.

CONTO.

I.

Lopes era uma pipa na estatura;
E, gordo, porque as pipas esgotava,
Para igualar a pipa, na figura,
Apenas a *aduella* lhe faltava!

Em si jámais sentiu pentes, navalhas,
A dura, espêssa barba, acastanhada,
Que a não trazer cotão, fios e palhas,
Fôra por mil janotas invejada!

O casaco era velho, que vestía,
Usava, de cotim, calça já velha,
Collete, cuja côr já se não via,
Besuntado bonnet, d'orelha a orelha.

Em cada bota os pés, ambos cabiam,
Mas andavam, por uso, separados;
Ser oppressos os dedos não temiam,
Nem ser, por falta d'ar, asphyxiados!

Cheias de callos, sempre, as mãos gretadas,
Jámais elle tentou que se não vissem:
De luvas nunca usou — nem mesmo dadas —
Por as não encontrar que lhe servissem.

Mas se toda a semana assim vestia,
Se este era o seu aceio domingueiro,
Era a causa o rigor d'economia,
Pois era o nosso heroe bom — albardeiro. —

Em que terra nasceu?... e quando? — A fundo
Penetrar ninguem póde estes arcanos;
Mas era natural cá d'este mundo,
E teria, talvez, bons quarenta annos.

Amor, que não reconhece
Idade, nem condição;
Que torna louco o sensato,
Que inspira ao louco a paixão,
Descobriu no bom do Lopes
Uma tendencia fatal;
E como é sua tendencia
Aos dilectos fazer mal;
Como aquelle em grossa albarda
A agulha espeta, sem dôr,

Assim lhe embebeu no peito
O farpão destruidor;
Mas se a agulha fura a estôpa
E só palha vai achar,
O farpão, na *albarda viva*,
Foi brando peito encontrar;
E paixão tão desabrida
Como essa, que lhe imprimiu,
Em coração d'albardeiro,
No mundo jámais se viu!

II.

A rua mirando, lá d'alta janella,
Formosa donzella,
Dos annos na flor,
Belleza ostentando, que o ceo lhe doára,
E o mais que pilhára
Do seu toucador;

E os olhos, bem negros, certeira, fitando
Nos que iam passando,
Sem n'ella cuidar,
Deixava-os tão prêsos, que os pobres janotas
Rompiam as botas,
Á porta, a rondar!

Aos gestos galantes, ao meigo sorriso,
Prudencia e juizo
Se oppunham em vão;

Que a joven, astuta, de rapido alcance,
Por vêr no romance
Pintada a paixão,

Sabia que um gesto, com arte affectado,
Sorriso estudado,
Suspiro fugaz,
Faziam mil vezes d'um louco — um poeta,
D'um sabio — um pateta,
D'um velho — um rapaz!

E assim, divertida, lá d'alta janella,
Matreira, a donzella,
Dos annos na flor,
Belleza ostentava que o ceo lhe doára,
E o mais que pilhára
Do seu toucador.

III.

Passava o Lopes, tímido,
D'amor já dominado,
Na rua, descuidado,
Sósinho, a meditar;
E erguendo os olhos, languidos,
Á magica varanda,
Não anda... nem desanda...
Detem-se, a contemplar!

Aberta a bôca, esqualida,
Os olhos inflammados,
Cabellos eriçados,
As pernas a tremer,
Se n'esse instante um medico
Olhal-o, assim, podera,
Cholerico o dissera,
Mandára-o recolher!

Sentindo Lopes a alma escrava — crava
Os olhos no anjo que elle admira!... mira...
Desce-lhe ás faces, pela magoa, agoa,
E humedecidos os cabellos, bellos,
Que o rosto, onde as feições se encobrem, cobrem,
Na amarga posição que ostenta, tenta
Abrir o, cheio de respeito, peito,
Embora expulse o desabafo, bafo
Que torne murcha a donairosa *rosa*,
Que no jardim d'amor se apura, pura!
Mas soffre o triste, em quanto pasma, asma!
Não respira, sequer, e apenas penas
Assim póde sentir! Effeito feito
Por essa apparição, que esmaga, maga,
A, que a esperança não acalma, alma
Onde martyrios roedores, dores,
Tudo, sem luz de desaffronta, affronta!
Mas, pouco a pouco, vem o alento, lento,
E já o amante que essa dama ama,
De tanta dôr na recompensa pensa;
Tenta, esforçando-se, abafal-a!... Falla,
E, com tenção a mais devota, vota —
Após meditação devida — vida,

Fortuna, posição, estudo, tudo,
A quem quanto gosar podera, dera;
Ao que já sonha seu archanjo — anjo
Que só baixára a este immundo mundo
Por ter adorações! — Agora, ora
Ao ceo, pedindo amor, constancia, ancia,
Para abrandar a catadura, dura,
Com que essa joven, tão avara, vara
Um coração que na repulsa pulsa,
E nem pulsando fortemente, mente!
Lopes, que a dama, que o desprésa, présa,
Julga que, em quanto o desespera — espera
Que outro, que tenha de janota nota,
Vá prestar-lhe, talvez, occulto culto;
Sem que — tendo tenção damnada — nada
Que a dama, em favor seu, requeira, queira!
E como a fama da donzella zela,
A quem tenta chamar consorte — sorte
Lhe deseja feliz!... Prosegue... segue...
Sem ter — ausente do socego — cego,
Para guiar o seu destino, tino!

E caminha o pobre amante,
Mas quem sabe onde elle vae?
Sem vêr, atraz nem adiante,
Aqui tropeça, alli cae,
Em quanto a dama, contente,
— Porque o julgára demente —
Sem lembrar-se do infeliz,
Gasta o tempo — e julga-o pouco —
Com outro, que não é louco
Porque a apparencia o não diz!

Como assombrado d'um raio,
(Se d'uma *raia* não é)
Cae, agora, c'um desmaio,
Logo, a custo, põe-se a pé;
Alto, a sós comsigo, falla,
Pensando, depois, se cala,
Geme agora, e logo ri,
E vai correndo esse mundo,
Sem mais cuidar, vagabundo,
Nem dos outros, nem de si!

O pobre aposento, rude,
Votado ao desprêso, já
Ao Conselho de Saude,
Cuidados bem sérios dá!
Berrando, sempre, com fome,
Na solidão se consome
O velho gato maltez;
Unico ente que vivia
De Lopes em companhia,
Já desde a infancia, talvez!

Trabalha já poucas vezes,
Nem uma albarda produz;
Choram por elle os freguezes,
Choram por si, que andam nús!
Que o triste, do gato ao lado,
N'um *duo* desconcertado,
Um miando, outro a gemer,
Em casa, assim, se dilata;
E sae, só, a vêr a ingrata,
Que não se ergue para o vêr!

Ao triste que amor opprima,
O mal que produz amor,
Ides vêl-o, em tosca rima,
N'um quadro, negro, d'horror!
Se não soltas um gemido,
Oh leitor — compadecido
Pelo albardeiro infeliz —
Que espirras tambem não creias,
Se te chegam mãos alheias
Boa mostarda ao nariz!

Soffrendo, Lopes, se via
Como o reo ante o algoz;
Ao gato, quanto mais mia,
Do peito mais foge a voz!
Estremece o genio d'arte,
Pois lhe falta um baluarte
N'este albardeiro sem par!
— Que ha-de ser d'alguns humanos,
Quando para usarem pannos
A licença lhes findar!... —

Debalde vem d'estrangeiros
Albardas a Portugal;
Que este rei dos albardeiros
Na Europa não tem rival!
Nem o tivera no mundo
Se o grande genio, profundo,
Em Paris mais fôra erguer;
Mas... chegou do mar á borda,
E amor, lançando-lhe a corda
O fez em terra deter!

Chorai vós, oh Portuguezes,
Que as bellas-artes presaes!
Chorai do artista os revezes,
Que os vossos tambem choraes!
Vossos, sim, porque na historia
Falta um nome, que alta gloria,
No porvir, dera á Nação!
E vós sabeis que o estudo,
O talento, o senso, tudo
Se compra na *Exposição!...*

E Lopes, que assim deixára
D'ir o genio cultivar,
Nem do que o ceo lhe doára
Se podia aproveitar;
Que do triste o pensamento
Era o mago sentimento,
O sentimento d'amor;
O ardente amor d'albardeiro,
Que albardára o mundo inteiro,
Se vivêra estranho á dôr!

Mas... infeliz! — passeava
Á porta da dama, em vão;
Da ingrata que assim pagava,
Com desdens, tanta paixão;
Sem prevenir que a ventura
No porvir tinha, segura
Em tão desejado nó! —
Deixemos, pois, a donzella,
E ouçamos o que, por ella,
O Lopes dizia, só: —

« Porque ando tão prêso,
« Se em premio o desprêso
« Só posso ganhar?
« Que espera essa ingrata,
« Que, louca, maltrata
« Quem deve adorar?...

« Nobreza deseja?—
« Mais nobre quem seja
« Do que eu, ninguem diz;
« Artista affamado,
« Por conta do Estado,
« Mandado a Pariz!...

« Pimpões que se entezam
« E altivos despresam
« Do artista a missão,
« Do que eu mais honrados,
« Mais bem educados,
« Mais nobres, não são!

« Deseja talento?—
« Eu tenho-o, e não tento
« Por elle brilhar;
« Mas nunca os doutores,
« Por mais falladores,
« Me fazem calar!

« Pretende poetas? —
« Não vê que uns, patetas,
« Não dão do que é seu;
« E que outros, coitados,
« Poetas chamados,
« Não são mais do que eu?...

« Aspira a janotas? —
« Não vê que uns, mamotas,
« Valia não tem;
« E que outros, vazios
« De senso, e vadios,
« Não prestam, tambem?

« Não vê que as lunetas,
« A luva, as roupêtas,
« São tudo ouropeis;
« E que esses *Cupidos*,
« Com luxo vestidos,
« Não pezam dez reis?

« Não pensa que o artista,
« Que a nobre conquista
« Da fama, só quiz,
« Com muita vigilia,
« Dá nome á familia,
« Dá gloria ao paiz?... »

IV.

Triste amante! infeliz albardeiro!
Que, sósinho, na dama a pensar,
Já não cuida do pobre palheiro,
Nem do gato, com fome a berrar!

Não se lembra, sequer, do trabalho,
De que, triste, só póde viver;
E lá serve, outra vez, d'espantalho,
N'essa rua, onde se ha-de perder!

E vagueia, ora abaixo, ora acima,
E, defronte, lá pára outra vez!
Desgraçado!... que a dama que estima
Inda n'elle reparo não fez!...

Mas um rizo, para outro que passa...
Um olhar, que julgou para si...
Tudo o engana, e de gosto o traspassa,
Tudo o prende d'encantos alli!...

E não tarda que alguem, lá da casa,
Queira rir-se da nobre paixão...
Já d'amor o bom *Lopes* se abrasa,
E começa a irrisoria illusão!...

Relações chega a travar
Com quem, trazendo-o illudido,
D'esse amor lhe vem fallar;
E o pobre, que anda vendido,
Um servo tenta comprar.

E *compra-o* breve, que o plano
Já de longe era traçado,
Para apanhal-o no engano—
Lá deixa o triste um recado,
E a resposta espera ufano!

E veio—foi um protesto
D'amor firme, (d'um caixeiro)
Mas amor tão manifesto,
Que ao desditoso albardeiro
Quasi um fim dava funesto!

Á porta de sua amada
Desmaiado cae por terra;
Mas—com agua borrifada
A cabeça—ergue-se e berra
Com a voz desentoada!

Lá vem o pae da donzella!—
Porque a desordem lhe importa,
A causa quer saber d'ella;
Mas em vão... fecha-se a porta,
E o velho, lá da janella,

Vê no vulto que vagueia
Embriaguez ou malicia;
Pois berra com voz tão cheia,
Que se ha na terra policia
Parava só na cadeia!

Mas dorme e socega o amante,
E, no dia immediato,
Vem ser de novo rondante,
Torna a fallar ao gaiato,
Cada vez mais delirante!

E, de todo apaixonado,
Dispõe d'um vintem que tinha,
Vae comprar papel doirado,
Escreve a dôce cartinha,
Fecha-a com pão mastigado,

E lá vae mais um segredo
Nas mãos depôr d'esse *amigo*
Que, envolvido n'este enredo,
Já lá d'estreito postigo
O amante espera, a pé quêdo!

Começa a correspondencia
Entre o amante e o caixeiro,
Que vai chupando a — *excellencia*,
Porque já sabe o albardeiro
Curvar-se ás leis da decencia.

Vèem-se nas cartas ferver
Essas phrases coruscantes
Que só sabe amor dizer:
Entram *pyras fumegantes*,
Entram *corações a arder*,

E no estylo alambicado,
Onde a orthographia é crime,
Onde a prosodia é peccado,
Provar qual é mais *sublime*
É encargo delicado!

Inda assim, cartas d'amores,
Sejam fidalgas as moças,
Chamem-se os moços doutores,
Se nunca as vi mais insôssas,
Tambem nunca as vi melhores!...

E é certo que o grande artista
Canta e ri, de gosto chora,
Porque está feita a conquista;
Pois marcada já tem hora
Para nocturna entrevista.

V.

Era alta noite... a *brisa*, assobiando,
Se ao tão *dôce bafejo* que esparzia
Se lhe oppunha um chapeo, ia-o levando,
E seu dono, infeliz, não mais o via;

E as *arvores frondosas* derribando,
E as altas chaminés, que destruia,
Docemente a soprar de tal maneira,
Se podia chamar *brisa fagueira.*

N'um capote de *nuvens* rebuçada,
Seu *fulgor* occultando, a *meiga lua*
Não se via *nas aguas retratada,*
Nem contemplava a terra *a imagem sua;*
Que a *lampada celeste*, despeitada
Por vêr a luz do gaz enchendo a rua,
Pallida a face envolve em manto opaco,
E aos miseros mortaes não dá cavaco!

Lá no *campo d'anil* não se divisa
A multidão d'*estrellas refulgentes,*
Que em *noites melancolicas* pesquiza
O vate, para entoar *versos cadentes;*
E se uma, sorrateira, *se desliza*
A espreitar o que vae entre os viventes,
Lá vem a *nuvem* dar-lhe um tapa-olho
E depois desfazer-se em frio môlho!

Cahindo sobre a terra o *doce orvalho,*
Arranca dos jardins as *lindas flores!*
Bebem os cães em pé — e com trabalho
Os que não são, d'origem, nadadores —
E debalde procuram agasalho,
Na *gutta-percha*, os tristes peccadores;
Que á força de cahir *brando rocio,*
Mac-adam já não ha — é tudo um rio!

As patrulhas, ás portas encostadas,
D'oleado nas capas envolvidas,
Não vão rondar as ruas despovoadas,
Nem cuidado lhes dão alheias vidas;
Que as ordens, dos mais altos dimanadas,
Não sabe então ninguem se são cumpridas,
Porque os mesmos que as dão—n'esse momento—
Dormem ao som da chuva, e ao som do vento.

Repousa em branda paz, no brando leito,
Dos diurnos trabalhos fatigado,
O pacifico povo, que ao preceito
Da hygiene se curva, aō somno dado:
E se alimenta, algum, sonho suspeito,
Em magoas ou delicias engolfado,
Não se diz—que á moral é negra offensa—
Vida particular... não é da imprensa.

Mas é certo que o gallo já cantava,
Da noite a divisão annunciando;
E do povo, que ao somno se entregava,
Se alguem—em certo sitio—despertando,
Attendesse ao que fóra se passava,
Rouca voz ouviria, descantando
Com a doce expressão de doce affecto,
A mimosa canção do *Rigoletto*:

La donna è mobile,
Qual piuma al vento,
Mutta d'accento
E di pensier;—

E embora o cantico
Sem letra acabe,
Porque não sabe,
Porque não quer,

Como inda a musica
Na ideia tenha,
Com voz roufenha,
Torna a dizer:
La donna è mobile
Qual piuma al vento,
Mutta d'accento
E di pensier.

Quem seria o cantor?—N'esse momento
Findaria o theatro italiano?
Um janota será, que ao aposento
Recolher-se vai, só, mostrando, ufano,
Que sabe repetir quanto ouve attento,
Porque ao theatro vai, ha mais d'um anno?
Não saberá sollicito emprezario,
D'este cantor nocturno, solitario?

Quem seria o cantor?—Eis um mysterio,
Um enigma, talvez, uma charada!
Decifre-o quem podér, mas—fallo serio—
Quem vencer a questão, não lhe dou nada;
Que eu, sem orgulho ter de mais criterio,
Na voz o conheci, desentoada,
Que o nosso cantor vai acompanhando,
N'um guizo de folheta repicando:

Quem seria o cantor, está bem claro! —
Era um heroe, por nós bem conhecido;
E não tome ninguem por caso raro
Que elle saiba canções; — tem bom ouvido,
É dos moços do tom amigo caro,
Seus habitos, assim, tem contrahido,
Faz o seu folhetim, versos semeia,
E tem, por isso, entrada na plateia!

Com ardor infantil tocando o guizo,
Signal para a entrevista combinado,
Pretende o bom do LOPES dar aviso
Que obedece ao que amor tem decretado:
Abre-se uma janella, e d'improviso
Um vulto alli se mostra, encapotado,
Que rapido signal fazendo ao homem,
Corre logo a vidraça, e ambos se somem!..

VI.

Tornou-se a noite serena,
O *doce orvalho* parou...
A *brisa fagueira e amena*
Pouco a pouco se acalmou!

Ao vigilante cuidado
Da Guarda Municipal,
O amante escapa, encostado
Á portinha do quintal.

Estreita porta, robusta,
Que junto guarda em porções
O que mil cruzados custa,
Para vender por tostões...

Se a porta alguem desconhece,
Em mysterios infeliz,
Passe adiante — mal parece
Metter-se em tudo o nariz...

Alli, em poucos momentos,
Um *seraphim* ha-de vir,
Escutar os sentimentos
D'alma que sabe sentir.

Mas... silencio... ouvem-se passos...
É ella!... É ella... que vem...
E Lopes, os membros lassos,
Convulso, já se não tem...

Quer dar um ai... suffocado
Outra vez, fica em torpor;
Depois começa, coitado,
Tremendo sezões d'amor.

Ruge a porta... e n'um instante
Lá espreita o *seraphim*...
Animo, Lopes!... ávante!...
Falla... aperta a mão... assim!...

« Ca... ca... ca... ca estou prompto...
« Que... que... que... quero mostrar...
« Qu'i... qu'i... qu'i... qu'inda em tal ponto
« Co... co... co... corre a adorar,

« Quem... quem... quem »—e o pobre amante
Quer fallar, mas tenta em vão:
E a *menina*, vacillante,
Alto! — diz — tenha lá mão...

« Falle baixo, e com cautella,
« Que não escute o *papá*... »
—Pasma o Lopes da voz d'*ella*,
Que tão grossa outra não ha!

Estranha-a, mas n'um momento
Ouve em resposta: —« isto faz
« Passar noites ao relento
« Quando á minha porta estás... »

E para que mais pareça
Constipação de matar,
Um chaile pela cabeça
Vem a molestia affirmar.

De Lopes as creancices
Ella, em vão, entender quer;
Elle ouve apenas tolices,
Galanteios de mulher!

Não brilha amor um momento
Em longa noite d'amor:
Não — que ao seu mando o talento
Faz-se parvo e semsabor...

⸻

« Mas... silencio, menino... fuja... fuja...
« Lá vem o meu *papá*... *chiton!*... não ruja...
« Que eu ouço pés... se aqui somos pilhados,
« Olhe que ambos ficamos arranjados!...
« Mas *boncecé* lá vai tratar da vida...
« Pobre de mim, que estou compromettida!

« Eu, fugir? — brada o Lopes — nem á morte!
« Não!... que a sua ha-de ser a minha sorte!
« Se para obedecer-me estiver prompta,
« Deixe vir quem vier, por minha conta! »

Mas inda bem não eram proferidas
Estas fallas d'amor, d'alma nascidas,
Ao som d'estridorosa bofetada,
Vê o Lopes a seus pés *a sua amada!*
Ergue-a do chão, abraça-a, e procurando
O pae, com o outro braço, ir desviando,
Grita, d'animo cheio: — « Em cortezia,
« Senhor, tenha lá mão!... que em vindo o dia
« Ha-de então conhecer, queira ou não queira,
« Que fez insulto á minha *companheira!*
« E, se tanto é preciso, até lhe juro
« Que só para o bom fim é que eu procuro
« Conversar a senhora sua filha! —

« Menina — faz favor — ponha a mantilha,
« E saia, que o paesinho dá licença!...»
O *papá*, que atéli debalde pensa
Sobre tudo o que escuta, e vê, pasmado,
Cahindo em si, de rizo suffocado,
Porque, de quanto ouviu, traduz o engano,
Um aspecto fingindo, soberano,
Á *pretendida esposa* do albardeiro
Assim falla, n'um tom rude e grosseiro:

« Que é isto? — *Seraphim* — que tratantada
« Pretendias fazer n'esta emboscada?
« Este senhor quem é, que tornas louco? —
« Não respondes, maroto, achas que é pouco
« Tentar eu, inda, ouvir o que tu dizes,
« Sem te esmurrar os queixos e os narizes?
« Não se move? — senhor — ande, appareça!
« Arranque-me esse chaile da cabeça!
« Dispa-me já, tambem, vestido e tudo,
« Não quero em casa ter funcções d'Entrudo! »

Inutil vendo ser a resistencia,
Forçado *Seraphim* a obediencia,
As vestes vai despindo, e de repente
Transformado apparece ao padecente
Que, vendo amor, ternura, um sonho falso,
Já vê n'aquelle sitio um cadafalso,
Onde o seu coração, a amor sujeito,
Nas mãos d'impia traição vai ser desfeito!

Começa a fresca aurora despontando,
E Lopes, que estivera contemplando

Toda a scena d'horror, petrificado,
A gritar principia, horrorisado,
Porque vê, em lugar d'essa que adora,
O maldito gaiato, a quem outr'ora,
Porque nos seus serviços confiava,
Os recados e cartas entregava!
Quizera dar então grande tapona;
Mas depressa, qual outra *prima-dona*,
Sem ter ao menos feito um só ensaio,
Finda o drama, cahindo c'um desmaio!

O rapaz, com receio á palmatoria,
Sem o fim pretender saber da historia,
Sorrateiro fugiu, metteu-se em casa!
O bojudo patrão, ardendo em braza,
Porque, um corpo a seus pés tendo, estirado,
Teme por matador ser accusado,
Tenta o amante infeliz chamar á vida;
E apenas esta empreza acha vencida,
Na rua o põe, sósinho, em abandono,
E em socego inda vai dormir um somno!

VII.

Agora, leitor amigo,
Dizer-te vou, com lisura,
Quem teve premio ou castigo
N'esta pasmosa aventura;
Pois é justo que te importe,
Porque tens n'isso vantagens,

Saber o que fez a sorte
D'este drama aos personagens:

A donzella vive ainda,
Cada vez mais satisfeita,
E outros *Lopes* — por ser linda —
Aos seus caprichos, sujeita;
Tão parvos como o albardeiro,
Mas de bigode e luneta,
Respeita-os o mundo inteiro,
Que só olha a taboleta. —

O *papá*, tendo dormido
Mais um somno, socegado,
Apesar do acontecido,
Passa bem — muito obrigado —
Mettendo a viola no saco,
Guardou á filha respeito;
Ao rapaz não deu cavaco,
Pois fez d'elle alto conceito;
Mais que outr'ora seu amigo,
Sem d'isso fazer alarde,
Se lhe deu premio ou castigo
Has-de sabêl-o, mais tarde. —

De mêdo cheio tremia
Seraphim, por ser culpado,
Sem pensar que inda seria,
Por garoto, afortunado;
Quanto valia a maldade
Não conhecia inda a fundo;
Pois estava em curta idade,

Não sabia o que era o mundo;
Mas o patrão, vendo-o, esperto,
Em logros, fino tratante,
Julgou que tinha alli certo
Um destro negociante;
E ao lembrar-se da viveza
Com que andára na entrevista,
Vaticinou-lhe a destreza
D'um fino contrabandista;
E mostrando-o ao mundo inteiro
Como heroe para o *negocio*,
Em breve o fez seu caixeiro,
D'alli a pouco, seu socio.

A predicção sahiu certa!
Vive o rapaz na opulencia;
E o povo, de bôca aberta,
Já lhe vai dando *excellencia;*
E com razão, que na praça
Tem estes dias constado
Que *Seraphim*, com a *graça*
Já conta, d'um viscondado!
A dama, o pae e o gaiato,
Não perderam na aventura;
Mas do Lopes e do gato
Causa pena a desventura:

O pouco sizo que tinha
O triste, infeliz amante,
Roubou-lh'o a sorte mesquinha,
Desde esse fatal instante;
E, leitor, se é teu systema

Não dar voltas ao miôlo,
Escuro deixa o problema:
Como é que endoudece um tôlo?
Faz scismar — isso é verdade —
Mas segue, não penses n'isto;
Seja, embora, raridade,
Já, mais vezes, se tem visto:

Ao aposento o albardeiro
Não voltou mais — desgraçado!
E o gato, seu companheiro,
Sósinho, em casa, fechado,
Da saudade á dôr sujeito,
Com fome sempre miando,
Veio-lhe a queixa de peito,
Soffreu muito, e foi-se andando!
Do desar tocando a meta,
Foi tão negra a sua sorte,
Que nem houve uma gazeta
Que lamentasse esta morte!!!!

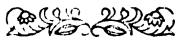
— Abandonado á loucura,
Pela rua, á chuva e ao vento,
Passou dias d'amargura,
Passou noites de tormento,
Ora gritando e correndo,
Ora rindo, prasenteiro,
Mil travessuras fazendo,
O desgraçado albardeiro!
E não chamem, por tão pouco,
Á policia negligente;
Que em grandes terras um louco

Não se torna saliente...
E, portanto, o seu estado,
Que antes ninguem conhecêra,
Por Lopes foi accusado,
N'um folhetim que escrevêra,
Que um jornal acceitou d'elle,
E publicou — que era justo
Não negar favor a aquelle,
Que a tantos se faz, sem custo...
Desde então, o triste amante
Foi por doudo conhecido;
Já com medonho semblante,
Dentro em pouco enfurecido,
Contra os doudos a mania
Furor se tornou, ardente;
E, como em doudos batia,
Dava, quasi, em toda a gente!...
Qual bravo touro no curro
Corrido, sem caridade,
Chegou, mesmo, um grande murro
A dar, n'uma Authoridade!

Tornou-se o caso importante,
O triste foi agarrado,
Bem seguro, e n'um instante
A Rilhafolles mandado!
Mas em vão!... vence a loucura,
Cada vez mais desatina;
Que é certo que não tem cura
Quem se entrega á Medicina!
Fugindo, o pobre albardeiro,
Com tenaz molestia a braços,

Cahio n'um despenhadeiro
E morreu, feito em pedaços!!

Eis-aqui, leitor piedoso,
O fim d'esse grande artista,
Que assim morreu — desditoso —
Por tentar alta conquista!...
Perdôa, leitor amigo,
Da historia a simplicidade;
Sê generoso comigo,
Que te contei a verdade;
E rezarás, quando topes
Alguma semsaboria,

Por alma do SENHOR LOPES,
Padre nosso — Ave-Maria!

Soneto.

De que serve passar a noite e o dia
Em penosos trabalhos envolvido,
Se ha-de o homem, pelo ouro engrandecido,
Na miseria viver, como vivia?

Que ideia lhe inspirou a economia?
Se muito se cançou, com que sentido?
A riqueza o tornou doudo varrido,
Ou juntou, sem saber o que fazia?

Faz-me a incerteza dar volta ao miôlo;
Mas creio que um pensar judicioso
Não tem, quem na pobreza acha consôlo:

E, além de louco, é mau o ambicioso:
Se o dinheiro que tem não gosa — é tôlo —
Não deixa os mais gosal-o — é criminoso!

Os dous Gymnasios.

Ha um theatro em Lisboa
— Que Gymnasio se appellida —
Onde a mágoa é prohibida,
Onde jámais se consente
Um suspiro, um ai pungente.

Em tão ditoso recinto
Só entra, em vez da tragedia,
A espirituosa comedia;
E, em lugar do triste drama,
A farça, que o rizo chama.

Quando o poder da tristeza
Dominar o mundo tenta,
Inda a mágoa se afugenta
N'essa casa abençoada,
Onde reina a gargalhada;

E apenas as portas se abrem,
Alli junto o povo, em massa,
Bemdiz o tempo que passa;
Que jámais alma piedosa
Alli se viu, lacrimosa!

Se todo um povo coubesse
Lá n'aquelle ceo aberto,
Fôra Lisboa um deserto,
Quando, com economia,
Alli se compra a alegria!

Mas não ha ceo para todos,
E vai o povo disperso
Aos theatros onde, immerso
Em pesar, todo o vivente
Triste chora e triste sente:

Chora a dama que, sensivel,
Uma actriz vê desmaiada;
Chora a creança espantada,
Porque na scena um conflicto
A desperta, ao som d'um grito!

Chora tambem o emprezario
Quando a casa tem vazia;
Chora o actor, em agonia,
Que a peça estudára, inteira,
Para os bancos de madeira!

O dramaturgo, mil vezes
Tambem chora apoquentado,
Porque em scena, estrangulado
Vê morrer, qual criminoso,
Um seu drama apparatoso!

E o povo, que tem na vida
De tristeza horas e dias,
Fugindo ás semsaborias,
Quer antes gastar dinheiro
Rindo, alegre e prasenteiro.

Mas do Gymnasio o prestigio
Vai prestes cahir por terra;
Que outro Gymnasio faz guerra
A aquelle, que ha tempo tanto
Era dos povos o encanto.

Com dimensões estupendas,
O grande theatro novo,
Tem nobreza, clero e povo,
Entre bons e maus actores,
Comparsas e espectadores!

O local é mais que bello!
As palmas e a pateada
São livres: — é livre a entrada
Na plateia e galerias,
E ha funcções todos os dias!

Este Gymnasio é o Porto! —
Os dramas tristes, sentidos,
Não vogam, são repellidos;
E se um dia algum figura
É sempre em caricatura!

Sendo immensa a Companhia,
Ligam-se tanto os actores,
Que, d'entre elles, os maiores,
Ás vezes fazem, nas farças,
Tristes papeis de comparsas!...

Tem aqui remedio prompto
Quem soffrer d'hypocondria;
— Mas, no excesso d'alegria,
Póde a pessoa affectada
Rebentar, n'uma risada! —

Venha vêr aqui a plebe
D'arminhos toda coberta,
Deixando de bôca aberta
Quem se lembra, pela historia,
Dos tempos da nossa gloria.

Venha vêr qualquer idiota,
Que o destino tornou rico,
Tentar já metter o bico
Onde, reinando a decencia,
Só bebêra a intelligencia.

E em camiza d'onze varas,
Por culpa sua mettido,
Escrever — e com sentido —
Dando tratos aos miolos,
Em vez de Carlos, *Carróllos!*

Venha vêr grossos lapuzes,
Pela riqueza orgulhosos,
Submissos e attenciosos
Fallarem, já, com modestia,
A qualquer *José da Vestia*,

E a cabeça, descoberta,
Humildemente curvando,
Pedirem, quasi chorando,
Com fingida urbanidade,
Um *voto*, por caridade!

E chamando *eleição livre*
Ao que foi proprio trabalho,
Como o gato com chocalho
Com o alto cargo contentes,
Já grosseiros, impudentes,

Esses mesmos despresarem
Que d'escada lhe serviram;
E em questões que nunca viram
Entrando já com denodo,
Com pasmo do povo todo,

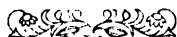
Nas palavras papagaios,
Feios macacos, nos gestos,
Soltarem já, immodestos,
Junto a acção vil e grosseira,
Em cada falla uma asneira!

Venha vêr as grandes obras
De *Mac-Adam* pelo invento,
E, com chuva d'um momento,
Rico, pobre, novo e velho,
Com lama até ao joelho,

Pelas ruas espetados,
Com rheumatismo gritando;
Até que as damas, passando,
Com as caudas dos vestidos,
Os deixem desempedidos!

Venha vêr n'um throno a asneira,
De rastos a intelligencia,
E a estupidez e a demencia,
Passeando de braço dado,
Levando o ouro a seu lado,

Dos que se dizem mais livres
Mil affectos receberem;
A ponto de se dizerem,
Vendo o senso desthronado,
Rainhas d'este reinado!

E vendo, em fim, como impera
Esta nova magestade,
Terá por grande verdade
Que o Porto quer, n'esta guerra,
Lançar o Gymnasio a terra!

Soneto.

Pançudo trapalhão no mundo andava,
Seu occulto valor apregoando;
E tinha-o na mudez, porém fallando
A sandice era tal que o enterrava!

Mas, opposto ao silencio, que odiava,
Pretenções a orador sempre ostentando,
Tanto fez, que a policia o foi levando,
Porque do estado seu já suspeitava!

O povo que o topava no caminho,
Vendo-o prêso marchar, sem saber onde,
Dizia com pesar: « será tolinho?» —

« N'este espelho, mortaes, os olhos ponde:
« Não queiraes figurar (diz um meirinho)
« Elle tôlo não é, mas é visconde! »

O Avarento.

(PARA SER RECITADA N'UM THEATRO).

Dinheirinho abençoado!...
Duzentos contos... aqui!...
Homem tão afortunado,
Como eu sou, inda o não vi!
Dizem que sou usurario?...
Mentem!... quem é perdulario
Gasta o que tem, e vem cá...
Propõe-me um famoso juro,
E eu, então, não sou tão duro
Que não diga: « tome lá »!

Esmolas!... nem se pergunta...
Não me sae uma da mão!
Pois dar a gente o que junta...
Pôr-se a pedir!... isso não!...
É mesmo um grande peccado!...
Fui d'este modo educado
Por meus paes e meus avós:
Caridade!... Nada... nada...
Não que ella, bem ordenada,
Principia cá por nós!...

Todos podem ter dinheiro;
Mas falta, para o juntar,
Olho vivo, pé ligeiro,
Ganhar sempre, e não gastar!
Eu tenho-o, porque assim faço...
Demais, nunca dei um passo
De graça, por fazer bem...
Agora, se a cousa rende...
Sou prompto, mas — já se entende —
Não quero o suor de ninguem!

E respeito a economia! —
Inda ninguem me venceu:
Gasto seis vintens por dia...
O caldinho... faço-o eu...
Ao almoço, uma sardinha
Com brôa, e bem assadinha,
É mesmo de consolar!...
A ceia... isso bagatela...
Sempre cresce uma tigela
Do caldinho do jantar.

Roupinha... tenho só esta,
E dou graças ao Senhor...
Se eu não entro n'uma festa!...
Theatro... causa-me horror!...
Se eu julgo um baile um inferno!...
— O que eu quero é, pelo inverno,
Andar quentinho... isso sim!...
Comigo não sou poupado!...
Para andar agasalhado
Dou tudo... eu cá sou assim!...

Hontem, com esta casaca,
Tendo um frio de matar,
Até rasguei uma saca,
Para as costas lhe forrar!
Rasguei-a e não tive pena!
A perca não foi pequena...
Mas embora... fiquei bem,
E fugi dos comedores...
Alfaiates!... mercadores!...
Consciencia... nem um a tem!

E vamos assim vivendo,
Ninguem sabe o que será;
Eu ando sempre tremendo,
Das voltas que o mundo dá! —
Dizem que sou avarento!
Mas, se eu vivo a meu contento,
Que importa o que o povo diz?...
É bem tôlo quem m'o chama!...
Ora vejam se essa fama
Não me faz viver feliz:

Dos que pedem por officio
Nem um só me vem pedir!...
Actor que faz beneficio
Não se lembra de cá vir!
Esses *grandes* da Cidade,
— Os homens de caridade —
Que fazem grandes acções,
Nenhum d'elles me procura,
Nem me pede a assignatura...
Nem vem limpar-me os tostões!

As gazetas, tenho-as lido
Quando aqui m'as vem trazer;
Assignal-as, a pedido!...
Nada... nada... não sei ler!...
Assim poupa-se o dinheiro,
E quando haja algum bregeiro
Que lá me queira zurzir,
Não me faz suar a testa!...
Não pagando para a festa,
Leio tudo... e fico a rir!

Até os ladrões, coitados,
Não tentam vir-me roubar!...
Pois ficavam arranjados
Se podessem cá entrar!...
Os outros riem... motejam...
Mas... por fim... todos cortejam
Um homem que tem de seu!
No mais não me dão desgosto: —
Elles vivem a seu gosto,
Eu vou cá vivendo ao meu

Á Loteria.

SONETO.

Oh maldita ambição! Porque me entregas
N'esse abysmo voraz da Loteria?
Cada passo que dou, em que és meu guia,
Cada couce de mais no cofre empregas!

N'esse perfido jogo, em que ando ás cegas,
Com *cautelas* entrei: — vi que perdia;
Mas cedi ao teu mando, e, só n'um dia,
Do mister para tres me descarregas!

É minha perdição ser teu escravo!
D'este jogo d'azar, que eu suppuz franco,
Vi a lista fatal, e... nem um chavo!...

Julguei soltar o derradeiro arranco!...
De todo a côr perdi, como esse *oitavo*,
Que comprei *côr de roza*, e sahiu *branco!*

No Album

DO MEU AMIGO, TORRES E ALMEIDA.

Tens um Album triste — amigo!
Tens em casa um cemiterio!
Tens a tristeza comtigo,
N'um livro, todo funéreo!

Tudo aqui são choradeiras,
São tudo mágoas e dores!
Morreram as *carpideiras*,
Nasceram os *carpidores!*

Leio estas folhas com mêdo,
Vejo n'ellas um abysmo;
Receio mergulhar cêdo
Nas ondas do scepticismo!

Costumar não quero a vista
A negros quadros, horriveis,
Com que o demonio conquista
As almas fracas, sensiveis!

Ah! fuja o livro nefando
Longe do meu domicilio!
Quero a alegria!... chamando
A razão em meu auxilio!

É feliz, é bella a ideia
Que a dominar-me já sinto:
Julga-a, embora, triste e feia,
Mas pódes crêr-me — não minto.

Ella importa um desmentido
— Do dever contra o preceito —
A escriptos que tenho lido,
D'amigos teus, que respeito.

Mas, feita a venia devida,
Dizer-lhes quero a verdade,
Singela, embora, e despida
De galas, d'amenidade:

Não creio n'esses lamentos,
N'essa dôr, n'essa agonia: —
Nascem d'esses desalentos,
Muitas vezes, n'uma orgia!...

Á força obedece a penna,
O papel tudo recebe,
E o peito ás vezes condemna
Quanto a cabeça concebe!

Houve tempo em que a poesia,
Na botanica abraçada,
Só de plantas se nutria,
Só d'ellas era enfeitada!

Os jasmins, cravos e rosas,
E outras florinhas selectas,
Eram, por serem formosas,
Propriedade dos poetas:

No mais esteril terreno
Eram ás vezes plantadas,
Regadas com pranto ameno,
Pelas Musas cultivadas;

E vates eu vi que, apenas
Por tornar seus cantos bellos,
Punham no charco açucenas,
E no jardim cogumellos!

E no poetico delirio,
Contra a razão em peleja,
Procuravam, mesmo, um lirio,
Onde só nasce carqueja!

E por tornar mais suaves
As canções dos trovadores,
Vieram tambem as aves,
A voar por entre as flores!

Foi tão grande o espalhafato
Com acquisição tão bella,
Que ás vezes trinava o pato
E grasnava a philomella!

Seguiam todas seu trilho,
Eis que, n'um dia ditoso,
Vem os astros, com seu brilho,
Tornar o quadro famoso!

Revoltos os elementos
Juntam-se, em fraternidade,
Entram n'esses movimentos,
E rebenta a tempestade!

Murcharam todas as flores,
Ao longe as aves fugiram;
Os astros e seus fulgores,
N'um momento, se encobriram!

Tristes os vates, sósinhos,
A carpir-se começaram,
E, desde então, coitadinhos,
Não riram mais, nem folgaram.

E na soidão, lamentando
Os desvarios da sorte,
Ficaram sempre invocando,
Como salvaterio, a morte!

Tornou-se moda a tristeza
Nos vates da nossa idade,
E mudou, por natureza,
De moda em necessidade!

Quem sabe, pois, caro amigo,
Se algum dia, d'improviso,
A moda trará comsigo,
Em vez dos prantos, o riso?

Verás então mil poetas
Rindo sempre ás gargalhadas,
E Authoridades discretas,
Contra os pobres conspiradas,

Ao vêl-os, como insensatos,
Sempre a rir e a dar aos folles,
Tomando-os por mentecaptos,
Mandal-os a Rilhafolles!

É por isso que os censuro,
E — de todos afastado —
Río só — mas, no futuro,
Tendo-se o riso acabado,

Em silencio, despresando
De vate a lucida c'rôa,
Fugirei d'ir caminhando,
Com elles, até Lisboa.

Soneto.

Formigas tenho visto, esvoaçando,
No pó, a rastejar, *aguias* valentes;
Orando, *papagaios* eloquentes,
Jumentos, a cavallo, passeando;

Cães de fila, a amizade respeitando,
E *homens*, em seus paes cravando os dentes;
Gansos, a levantar vozes cadentes,
E *cysnes*, entre o lôdo chafurdando;

Serpentes, sobre estôfo assetinado,
Pombas, ao abandono, e sem conforto,
E *perús* a cantar, de papo inchado!

Só resta a quem tudo isto viu no Porto,
Vêr um vivo, ha dez annos enterrado,
E a pé por essa rua, a andar, um morto!

A S. Gonçalo.

São Gonçalo d'Amarante,
Casamenteiro das velhas;
Porque não casaes as novas?
Que mal vos fizeram ellas?

De certo não sabes, oh meu São Gonçalo,
Da guerra tão impia que o mundo te faz!
Poder que da terra não teme um abalo,
Tentando roubar-t'o, perturbam a paz!

Que as velhas proteges é fama entre o povo,
E o povo o dominio das velhas não quer;
Pois são rabugentas, e já não é novo
Que é duro a rabugem soffrer á mulher.

Nem ellas merecem que um braço potente,
Que ás novas não vale, lhes dê protecção;
Que os annos gastando na terra, sómente,
Não querem um dia fazer-te oração!

Suppondo que a falsa belleza conquista,
Nas faces poem tintas, que compram aqui;
Já vês, oh meu Santo, que até n'um droguista,
Que vende, confiam, bem mais do que em ti!

Com varas de folha, que teem por dinheiro,
Seu corpo endireitam, á terra a pender;
Milagres esperam d'um bom funileiro,
Despresam, vaidosas, teu alto poder!

E guerra á velhice movendo, tão forte,
Nas ruas, nos bailes, as vêmos tambem;
Ai... casa-as, bom Santo, que é dura esta sorte,
Ou dá-lhes o senso, que as pobres não teem!

As moças, coitadas, formosas que sejam,
Mais que ellas, precisam d'um bom protector;
Que muitas não casam, por mais que forcejam,
Embora possuam thesouros d'amor!

Debalde, outras, tendo d'um noivo cubiça
Com mil arrebiques carregam em si;
Não çega os mancebos belleza postiça,
Só grandes fortunas se querem aqui!

Amor e virtude, no mundo mesquinho,
Se outr'ora valeram, não valem real;
Protege-as, protege-as, meu São Gonçalinho,
Supplanta o dinheiro, teu forte rival!

Que as feias, devassas, de genio terrivel,
Se a tudo isto podem bom dote juntar,
Despertam nos moços *paixão* invencivel,
E ás vezes lá sobem do berço ao altar!

As velhas despresa! — Que o povo não diga
Que só por capricho teu braço lhes dás!
Das pobres e honestas qualquer rapariga
Sem ti, São Gonçalo, não acha um rapaz.

Soneto.

(N'UM ALBUM).

Tão vazio o teu Album inda está!
Se alguma causa houver, não sei qual é
No Porto, onde a poesia póde, até,
Encher quanto papel o mundo dá!

Que entre mil vates um não haverá
Que os seus versos te negue, tenho fé;
E se o Album não póde ir por seu pé,
Como o mandaste cá, manda-lh'o lá:

E quando tente algum fugir de ti,
Dizendo que escrever-te póde, só,
Um canto, de bellezas todo nu,

Responde que assim mesmo eu escrevi;
E que as rimas se encontram, como o pó,
Em - *a* - em - *e* - em - *i* - em - *o* - em - *u* -!

No Album

DO MEU AMIGO FRANCISCO JOSÉ DE REZENDE (PINTOR).

Porque exiges aqui, Rezende, amigo,
Um nome, qual o meu, obscuro e pobre? —
Um nome que só tem achado abrigo
No *Bardo*, entre mil nomes, qual mais nobre?
Não sabes que illustral-o eu não consigo,
Embora, ha muito, em mim, desejo sóbre?...
Porque exiges?... mas não... é já bastante...
E' modestia de mais... vamos adiante.

Pretendes versos meus!... terás meus versos,
Embora, para os dar, falte a materia;
Em mil albuns os tenho já, dispersos,
Sem conceito... sem graça... uma miseria;
Mas ha albuns, comtudo, bem diversos!
E, no teu, escrever... é coisa séria!
Cumprirei: — « Venha cá, senhora Musa!
« Não tem hoje lugar uma recusa.

« Olá ! como passou ? — minha senhora —
« Não me lembro de vêl-a, ha tempo immenso !
« Mas já não vem risonha, e seductora !...
« Não me quer ajudar... segundo eu penso !
« Pois olhe, se não quer (o que bom fôra)
« Tambem o auxilio seu hoje dispenso :
« Sem elle *muita gente* pulsa a lyra ;
« E a mim, é a amizade que me inspira. »

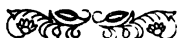
Eis-me só, caro amigo ! — Bem teimosas,
Lá no Parnaso, até, são as mulheres !
Algumas trovas, pois, frias... rançosas,
Só te posso offertar, se assim quizeres ;
Mas... lisonjas, tão vis, tão ascorosas,
Nem eu t'as posso dar, nem tu as queres :
De lamurias já tens teu album cheio,
E tristezas em verso !... eu não as creio.

E sôffro... que não sou eu venturoso,
Julgue-me embora alguem d'outra maneira ;
Mas para o mundo, ingrato e desdenhoso,
A cara sempre alegre e prasenteira ;
Em publico verter pranto amargoso,
E ter em troca um riso ? — É grande asneira !
Este mundo não é o que parece ;
Quem sério o encarar, não o conhece.

Inda assim, meu Rezende, não supponhas
Que espero ancioso a paz da sepultura ;
Que eu góso por aqui scenas risonhas,
Em troca de momentos d'amargura ;

Não desposo as ideias, tão medonhas,
D'allivio ir encontrar na campa escura!
—Quizera, até, no mundo desgraçado,
Como o Abbade na Igreja, ser *collado*.

E não creias jámais nos *chora-migas*,
Que só escrevem versos de tristeza!
A vida, boa ou má, nunca a maldigas,
Bem vês que deves muito á natureza:
Quando aqui a ventura não consigas,
Visto que o Genio teu quer mais largueza,
Vai o mundo correr — nunca o empeças,
E cá do pobre alegre não te esqueças!

Abril 4 de 1864.

Poesias da ultima moda.

Recordações da infancia — Um Anjo — Soffrimentos — Desesperação.

RECORDAÇÕES DA INFANCIA.

Saudades!... Tenho saudades
D'esses tempos que lá vão!
Quando á porta do quinteiro
Eu jogava o meu peão;
Quando no campo eu corria,
C'um papagaio na mão!

Oh! que então era, na terra,
Tudo prazer, para mim!
Meu pae me dava biscoitos,
Minha mãe beijos sem fim;
Minha avó me defumava,
De manhã, com alecrim!

Por entre os prados amenos
Corno, contente, eu saltei,
Com meu chapeo de dois bicos
Que d'um papel arranjei,
E em grosso pau a cavallo,
Mais orgulhoso que um rei!

De ser christão, n'essa idade,
Tendo já nobre altivez,
De papelão com a mitra
Que o mano Antonio me fez,
Ao pé da minha igrejinha,
Bispo fui por muita vez!

Nos innocentes folguedos
Eu via o tempo voar;
Se um dia vinha um sopapo
Que me obrigava a chorar,
Depois, de mimos coberto,
Eis-me a rir, eis-me a brincar!

Meu peão idolatrado,
Que será feito de ti?...
Papagaio da minha alma,
Ha que tempo te não vi!
Dôces biscoitos d'outr'ora,
Quem m'os dera agora aqui!...

Meigos beijos, innocentes,
Como ainda me lembraes!
Cheirosos defumadouros,
Que saudade me inspiraes!
Meu lindo chapeo de bicos,
Não me enfeitarás jámais!

Grosso pau em que eu montava,
Em cinzas, talvez, será!
A mitra, com que fui bispo,
Esfarrapada foi já!
E a minha bella igrejinha,
Em que mãos hoje estará!

Da infancia a negra saudade,
Que á desgraça me reduz,
A minha alma espivitando,
Tem quasi apagada a luz;
Só vivo até que meu peito,
Ás escuras, diga: — *truz!*

UM ANJO!

Não sabes, meu anjo, que sinto n'esta alma
Tormentos que excedem
Dos dentes a dôr?
Não pensas, ao menos, que a dôr não se acalma
Sem que me borrifes
Com pingas d'amor?

Teu negro cabello — que o lustro mesquinho
Da bota engraxada
Não póde vencer —
Prendeu-me, e tão prêso, que nem um meirinho
Assim me podéra
Com cordas prender!

Teus olhos, tão vivos, tem fogo radiante
Que aos astros que brilham
Seu brilho desfaz;
Nas trevas d'esta alma, com lume brilhante,
Parecem dous bicos,
Dous bicos de gaz!

Teus labios tem labia, se vem n'um sorriso
Mostrar-me a dentuça
De branco marfim;
A voz maviosa me rouba o juizo,
Se diz o que sentes,
Tim tim, por tim tim!...

A mão delicada, pequena, é lindinha,
Nos dedos, nas unhas,
Nas pelles que tem;
E o pé pequenino, que occulta a botinha,
Tem unhas, tem dedos,
Tem pelles tambem!

No corpo elegante, direito e airoso,
Semelhas a estatua
Quando andas em pé;
Se está recostado teu corpo mimoso,
Pareces, dormindo,
Formoso *nené!*

Quem tantos e tantos encantos encerra
No corpo tão bello,
No rosto sem veo,
Não póde ter sido creado na terra...
Oh! não... és um anjo,
Mas anjo do ceo!

SOFFRIMENTOS!

Sôffro muito, meu Deus! É meu destino,
Sobre a terra, soffrer... sempre soffrer!
Tenho umas botas de bezerro fino,
Que mil vezes me poem os pés a arder!

Não posso mais!... não posso... que esta vida,
Para mim, se tornou inferno atroz!
Tenho a minha casaca descosida,
E o fôrro já se vê... vê-se o retroz!

Do passado só tenho agra saudade,
No presente só sinto amarga dor!
O inverno passo-o todo em frialdade,
O estio, sempre cheio de calor!

É muito, grande Deus!... Penas tão duras
Não as póde um vivente supportar!
Se, á noite, apago a luz, fico ás escuras;
Fecho os olhos, de dia, ando a apalpar!

Que crimes tenho eu feito sobre a terra?
Porque tudo se volta contra mim?
Tenho um gato maltez que á noite berra,
E, por mais que o enxote, é sempre assim!

Não escuta ninguem os meus lamentos,
E muitos quando eu choro poem-se a rir!
Aos que zombam, crueis, de meus tormentos,
Hei-de matal-os, todos, e fugir?!...

Oh! não... que eu nunca fui um criminoso!
Mas, por ter um benigno coração,
Na loteria, até, sou desditoso,
Aos outros sahem premios, a mim... não!

A desventura é sorte dos poetas!
Muitos d'elles a tem soffrido, já!
Ha no mundo uma sucia de patetas,
Que escarnecem de quanto a Musa dá!

E julgando fingido este meu pranto,
Que desgraçado sou não podem crer!
E' muito, grande Deus, não posso tanto!
Só posso confiar no teu poder!

E' por isso, talvez, que os collarinhos
D'uma camisa nova que vesti,
Não me deixam aqui gosar carinhos,
E me obrigam a olhar só para ti!

DESESPERAÇÃO.

A vida!... Que importa a vida,
Se eu vivo para soffrer,
Tendo só fel por bebida,
Só ossos para roer!
Com receio d'ir ao fundo,
De que serve andar no mundo
A remar contra a maré,
Entre roda de navalhas,
Vendo o porvir de cangalhas,
Vendo a dôr sempre de pé?...

Passo dias infelizes,
Sem poder nunca estancar,
Nos olhos, dous chafarizes,
Mas d'agoa quente, a escaldar!
Se toca a fogo em meu peito,
Dizem-n'o porto suspeito,

E soccorro peço-o em vão;
Ninguem conta as badaladas
Que soam, desentoadas,
Nas torres do coração!

Fórça-me o negro destino
A entoar tristes canções,
Como o badalo do sino
Sempre, sempre aos trambolhões!
Se me vêem do abysmo á borda,
Mais me puxam pela corda,
E a gemer me obrigam mais!
Com desdens, e indifferenças,
Me caçam as minhas crença,
Como quem caça pardaes!

Que importa a vida, passada
Entre amarguras crueis?
Vêde-me a face molhada
De pranto por dois toneis,
Que teem por bôca os meus olhos,
E onde tormentos aos molhos
A mágoa vão espremer!
Ninguem lhes tapa o suspiro,
E eu gemo, choro, deliro,
Hei-de-me assim desfazer!

Joven sou, velho pareço,
Porque a dôr me envelheceu!
Se esta vida é um tropêço,
Quem tropeça mais do que eu?
D'esta fronte, encanecida,

— Como em vistosa e comprida
Taboleta d'armazem —
Póde lêr-se no destroço:
« Aqui se chora por grosso,
Aqui se geme tambem. »

E assim vou rompendo as solas
No mundo, em busca da paz,
Até que, rotas as molas,
Venha a morte, e diga: — *zás!*...
Então, sim!... na sepultura
Ha-de findar a amargura,
Porque nada amarga alli;
Não terei, dentro da toca,
Estes amargos de boca,
Tão amargosos aqui!

Venha a morte! Venha a morte
Meus tormentos acabar!
Tenho já meu passaporte,
Posso á cova caminhar!
E depois, lá sobre a lousa,
Grave-me alguem qualquer cousa,
Por este modelo meu:
« Aqui jaz pobre pateta,
« Que entregue á moda — *poeta* —
« Tanto chorou, que morreu! »

Soneto.

N'esse tempo em que tudo bem fallava,
Como falla, ao presente, um deputado,
Orelhudo jumento, empavonado,
Com lindo papagaio disputava:

És um tolo — o jumento sustentava —
O ouvido, e nada mais, tens apurado;
Se eu te fizera, assim, tão enfeitado,
A viver sem fallar te condemnava.

E porque fallas tu? — bicho nojento —
Quem mais te habilitou? — bruto!.. pedante!..
— Responde o papagaio n'um momento —

A mim? Pois nem te lembras — petulante! —
Que em quanto prêso estás — torna o jumento —
Fui a Coimbra levar um estudante?...

Cousas que acontecem.

Negociante que soffre
Caixeiro que fuma e dança,
E que ao dar balanço ao cofre,
Nutrindo desconfiança,
O não põe logo na rua,
Recúa.

Mulher que não tem dinheiro,
Nem é, tão pouco, formosa—
Gaste, embora, o dia inteiro
Ao toucador, caprichosa,—
Se, aos trinta, d'amor se abrasa,
Não casa.

Grosseiro commerciante
Que os filhos quer ter doutores,
E ao balcão só, e constante,
Passa a vida em dissabores,
Dando voltas ao miôlo,
E' tôlo.

Militar que, ás leis sujeito,
Tem basofia em ser honrado,
E aos grandes tendo respeito,
Do dever do bom soldado
Nem um momento discrepa,
Não trepa.

Mancebo que o tempo gasta
Em Coimbra, leis estudando,
E, affectando instrucção vasta,
Quer, na seara alheia entrando,
Em tudo metter a foice,
Dá coice.

Homem da plebe nascido,
Que um dia chega a ser rico,
E pelo ouro engrandecido,
Quer metter em tudo o bico,
Afastando-se do povo,
E' bobo.

Poeta que principia
Invocando sempre a morte,
E que apenas tem poesia
Para chorar a má sorte,
N'um contínuo desafogo,
Cae logo.

Litterato que começa
Tudo a esmo criticando,
Sem que as suas forças meça;
Ás vezes muito fallando
D'aquillo em que sabe pouco,
É louco.

Homem que, tendo exercido
Empregos de rendimento,
Ao vêr em baixo um partido
Presta n'outro juramento
De seguir o seu destino,
É fino...

Cantor que vem muito ufano,
Com cartas a muita gente;
Que diz tocar bem piano,
Ser de nobres descendente,
Andar no theatro por festa,
Não presta.

Clerigo novo, que affecta
Fugir do mundo aos encantos;
Que é na apparencia um propheta,
E a vida conta dos santos
Á velha e á moça donzella,
Cautella!...

Creança que tem vaidade
D'usar chapeo e casaco,
E, apesar da curta idade,
Furta ao pae o seu pataco,
E em toda a parte se mette,
Promette...

Pae que ao filhinho concede
Liberdade sem limites;
Que lhe dá quanto lhe pede,
Que o deixa acceitar convites,
E nas loucuras o afaga,
Tem paga.

Jornal que acceita e publíca
Quanto lhe escrevam, de graça,
Que toca na gente rica,
Que um partido só abraça,
E os erros todos censura,
Não dura.

Individuo que não teme
Nas mãos cahir da justiça,
E que — tendo só por leme,
Durante a vida, a cubiça —
É falso, mau, impudico,
É rico.

Fidalgo que tudo entrega
Nas mãos de procuradores,
E, em confiança tão cega,
Ao vêl-os grandes senhores,
A melgueira não descobre,
É pobre.

Artista que anda a cavallo,
Que ser janota pretende,
E imagina que um só callo,
Que mostre nas mãos, offende
Sua prosapia tamanha,
Não ganha.

Velha que traz cabelleira,
Que as faces tinge de caio;
Que para andar bem ligeira
Ao espelho faz ensaio,
E aos seus annos não attende,
Pretende.

Homem que soffre uma offensa,
De quem favor lhe devia,
E, sem dar-lhe a recompensa,
D'esse aggressor sė desvia,
E, se póde, o mimoseia,
Receia.

Escriptor sempre disposto
A incensar a fidalguia,
E que, abatendo o seu posto,
O talento, noite e dia,
No servilismo consome,
Tem fome.

Dançarina que recebe,
Dos janotas, comprimentos,
E, a fingir que os não percebe
Se lhe fazem juramentos,
Sabe prender fracas almas,
Tem palmas.

Poeta, ou mesmo aspirante,
Que um volume encher deseja;
Ou pretenda um nome ovante,
Ou dinheiro só preveja,
Ficando bem ou malquisto,
Faz d'isto.

Soneto.

(A UMA VELHA NAMORADEIRA).

Quando o preço do pão tem levantado,
E não podem contar-se os comedores,
Que fazes tu aqui, fingindo amores,
Envergonhando o seculo passado?

Vai-te embora do mundo desastrado,
Onde estás a augmentar crueis horrores!
— Se, a recordar-te aos teus adoradores,
Um epitaphio julgas acertado,

Na lousa o gravarei d'esta maneira:
«Uma velha aqui jaz, d'olho de rôla,
«Que ha trinta annos usava cabelleira;

«E as faces tendo já côr de cebôla,
«Cheia de pretenções, sempre gaiteira,
«Um seculo viveu, e morreu tôla.»

O Actor.

(Para ser recitada no Theatro de S. João, pelo actor Abel, na noite do seu beneficio, em 27 de Dezembro de 1855).

Ha muito quem diga que é vida famosa,
Que é cheia d'encantos, a vida do actor!
Eu cá... não affirmo... porque é trabalhosa,
E os *pintos*... não fazem na bolsa calor!

Ensaio ás dez horas... ensaio de tarde...
Nas noites vazias... ensaio tambem!
Convida-se ao drama, no fim d'este alarde,
Em cima... dez damas!... Em baixo... ninguem!

Em casa, a madama: — «Metal para vaca»!
Lá vem um pequeno: — «Papá, quero pão»!....
Espreme-se um bolso... não deita pataca!...
Procura-se em outros... é tudo cotão!...

É certo que ás vezes, n'um rasgo de penna,
Qualquer dramaturgo me faz... general!
Por fim, bem que eu *ande* com garbo na scena,
Lá diz a gazeta: — «Fulano... *andou* mal»!

O author, n'outra peça — por ser meu amigo —
Eleva-me ainda... despacha-me rei!
Então já dou *graças*... reparto o castigo...
Mas que?... sae o *ponto*... vem cá dar-me a lei!

E quando eu diviso, do throno, sentado,
Um filho, entre scenas, pedindo-me pão!...
Esquece-me a parte... lá fico pasmado...
E calam-se todos... só falla o *tacão!*...

Se julgam que é pouco soffrer isto tudo,
Descancem... que eu tenho tormento maior;
Tormentos que fazem actor barrigudo
Tornar-se um espêto!... morrer... que é peor!...

Supponham que trato do meu beneficio...
Do meu salvaterio... se póde chamar...
Os *pintos* são poucos... não tenho outro officio,
Portanto, é preciso os bilhetes passar...

Sae um homem, bem vestido: —
Para todo o fiel christão,
Ou seja ou não conhecido,
O chapeo, sempre, na mão!
Muito rizo... muito agrado...
—Já se vê... tudo estudado,
Como estuda um bom actor: —
«Faço beneficio agora,
«E então, muito me penhora...
«Se me fizer o favor!...

«Isso de toda a maneira!
«Um bilhete... e pago já;
«Mas, espere... é sexta feira?
«Creio que não estou cá!
«Se o mudasse bom seria...
«Tenho, á força, n'esse dia,
«Uma jornada a fazer...
«É fatal coincidencia!...
«Mas, emfim, tenha paciencia,
«D'esta vez... não póde ser.»

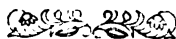
Lá vou seguindo a derrota,
C'um ferro por ahi além!
Chego-me ao pé d'um janota,
Que por costume aqui vem:
Aqui é certa a victoria!
Trato d'impingir-lhe a historia,
Eis que elle a vem atalhar!
«Não sabe?... tive um abalo!...
«Morreu-me hoje o meu cavallo...
«Por isso... ha-de perdoar!...

Tem razão!... anda de luto,
Não póde entrar em funcções;
E assim, na morte do bruto,
Tambem perco alguns tostões! —
Procurŏ um negociante:
«Como sei que é muito amante
«Do theatro portuguez,
«Eu não posso ser ingrato...
«Levo um drama d'apparato...
«Levo um soberbo entremez!...

«Pois guarde lá o seu drama,
«Vá para o inferno, você!
«A gastar, qualquer me chama!
«O que eu não acho é quem dê!
«Jesus! Isto não se atura!
«Um, vem c'uma assignatura,
«Outro me pede, a chorar,
«Você c'um bilhete, agora!...
«Deixe-me, homem, vá-se embora!
«Tenho muito em que o gastar!»

Busco — já de cara torta —
Das damas a protecção;
Mas... chego á primeira porta,
Bato... espero... bato... em vão...
Vem a criada da sala:
«A senhora não lhe falla,
«Nem do seu quarto hoje sae;
«Mataram-lhe a cadellinha...
«Chora tanto... coitadinha!...
«Ella ao theatro não vai!»

Morre o cavallo... n'um dia...
Morre a cadella... por fim,
Tenho toda a bicharia
Conspirada contra mim!
Volto a casa, endiabrado,
Vem a mulher: — « Tens passado
« Os bilhetes que te dei? »
Deixa-me! Olha que te acabo!
Tenho passado o diabo!
Foi o diabo que eu passei!

Lá por fóra... escarnecido...
Em casa... sempre questões...
O beneficio... perdido...
A algibeira... sem tostões!
—Mas não é hoje—se entende—
Esta noite... a coisa rende...
A casa póde-se vèr!...
—Vou saber, do bilheteiro,
Como vamos de dinheiro,
E cá venho agradecer!

Epistola á Musa.

(PARA SER PUBLICADA NO RIO DE JANEIRO).

Musa! Tu que deixaste a patria cara,
Que muitos, sem pudor, vendem barata,
Já não deves tomar por cousa rara
Que te lancem, *di cá*, labéo d'ingrata;
Nem pódes ser, jámais, nobre e preclara,
Sem que tragas, *di lá*, muito ouro ou prata,
Milagrosos metaes, que humano invento
Pôż acima da honra e do talento!

Mas é certo que, ao longe, atroz saudade,
Sentimento de dôr, filho da ausencia,
Ha-de o peito ralar-te, se é verdade
Que inda conservas pura a consciencia;

Mas se a negra ambição, cruel deidade,
Já sobre ti creou alta ascendencia,
Adeus, Musa infeliz!—Cheia de vicios,
Trocarás a dinheiro os teus patricios!

Por pouco os venderás—que os desgraçados
Que em busca da fortuna á patria fogem,
Vão já prêsos, d'aqui, como *engajados!...*
E, sem que d'esse jugo se despojem,
São, pelos irmãos seus, escravisados!
Mas... silencio!... miserias que te enojem,
Recordar-te não quero, e, por conforto,
Dar-te noticias vou do nosso Porto:

Reina aqui a voraz *febre-amarella,*
O monstro que jámais encarar pude:
O velho, o moço, a candida donzella,
Tremem de susto, á beira do athaude,
Porque são tantos os estragos d'ella,
Que todos—oh que horror!—temos saude!
Só padece da febre tão mofina,
E nos faz padecer, a Medicina!

Não sei como, importada d'esse imperio,
Aqui veio parar a *epidemia!*
Tornou-se o triste Porto um cemiterio!
Defuntos—oh meu Deus!—nem um se via!
Pasmado a contemplar caso tão serio,
O povo, cheio de terror, se ria!...
Oh! que não sei de nojo como o conte!
Dimanava esse mal d'occulta fonte!

Qual seja a habitação d'essa maldita,
Que impune faz, assim, taes desvarios,
Não o sabe ninguem! — mas exercita
A *Junta de Saude* excelsos brios,
E, farejando em busca da precita,
Vai achal-a no fundo d'uns navios!
Gritando: — Aqui d'Elrei! — logo condemna
Os *cascos infieis* a negra pena!

Decreta que esses fócos tão horriveis
Sejam logo, sem dôr, expatriados;
Não ha contra ordens taes razões plausiveis,
Resistir ninguem póde a seus mandados!
Se reagem alguns, leis inflexiveis
Manda que sejam logo mergulhados!
Executam-se as ordens terminantes,
E ficamos sem febre... como d'antes!

Lá vão alguns navios, mar em fóra,
Sem a gente precisa, e sem dinheiro!
Sem destino, talvez, pois teem n'essa hora,
Por homenagem o Oceano inteiro,
Em quanto os que não vão — percam-se embora —
Achando o manso Douro hospitaleiro,
Satisfazem da *Junta* os appetites,
Mergulhados n'um banho sem limites!

A *Junta*, com furor, casca nos cascos,
A imprensa, com razão, casca na *Junta:*
O motivo invisivel d'estes chascos
O povo, estupefacto, então pergunta!

Ninguem sabe a razão de tantos ascos,
Já do povo a união se desconjuncta!
Manda, porém, quem póde, e *é* nosso brio
Ao mando obedecer, sem dar um pio!

Sigamos, pois, oh Musa, outro caminho,
Que tenha para nós menos horrores:
Anda o povo a correr, n'um borborinho,
Vendo a *Urna* a gemer do parto as dôres;
Pois póde ser, talvez, monstro damninho
Negro fructo d'illicitos amores!
Essa que do pudor já foi modelo,
Anda agora de capa e de chinelo!

Qualquer parvo infeliz lhe empisca um olho,
Ella a todos sorri, já descarada,
Sem da dissolução prevêr o escolho,
Sem ao futuro olhar, precipitada;
E gera, em vez de candido pimpôlho,
De torpes animaes grossa ninhada,
Que na loucura vã, na vil trapaça,
Dignos filhos serão da *mãe* devassa!

Da *Urna Eleitoral* sendo nascidos,
Filhos da corrupção, que a *mãe* sustenta,
Como ella sahirão, já corrompidos,
A Patria venderão, que os amamenta;
E tendo já padrinhos escolhidos,
Entre esses que a ambição só aviventa,
Na pia do orçamento baptisados,
O nome tomarão de deputados.

Mas fujamos, oh Musa, d'essa estrada
Onde o genio tropeça tantas vezes;
Da politica vã, e desastrada
Que tão fatal tem sido aos Portuguezes!
Recebe o meu adeus, Musa emigrada,
Por quem choram aqui tantos freguezes: —
Não te esqueças d'aquelle amor ardente
Que um estro chôcho, de ti longe, sente!

Epistola.

(AO MEU INTIMO AMIGO FRANCISCO DE SÁ NORONHA).

Vou escrever-te em verso! — É cousa feia
Pretender occupar comtigo a Musa,
Sem poder consagrar-te uma epopeia;

Mas se ao intento o genio se recusa,
Já vês que o genio é só quem n'isto pecca,
Porque fraco me vê, do fraco abusa!

Assim, vai-te dispondo a grande sécca;
Pois não posso fazer na rude lyra
Tanto, como tu fazes na rebeca:

Graves sons que o teu braço d'ella tira,
Tiral-os tento em vão, com singeleza:
Versos *graves* só faz quem Deus inspira!

Sons *agudos*, tambem, dás com braveza,
Que eu não posso imitar, porque me falta,
Para dar-te os *agudos*, a *agudeza*.

Apegado ao talento, que te exalta,
Tomando por degraus *notas* selectas,
De modo que o espanto o povo assalta,

Subindo com maneiras circunspectas,
Tu vaes da *escala* ao cimo, em quanto eu fico
No mais baixo da *escala* dos poetas!

E além d'isto que noto és inda rico,
N'outras cousas em que eu não me intrometto,
Mas em que tenta *alguem* metter o bico!

Dás *oitavas*, e eu dar-t'as não prometto:
E como tentará chegar a *oitavas*,
Quem lhe custa fazer um só *terceto?*

E sabendo eu que n'isso me ganhavas,
Comtigo caminhar fôra loucura,
Por não poder chegar onde chegavas!

Harmonicos, tambem, dás com finura;
Com elles o que tocas tem poesia,
Arrebata, commove, e tem doçura:

A lyra que dedilho, em tudo fria,
A *harmonicos* não chega, e é — com franqueza —
Seu maior erro a falta d'*harmonia*.

Foi avara comigo a natureza!
Nem te posso imitar no *pizzicato*,
Porque as cordas não pilho, com firmeza,

E soltara da lyra um som ingrato;
Que as unhas, que devêra ter cortadas,
Aguçadas as tenho, como um gato!

Mas por têl-as assim, pouco aparadas,
Muitas vezes lhes dou serviço estranho,
Para o qual inda são pouco afiadas!

É com ellas, então, que eu esgadanho
Uns *bichinhos*, de vulto pequenino,
Que imaginando ter grande tamanho,

Ousam tanto elevar seu desatino,
Que julgando offuscar a gloria tua,
Aguçam para ti dente canino;

E erguendo a fraca voz, na raiva sua,
Para a altura em que estás, pelo talento,
São fraldiqueiros cães, ladrando á lua!

Mas cançam, enrouquecem n'esse intento,
Por verem que estás firme no teu throno,
Como a lua a brilhar no firmamento!

Desfallecem, por fim, e ao abandono,
Estendidos no lodo, enlameados,
Morrem como quem são, *gozos* sem dono!

Tu, que os *Lords* já viste embasbacados,
Do teu mago instrumento os sons ouvindo,
Nos bancos da plateia repimpados;

Tu, que em Londres ouviste, retinindo,
Os ardentes applausos, que só ganha
O merito real, alli fulgindo;

Tu, que ao talento, só, que te acompanha,
Esses triumphos deves, que tiveste,
Da mais bella das artes na campanha;

Que da Europa e d'America vieste,
De palmas e de louros carregado,
Com que a Patria, tão pobre, ornar quizeste;

Que mostrando o teu genio abalisado,
No meio d'ovações, grandes, completas,
Tens entre os irmãos teus sempre reinado;

Que d'orgulho tornaste, alfim, patetas,
Pelo forte poder d'arte divina,
O povo, os jornalistas e os poetas;

Cuidarias, talvez, que a tua sina
Era só caminhar, sem que podessem
Atacar-te de traz d'alguma esquina?

Pretenderias, mesmo, que esquecessem
O seu officio, *alguns*, e que esquecidos
Nem os pobres *insectos* te mordessem?...

Deixa-os morder, coitados, que, feridos
Pela inveja que os vai mortificando,
Já nem sabem de si... andam perdidos!...

Não te mereçam mais que um rizo brando:
—Só quando te incommode a chiadeira,
Poem-lhes um pé por cima, e vai andando,
Deixa-os morrer envoltos na poeira.

Semelhança.

SONETO.

Vê o menino a luz quasi pellado,
São do velho os cabellos quasi ausentes;
O menino, ao nascer, nunca tem dentes,
Mais ou menos, o velho é desdentado:

Pelos paes o menino chama ousado,
Falla o velho em seus paes, como presentes;
Cae o menino em logros innocentes,
O velho pelos netos é logrado:

Quer-se o menino vêr d'enfeites cheio,
Pretende o velho impôr, pela apparencia,
Os annos encobrindo com o aceio:

Buscam ambos gosar, com imprudencia,
—E, com mais semelhança, ainda eu creio
Menino e velho iguaes na impertinencia.

NA PRIMEIRA PAGINA DO ALBUM DE MINHA IRMÃ.

Um album já tens! E eu creio
Que dás valor á Poesia;
Mas que não saibas receio
Quanto a moda deprecia
Esse tão puro recreio!

Julgas com elle—innocente!—
Mostrar que essa arte divina
Dos sabios não é sómente?
—Que a luz que o genio illumina,
De fogo te inunda a mente?—

Mas... n'estas folhas mimosas
Poderás tu, algum dia,
Verter lagrimas piedosas,
Sobre a *sentida* poesia
D'essas Musas caprichosas?

Ai!... talvez... que n'essa idade,
Em que abraza o peito o ardor,
Olha tudo a mocidade
Por um prisma encantador,
Que a face muda á verdade!

A poesia —sempre bella—
Quasi nunca é proveitosa
Para a candida donzella;
Que—mesmo se é venenosa—
Doçuras só lhe revela.

Mas se um album tens—embora!
E' mister dar-lhe valor:
Começas a ouvir agora
Mentidas phrases d'amor,
Lamentos de quem não chora...

Se um—beldade—te chamar,
E te disser que enlouquece,
Que nasceu para te amar,
Indaga se te conhece,
Ou se ouviu de ti fallar.

Se outro bradar que ama em vão,
Que, ao vêr-te, ficou perdido,
Não lhe prestes attenção!
—Talvez cumpra o teu pedido,
Tendo d'*outra* a inspiração...

Nem, por mais que o canto exprima,
Creias, aqui consagrados,
Ardentes votos d'estima:
Faço versos, por peccados,
Sei a quanto obriga a rima...

Attenta bem n'este espelho!
E da fraterna amizade
Acceita o justo conselho:
—Se velho não sou, na idade,
Já, n'estas coisas, sou velho.

Soneto.

(A um individuo que se julgava doente).

Imaginas que um mal impertinente
Consummindo te vai, de dia em dia,
E accusas por tal causa a sorte impia,
Que eu accuso por vêr que estás demente

Podias inculcar-te heroe valente,
Ou ter o orgulho vão da fidalguia;
Mas, se fôras feliz com tal mania,
Padeces, porque a tens de ser doente!

Se pretendes a sorte caprichosa
Vencer, com armas que a razão ensina,
E ter depois saude, vigorosa,

Come, bebe e passeia — mas termina
A feia mancebia, escandalosa,
Em que vivido tens co'a Medicina.

Um Devoto de Baccho.

Oh vinho!... Licor famoso!
A ventura devo-a a ti!
Quanto hoje no mundo goso,
Quanto outr'ora padeci!
Na mais affanosa lida,
Creio, só, que, em toda a vida,
Nunca tive indigestões!...
Fomes... sêdes... chuvas... frios...
Tudo atacava os meus brios,
E andei sempre aos trambolhões!
Soffri muito!... mas, embora...
Graças ao bom vinho, agora
Já não conheço paixões!

Já não sou pobre e mesquinho...
—Do meu rosto a côr o diz—
Se ha dinheiro para vinho,
Nada falta... sou feliz!

Nunca mais me vi faminto!
Chuva... se cae... não a sinto...
Nem tornei a arrefecer!
Sem chorar a minha sorte,
Contra os revezes sou forte,
Nenhum me póde abater!
Com a garrafa do *fino*,
Faço frente ao meu destino,
E o mundo... deixo-o correr!...

Quando a mulher se consome,
Vendo os filhos a chorar...
Coitados... porque teem fome,
Não ha pão para lhes dar;
Eu bebo... e, depois de quente,
Vejo-me alegre e contente,
Julgo que tudo vai bem!
Dizem que o dinheiro é raro,
Que o milho corre tão caro,
Que lhe não chega ninguem...
E eu... no chão, mesmo, deitado,
Durmo... e não me dá cuidado
O que vai... nem o que vem!...

E que sonhos, tão felizes,
Vem o meu somno doirar!
Que variados matizes
Vejo em torno a mim brilhar!...
Vejo a casa illuminada...
Ricamente alcatifada...

Bellos sophás de setim...
Mil garrafas com licores...
Immensas jarras com flôres,
Das mais bellas d'um jardim!...
Tudo sonho!... mas é certo
Que ás vezes... mesmo desperto
Eu tenho sonhos assim!...

Isso tenho... e então... transformo
Tudo quanto em casa jaz!
Até da candeia eu formo
Um rico lustre... de gaz!...
A mulher... triste... e em pobreza,
Parece-me uma princeza,
Que me vem comprimentar!
Se os filhos, qual mais esguio,
Cheios de fome e de frio,
Se poem todos a chorar,
Dando guinchos que ensurdecem,
Sabem o que me parecem?...
Clarinetes a tocar!

E digam que a pingoleta
Não faz um homem feliz!
Oh se faz!... quem diz que é peta,
Não considera o que diz!
Bradam que o beber é vicio,
E eu provo, sem artificio,
Que é um precioso dom!
Se o vinho causa alegria,

Se dá força e bizarria,
Quem dirá que não é bom?!...
O systema ha-de ir pegando!
Se elle já se vai usando
Em gente do grande tom!

Ás vezes vai cá um pobre
Um fidalgo procurar,
E o criado, em vez do nobre,
Vem com mysterio fallar,
Dizendo: — «Sua excellencia
« Não falla — tenha paciencia —
« Nem do quarto hoje sahiu,
« Por se achar incommodado »! —
E quem sabe se deitado
Elle está, porque sentiu
Do tormento a dôr extrema,
E, ensaiando o meu systema,
Bebeu de mais, e cahiu?!...

Póde ser!... Mesmo na rua,
Se vai um rapaz taful,
Fitando os olhos na lua,
Navegando ao norte e ao sul,
Ninguem suppõe que elle ginga
Por influencia da pinga
Que bebeu, sem calcular!
Não, que o povo, em seu conceito,
Julgando com mais respeito
Quem mais póde figurar,

Só diz — vendo-o ás cabeçadas —
« Leva as botas apertadas,
« Coitado, nem póde andar! »

Eu por mim, até nas damas,
Se diviso alguma vez
Nas faces... a côr das chammas,
Nos olhos... a languidez...
Já desconfio do caso!
Póde, ás vezes, ser acaso,
Nem eu sustento que não!
Mas, inda assim, é possivel
Que uma dama, que é sensivel,
Tendo a dôr no coração,
Por causa d'um cupidinho,
Tentasse afogar em vinho
Essa maldita paixão!

Que o systema tem sectarios
Em toda a classe... isso tem!...
Entre os homens... já são varios...
Entre as madamas... tambem!...
Ora agora, o que é desgraça
É que o vulgo cego, faça
Entre nós taes distincções!
A gente que faz figura,
Sempre esse povo procura,
Desculpál-a com razões!...
Cá os pequenos, se bebem,
Outra cousa não concebem:
São pobres!... São beberrões!...

Nos grandes, do vinho o effeito
Dizem todos: — é *spleen*!
No pobre... a queixa de peito
É vinho!... vai tudo assim!...
É *perua*... é *cabelleira*...
Carraspana... *borracheira*...
Turca... *porco*... e que sei eu?...
É inda *bico*, *moafa*...
Mas eu despejo a garrafa,
Porque bebo do que é meu,
E tenho o prazer no vinho —
Quem não quer, vive mesquinho,
E morre... como um sandeu!

Epistola.

Tendo as satyras por boas,
Do Parnaso nos dois cumes,
Em hora negra revoas;
Tu dás golpes nos costumes,
E cuidam que é nas pessoas.
N. Tolentino.

Não julgues preguiçoso o teu amigo,
Nem lhe dês, por ingrato, atroz castigo,
Se deixou escapar tantos correios
Sem noticias te dar; — sem buscar meios
De fazer-te saber, na soledade
Onde passado tens a mocidade,
O que vai n'esta terra, buliçosa,
Onde a vida me corre tormentosa,
Muitas vezes soffrendo dissabores,
Lutando com *melindres* e rigores,

Com injurias crueis, de certa gente
Que *outra cousa* quer ser impunemente;
Vendo emfim triumphar, e sem remedio,
Loucuras infernaes, que fazem tedio!

Se tu pensasses, bem, quanto é penoso
Analysar o mundo, e, rigoroso,
Na presença chamar d'um povo inteiro,
Ás coisas por seu nome verdadeiro...
Se soubesses a quanto fica exposto
Quem diz — por ser exacto, e não por gosto —
N'um estilo severo e carrancudo,
De quasi todos mal, de quasi tudo...

Se te lembrasse, até, que o *Tolentino*,
Tantas vezes na satyra ferino,
Se escapou de soffrer tremenda praga,
Foi só porque, depois d'abrir a chaga,
Espargindo mil balsamos, curava
Quantos, ao som da lyra, mutilava...
Porque nunca suppôz acção mesquinha
Com seus versos pagar uma gallinha,
Embora o que lh'a dava, por capricho,
Não soubesse mais lêr que o pobre bicho...

Se pezasses, emfim, a crua sorte
Do triste que das letras segue o norte,
Julgarias fatal esta mania
Que um homem torna escravo da poesia,
E sem honra lhe dar, nem dar proveito,
Faz d'elle afugentar esse respeito
Que tem na sociedade um homem serio!

O mundo julga o vate sem criterio,
Sem consciencia, estouvado, parvo e louco;
E, como se tudo isto fosse pouco,
Inda o critico traz as magras costas
Das vinganças á furia sempre expostas!

E não te minto, amigo, eis o que eu penso:
É feliz o escriptor, se queima incenso
Aos filhos do metal e da nobreza
Que engeitára, no berço, a natureza...
O que póde escrever, em verso ou prosa,
A negra acção chamando acção famosa,
Para o mal encobrir—contra o que entende—
D'enfatuados villões, de quem depende,
E, fingindo elevados sentimentos,
O pobre fulminar, se, por momentos
Deixou, pela miseria arrebatado,
O trilho que a moral nos tem marcado!

Quem vender assim póde a consciencia,
E blasonar, depois, d'independencia,
O seculo actual acompanhando...
É do mundo bem quisto, e vai passando
D'incommodos ausente, a vida inteira,
Que aprazivel é só d'esta maneira.

Mas o critico audaz que tem coragem
Para dizer, em acre linguagem,
Quanto póde sentir dentro do peito,
—Embora possa alguem, ao *sêbo* affeito,
Por tomar para si o correctivo,
De grande exclamação achar motivo—

Esse, inimigos tendo em toda a vida,
Com todos anda em guerra desabrida!
N'este caso estou eu, presado amigo!
Pequeno como sou, eu não consigo
Fazer acreditar que os meus queixumes
Ás pessoas não vão, sim aos costumes,
E sou—na opinião de certa gente—
Por dizer as verdades—maldizente!

Se, avulso, uma expressão solto, frizante,
Que magoar só póde algum tratante,
De recreio servindo, ou desenfado,
A todo o homem que timbra em ser honrado,
Ergue-se uma celeuma insupportavel,
Contra o vate *mordaz*, e detestavel,
Que a gente respeitavel não respeita,
E ao furor de escrever tudo sujeita!
Entram n'isto malucos, e homens serios,
Soltando, contra mim, mil vituperios,
E lançam-me, ao passar, cada olhadura,
Que até... me fazem rir, pela loucura!

E sabes, caro amigo, o que eu decido
D'este injusto rancor, d'este alarido?
—Que n'uma insinuação, lançada avulso,
Eu á classe fui só tomar o pulso;
E vendo, por sentir como soluça,
Que tem muito a quem sirva a carapuça,
Porque d'um leve toque muito sente,
Mais affectada a creio... mais doente...
E como avaliar o mundo quero,
Em voltando á questão, sou mais severo!

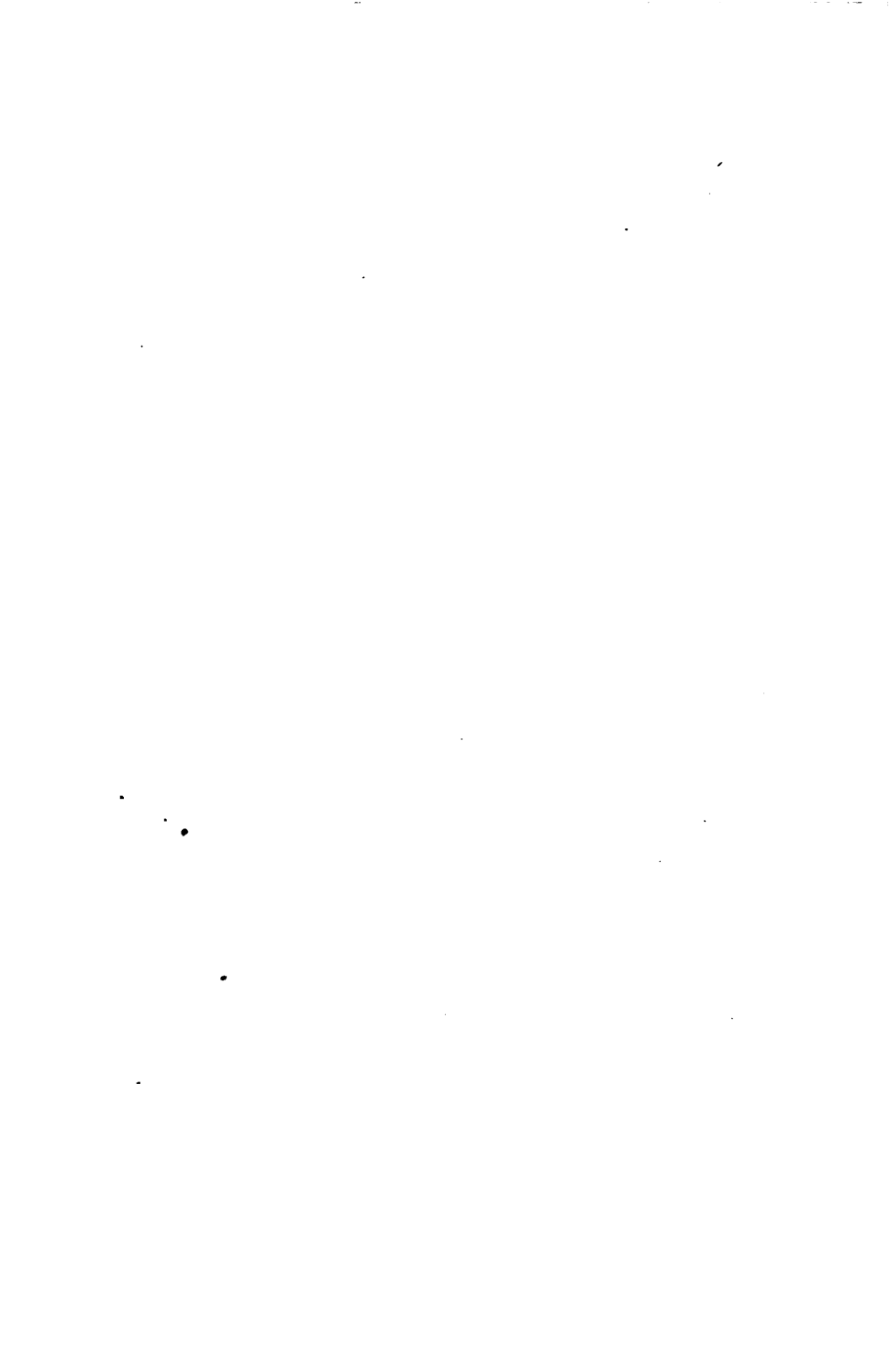
Se um dia ouso fallar dos litteratos,
Poem-me logo *em Aveiro sem sapatos...*
Invejoso me chamam —atrevido,
Que sem ter do latim nada aprendido,
Provoco em meus insipidos escriptos,
Os genios immortaes, os eruditos,
Que a vida teem gastado, e a paciencia,
Entre os bons *calhamaços* da sciencia,
Em quanto eu, infeliz, por não ser rico,
Me cançava bufando ao *maçarico!*

Não sabem que ao talento, e ao estudo
Meu respeito consagro, mais que a tudo,
E que, se um dia fallo d'escriptores,
Que julgo impertinentes, massadores,
Atiro aos *sabichões*, de polpa erguida,
Que inuteis sendo ao mundo em toda a vida,
Por meio tentam, só, do vituperio,
Mostrar que sabem lêr, que teem criterio;
E sem provarem nunca o seu talento,
Sem mostrarem, jámais, seu valimento,
Em tudo o que outrem faz o dente ferram,
E a perfida allusão lá desenterram,
Do lugar onde tanto se escondêra,
Que nem o mesmo author a conhecêra!

Medita, amigo meu, quanto é custoso,
No meio d'este povo, *melindroso,*
O mais dôce, talvez, do mundo inteiro,
A critica tentar, ser verdadeiro!
Avalia-me tu! Sabes que préso
A virtude e o saber — e só despréso

A lisonja fallaz, e as apparencias
A que fazem alguns mil reverencias...
Sabes minha intenção, e isso é bastante!
Se na satyra, ás vezes, sou picante,
Nos vicios quero dar, não nas pessoas,
E jámais disse mal de coisas boas!

O que fomos outr'ora, e o que hoje somos!
Quem póde ser juiz com taes mordomos!

FIM.

INDICE.

	Pag.
Não é prologo	7
Introducção do BARDO	15
O fim do mez	19
Quero viver para rir	24
No Album do meu intimo amigo, Carlos Nogueira Pinto Gandra	28
Um passeio á Foz	32
Casarei?	38
Que mundo este!	41
A minha Ella	47
Na primeira pagina do Album do meu amigo Antonio Bernardo Ferreira	53
O Carnaval	57
Os meus desejos	62
Soneto	68
A mulher e a moda	69
Tudo assim vai!	73
No Album d'uma Artista	78
Os Duellos	81
No Album da Ex.ma Snr.a D. Maria Felicidade do Couto Browne	85
A um aspirante a poeta	89
O homem feliz	90
São gostos	95
Symphonia d'abertura	99
Illusões	104
Convite	107
No Album da Ex.ma Snr.a D. Celestina Chardonnay	111
Ao Carnaval	113
N'um Album em que só havia uma poesia e uma pintura	116
Prégar no Deserto	118
A Camponeza	122
O Ouro	126
A Ambição	129
A Medicina	133
Soneto	138
Eu não!	139
Epistola	143
No Album do meu amigo José Borges Pacheco Pereira	151

	Pag.
Á Musa	152
A um rico, mas ascoroso velho, &c.	159
Epistola	160
A um velho enamorado	169
Aos meus trinta e um annos	174
Aos meus trinta e dois annos	175
Aos meus trinta e tres annos	176
Aos meus trinta e quatro annos	177
Em Outeiros	178
Soneto	181
Engajamento	182
Epistola	189
O Snr. José, e o Snr. Francisco	193
Soneto	205
No Album de uma Senhora	206
Soneto	209
Soneto	210
No Album do meu amigo J. C. Loureiro	211
Soneto	214
Soneto	215
Ao eximio violinista portuguez, Francisco de Sá Noronha	216
Soneto	219
O Snr. Lopes	220
Soneto	249
Os dous Gymnasios	250
Soneto	257
O Avarento	258
A' Loteria	262
No Album do meu amigo Torres e Almeida	263
Soneto	269
A S. Gonçalo	270
Soneto	273
No Album do meu amigo Francisco José de Rezende (pintor)	274
Poesias da ultima moda	277
Soneto	286
Cousas que acontecem	287
Soneto	293
O Actor	294
Epistola á Musa	299
Epistola	304
Semelhança	309
Na primeira pagina do Album de minha irmã	310
Soneto	313
Um Devoto de Baccho	314
Epistola	320